

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO  
PÓS-GRADUAÇÃO EM INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO

**DILEMAS ÉTICOS NO COLETIVO: VIVÊNCIA DE VALORES E O  
FUNDAMENTO A *MUNHU I MUNHU KA VANHU*  
(uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas)**

**Tese de Doutorado**

Sansão Albino Timbane

Porto Alegre

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO  
PÓS-GRADUAÇÃO EM INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO

Sansão Albino Timbane

**DILEMAS ÉTICOS NO COLETIVO: VIVÊNCIA DE VALORES E O  
FUNDAMENTO A *MUNHU I MUNHU KA VANHU***  
(uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação (PGIE) do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Informática na Educação.

Orientadora:  
Prof<sup>a</sup> Doutora Margarete Axt

Co-orientador:  
Prof. Doutor Evandro Alves

Porto Alegre  
2016

### CIP - Catalogação na Publicação

Timbane, Sansão Albino

Dilemas Éticos no Coletivo: Vivência de Valores e o Fundamento a munhu i munhu ka vanhu (uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas) / Sansão Albino Timbane. -- 2016.

196 f.

Orientadora: Margarete Axt.

Coorientadora: Evandro Alves.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias na Educação, Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Prática pedagógica e tecnologias digitais. 2. Informática na Educação. 3. Educação a distância e sala de aula. 4. Dilemas éticos. I. Axt, Margarete, orient. II. Alves, Evandro, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sansão Albino Timbane

**DILEMAS ÉTICOS NO COLETIVO: VIVÊNCIA DE VALORES E O  
FUNDAMENTO A *MUNHU I MUNHU KA VANHU*  
(uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas)**

Banca avaliadora:

---

Profa. Dra. Margarete Axt - Orientadora  
(CINTED/UFRGS)

---

Prof. Dr. Evandro Alves – Co-orientador  
(UFRGS)

---

Profa. Dra. Maria Cristina Villanova Biasuz  
(PPGIE/UFRGS)

---

Profa. Dra. Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto  
(UFRGS)

---

Prof. Dr. Felisberto Félix Singo  
(UP - Moçambique)

Dedico o presente trabalho a minha esposa, Elvira Arnaldo Fernando Timbane, aos meus filhos, Yolanda Sansão Timbane , Elizabeth Sansão Timbane e Elvis Sansão Timbane pela sua voluntária cooperação e aproveito a ocasião para me desculpar das mudanças que o meu afastamento do país e empenho no trabalho impôs sobre o ritmo da nossa vida familiar.

Ao concluir este trabalho, quero agradecer ...

... à minha orientadora, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Margarete Axt, pelo todo apoio prestado desde o mestrado em Moçambique até a candidatura para o PPGIE na UFRGS, pelo valioso aprendizado, pelos estímulos, confiança e acolhimento afetivo.

... ao meu co-orientador, Prof. Dr. Evandro Alves, pelas sugestões, conselhos e aprendizado que contribuíram substancialmente para o delineamento da tese.

... aos professores que compõe a banca de avaliação deste trabalho, pelas sugestões precisas que contribuíram para o aprimoramento da proposta de tese.

... aos professores, colegas e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, pela oportunidade de conviver em uma comunidade qualificada acadêmica e socialmente.

... aos colegas do grupo de pesquisa LELIC, pelas parcerias e discussões que contribuíram para o meu aprendizado.

... ao Prof. Dr. Rogério José Uthui (Magnífico Reitor da Universidade Pedagógica), ao Prof. Dr. Félix Singo (Coordenado do Projeto CIVITAS em Moçambique) e à Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Brígida Singo (Diretora da ESTEC), pelos encorajamentos para a formação.

... ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento dos estudos e minha estadia no Brasil.

... à Direção do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação da UFRGS, da Escola Superior Técnica da UP, pela disponibilização dos recursos necessários para que esta pesquisa se concretizasse uma realidade.

... à Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Joelma Remião, MSc Maribel Selli, ao Prof. Dr. Daniel Muller, Prof. Dr. Carlos Tadeu, pelo acolhimento no PPGIE, no LELIC e apoio na ferramenta tecnológica Forchat.

... à Dr<sup>ª</sup> Ieda Maria da Silva Ferreira, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Tânia Bischoff, ao Prof. Dr. Celso Sisto, ao Mestre Anselmo Panse Chizenga, pelos incentivos a pesquisa.

... a todas as pessoas que, direta e indiretamente me ajudaram e inspiraram a realização desta pesquisa, o meu *Khanimambo* (Obrigado).

*Existem obras que realmente não têm nada a ver com o mundo, mas somente com a palavra “mundo” num contexto literário, obras que nascem, vivem e morrem nas folhas das revistas, sem ultrapassar as páginas das edições periódicas contemporâneas e sem nos conduzir a nada que se encontre além dos seus limites. (Mikhail Bakhtin)*

## RESUMO

Esta tese estuda as possibilidades de propor discussões que dêem visibilidade às relações ético-políticas do indivíduo no coletivo assente na atividade da escuta do outro, operacionalizada em estratégias de problematização de dilemas éticos em informática, com estudantes de graduação, a partir de conteúdos de uma disciplina desse curso. A expressão “*a munhu i munhu ka vanhu*” é proveniente do *Xirhonga* (uma das línguas nacionais de Moçambique, também chamadas línguas bantu) e significa que “uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas” (tradução literária), ou que a pessoa se forma no coletivo; não estamos sozinhos no mundo, fazemos parte um do outro. Num contexto fortemente marcado pela oralidade *a munhu i munhu ka vanhu* é usada para orientar a aprendizagem dos conhecimentos (cognitiva), das habilidades e competências (técnica), na articulação com a vivência de valores e da ética com base na experimentação de situações de exposição ao conhecimento específico, permitindo inferir generalizações, conhecimentos universais, bem como interação entre as verdades particular e universal, buscando desenvolver o espírito de tolerância, a capacidade de entender e acolher o outro, o respeito pelas multiplicidades/diferenças e pela dignidade humana em prol de uma convivência harmoniosa. O estudo questiona se possibilidades de vivências, através de experimentações éticas, podem ser desenvolvidas/utilizadas no contexto escolar (no ensino presencial, semi-presencial, a distância), considerando a filosofia *a munhu i munhu ka vanhu*, a disponibilidade e pluralidade das TIC e a participação ativa dos estudantes, reconhecendo, analisando e acolhendo com “empatia” os posicionamentos/contribuições dos colegas frente a uma situação-problema no coletivo. A tese surge do questionamento do autor às suas práticas docentes instigadas pela imersão nas dinâmicas e vivências do Laboratório de Estudos em Linguagem, Interação e Cognição/Criação (LELIC/UFRGS) através do Projeto Civitas Moçambique-Brasil. A pesquisa sustenta-se na intervenção, pelo viés de in(ter)venção, adotando uma abordagem dialógica guiada pelos princípios orientadores da pesquisa em ciências humanas propostos por Bakhtin e seus comentadores. Os enunciados (orais e escritos, verbais e não-verbais) dos estudantes e do professor-pesquisador, produzidos no contexto interacional de construção e discussão dos dilemas éticos (em sala de aula presencial, no Forchat e as anotações no diário de campo) constituiram o objeto de análise e, foram apreciados dentro do quadro teórico que nos permitiu trabalhar a arquitetônica dialógica da relação eu-outro na perspectiva do ato responsável. Os resultados dão pistas para falar de uma experimentação (est)ética enquanto modo de trabalhar colaborativamente e como potência criadora. A estratégia de uso de dilemas éticos possibilita ressignificar a noção da educação como sistema de valores (valores éticos/morais, cognitivos, técnicos, sociais, culturais,...), podendo ser exercitada criticamente nas salas de aulas, em meio a interações complexas com o contexto problemático que envolve este, e considerando a participação ativa-responsiva dos estudantes, na construção e incorporação de novos conhecimentos ao seu sistema individual de valores, este agenciado ético-politicamente em benefício de uma relação empática e responsável com o coletivo.

**Palavras-chave:** Prática pedagógica e tecnologias digitais. Informática na Educação. Educação a distância e sala de aula. Dilemas éticos.

## ABSTRACT

This thesis studies the possibilities to propose discussions that give visibility to the ethical-political relations of the individual in the collective based in one-another listening activity, operationalized by ethical dilemmas strategies of questioning in computer science, with undergraduate students, from contents of a given subject in the same course. The expression "a munhu i munhu kana vanhu" comes from *Xirhonga* (one of the national languages of Mozambique, also called Bantu languages) and means "a person is a person through other people" (literary translation), or that the person is formed in the collective; we are not alone in the world, we are part of each other. In a context strongly marked by orality *a munhu i munhu kana vanhu* is used to guide the learning of knowledge (cognitive), skills and competences (technical), in articulation with experience of values and ethics based on experience of being self exposed to situations of the specific knowledge, allowing to infer generalizations, universal knowledge and interaction between the particular and universal truths seeking to develop the spirit of tolerance, the ability to understand and accept each other, respect for multiplicities/differences and human dignity for the sake of a harmonious coexistence. This research is wondering what approach possibilities of experiences through ethical trials, can be developed/used in the school context (in the classroom, blended and distance learning), considering the philosophy *a munhu i munhu ka vanhu*, in the context of availability and plurality of ICT and the active participation of students, recognizing, analyzing and accepting with "empathy" ideas/contributions from colleagues face to a problem situation in the collective? The thesis arises from the author's questioning on his teaching practices instigated by his immersion in its dynamic and experiences of *Laboratório de Estudos em Linguagem, Interação e Cognição/Designing* (LELIC/UFRGS) through Civitas Project Mozambique-Brazil. The research is based on intervention by means of in(ter)vention, adopting a dialogic approach guided by the guiding principles of research in the humanities proposed by Bakhtin and his commentators. The enunciations (oral and written, verbal and non-verbal) of the students and the teacher, produced in the interaction context of construction and discussion of ethical dilemmas (classroom environment, Forchat and notes in logbook) constituted the object analysis and were appreciated within the theoretical framework that allowed us to work the architectural dialogic relationship I-other (one-another) in the perspective of act responsible. The results give clues to speak of ethics-esthetics experimentation as a way to work collaboratively and as creative power. The ethical dilemmas of using strategy enables reframe the notion of education as a value system (ethical values / moral, cognitive, technical, social, cultural, ...) and can be exercised critically in the classroom, through complex interactions with the learning environment challenges, and considering the active-responsive student participation in the construction and development of new knowledge in his/hers individual value system, intermediated ethical-politically in the benefit of an empathic and responsible relationship with the collective.

**Keywords:** Pedagogical practice and digital technologies. Information and communication technologies in education. Distance education and classroom. Ethical dilemmas.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema da teoria de desenvolvimento moral de Kohlberg.....	64
Figura 2: Esquema da articulação dos planos empírico das experimentações, exotópico do relatório de pesquisa e da escrita, e o da interpelação do interlocutor-leitor no presente estudo, apresentados em Axt (2011b). .....	75
Figura 3: Interface de uma sala do Forchat. ....	87
Figura 4: Estudantes em ambiente de trabalhando em grupo.....	101
Figura 5: Número de postagens fórum/chat na sala 66 do Forchat. ....	118
Figura 6: Janela apresentando imagens de perfil no ForChat.....	120
Figura 7: Enunciado 1 .....	122
Figura 8: Enunciado dos estudantes no fórum/chat (E2, E3, E4, E5) .....	123
Figura 9: Enunciado dos estudantes no fórum/chat (E6, E7, E8, E9) .....	125
Figura 10: Enunciado do estudante no fórum/chat (E20).....	127
Figura 11: Enunciado dos estudantes no fórum/chat (E22, E23, E24, E25) .....	128
Figura 12: Memorial individual da estudante Phaphalati (E59-E64) .....	130
Figura 13: Memorial individual da estudante Phaphalati (E65-E67) .....	131
Figura 14: Memorial individual do estudante Mutxudu (E103-E104) .....	133
Figura 15: Memorial individual do estudante Tilo (E42-E43) .....	135
Figura 16: Memorial individual do estudante Tilo (E44-E46) .....	136
Figura 17: Memorial individual do estudante Tilo (E110-E113) .....	137
Figura 18: Movimento dos estudantes no memorial do ForChat. ....	139
Figura 19: Estudantes se apoiando mutuamente para resolver os problemas com a conectividade dos .....	140
Figura 20: Tendência de afrouxamento dos valores éticos nos estudantes cigarra e formiga. ....	145

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Ocorrência do conceito dilema em artigos publicados na RENOTE. ....	69
Quadro 2: Síntese dos conteúdos temáticos propostos nas disciplinas de Informática e Sociedade da UP e da AVU e conteúdos da Didática Profissional (no curso de agropecuária da UP).....	95
Quadro 3: Relação do avatar usado pelo estudante e o nome fictício atribuído para a efeitos de apreciação dos seus enunciados na tese.....	117

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem
- AVU - Universidade Virtual Africana
- BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
- CEAD - Centro de Educação a Distância
- CINTED - Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação
- CIUP - Centro de Informática da Universidade Pedagógica
- CIVITAS - Contextos Interacionais: Vivências com Tecnologias para Aprendizagem e Simulação
- CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- ESTEC - Escola Superior Técnica
- HIV- Vírus da Imunodeficiência Humana
- LELIC - Laboratório de Estudos em Linguagem, Interação e Cognição/Criação
- MCT - Ministério da Ciência e Tecnologia
- MDC - *Media Design Center*
- MEC - Ministério de Educação Cultura
- MINED - Ministério da Educação
- PCEB - Plano Curricular do Ensino Básico
- PPGIE - Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação
- PROVIA - Programa Interinstitucional Comunidades de Aprendizagem, Estética do Virtual e Autoria Coletiva
- Renote - Revista Novas Tecnologias na Educação
- SCIELO - *Scientific Electronic Library Online*
- SEAD - Secretaria de Educação a Distância
- SIDA - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
- TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação
- UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
- UP - Universidade Pedagógica

## SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO.....	15
1.1 Sobre as Origens da Pesquisa – Marco Inicial .....	15
1.2 Sobre o Pesquisador e a Pesquisa .....	28
2. ARQUITETÔNICA BAKHTINIANA - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA INICIAL .....	39
2.1 Sobre a noção de Ética.....	39
2.2 Sobre a educação para valores.....	42
2.3 Desdobramento do contexto inicial da pesquisa.....	49
2.3.1 <i>Disparadores de Dilemas Éticos</i> .....	60
2.4 Algumas referências em dilemas éticos .....	61
2.4.1 <i>Michael Sandel</i> .....	62
2.4.2 <i>Lawrence Kohlberg</i> .....	63
2.4.3 <i>Maria Júlia Kovács &amp; Ingrid Esslinger</i> .....	66
2.4.4 <i>Artigos com ocorrência do conceito dilema na RENOTE</i> .....	67
2.4.5 <i>Aguns vídeos do Youtube abordando dilemas éticos</i> .....	69
2.4.6 <i>Apreciação sobre as referências em Dilemas Éticos apresentados</i> .....	72
3. METODOLOGIA DA PESQUISA E FORMAÇÃO.....	74
3.1 Relação do pesquisador com a pesquisa, com o campo empírico e com o coletivo de pesquisa .....	76
3.2 Campo de pesquisa e formação .....	80
3.3 População-alvo .....	81
3.4 Procedimentos para a produção e registro de dados.....	83
3.4.1 <i>O diário de campo</i> .....	83
3.4.2 <i>O ForChat enquanto diário coletivo-individual</i> .....	86
3.4.3 <i>O ambiente telemático - Formulários on line da Google</i> .....	89
3.4.4 <i>O Questionário</i> .....	89
3.5 Análise e a interpretação dos dados.....	90
4. ANÁLISE APRECIATIVA DOS PROCESSOS DE ORDEM INSTITUCIONAL .....	94
4.1 Expectativas dos estudantes sobre a Disciplina Didática Profissional de Agropecuária III .....	95
4.2 Dificuldades vivenciadas pelas partes no seu fazer pedagógico .....	96
4.3 Algumas sugestões apresentadas pelos estudantes para minimizar as dificuldades sintetizadas em 4.2.....	98
5. ANÁLISE APRECIATIVA DAS RESPOSTAS PRODUZIDAS EM GRUPO NO FORMULÁRIO <i>ON LINE</i> , EM QUE OS POSICIONAMENTOS INDIVIDUAIS FICAVAM PARCIALMENTE ANÔNIMOS .....	99
5.1 Apreciações reflexivas a partir das postagens dos grupos no formulário on line.....	102
5.2 Breve Síntese da Teoria do Desenvolvimento Moral de Jean Piaget e suas .....	104
contribuições para a apreciação das postagens dos grupos no formulário on line .....	104
5.3 Conclusão das apreciações reflexivas a partir das postagens dos grupos no formulário on line .....	109
6. ANÁLISE APRECIATIVA DOS POSICIONAMENTOS INDIVIDUAIS NO FORCHAT .....	112
6.1 <i>Apreciação das mensagens do fórum/chat</i> .....	117
6.2 <i>Mensagens do memorial individual</i> .....	129
7. APRECIACÕES SOBRE OS MEMORIAIS, TEXTOS REFLEXIVOS E AUTORAIS PRODUZIDOS INDIVIDUALMENTE, A PARTIR DAS DISCUSSÕES COLETIVAS ...	139

8. MEUS ACHADOS NA PESQUISA – IMPLICAÇÃO AUTOR-ESCRITOR-LEITOR	
144	
9. REVERBERAÇÕES DUMA PRÁTICA SOBRE DILEMAS ÉTICOS .....	159
9.1 Conclusões.....	159
9.2 Rastros duma caminhada .....	164
9.3 Continuidade da Pesquisa.....	165
REFERÊNCIAS .....	166
APÊNDICES .....	176
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Informado .....	176
APÊNDICE B – Passo a passo para se cadastrar no forchat .....	177
APÊNDICE C – Dilemas Éticos no PEA - UP-AGRO-2-2015 .....	180
APÊNDICE D – Júri de licitação de equipamento de inseminação artificial .....	181
APÊNDICE E – Mensagens do fórum/chat no ForChat .....	181
APÊNDICE F – Mensagens do memorial individual no ForChat .....	185
ANEXOS .....	195
ANEXO A - Espectativas dos estudantes sobre a disciplina.....	195
ANEXO B - Dificuldades vivenciadas pelas partes no seu fazer didático .....	196

## 1.0 INTRODUÇÃO

*Education is the most powerful weapon which you can use to change the world. (Nelson Mandela)*

### 1.1 Sobre as Origens da Pesquisa – Marco Inicial

#### *A munhu i munhu ka vanhu*

Tio São era o nome carinhoso com que era tratado o Samussone, nome atribuído em homenagem a um ancião muito respeitado no seu núcleo familiar paterno (composto pelos seus pais, irmãos, avós, tios e primos). Como era de costume na sua infância, Tio São ganhava autorização para passar as suas férias anuais num lugar de sua escolha (hospedando-se em casa de um familiar), como recompensa pela aprovação com distinção (honra) nas disciplinas escolares.

Desta vez, ele vai se juntar aos seus primos em casa da Tia Rosalina, que teria prometido vivências inesquecíveis em sua casa à beira-mar, numa cidade do interior, trocando a azáfama da sua cidade pela tranquilidade do campo e do litoral junto dos seus irmãos (primos).

Passadas duas horas de viagem, Tio São deixa o ônibus na rodoviária e embarca em um Chapa (transporte semi-colectivo de passageiros em Moçambique, equivalente à Lotação em Brasil) comunicando ao motorista o seu destino. Aqui é diferente da sua cidade. O Chapa funciona como táxi. Todo mundo entra no Chapa, saúda os ocupantes da viatura e dirige-se para uma vaga onde se senta e troca saudações mais profundas (saber da saúde, procedência, destino, comentários sobre assuntos da atualidade) com o companheiro do banco, e seguem conversando. Parece que todo mundo se conhece, o estrangeiro se denuncia e só é autorizado a desembarcar depois de confirmado o destino pelas pessoas designadas para recepcioná-lo.

Tia Rosalina, Tia Rosalinô... (era o motorista solicitando à dona de casa para confirmar se conhecia o passageiro que se intitulava seu hóspede). A Tia Rosalina é uma senhora muito querida na zona pelos seus dotes culinários e uma pasteleira de invejar, quem vai dar uma festa com certeza vai encomendar bolos e pastéis da tia, mas ela não é conhecida só por isso não! A fama dela está também associada ao *bullying* que algumas pessoas da “zona” (bairro) faziam com ela pelo fato de ela ter dois pares de filhos gêmeos (duas meninas, ainda vivas e dois meninos em memória) e chamam-na *lwiwane waku tata xibala hi ku tswala*

*hi swi bidzi swi bidzi* (aquela que quer encher o curral nascendo dois filhos em cada gravidez), e ainda haviam outros que lhe acrescentavam atributos ligados ao seu corpo avantajado.

Ah, e se tivesse algo de errado, o que aconteceria ao Tio São? Felizmente, num bom encontro, ele é recebido pelos irmãos (primos e primas). Relatando com admiração alguns episódios da viagem, acima apresentados, o seu tio respondeu-lhe: sobrinho “*a munhu i munhu ka vanhu*”.

No quinto dia, Tio Josefa dirige-se ao Tio São: “ouviste esses gritos? Eles vêm da casa da Família Tembe. Tome esse pau e me siga. Precisamos ajudá-los a afugentar a cobra que invadiu a sua propriedade”. Saíram e se juntaram aos demais vizinhos e transeuntes, que ajudaram a devolver a calma no bairro.

Já em casa, Tio Josefa conta uma história de um amigo que perdeu os seus bens porque não ajudara a extinguir o fogo na casa do seu vizinho, que acabou devorando a sua também, e remata em Zulo (uma língua que aprendeu enquanto trabalhava na República da África do Sul): “é isso aí São, *umuntu ngumuntu ngabantu!*”

Fonte: Sansão Albino Timbane

A expressão “*a munhu i munhu ka vanhu*” é proveniente do *Xirhonga* ou Língua *rhonga*<sup>1</sup> e significa que “uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas” (tradução literária<sup>2</sup>), ressignificada/interpretada por nós em a pessoa se forma no coletivo; não estamos sozinhos no mundo, fazemos parte um do outro. Por outro lado, as pessoas utilizam as experiências, umas das outras, no aprimoramento das suas capacidades de entendimento das situações com que se confrontam no seu cotidiano e utilizam-nas para melhorarem as suas contribuições na construção do conhecimento coletivo sobre a vida e a convivência levando em consideração o bem estar da sociedade.

---

<sup>1</sup> O *Xirhonga* é uma das línguas nacionais de Moçambique, também chamadas línguas bantu, de predominância no sul do país (embora reconheçamos que tal limite linguístico é dinâmico, resultando das deslocções dos povos devido a guerra civil, colonização e otros fatores ). O *Xirhonga* é falado principalmente pelos membros do grupo étnico-linguístico *Tsonga*. Segundo Ngunga e Faquir (2012), a ortografia das línguas moçambicanas varia conforme são tratadas como substantivo ou como adjectivo. No caso vertente teríamos a) *Xirhonga* - como substantivo (por exemplo: *Xirhonga* é falado na província de Maputo), b) *rhonga* - como adjectivo (por exemplo: a língua *rhonga* é falada na província de Maputo). “Portanto, quando usado como adjectivo, o prefixo (Xi-) indicador de ‘língua’ é dispensado porque a sua semântica se torna redundante na presença da palavra ‘língua’ ” (NGUNGA e FAQUIR, 2012, p. 7).

<sup>2</sup> Levamos em consideração que o conceito não se compreende somente na língua, mas também na linguagem e no contexto social que o geraram, permitindo perceber o sentido semântico que a ele se aplica.

Enquanto sujeitos<sup>3</sup> na sociedade, somos os efeitos dos sentidos produzidos no cruzamento dos sentidos nesse espaço-tempo que compõem essa sociedade, ao mesmo tempo em que participamos e determinamos com os nossos atos a configuração dessa dada sociedade. Mutti e Axt (2008) afirmam que o sujeito/subjetividade é produto do tempo social no qual se engendra.

Sendo efeito do tempo, é também indicadora desse tempo, no qual o ‘fora’ forja o ‘dentro’, como uma dobradura. Desse modo, o lado de ‘dentro’ da dobra, também morada do pensamento, é fruto da inflexão de forças do ‘fora’ que se dobra, enlaçando o ‘dentro’. (...) É nessa estreita relação que se vai apreender o sujeito, como efeitos de sentidos ligados à posição discursiva em que ele, sujeito, se constitui e é constituído. (MUTTI & AXT, 2008, p. 348)

Portanto, a expressão “*a munhu i munhu ka vanhu*” ressalta a importância do coletivo e a necessidade do compromisso ético de convivência com o outro, respeitando a sua condição existencial humana, como uma ética vivenciada nos atos do cotidiano.

Num contexto fortemente marcado pela oralidade “*a munhu i munhu ka vanhu*” é usada para vincular um aprendizado sobre a cultura, alertar sobre os desvios comportamentais, morais e éticos, enaltecendo o espírito de tolerância, a capacidade de entender e acolher o outro, o respeito pelas senioridades e pela dignidade humana em prol de uma convivência harmoniosa.

Esta expressão tem variantes em outras línguas bantu; por exemplo, “*umuntu ngumuntu ngabantu*” (em Zulo) e tiveram origem na expressão “*umunhu*” (em Xirhonga) ou “*ubuntu*” (em Zulo), que a enriquecem de significados. Nelson Mandela (MANDELA, 2012), afirma que *ubuntu* significa respeito, partilha, ajuda mútua, confiança, humildade. Para ser feliz é preciso viver em coletividade, em harmonia com o que está a sua volta. Para Desmond Tutu, *ubuntu* significa o coletivo como essência do ser humano. “Eu preciso de você para que eu me torne eu, da mesma maneira que você precisa de mim para que você se torne você” (TUTU, 2013). Já para Ramose (2009), *ubuntu* é um dos conceitos filosóficos e dos princípios organizacionais essenciais das populações que falam línguas bantu (RAMOSE, 2009, p. 139) e, considera que, *ubuntu* pode ser traduzido na situação: “Se e quando uma pessoa tiver de enfrentar uma escolha decisiva entre a riqueza e a preservação da vida de outro ser humano, deve sempre optar pela preservação da vida” (RAMOSE, 2009, p. 135).

---

<sup>3</sup> Entendemos sujeito na concepção bakhtiniana, como um “ser em processo de ser” (AXT, 2011a, p. 49), como um ser social que se constitui na relação com o outro e em relação a este. “O sujeito não é assujeitado, ou seja, submisso às estruturas sociais, nem é uma subjetividade autônoma em relação à sociedade”. (FIORIN, 2006, p. 55)

Podemos compreender o quão a expressão “*a munhu i munhu ka vanhu*” é de capital importância na vida dos Tsongas<sup>4</sup> e tem implicações éticas profundas nas suas práticas do dia-a-dia, enfatizando as alianças entre as pessoas e as relações entre elas para a sua realização individual e coletiva. Um dos ensinamentos éticos marcantes é o dever de responsabilidade do eu para com o outro. O cuidado com o outro não significa que as pessoas não devem se preocupar com as suas realizações pessoais, mas a questão é “o que você, no seu agir, faz para capacitar a comunidade a sua volta para se desenvolver” (MANDELA, 2012). Efetivamente, para eu cuidar do outro preciso cuidar responsabilmente de mim.

O conceito de outro, que discutimos a partir da expressão “*a munhu i munhu ka vanhu*” e do conceito de “*ubuntu*”, podemos também pensar na perspectiva de Bakhtin<sup>5</sup>. Mikhail Bakhtin, enquanto filósofo da linguagem e do discurso, está preocupado com a enunciação caracterizada pela relação dialógica e a produção de sentidos proporcionada por esses enunciados tendo em conta o universo/contexto que os caracteriza – relação do sujeito com o mundo, relação entre o eu e o outro. A situação concreta em que ocorrem os atos de enunciação é fundamental para a produção de sentidos, para a sua interpretação com todas as suas nuances (compreensões e incompreensões). O respeito à relação entre o eu e o outro perpassa toda a obra de Bakhtin e se constitui como a base dos compromissos de Bakhtin com a ética. Alteridade, dialogia, responsividade, ato responsável, polifonia são alguns dos conceitos de Bakhtin, presentes neste estudo e discutidos adiante, que nos ajudam a compreender o agir dos sujeitos numa situação histórica e social.

Bakhtin opera com estes conceitos no âmbito da literatura e da linguística buscando compreender a natureza da linguagem, tendo ajudado a construir a ideia da linguagem como realidade sócio-cultural e sócio-interacional relativamente estabilizada. Não estando focados nas questões eminentemente da linguagem, o nosso desafio é perceber como é que estes conceitos se atualizam no campo da educação e suas implicações na construção de uma metodologia de pesquisa no campo interdisciplinar, informática e educação.

O outro para mim é bastante complexo, representando o não eu (podendo ser sujeitos, contextos, elementos de subjetivação, as coisas, a cultura, ...), incluindo o eu inacessível ao eu a partir da sua posição singular e inalienável no ato vivenciado. A relação do “eu e o outro” ou do “eu e todos outros” constitui o fundamento (os alicerces) do ato ético. Sem reduzir-lhe a

---

<sup>4</sup> Tsongas – Grupo étnico que integra os falantes das línguas bantu *Xirhonga, Xichangana e Xitswa*.

<sup>5</sup> Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895 - 1975) é filósofo e pensador russo. Notabilizou-se nos estudos da literatura, da linguagem e do gênero do discurso na cultura e nas artes. É criador de conceitos de polifonia, dialogia, ato ético, cronotopo, exotopia, entre outros. (AXT, 2011a)

potência, podemos afirmar que o eu (sujeito) busca reconhecimento de si mesmo por intermédio da relação com o outro. “Ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem [e a mulher] não tem nenhum território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha *o outro nos olhos* ou *com os olhos do outro*” (BAKHTIN, 2011, p. 341, grifo do autor).

Do texto e da expressão “*a munhu i munhu ka vanhu*” podemos concluir que, na tradição (cultura) do povo *tsonga* e da grande parte do povo bantu, a educação dos valores envolve uma certa pragmática do método, aliada à ligação íntima do aprendizado com as realidades quotidianas da vida, representando uma ética (prática) de valores do coletivo, de respeito, de compartilhamento, de escolha, de decisão e cuidado mútuo. Com base em Golias (1993), concebemos a *tradição dos tsongas* como o conjunto de ideias, sentimentos, crenças, hábitos, costumes e aptidões transmitidos de geração em geração aos membros do grupo étnico-linguístico *tsonga*, através da linguagem verbal e da vivência prática dos atos, com o objetivo de preservar a sua existência através das novas gerações, por meio da integração pessoal, social e cultural do indivíduo.

Orientar a sua vida em função dos valores supra apresentados não implica necessariamente uma conduta passiva de respeito cego aos protocolos eventualmente estabelecidos (comodismo) e, sim, uma *liberdade* de escolha fundada na experiência do coletivo articulada ao seu juízo, seu questionamento sobre o acontecimento factual e no seu contexto; implica um forte *engajamento*<sup>6</sup> moral/ético e no amadurecimento das capacidades de assumir responsabilidade das suas escolhas. Embora, dentro do escopo desta tese, o conceito de liberdade não seja o nosso foco, considerando que este conceito nos ajuda a discutir a ética e estão, os dois (liberdade e ética), inscritos no campo da moral enquanto objeto de estudo da Filosofia, dedicamos-lhe uma atenção nas próximas linhas.

Com base em Barros Filho & Pompeu (2014), existe uma construção social de liberdade como possibilidade de fazer o que se quer – livre arbítrio – sou livre quando consigo providenciar uma resposta favorável aos meus apetites. Os autores, assumindo os sentidos múltiplos da liberdade de Arthur Schopenhauer, afirmam que a liberdade para pensar, agir e querer pressupõe uma vontade (querer) que lhe é condição, pressupõe minha deliberação sobre determinados pensar, agir e querer em detrimento de outros querer, pensar e agir. Numa abordagem que contempla Platão/Sócrates, Arthur Schopenhauer, Immanuel Kant, Jean-

---

<sup>6</sup> Engajamento é a relação, envolvendo aspectos comportamentais, emocionais e cognitivos, que o estudante estabelece com as atividades que lhes são propostas em função do contexto. (FREDRICKS, BLUMENFELD & PARIS, 2004) Este conceito irá auxiliar-nos na análise e a interpretação dos dados da pesquisa.

Jacques Rousseau e Jean-Paul Charles afirmam que o exercício da liberdade deve levar em conta os interesses dos outros – liberdade para decidir bem – “tornei-me livre para agir quando os outros me deixaram fazer o que eu queria tanto” (BARROS FILHO & POMPEU, 2014, p. 78). Desta maneira, a presença dos outros no exercício da minha liberdade, seja ela de pensar, de agir e até mesmo de querer, tem a ver com a minha responsabilidade nas deliberações que faço livremente, e que pode ser entendida, na perspectiva bakhtiniana, como o meu “não- alibi no ser”, que

coloca o eu em relação com o outro, não segundo uma relação indiferente com o outro genérico e enquanto ambos exemplares do homem em geral, mas enquanto coenvolvimento concreto, relação não indiferente, com a vida do próprio vizinho, do próprio contemporâneo, com o passado e o futuro de pessoas reais. (BAKHTIN, 2012, p. 26)

A liberdade é uma condição que distingue os seres humanos de outros animais, que nascem já prontos fisicamente para explorarem o seu habitat com base nos seus instintos animais naturais. Já o homem, independentemente da sua raça, gênero e status social, encontra nesta liberdade as condições para se definir como este ou aquele, para construir a sua própria essência. A educação liberta a mente para o exercício consciente da sua liberdade, uma mente liberta desenvolve um potencial para alcançar o planejado e realizar sonhos. Quanto mais se tem a consciência da liberdade mais cresce o exercício dela.

No caso de uma sociedade que se identifique com os princípios “*a munhu i munhu ka vanhu*”, a aprendizagem se dá pela vivência (participação ativa e através da reflexão sobre relatos/contos/histórias) de situações de exposição ao conhecimento específico, permitindo inferir generalizações, conhecimentos universais, bem como interação entre as verdades particular e universal. Na história de Samussone (Tio São) , a vivência de valores éticos se dá em diferentes momentos sumarizados a seguir:

i. Referência ao nome do ancião

Os nomes atribuídos aos filhos dos tsongas estão intimamente ligados a figuras emblemáticas, fenômenos e atos significativos na família e no grupo, funcionando também como amuleto da sorte. Por exemplo (*Livaningo* – Luz/que ilumina; *Minhebeta* – Lágrimas/que vem do sofrimento). É comum que uma pessoa receba dois nomes, sendo um tradicional (oficial nos registros tradicionais – pela oralidade) e outro “oficial”/popular (registrado nos documentos de identificação pessoal).

Não obstante esta dualidade de nomes causada pela inércia da recusa, pelas autoridades de Identificação Civil, do registro nos documentos de identificação pessoal dos nomes tradicionais, em determinadas épocas históricas (no caso de Moçambique, no período colonial), os sobrenomes (nomes de família ou apelidos, no português moçambicano) guardam relação com elementos da natureza (animais, plantas,...) e fatos históricos sociais (produção agropecuária) responsabilizando os detentores destes nomes o dever de zelar por eles, pelos valores que estes representam e dessa maneira contribuir para o equilíbrio cósmico/ambiental. No geral, os apelidos/nomes de família vinculam o indivíduo/sujeito a uma tribo na perspectiva étnico-linguística, anunciam as suas origens, a sua língua materna, um conjunto de valores sócio-culturais que se esperam dele, portanto, os sobrenomes têm um significado e sentido para esse grupo étnico-linguístico específico.

ii. Composição do núcleo familiar

A família é constituída pelos familiares do primeiro grau (paterno ou materno). O núcleo familiar é composto por pai, mãe, irmãos, avós, tios e primos. Para os tsongas, os conceitos de primo/a e tio/a não existem. Estes equivalem à irmão/irmã e pai/mãe, respectivamente.

iii. Saudação

A saudação é um aspecto importante na tradição dos tsongas e orienta-se pelo princípio de respeito as senioridades e ao género (os tsongas são um povo patrilinear – não necessariamente machistas ou feministas. Em outros grupos étnicos moçambicanos há também povos matrilineares – não necessariamente feministas ou machistas). A saudação é o exercício do acolhimento, de respeito, compartilhamento dos sucessos e desafios da vida individual do sujeito, do outro e dos grupos étnicos (como organização social). Como refere Timbane (2014), nos tsongas, a saudação é feita de forma longa, “*não basta dizer ‘bom dia’, ‘boa tarde’ ou ‘boa noite’.* A saudação implica falar um pouco de você, da sua própria família, das pessoas que te envolvem, das atividades do dia a dia, do estado do espírito dos componentes da família, etc.” (TIMBANE, 2014, p. 95). A língua/linguagem é um instrumento de

comunicação que torna possível a manifestação da cultura – conhecimentos e práticas que resultam da convivência e da interação – dos Tsonga. Esta forma longa de saudação se realiza plenamente na grande maioria dos espaços no interior do país (na família, no ônibus e em todos os espaços públicos). No entanto, ela encontra resistência nas grandes cidades e na capital do país devido à azáfama e ao cosmopolitismo – construção de novos padrões comportamentais resultante de entrosamento entre culturas – que caracterizam a vida nestes espaços, até porque como refere Timbane (2014, p. 91), “muitos aspetos culturais dos bantu, vistos sob ponto de vista eurocentrista ou sob ponto de vista da cultura ocidental parecem ‘estranhos’”. Um aspecto importante, mas que não cabe nesta pesquisa, seria o estudo das contribuições da manutenção e do deslizando da forma longa (exemplo apresentado a seguir) de saudação dos Tsongas<sup>7</sup>, por outras palavras, o que se ganha com o entrosamento cultural será equivalente ao que se perde da forma longa de saudação dos Tsongas do ponto de vista de enriquecimento dos valores axiológicos?

A seguir apresentamos um exemplo da forma de saudação dos Tsonga:

- Bom dia, camarada socorrista.
- Bom dia, Ngunga. Como estás?
- Estou bem. Só o pé é que está a doer-me. Por isso vim para o tratamento. Saí ontem do Kimbo de Nossa Luta e dormi ali no do Presidente Kafuxi. Tive de andar devagar, por causa da ferida. Hoje de manhã cedo parti para cá. A viagem correu bem, não houve nada. No caminho encontrei o camarada Chefe da Seção Avança, com dois guerrilheiros. Iam ao outro lado do rio, procurar mandioca. Disseram-me que não passaram por aqui porque era uma grande volta. E o camarada socorrista, como está?
- Obrigado pelas notícias, Ngunga – o socorrista bateu as palmas, agradecendo. Ngunga também. – Nós aqui no Kimbo estamos todos bem. Houve uns dias com um bocado de fome, porque os colonialistas tinham destruído as nossas lavras. É preciso ir longe buscar comida. Mas agora as nossas lavras estão a começar a produzir e a situação vai melhorar. Conheces a munher do Kayondo? Teve uma criança há dois dias. Um rapaz. O bebé não queria nascer, foi um grande trabalho. O Kayondo está todo contente, pois vai ter um homem na família. Já tinha tido três meninas, não conheces?
- Conheço - disse Ngunga.
- Pois bem. Vamos cortar hoje o cordão umbilical, por isso haverá uma grande festa. Os pais do Kayondo e o resto da família estão a preparar o hidromel e a comida. Tivemos sorte, pois caçamos duas palancas; carne não falta. O povo das outras aldeias já foi avisado, vai chegar hoje de manhã. São essas as nossas notícias.
- Muito obrigado, camarada. (PEPETELA, 2013, p. 11, 12)

---

<sup>7</sup> Embora esta saudação tenha sido extraída de um texto sobre a história de um povo no interior de Angola, nas zonas libertadas pelos guerrilheiros do MPLA, durante a luta contra o colonialismo português, atendendo às similaridades, esta pode ser usada para explicar a forma longa de saudação dos Tsongas em Moçambique.

iv. Indicação do destino ao viajante

É de responsabilidade do coletivo o acolhimento dos membros da comunidade ou do grupo, bem como de visitantes, proporcionando-lhes uma estadia prazerosa e também, colaborando para a manutenção da ordem e tranquilidade dos membros da comunidade. Foi assim que o motorista solicitou, à Tia Rosalina, confirmar se conhecia o passageiro que se intitulava seu hóspede.

v. Ajuda ao vizinho

A ajuda àquele vizinho, que teve a sua propriedade invadida por uma cobra, e ao outro, que viu sua casa pegar fogo, se circunscreve no dever mais elementar de cuidar do outro como cuidando de si, cuidar do outro/irmão/próximo. Nele se resume toda a filosofia e ética do “*a munhu i munhu ka vanhu*”.

Educação é o ato de educar. Para Antunes (2014, p.11-17), educação é um processo que busca o desenvolvimento harmônico da pessoa nos seus aspectos intelectual, moral e físico e sua (re)inserção na sociedade. Chauí (2000, p. 48-49, 141) apresenta a sistematização de Aristóteles dos três campos de conhecimento: 1) técnico - referente ao estudo das práticas produtivas (arquitetura, economia, medicina, arte), 2) prático – referente ao estudo das ações humanas (ética, política) e, 3) teórico – referente ao estudo de coisas que existem independentemente dos homens e de suas ações e que só podem ser contempladas por eles (Psicologia, biologia, física, meteorologia). Para fins do presente estudo, podemos estabelecer um paralelismo entre: a) aprendizagem/conhecimento técnico e aprendizagem das habilidades e competências; b) aprendizagem/conhecimento teórico e aprendizagem cognitiva; c) vivência prática dos valores e da ética.

A educação é um processo de socialização exercido nos diversos espaços de convívio social (escola e outros), engloba os processos de ensinar e aprender. Como resultado da vivência do sujeito de situações instigadoras, e aplicando as suas faculdades de raciocínio, de observação, pelo treinamento/formação, seus comportamentos, conhecimentos, habilidades são desenvolvidos (adquiridos/modificados) – gera-se a aprendizagem no sujeito.

Com base em Elias e Axt (2004), podemos afirmar que ensinar e aprender não são processos lineares orientados por conteúdos preestabelecidos e com pontos de partida e chegada conhecidos de antemão, mas processos rizomáticos que supõem o enfrentamento do medo do caos, articulado à produção de sentidos que ocorre no afetamento dos sujeitos em

contextos problemáticos (de ensinar/aprender) culminando com a construção/desconstrução de conceitos/conhecimentos pelo que aprende e ensina. Entendemos afetamentos como afetação – efeito de afetar-se por algo. Em Deleuze e Guattari (2007, p. 34-37), os afectos e perceptos não se confundem com percepções ou sentimentos. Os afectos são uma categoria onde se cristalizam os dados/valores subjetivos usuais e individuais tais como: sentimentos, percepções, emoções, paixões e afecções. Os afetamentos pressupõem uma interação onde um determinado corpo interior se dobra em direção ao outro como momentos de existência axiológica do eu no outro, gerando um fluxo de forças que conduzem aos *bons encontros*<sup>8</sup> imprescindíveis para o desenvolvimento da aprendizagem – capacidade de afetar e ser afetado de forma inusitada - acontecimento. Tendo como referencial o pensamento bakhtiniano, os bons encontros (encontro de sujeitos/corpos, ideias/pensamentos, enunciados/sentidos) constituem as situações/ocasiões responsáveis pela mobilização de um conjunto de forças que impelem o sujeito a invenção, a criação, a produção de algo novo.

Os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessado por eles. As sensações, percepções e afectos, são *seres* que valem por si mesmo e excedem qualquer vivido. (DELEUZE & GUATTARI, 2007, p. 213)

Com base em Axt, 2004; Axt, Silva & Remião, 2015, os afectos e os perceptos têm um tempo de duração longo comparado as afecções e percepções que os geraram. “Deleuze e Guattari (1997) falam sobre perceptos e afectos como o que compõe blocos de sensações, transbordando percepções e afecções vividas/sentidas, descolando-se do vivido para adquirir autonomia (na arte, na linguagem...) e assim poder durar” (AXT, SILVA & REMIÃO, 2015, p. 12). Por exemplo, o encanto do encontro com uma obra de arte que produziu sentido em mim e na minha vida permanece em mim mesmo depois do meu distanciamento físico com a referida obra. Os efeitos de uma aula boa permanecem vivos em mim por longo tempo embora a aula tenha sido apenas um instante desse tempo.

Os afetamentos e a produção de sentidos, ocorridos nos contextos problemáticos citados anteriormente, são responsáveis pelas mudanças nas ~~nas~~ relações de ensinar/aprender interferindo no seu curso, influenciando-as, reconfigurando-as ao mesmo tempo que recebem

---

<sup>8</sup> “Bom encontro” é um conceito que Gilles Deleuze empresta de Baruch Espinosa para se referir a um estado/situação de ganho de potência de ser e de agir. “Potência de agir é o que abre o poder de ser afetado ao maior número de coisas, é bom ‘aquilo que dispõe o corpo de tal maneira que possa ser afetado pelo maior número de modos’. Ou então aquilo que mantém a relação de movimento e de repouso que caracteriza o corpo” (DELEUZE, 2002, p. 60). O bom e o mau são dois sentidos de variação de potência de agir, sendo que, a diminuição desta é má e causa o sentido de tristeza e impede a ação, enquanto o seu aumento é bom e causa o sentido de alegria e favorece a ação.

subsídios provenientes dessa arquitetônica. Mais do que ensinar<sup>9</sup>, trata-se de um aprender (sobre os valores humanos) que se produz com o contexto, levando em consideração as suas experiências/vivências e aceitando/escutando amorosamente o que vem do outro (na perspectiva bakhtiniana) como membro legítimo desse contexto de aprendizagem.

Nunca se sabe como uma pessoa aprende: mas de qualquer forma que aprenda, é sempre por intermédio de signos, perdendo tempo, e não pela assimilação de conteúdos objetivos. Quem sabe como um estudante pode tornar-se repentinamente ‘bom em latim’, que signos (amorosos ou até inconfessáveis) lhe serviram de aprendizado? Nunca aprendemos alguma coisa nos dicionários que nossos professores e nossos pais nos emprestam. O signo implica em si a heterogeneidade como relação. Nunca se aprende fazendo como alguém, mas fazendo com alguém, que não tem relação de semelhança com o que se aprende. (DELEUZE, 2003, p. 21)

Para Deleuze (2003, p. 13), o signo permite estabelecer relações entre a existência e a sua essência. A essência é o que faz com que uma coisa seja o que ela é em si mesma no espaço e na duração, sem a mínima possibilidade de ser outra coisa a não ser ela mesma.

Bakhtin (2006) considera o signo como elemento de natureza ideológica. Para o autor, um produto ideológico; corpo físico, instrumento de produção (por exemplo, o martelo e a foice como emblema da União Soviética), produto de consumo (por exemplo, o pão e o vinho como símbolos religiosos no sacramento cristão da comunhão), faz parte de uma realidade, mas, ao contrário dos corpos físicos, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades.

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc). (BAKHTIN, 2006, p. 32)

Para Bergson (2001, p. 291), os signos substituem a continuidade móvel das coisas por uma recomposição artificial que se lhe equivale na prática e que tem a vantagem de ser facilmente manipulada.

Consideramos o signo como algo que é usado no lugar de outra coisa, como um intercessor. As ideias dos autores supracitados permitem entender o signo linguístico, em determinadas condições, estabelecendo relações entre um significado e um significante, entre um conceito e as percepções e afecções que se podem ter desse dado conceito, são instrumentos potenciais da comunicação se tomados como responsáveis pela possibilidade de representação das ideias sobre a coisa.

---

<sup>9</sup> A Escola não ensina ninguém a agir de forma ética, porém ela pode oferecer condições e indicações para que os sujeitos desenvolvam a ética a partir de experimentações que envolvam um contato os valores axiológicos.

Em Bakhtin (2006), e no âmbito da linguagem (como produto vivo da interação social, das condições materiais e históricas de cada tempo), o signo não tem significado único, recebendo diversas significações/sentidos em função da situação real em que está sendo usado pelos sujeitos determinados e em contextos de tempo e espaço definidos. Bakhtin opera com a noção de sujeito em processo de ser, com o mundo em movimento, em constante transformação (mutável), porém é necessário fazer recortes a esse movimento para dar completude de significação do signo no contexto em que ele é enunciado. A sua concepção de signo terá implicação direta no conceito de enunciado linguístico (na literatura, nas artes e na música) – a unidade básica da linguagem –, que é o elemento real através do qual se desenvolve a comunicação verbal, a interação dialógica entre os sujeitos falantes.

A aprendizagem dos conhecimentos (cognitiva), das habilidades e competências (técnica), o desenvolvimento dos valores e da ética na tradição dos Tsongas – no contexto da educação informal/tradicional – se dá pela experimentação prática, pela oralidade e pela vivência dos afetos produzidos na multiplicidade de situações concretas do dia a dia e contribuem como elementos de *subjetivação polifônica*<sup>10</sup> para estes sujeitos (Tsongas). Como fazer isso na escola? Como desenvolver estratégias que criem situações instigadoras de ordem prática, que problematizem as interações de aprendizagem e promovam a vivência de valores no contexto escolar?

Esta problematização faz crescer a relevância da tomada de posição sobre o modo do professor interagir com seus estudantes, o modo como se dá a interação de sua ação docente, movimento esse que podemos entender como in(ter)venção.

Segundo Axt e Kreutz (2003), Axt (2008) e Axt (2011a), a in(ter)venção consiste em intervir para inventar/criar algo novo<sup>11</sup> a partir de um dado contexto problemático. Essa intervenção vem de dentro como um ato em processo de realização mobilizando as afecções, um ato/agir ético e estético – (est)ético – no sentido em que o eu engloba o outro e o contempla a partir do seu lugar único e insubstituível no mundo do acontecimento determinado – a relação eu-outro funda a arquitetônica de Bakhtin e é o fundamento do ato responsável. O (est)ético, segundo Axt (2011a, 52-53), trata-se de dois sentidos de um mesmo

---

<sup>10</sup> Com base em Guattari (1992), a subjetividade é construída/fabricada pela ação de fatores de natureza diversificada. Na formação da subjetividade intervêm o inconsciente (singular do indivíduo e coletivo), as máquinas sociais, mass-mediáticas, linguísticas como fluxos que compõem a forma de ser do sujeito. (GUATTARI, 1992, p. 20)

<sup>11</sup> Entendemos “novo” como algo, que não sendo absolutamente novo é, “inovador” que não nasce do nada, portanto, que um agir é “novo” na medida em que não segue o rotineiro, um senso comum, uma construção pré-definida, mas assenta com força nas condições e indicações do contexto. Um novo sentido se instaura do encontro entre os sentidos (BAKHTIN, 2011).

movimento, o *ato estético* como um efeito em tempo simultâneo do *ato ético*. *(Est)ética* poderia ser apreendida como aquele distanciar-se, mediante um movimento de *exotopia*, para fora do lugar (ético) da relação *eu-outro*, para fora do lugar do *outro* onde *eu* esteve empaticamente, para então, solidariamente, *de fora* deste lugar arquitetônico da relação ética, de fora dessa morada *eu-outro*, ser capaz de contemplá-la com cuidado, com *amorosidade*, uma amorosidade tomada pelas intensidades da afetação, tomada pela escuta da voz do outro, dando-lhe acabamento, enriquecendo-o desde o seu lugar distanciado-contemplativo.

Neste tipo de intervenção – in(ter)venção –, trata-se de um agir responsável com o enunciado da in(ter)venção do eu que suscita uma resposta no outro pela compreensão ativa de ambos, considerando os seus lugares e os tons emotivo-volitivos no contexto desse acontecimento. Neste sentido, a in(ter)venção tem uma potência criadora, pois o ato ético pode mudar o curso dos acontecimentos e dar início a uma série de novos atos.

O *ato ético* do *eu*-pesquisador que, pela empatia, assume uma atitude de escuta da voz do *outro*-professor, e de busca de compreensão do mundo desse *outro*-professor, é oportunizado nestes planos de encontro, instituindo-se como *in(ter)venção* com potência criativa: na medida em que o ato ético se faz escuta, abre espaço para expressão do outro-professor, para descrições e narrações entabuladas pelo outro-professor; descrever, narrar sua prática docente é colocar-se em perspectiva, afastando-se exotopicamente do mundo da sala de aula, do mundo da prática docente, para contemplá-lo de fora deste seu lugar de prática, uma contemplação amorosa que oportuniza perceber um todo, para dar-lhe acabamento, um acabamento que é de ordem estética. (AXT, 2011a, p. 53)

Este tipo de relação, pesquisador-professor (apresentada em epígrafe, na citação acima), diz também da relação professor-estudante, que é o caso estudado na presente pesquisa. O professor comprometido em trabalhar o próprio processo de intervenção com os seus estudantes deve reconhecer que só há invenção quando o estudante se sente instigado a se posicionar sobre uma ideia/problema. Para o efeito, o professor e os estudantes são convidados a se engajarem no vivenciamento emotivo-volitivo nas situações de aprendizagem propostas. Neste caso, a escuta dialógica dos dilemas éticos nos parece abrir caminhos para essa in(ter)venção.

## 1.2 Sobre o Pesquisador e a Pesquisa

*Se me quiseres conhecer*

*Se me quiseres conhecer,  
Estuda com olhos de bem ver  
Esse pedaço de pau preto  
Que um desconhecido irmão maconde  
De mãos inspiradas  
Talhou e trabalhou em terras distantes lá do norte.*

*Ah! Essa sou eu:  
órbitas vazias no desespero de possuir a vida  
boca rasgada em ferida de angustia,  
mãos enorme, espalmadas,  
erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça,  
corpo tatuado feridas visíveis e invisíveis  
pelos duros chicotes da escravatura...  
torturada e magnífica  
altiva e mística,  
africa da cabeça aos pés,  
– Ah, essa sou eu!*

*Se quiseres compreender-me  
Vem debruçar-te sobre a minha alma de africa,  
Nos gemidos dos negros no cais  
Nos batuques frenéticos do muchopes  
Na rebeldia dos machanganas  
Na estranha melodia se evolvendo  
Duma canção nativa noite dentro*

*E nada mais me perguntes,  
Se é que me queres conhecer...  
Que não sou mais que um búzio de carne  
Onde a revolta de África congelou  
Seu grito inchado de esperança.*

*Noémia de Sousa<sup>12</sup>*

Do poema “Se me quiseres conhecer” podemos visualizar o conceito de polifonia na formação da subjetividade, na ótica de Félix Guattari (1992). Os elementos e momentos da vida da poetisa são apresentados como instâncias pelas quais se pode atentar à construção de uma imagem da Noémia de Sousa, no entanto, esta imagem está dependente variavelmente dos afectos do sujeito, da combinação (dosagem/proporção) desses elementos-momentos e dos sentidos que ele lhes atribuir. Se quiséssemos conhecê-la como “território existencial” enfrentaríamos limitações associadas ao saber, por exemplo, do ponto de vista da Noémia, o que mais pesa para a definição do seu eu – as influências das culturas onde viveu (Moçambique, Portugal, França, Marrocos), as sinuosidades do seu corpo, as feridas da

---

<sup>12</sup> Noémia de Sousa (1926-2002): Carolina Noémia Abranches de Sousa Soares foi uma poetisa e jornalista moçambicana. Entre as suas publicações destacam-se o livro “Sangue Negro” e outras em obras em muitos jornais e revistas (O Brado Africano, Mensagem, Itinerário, Notícias do Bloqueio).

escravatura,... – do ponto de vista do outro, estariam em jogo a interpretação dos elementos e momentos mencionados no poema. Podemos afirmar que estamos perante a subjetividade como um devir, como possibilidade de existência.

Axt (2010, p. 9-10) nos fala do devir como “aquilo que visceralmente se faz por dentro, vindo por dentro - *o passado adentrando inteiro o presente e roendo o futuro*<sup>13</sup> -, encontro com o virtual, virtualização do real”. A subjetividade se desenvolve no tempo intensivo do curso da vida, está ligada à determinidade axiológica da vida, está em constante transformação. A subjetividade seria o que se pode capturar do sujeito no *entre-tempo*<sup>14</sup> dessa transformação – um acontecimento, um devir.

A partir duma perspectiva bergsoniano, Axt (2010, p. 10) nos convoca a olhar para o “*passado adentrando inteiro o presente e roendo o futuro*” e que nos revela um presente alienado, cuja existência insiste e subsiste na relação passado-presente compreendidos não como relação histórica de um tempo e um espaço. Eu, enquanto peregrino neste mundo me vejo como uma *rolling stone* (uma pedra ambulante) cuja existência se faz condicionada à natureza e eventos que o circundam (ventos, chuvas, calor, tsunamis, frio, ações de plantas e animais,...).

Parando essa pedra ambulante, podemos afirmar que Sansão é uma composição do trajetar do pesquisador sobre diferentes espaços, configurados como suas garantias ontológicas, que justificam e ou explicam os seus desassossegos no texto em construção. Como estudante de graduação, numa aula de Introdução à Filosofia, discutindo a temática sobre a moral, pode capturar o pronunciamento do professor nos seguintes termos: “trata-se de crise da moral ou é a moral de hoje?” Essa questão foi me acompanhando ao longo de toda

---

<sup>13</sup> Em referência a Bergson (grifo da autora).

<sup>14</sup> Axt (2010) usa a expressão “entre-tempo” (emprestada de Deleuze e Guattari) para se referir à noção de tempo como duração no sentido bergsoniano, refere-se ao tempo vivido na sua intensidade. Bergson (2001, p. 44) critica o pensamento filosófico e científico mecanicista, que só dá visibilidade ao tempo-espaço cronológico, que considera que o futuro e o passado são calculáveis em função do presente, e afirma que, nesse caso, tudo estaria dado, não haveria imprevisto, nem invenção nem criação no universo - que também investe nesse tempo intensivo, dispensado ao “inútil”. Se o passado é o que antecede o presente, e o futuro é o por vir, o presente, quando capturado já é passado. “A duração real é a duração que morde as coisas e que deixa nelas os seus dentes marcados. Se tudo está no tempo, tudo muda internamente, e a mesma realidade concreta nunca se repete” (BERGSON, 2001, p. 51). Bergson (2001) propõe fluidez do tempo, o tempo real que atende a continuidade, sucessão e a duração. “Mas para nós, seres conscientes, são as unidades que interessam, pois não contamos extremidades de intervalo – sentimos e vivemos os próprios intervalos” (BERGSON, 2001, p. 299). Esta é também a ideia de tempo como potência (*potencial time*) comungada por Mbiti (1990, p. 16) ao se referir ao tempo como uma composição de eventos ocorridos, que estão ocorrendo agora e aqueles que estão para ocorrer imediatamente. Até um passado muito próximo, era comum ouvir por parte de algumas civilizações africanas a menção do tempo nos seguintes termos, por exemplo; “desde a gravidez do Elvis que não veja a família Cossa” ou “já passam duas colheitas de arroz desde que ele partiu”. Para Mbiti, o que não ocorreu ou que não tem a probabilidade de uma ocorrência imediata não se enquadra na categoria de tempo. “*Time has to be experienced in order to make sense or to become real*” (MBITI, 1990, p. 17).

a minha vida acadêmica e profissional, como uma lasca que não conseguia energia suficiente para provocar chama, porém, indagando-me e fazendo-me mudar várias vezes de temática de pesquisa, a tal ponto que, mesmo sem saber como, me vejo estudando a possibilidade de dinamizar as aprendizagens sobre valores/ética em contexto escolar, a partir dos pressupostos contidos em “*a munhu i munhu ka vanhu*”. Neste sentido, as mudanças nos rumos da atual pesquisa e a proposta de abordagem da vivência de valores/ética, na perspectiva de um aspecto importante da sua tradição, configuram *artimanhas do acaso*<sup>15</sup> (PEIRANO, 1992).

Tive contato com os pesquisadores do LELIC, em 2010, através da Missão Brasileira em Moçambique no âmbito do Projeto CIVITAS (Brasil-Moçambique: formação continuada em serviço e prática docente em series iniciais do ensino fundamental – CNPq Pró-África: Edital MCT/CNPq nº 12/2008). O Projeto CIVITAS Brasil-Moçambique é viabilizado por meio de parceria entre dois grupos de pesquisa, nomeadamente: LELIC/UFRGS (*Laboratório de Estudos em Linguagem, Interação e Cognição/Criação*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e MDC/UP (*Media Design Center/Universidade Pedagógica de Moçambique*). O MDC tem domicílio no Centro de Informática da UP que, entre várias atribuições, atua na capacitação de professores e gestores das TIC para o sistema educacional moçambicano (nos níveis secundário e médio); no desenvolvimento de ambientes digitais para a aprendizagem e gestão administrativa e financeira da universidade; em estudos sobre a introdução e implementação das TIC na educação (em coordenação com MINED/MCT).

Fiquei encantado com a abordagem pedagógica (a escuta dialógica e a produção de sentidos) deste grupo (LELIC) nos encontros de formação dos professores (das escolas parceiras) do ensino fundamental em Moçambique. Desde então, encontrei o acolhimento para o enriquecimento da proposta (relatos reflexivos) que tenho estado a experimentar com os meus estudantes.

O dia 05 de Março de 1998 marca a minha vinculação empregatícia com o Estado moçambicano, através do Ministério da Educação, exercendo a função de docência. No ano de 2002 me transfiro para a Universidade Pedagógica, passando a colaborar na preparação das condições para a criação e instalação do Departamento de Informática (2003) e do Centro de Informática (2006); na elaboração do Currículo do Curso de Licenciatura em Ensino de

---

<sup>15</sup> Peirano ampara-se da expressão “artimanhas do acaso” para designar atos não premeditados (que fogem da idéia de um destino preestabelecido), fenômenos ocasionais e acidentais que explicam a mudança de rumo em determinado momento de uma carreira profissional e da pesquisa. Trata-se de uma expressão emprestada de Bakhtin. Em nosso entender, o acaso implica uma liberdade de escolha responsável e do acolhimento do inesperado (inusitado) que dele brotar, utilizando as suas potencialidades para com ele criar novas formas de existência-invenção.

Informática (2003) e, em todas as reformas curriculares ocorridas desde então até 2013. Tive o privilégio de acompanhar, como Assistente Universitário, a leccionação de várias disciplinas nos diversos cursos da universidade, das quais destaco três, nomeadamente: a Disciplina de Introdução às Tecnologias de Informação e Comunicação, a Informática e Sociedade, e a Disciplina de Práticas Pedagógicas. Do ano de 2007 a 2013, exerci, cumulativamente, a docência universitária (afeto à Escola Superior Técnica – ESTEC) e a função de gestão do Departamento de Assistência Técnica, no Centro de Informática da Universidade Pedagógica (CIUP), onde fui colaborador do *MDC*. A correlação destes eventos enriquece o capital relacional do pesquisador ampliando o seu capital social, se constituindo como recursos que contribuem para a geração de oportunidades diferenciadas de pesquisa em educação nesses nichos.

Venho de uma formação em educação (Graduação em Ensino de Química e Biologia e Mestrado em Informática na Educação), atualmente cursando o Doutorado em Informática na Educação no Programa de Pós-graduação em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Reconheço-me comprometido com a causa da educação, persigo seus objetivos e acreditando que, através da educação, é possível contribuir para um mundo em que prevaleça o respeito e a liberdade em todos os modos de pensar e agir na alteridade como fundamento da dignidade humana, contidas em “*a munhu i munhu ka vanhu*”. Uma educação alicerçada sobre os processos dialógicos, sendo a linguagem o meio pelo qual a educação se idealiza (no real e no abstrato), se concretiza e se atualiza, respeitando o que se produz nas relações que se estabelecem ou se potencia dos encontros éticos, do eu com o outro nas suas diversas manifestações.

A alteridade é um conceito que, em Bakhtin, tem a pretensão de explicar a necessidade de relação de interação, de interdependência e do diálogo do homem com o outro, na sua condição de existência como ser social. O eu na sua forma individual só pode existir através de um contato com o outro. “Todo o interior não se basta a si mesmo, está voltado para fora, dialogado, cada vivência interior está na fronteira, encontra-se com outra, e nesse encontro tenso está toda a sua essência” (BAKHTIN, 2011, p. 341).

Nos últimos quatro a sete anos, o sector da educação e as Instituições do Ensino Superior moçambicanas têm estado a rever os seus *curricula*, destacando-se a incorporação da componente tecnológica, com particular destaque para as Tecnologias de Informação e Comunicação, quer através da introdução ou melhoramento dos cursos de TIC já existentes, quer pela introdução de disciplinas da área das TIC como componente transversal na

formação. Contudo, uma discussão dialógica de carácter ético e estético (e com concepção bakhtiniana) ainda é incipiente nas abordagens anteriormente apresentadas.

Acreditamos que a utilização das tecnologias, de modo particular as TIC, por si só não fazem milagres na educação. A sua utilização deve ser equacionada considerando o seu alinhamento a uma proposta metodológica específica e às relações possíveis de se desenvolverem com base nessa configuração. Alteridade, interação dialógica, dilemas éticos, criação, autoria, intervenção e aprendizagem como processo, são conceitos centrais da presente proposta de estudo e visam engajar a participação ativa individual e coletiva do estudante na discussão sobre as experimentações éticas vivenciadas a partir de conteúdos cognitivos/técnicos da disciplina escolar.

O presente trabalho tem como um de seus objetivos em médio prazo, contribuir com o aprofundamento das discussões, a partir dos apontamentos de Bakhtin, sobre os processos de ensino e aprendizagem mediados pela tecnologia digital (incluindo a Internet), em ambiente presencial, semi-presencial e a distância, no contexto moçambicano.

Que possibilidades de abordagem, da vivência de valores, através de experimentações éticas, podem ser desenvolvidas/utilizadas no contexto escolar (no ensino presencial, semi-presencial, a distância), considerando a filosofia *a munhu i munhu ka vanhu*, a disponibilidade e pluralidade das TIC e a participação ativa dos estudantes, reconhecendo, analisando e acolhendo com *empatia*<sup>16</sup> os posicionamentos/contribuições dos colegas frente a uma situação-problema no coletivo? Esta vem a ser a problemática que movimenta a presente proposta de pesquisa. Não se trata de comprovar a internalização dos valores como *modus vivendi* ou qualquer outra forma de tratado simbolizado pelo aforismo (*a munhu i munhu ka vanhu*), mas de observar se há ocorrência de elementos deste aforismo e como eles operacionalizam a estratégia dos dilemas éticos em estudo.

A proposta em alusão pretende ser um estudo de natureza interdisciplinar, representando uma contribuição direcionada para a área de Informática na Educação através da abordagem de dilemas éticos, articulados ao ambiente telemático para criar situações problemáticas de ordem prática que permitam uma reflexão sobre a ética na sociedade a partir do contexto escolar.

---

<sup>16</sup> Consideramos a empatia (junto com o apreço, a estima e a afectividade) como a chave de acesso aos valores axiológicos do homem. Bakhtin interpreta a empatia como um processo de interação entre o sujeito da recepção estética e o objeto, o qual concebe como vivenciamento compartilhado ou covivenciamento, ao que Palulo Bezerra (tradutor do BAKHTIN, 2011) denomina por “vivenciamento empático”. Para Bakhtin, o ativismo propriamente estético manifesta-se no momento do amor criativo pelo conteúdo empaticamente vivenciado, o que pressupõe duas consciências imiscíveis, o sujeito da vida e o sujeito do ativismo estético. (BAKHTIN, 2011, p. 56-79)

O estudo está vinculado à Linha de Pesquisa *Interfaces Digitais em Educação, Arte, Linguagem e Cognição*, do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação (PGIE) do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Por outro lado, a imersão em dinâmicas e vivências do *Laboratório de Estudos em Linguagem, Interação e Cognição/Criação* (LELIC) irá propiciar um maior entendimento das propostas metodológicas vinculadas ao grupo e um retorno na qualidade das contribuições ao Projeto CIVITAS-Moçambique e seus encaminhamentos, bem como em pesquisas sobre a utilização de tecnologias para a educação, no âmbito global.

No contexto contemporâneo, em que o mundo tornou-se numa aldeia global, onde o que acontece em uma parte do globo é imediatamente acessível para o mundo inteiro e afeta outros a distâncias longas no tempo e no espaço graças à generosidade das TIC, um dos maiores desafios da educação é a necessidade de conciliação de Metodologias, a integrar no Processo de Ensino-Aprendizagem, que se adequem às actuais conjunturas tecnológicas, políticas, sociais e culturais do país e do mundo, fazendo com que as interações que se desenvolvem dessas relações propiciem a emergência de processos criativos do conhecimento e da aprendizagem dos parceiros envolvidos, com destaque para o estudante na sua individualidade e singularidade.

Refletir sobre o uso das TIC na Escola, em nível metodológico e didático, tem implicações no pensar e fazer pedagógico (do professor, do estudante e da instituição escolar), representa uma mudança de paradigma de “tecnologias Na Educação” para “tecnologias PARA a Educação” (AXT, 2000, p. 56); é, portanto, um exercício de ressignificar a utilização dos recursos digitais em contexto educacional. As TIC Na Educação representam um aprendizado massivo e com foco no aprendizado das técnicas, contribuindo para que ocorram mudanças de ordem material. Mudanças qualitativas no aprendizado dos estudantes não estão apenas na incorporação das tecnologias emergentes, se elas servirem para repetir os métodos tradicionais, de um momento em que a escola e a educação não se beneficiavam desse impacto tecnológico. Pensar as TIC PARA Educação é ir além do que a tecnologia se propõe fazer *a priori*, é fazer o uso dela para reinventar a Escola e outros modos de pensar e fazer pedagógico pelo exercício crítico-reflexivo assente numa comunicação ético-dialógica (AXT, 2000). A partir da autora, podemos atestar que este exercício tem encontrado desafios advindos do caráter de imersão da sociedade, da escola, na cultura do seu tempo, dificultando a necessária exotopia (distanciamento) do professor, na qualidade de contemplador ativo, para que possa proceder a tomadas de consciência voltadas à definição de estratégias que lhe

permitam pensar a educação na sua relação com as novas tecnologias. A tecnologia é o meio pelo qual um fim pode se realizar: o de relações e interações entre as pessoas que levem à sua aprendizagem transformadora.

Acredita-se que a telemática, assim como outras modalidades tecnológicas, não tem valor em si, mas depende das propostas de trabalho em que se insere. E, reciprocamente, o desenvolvimento de uma proposta teórico-metodológica precisa pensar a sua prática embutida no suporte tecnológico no qual se inscreve. (AXT *et al.*, 2006, p. 1)

No ambiente escolar, a aprendizagem cognitiva/racional e a aprendizagem técnica/instrumental desempenham um papel fundamental para a inclusão social do sujeito, que é o tempo todo atravessado e desafiado pelas vicissitudes do contexto de aprendizagem, caracterizado pelas relações com o outro, implicando na produção de subjetividade e que se viabiliza a partir desse coletivo particular de aprendizagem, através da mobilização e articulação das suas habilidades e afectos<sup>17</sup> para o enfrentamento dos problemas do dia a dia.

Até aqui temos falado do sujeito, pelo que facilmente poderíamos deslizar para a noção de subjetividade substancializada no *eu* (reduzido à essência última da individuação), porém, estamos utilizando a noção de subjetividade livre desse sujeito, mas que se materializa como um conjunto de forças que possibilitam a existência do *eu*. O conceito de subjetividade de Guattari – “o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como *território existencial* auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva” (GUATTARI, 1992, p. 19) – se apresenta mais articulado à proposta de multiplicidade e de inacabamento vinculados a perspectiva bakhtiniana.

Ao conceituar a subjetividade considerando-a ser formada por instâncias individuais, coletivas e institucionais, Félix Guattari emprega a expressão *polifonia*<sup>18</sup> de Mikhail Bakhtin como recurso para explicar a heterogeneidade da subjetividade. Na produção da subjetividade não são considerados apenas os sistemas tradicionais (infraestrutura material e superestrutura), mas também os aspectos etológicos (estudo do comportamento humano), os ecológicos (relação indivíduo e seu meio) e as máquinas sociais (a influência das máquinas e

---

<sup>17</sup> Com base em Deleuze e Guattari (2007), os afectos incluem a potência que o homem tem de afectar e de ser afectado por outros. Os afectos são afecções/sentimentos que ganharam uma consistência capaz de abrir ao imaginário e à criação dos sujeitos, “cada opinião sendo função das percepções e afecções de cada um, segundo sua situação social e suas aventuras individuais, sendo o conjunto tomado numa vasta corrente que seria a opinião do autor, que se divide, para recair sobre os personagens, ou se esconder, para que o autor possa formar a sua: é assim que começa a grande teoria de romance de Bakhtin.” (DELEUZE & GUATTARI, 2007, p. 221-222)

<sup>18</sup> Polifonia é um conceito de Mikhail Bakhtin que significa presença de várias vozes em um enunciado, multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis presentes no discurso/enunciados dos sujeitos (BEZERRA, 2014). Este conceito é retomado ao longo do texto, no capítulo II.

da tecnologia na informação e comunicação sobre o núcleo da subjetividade humana) relativos à subjetividade.

Guattari (1992, p. 19-20) refere que a subjetividade se manifesta como individual e coletiva. Na subjetividade individual “uma pessoa [ainda como sujeito inacabado] tida como responsável de si mesma, se posiciona em meio a relações de alteridade regidas por usos familiares, costumes locais, leis jurídicas...” Já a subjetividade coletiva remete-nos à ideia de criatividade processual e de um coletivo que abre e amplia as possibilidades de existência do sujeito, portanto a uma relação ética e de referência ao incorporal. O autor sugere ainda que

o termo ‘coletivo’ deve ser entendido aqui no sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto com o *socius*, assim como aquém das pessoas, junto a intensidades pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos mais do que de uma lógica de conjuntos bem circunscritos. (GUATTARI, 1992, p. 20)

Ao articular a noção de heterogeneidade da subjetividade em Guattari à polifonia de Bakhtin associada ao seu pensamento sobre os signos “a consciência individual não só nada pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social” (BAKHTIN, 2006, p. 35), podemos entender a relevância da referência ao coletivo como fator importante para o desenvolvimento de valores axiológicos com base no princípio “*a munhu i munhu ka vanhu*”.

Na perspectiva bakhtiniana, ubuntuiana e guattari-deleuziana, podemos conceituar pessoa como instância subjetiva do indivíduo – sujeito singular unitário – constituída das relações que estabelece consigo mesmo (ideologia, afetos, perceptos, sonhos, desejos, pensamentos), com outras instâncias fora de si (o outro, a comunidade, rede de relações sociais do cotidiano) e com os modos de existir e ler o mundo possibilitados pelo evento/acometimento do qual ele participa responsabilmente. Neste sentido, a pessoa, o sujeito, o cidadão, emerge do indivíduo, da criatura, “cara”, ser, da coisa e se constitui como um *território existencial* auto-referencial através da busca e do exercício prático/ativo de valores axiológicos, numa relação profícua e criadora com o coletivo em sua multiplicidade.

Esta ideia da subjetividade como algo em constante transformação, algo líquido e em constante mudança, desprovido de uma essência *a priori* está presente na concepção da singularidade moçambicana do sociólogo moçambicano Elísio Macamo (1998) e em Bono (2015, p. 123), ao afirmar que “o ‘especificamente moçambicano’, não deve ser visto como uma essência, mas sim como uma perspectiva que nos permite vislumbrar, nem que seja por alguns momentos furtivos, uma identidade nacional em estado permanente de transformação”.

A subjetividade do indivíduo seria a forma relativamente estabilizada do ser, passível de mudanças em função das experiências sociais, culturais, políticas, econômicas e ideológicas que o possam afetar.

Será o conhecimento cognitivo/racional e técnico/instrumental por si só suficiente para a realização do sujeito, para uma produção de subjetividade no coletivo, numa sociedade que se constitui de valores éticos, morais orientando as suas escolhas, decisões? É possível vivenciar esses valores no contexto escolar? Como pensar o ensino/aprendizagem enquanto prática de valores, através de experimentações éticas no contexto escolar? Com que abordagens conta a atividade docente para potenciar esta prática?

Até que ponto, processos de criação e autoria coletivos podem contribuir seja para a problematização, discussão, reflexão sobre a ética em ambiente escolar, seja para tomadas de posições ético-políticas em diálogos em um coletivo?

A presente investigação visa atingir os seguintes objetivos geral e específicos.

#### Objetivo Geral

Mapear estratégias afirmativas sobre dilemas éticos, associados ao estudo de conteúdos de ênfase cognitiva e técnica-instrumental previstos em disciplinas do currículo escolar.

#### Objetivos Específicos

São os seguintes objetivos específicos da pesquisa:

- Problematizar os valores éticos entranhados num coletivo buscando agenciar uma discussão apreciativa compartilhada e a tomada ético-política de posição neste mesmo coletivo.
- Produzir condições para experimentações éticas de natureza apreciativa e tomadas de posição políticas sustentadas em valores axiológicos de reciprocidade na relação eu-outro no ambiente de um coletivo atravessado por disciplinas curriculares e conteúdos de ênfase cognitiva e técnica-instrumental na escola.

O estudo em curso parte do seguinte pressuposto: Propostas metodológicas e estratégias de ensino-aprendizagem, que partam dum contexto problemático (de dilemas éticos), sem apontar a soluções prévias, despertam no estudante demanda por processos de

criação e invenção<sup>19</sup> capazes de atualizar alternativas viáveis de solução, como resposta provisória aos questionamentos, o que passa por projetar posicionamentos ético-políticos de compromisso e responsabilidade; além disso, propostas assim se configuram como uma forma de engajar os estudantes na sua aprendizagem, apontada para a observação de questões humanas que atravessam o contexto do seu aprendizado.

A presente proposta de tese está organizada em cinco capítulos, a seguir sumarizados.

O **primeiro capítulo** – Concerne à introdução. Apresenta-se uma história “*a munhu i munhu ka vanhu*”, a partir da qual são explorados aspectos da tradição bantu/tsongas que evidenciam uma vivência prática e o aprendizado da ética no coletivo. Na sequência, faz-se uma breve apresentação das motivações do autor para o estudo da temática proposta (ensino/aprendizagem da ética no contexto escolar, a partir de experimentações práticas de situações que envolvem a tomada de posicionamento ético-político no coletivo). É apresentada a vinculação da pesquisa/autor ao grupo de pesquisa do *Laboratório de Estudos em Linguagem, Interação e Cognição/Criação* (LELIC) articulando-a ao Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e com as suas inquietações, resultantes da inserção no Projeto Civitas Moçambique-Brasil e da sua experiência de atuação como assistente universitário, em Moçambique, numa disciplina do curso de graduação, a partir da qual é formulada a questão de pesquisa.

O **Segundo Capítulo** – Concerne à revisão bibliográfica inicial. Apresenta-se uma arquitetura de construção de principais conceitos operadores (ética, produção de sentidos, escuta, dialogismo/monologismo, encontro, exotopia) da proposta de tese, fundamentados no filósofo russo Mikhail Bakhtin.

O **Terceiro Capítulo** – Concerne aos encaminhamentos metodológicos da pesquisa. Aqui são delineadas as estratégias para a produção de dados e desenvolvimento do estudo, englobando os procedimentos usados para sua efetivação e o público alvo. Por fim, é apresentado o cronograma e as referências usadas para o estudo.

O **Quarto Capítulo** – Construção e validação de dilemas éticos com estudantes de graduação. Aqui é feita a apresentação dos resultados do estudo realizado com estudantes de graduação no Curso de Agropecária da Universidade Pedagógica em Maputo.

---

<sup>19</sup> No caso da presente pesquisa, quando buscamos caminhos para nos manter na experimentação dos dilemas éticos, podem abrir-se espaços para a invenção de múltiplas possibilidades para trabalhar valores axiológicos que atravessam os conteúdos e as aprendizagens cognitivas-técnicas.

**O Quinto Capítulo** – Este capítulo tem a designação de Reverberação duma prática sobre dilemas éticos. Nele são apresentadas e discutidas; (1) as expectativas dos estudantes sobre a disciplina Didática Profissional de Agropecuária III, (2) as dificuldades vivenciadas pelas partes durante o processo de construção e discussão dos dilemas éticos, (3) algumas sugestões apresentadas pelos estudantes para minimizar as dificuldades com o processo de construção e discussão dos dilemas éticos. Finalmente é elaborada uma análise das produções sobre os dilemas éticos no ambiente telemático ForChat, bem como, são apresentados os achados do pesquisador, configurando a sua implicação na pesquisa, a perspectiva autor-escritor-leitor.

**O Sexto Capítulo** – Concerne às considerações finais sobre a pesquisa. Este capítulo foi dedicado à apreciação geral do estudo realizado, retomando-se os aspetos de destaque na pesquisa, pontuando os principais acontecimentos e os resultados a que estes remetem, de modo a compor uma conclusão, mesmo que provisória. Ele encontra-se subdividido em três partes. Na parte 1 são apresentadas as conclusões do estudo, na 2, os rastros da pesquisa e, na parte 3 são apresentadas as pistas para os futuros desenvolvimentos.

## **2. ARQUITETÔNICA BAKHTINIANA - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA INICIAL**

### **2.1 Sobre a noção de Ética**

Nas próximas linhas procuramos discutir o conceito de ética como uma prática em ambientes de educação formal, entremeado acentuadamente pelos conteúdos de natureza racional-cognitiva e técnico-instrumental, contribuindo para a produção de subjetividade e para o agenciamentos de valores importantes no trato de objetos da vida, da profissão e do coletivo.

A ética é conceituada como o “estudo das condições de possibilidade da ação moral enquanto realizada por liberdade e por dever” (CHAUÍ, p. 65), que orientam a maneira de agir do ser humano nas instituições de sua sociedade ou de sua cultura/tradição. A moral é um conjunto de regras de conduta fixadas por um grupo social específico, visando a disciplinar os seus membros, julgando suas ações em conformidade com os bons costumes (CHAUÍ, p. 435). Portanto, a moral fixa o que é certo (o bem) fazer e o que é errado (o mal) fazer, dentro do grupo social a que o indivíduo pertence, isto é, a moral fixa o que aumenta/diminui a potência de agir do sujeito em determinados contextos de espaço-tempo. A ética pressupõe liberdade e dever para as escolhas do cotidiano, implicando responsabilidade nessas decisões e escolhas.

Ética é uma reflexão sobre o agir humano, considerando-o como um sujeito real e concreto, de espírito e de corpo, um sujeito existente gozando da liberdade para decidir com responsabilidade (resposta responsável no sentido bakhtiniano) sobre as suas ações. Esta liberdade é condicionada pelas normas evitando-se os extremos – absolutismo e determinismo/fatalidade – permitindo um pensar interior e agir exterior (no sentido hegeliano – considerando as leis, o estado, a família, a sociedade civil) e agir também interior (sentido bakhtiniano) “dentro das condições concretas das formas culturais de seu tempo e de seu lugar” (VALLS, 2004, p. 51).

Para Karnal (2015), com base em Aristoteles, a virtude ética é adquirida. Afirma que nenhuma criança nasce com princípios morais, ela faz o que ela quiser como bem entender. Cabe aos adultos o dever de orientar a educação da criança para a observância dos valores, para o conhecimento e o respeito aos limites do outro, e aprendendo o que é certo ou errado nessa sociedade. Neste sentido, entendemos que este tipo virtude ética pode ser inscrito no campo da moral heterônoma em Piaget, discutida na seção 5.2 do presente documento. O ser humano tem a capacidade de aprender, precisando apenas de alguém que oriente a sua educação.

Leandro Karnal concebe a ética enquanto responsabilidade do sujeito pelos seus atos, não a omissão dos sujeitos na responsabilidade pelos atos seus por si praticados no seu espaço. Dessa maneira, o meu agir deve ser acompanhado de valores que tornam viável a convivência no meu espaço e possivelmente, o meu agir se multiplique contagiando o outro.

É preciso agir localmente e pensar globalmente e vice-versa, no contexto do mundo globalizado (Greenpeace<sup>20</sup>). Por outro lado, “você tem que ser o espelho da mudança que está propondo. Se eu quero mudar o mundo, tenho que começar por mim [vivenciar a mudança em mim]” (Mahatma Gandhi<sup>21</sup>).

Trata-se duma ética como capacidade de estabelecer um diálogo com o outro, ouvir seus argumentos e apresentar os meus contra-argumentos, visando a um convívio harmonioso direcionado para o grupo como bem maior. Ora, esta perspectiva de responsabilidade pode ser entendida a luz do ato responsável em Mikhail Bakhtin – escuta e diálogo sem abafamento das vozes, coexistência das partes, questionamento das convicções e respeito pelas divergências – e da fraternidade na filosofia Ubuntu – o bem comum – individual e coletivo.

Com base em ideias de Gilles Deleuze, AXT (2008, p. 94) nos convida a olhar a ética como um conjunto de regras facultativas que fixam o valor do que fazemos, do que dizemos, segundo o modo de existência que isso implica. Modos de existência ou estilos de vida estão sempre implicados nos gestos, na palavra, e são eles que nos constituem como este ou aquele.

Sobre a diferença entre a ética e a moral, está em que a moral se apresenta “como um conjunto de regras que coagem, regras de um tipo especial que consistem em julgar as ações e as intenções a partir de valores transcendentais (está bem, está mal...)” (AXT, 2008, p. 94), isto é, enquanto a moral é dada *a priori*, é um preceito, a ética é construída e negociada na relação com o contexto, a ética é questionadora.

Bakhtin (2012) distingue a ética formal/teórica (material, universal, de Kant e dos kantianos) da ética prática, que se desenvolve da relação eu-outro e dos valores que sustentam e participam da composição dessas interações: escuta, acolhimento e até mesmo resistência como ato responsável.

Na sua responsabilidade, o ato coloca diante de si sua própria verdade como verdade que une ambos os seus aspectos [conteúdo/sentido objetivo e processo subjetivo da

---

<sup>20</sup> Greenpeace é uma organização não governamental de ambiente com sede em Amsterdã, nos Países Baixos, e com escritórios espalhados em mais de 40 países (incluído Brasil). Esta ONG atua internacionalmente na luta pacífica em defesa do meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

<sup>21</sup> Mahatma Gandhi (1869-1948) foi um líder pacifista indiano que lutou pela independência da Índia e pela paz entre hindus e muçulmanos. Ao defender a luta não violenta, criou uma nova forma de resistência, tornando-se referência e uma celebridade mundial.

sua realização], assim como une o aspecto do universal (a validade universal) e do individual (o real). Esta verdade unitária e singular do ato é posta como tarefa enquanto verdade sintética.[a expressão do ato a partir do seu interior/conteúdo e do seu existir-evento único e singular] (Bakhtin, 2012, p. 81)

Em algumas circunstâncias, o conteúdo de uma ação moral ou lei pode não ser eticamente correta e, por outro lado, nem tudo que é eticamente correto está plasmado na lei. Por exemplo, a lei da segregação racial nos ônibus de Montgomery (Estados Unidos da América) em 1955. No dia 1 de Dezembro de 1955, Rosa Parks negou ceder a um branco o seu assento num ônibus, tendo sido privada da sua liberdade, gerando, conseqüentemente, manifestações que culminaram com a abolição dessa lei (<http://www.dw.de/1955-negra-rosa-parks-se-recusa-a-ceder-lugar-a-um-branco-nos-eua/a-340929>). Em casos como estes, a ética do cuidado com a vida, do ponto de vista das relações de reciprocidade dos Direitos Humanos, tem se revelada como construção prática de valores axiológicos dum coletivo na relação com o contexto, propiciando uma apreciação comprometida com a liberdade, a responsabilidade e o dever/obrigação, na base dos quais o indivíduo toma as suas decisões/ações, face a um problema e o contexto em que se circunscreve.

O conceito de ética em uso na presente pesquisa guarda relação à perspectiva do ato ético em Mikahil Bakhtin, dando corpo a uma metodologia para propor a discussão de contextos problemáticos com base em situações que reverberem dilemas éticos, como também ampliando o campo de discussão no ambiente telemático, favorecendo uma discussão nas modalidades presencial, semi-presencial e a distância. O ato ético se “expressa como a relação do dever para com a realidade” (Bakhtin, 2010, p. 32), um dever que não é de imposição, mas que me obriga<sup>22</sup> e me remete a uma atividade que exprime uma ação responsiva, que eu sozinho, “e nenhum outro no meu lugar, devo responsavelmente fazer, de maneira não formal” (Bakhtin, 2012, p. 15).

Cada um dos meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu, é um dos atos de que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir. (Bakhtin, 2012, p. 44)

Em todas as formas de aprendizagem escolar há uma linguagem comum e que se resume na construção de conhecimento, de um pensamento a partir de uma determinada visão, perspectiva e intenção. As vivências dos valores/ética podem acompanhar as aprendizagens

---

<sup>22</sup> Que me obriga, não no sentido universal, de uma imposição e de cumprimento de uma formalidade que vem de fora de mim, mas no sentido do meu agir responsavelmente na base do meu não-álibi no existir-evento. Não-álibi significa “sem desculpas”, “sem escapatórias”, mas também “impossibilidade de estar em outro lugar” em relação ao lugar único e singular que ocupo no existir, existindo, vivendo. (PONZIO, 2012, p. 20)

cognitiva e técnica/instrumental através de questionamentos ao mundo das afecções e percepções que se produzem pelas relações éticas de escuta dos diversos intervenientes no problema e modos de pensar a solução para o problema em estudo, pelo envolvimento participativo do estudante na situação de aprendizagem e ainda pelo seu olhar exotópico dessa situação, deixando-se impactar, permitindo-se instigar e produzindo sentidos a partir desse tensionamento emocional que se configura na realidade de aprendizagem/educativa e o seu entorno. No exercício de compartilhamento de opiniões, de escuta das propostas de solução dos pares sem intenção de julgá-las, mas de acolher as suas contribuições, são estabelecidas novas relações entre os indivíduos e conteúdo, contribuindo para a construção de novos sentidos, novos conhecimentos entremeados por aprendizagens éticas.

## **2.2 Sobre a educação para valores**

Com base em Antunes (2014, p.11-17), a Educação é um processo que busca o desenvolvimento harmónico da pessoa nos seus aspectos intelectual, moral e físico e sua (re)inserção na sociedade. Para Golias (GOLIAS, 1993, p. 12, a “Educação visa uma trípla integração do indivíduo: pessoal, social e cultural.”

Neste sentido, pensamos a educação se configurando como um sistema de valores (valores éticos/morais, cognitivos, técnicos, sociais, culturais,...) que devem ser devolvidos e desenvolvidos pelo sujeito – na relação com outro enquanto centro de valores, em torno da qual se distribuem os momentos concretos do existir – por meio de interações complexas deste com o contexto problemático que o caracteriza.

Segundo Libâneo (2011, p. 5 e 12), considerando a forma de organização da ação pedagógica, podemos encontrar três tipos de educação, nomeiadamente a educação formal, educação não formal e a educação informal.

A educação formal é aquela que decorre em instituições de ensino “tradicionais” e outras acreditadas: escolas, universidades, institutos politécnicos. Este tipo de educação está organizado por disciplinas e anos académicos associados aos programas curriculares gerais aprovados, reconhecidos e fiscalizados pelos órgãos competentes, possui regras e certificações bem definidas. Este é um conceito aceito pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e comungado pelas autoridades educacionais moçambicanas. Na educação formal, os governos estabelecem níveis de

escolaridade obrigatória e, o ensino em geral é obrigatório a presença/frequência nas aulas. Em Moçambique, podemos citar, como exemplo, o Sistema Nacional de Educação.

Luis (2012, p. 4), citando o Ministério de Educação Cultura (MEC), afirma que a educação não formal corresponde a “Todos os tipos de actividades educacionais que estão centradas nas necessidades de um determinado grupo, organizado e implementado fora do sistema formal de educação de uma forma flexível quanto ao momento, local e adaptação dos conteúdos de aprendizagem em relação ao grupo escolhido.” A educação não formal é voluntária, baseia-se na motivação intrínseca do formando. Apesar de ser um processo organizado, os resultados da aprendizagem não são avaliados formalmente. São exemplos desta educação os cursos de curta duração, aperfeiçoamento e de actualização cultural e científica realizados fora do sistema regular do ensino; cursos que oferecem competências para a vida, competências profissionais e cultura geral. Para o caso de Moçambique, serviriam de exemplos, cursos de línguas (sem equivalências de grau académico); cursos de corte e costura, cursos sobre primeiros socorros, formação em matérias sobre HIV-SIDA.

Já a educação informal corresponde à ”Educação, que acontece durante a vida das pessoas, através das suas experiências diárias e influências ambientais (família, igreja, vizinho, trabalho, entretenimento, biblioteca, mídia,...) está associada com a educação permanente, não intencional, e não sistemática” (LUIIS, 2012, p. 4). A educação informal é um processo não institucionalizado e, é responsável pela transmissão de saberes e valores culturais duma sociedade, por exemplo, *a munhu i munhu ka vanhu*. A educação informal lida com a vivência prática, dos sentimentos, crenças, hábitos, costumes e a transmissão de um conjunto de ideias e aptidões de geração em geração dentro dessa sociedade. Podemos designar a educação informal de tradicional atendendo à caracterização de Golias (1993).

Entendemos que estas três formas de educação podem ser vistas na perspectiva de complementaridade – desenvolvidas de forma articulada – não há uma mais importante que a outra, não são contraditórias e nem alternativas uma da outra, são modos pelos quais as sociedades foram se organizando para enfrentar os desafios impostos nos diferentes momentos históricos e das conjunturas situacionais. Qualquer tentativa de sua hierarquização pode levar à crise conceitual, cada uma delas tem uma contribuição a dar ao sistema educacional da sociedade em que é adotada. O denominador comum nestas formas de educação é a inclusão sócio-cultural, os conteúdos, as metodologias e os princípios pedagógicos que podem ser partilhados favorecendo a criação de sinergias/complementaridade.

Moçambique passou por vários momentos históricos, cada um marcado pela predominância de um tipo especial de educação. A seguir apresentamos os ideais/valores da educação em cada um desses momentos históricos, representando as seguintes fases da educação moçambicana: pré-colonial, colonial e pós-colonial, na perspectiva de Golias (1993).

### **Educação pré-colonial: educação tradicional**

Dado que a nossa referência base, Golias (1993), apresenta as características da educação tradicional em Moçambique, sem no entanto se referir ao horizonte temporal em que esta se concentrou, consideramos buscar as contribuições de Capela (2010) e do Instituto Diplomático de Portugal, para perceber como estava organizado a educação na era pré-colonial.

Desde que os primeiros homens habitaram Moçambique até à penetração colonial portuguesa iniciada em 1885 com a Conferência de Berlim (sobre a partilha de África) até à acupação colonial militar efectiva em 1914, predominou a educação informal e não formal caracterizado pela inserção social dos indivíduos pela aprendizagem da caça e recolção (tradição dos Khoisani nos séculos I e IV DC); agricultura e metalurgia do ferro (tradição dos Bantu nos séculos I e IV DC), ritos de iniciação, educação sexual, construção de habitação, defesa-segurança, tecelagem, pesca, olaria, manufatura, trocas comerciais com povos árabes e indús.

Portanto, desde que Moçambique existe como espaço habitado por homens e mulheres formando diferentes organizações sociais, uma forma de educação esteve associada à inserção dos seus novos membros na vida do grupo, da família. A estrutura da educação era baseada na “família alargada” (pai/mãe, irmão/primos, tios/avós paternos e maternos) - núcleo ao redor.

Este tipo de educação encontra enquadramento no conceito de educação tradicional de Golias (1993, p. 12) – “educação que visa uma tripla integração do indivíduo: pessoal, social e cultural” através dos valores culturais de um povo (suas ideias, sentimentos, crenças, hábitos e aptidões). A educação tradicional é caracterizada por um forte pragmatismo dos métodos. O jovem aprende sobre uma atividade no campo prático dessa atividade, cabendo ao adulto/senior a tarefa de orientar e aconselhar nestas aprendizagens.

É pertinente lembrar que a ideia de escola como instituição de educação formal tem origem nas escolas de educação informal da Grécia antiga e Egípto, voltadas a educação das

elites, “jovens de famílias tradicionais da antiga nobresa ou pertencentes a famílias de comerciantes enriquecidos” (Aranha, 2013, p. 112). Estas escolas só foram transformadas em escolas de educação formal e multitemáticas (com disciplinas básicas de hoje) nos séculos XIX e XX, com a democratização do ensino e ampliação da oferta.

O ideal da educação esteve voltado para a inserção social e ao aprimoramento das técnicas para a sobrevivência, desenvolvidas na prática através de atividades tais como; a caça, recollecção, agricultura, metalurgia, construção de habitação, defesa-segurança, tecelagem, pesca, olaria, manufatura, participação em ritos de iniciação, educação sexual, trocas comerciais. (GOLIAS, 1993)

### **Educação na era colonial**

Na era colonial, a educação dos moçambicanos – indígenas/nativos – visava a sua “civilização” pela assimilação dos valores da cidadania portuguesa, como converter-se ao cristianismo, renegar os seus costumes nativos e viver em obediência ao cânone europeu. Nesta era, segundo Bono (2015, p. 120), a educação não tinha relação alguma com os problemas de Moçambique e sim, com a criação de condições que facilitassem as deslocções dos portugueses em todo o país e por entre os outros países constituintes do Império Português.

A assimilação “consistia em europeizar os povos dominados, desnaturalizando-os quer através da escola quer através de outros meios de difusão e propaganda do seu aparelho ideológico” (GOLIAS, 1993, p. 31).

Nesta era, o moçambicano – negro – “passando por certos testes, tornava-se assim de imediato, ‘branco’ em vez de preto”. Só assim é que o assimilado português preto podia usufruir de certas regalias da época, tais como:

- Ter Bilhete de Identidade e Passaporte;
- Os seus filhos poderem frequentar a escola do Estado;
- Ter precedência sobre outros nativos;
- Ter direito a voto;
- Deixar de pagar o imposto de palhota passando a pagar o imposto de rendimento como qualquer outro europeu. (GOLIAS, 1993, p. 32)

O ensino primário dos moçambicanos – “indígenas” – era dirigido pela Igreja Católica, representando a unidade entre o ensino e a religião. Este ensino foi criado por

“Diploma Legislativo nº 238 de 16/5/1930, [compreendendo] três ramos: 1º Ensino Primário Rudimentar; 2º Ensino Profissional; 3º Ensino Normal.” (GOLIAS, 1993, p. 46)

Da grade curricular Ensino Primário Rudimentar destacamos a disciplina de “Educação Moral e Canto Coral” enquanto no Ensino Normal, “Pedagogia, Moral e Cívica”. Embora os conteúdos destas disciplinas não estejam apresentados no texto de referência (GOLIAS, 1993), acreditamos que na ementa das mesmas não constariam temáticas relacionadas com a filosofia *a munhu i munhu ka vanhu*, considerando a intenção de europeizar os moçambicanos (nativos/indígenas) por meio do sistema educacional implantado pelo colonialismo português nas suas colónias.

### **Educação pós-colonial**

Após a independência de Moçambique a 25 de Junho de 1975, o Governo de Moçambique consagra a educação como um direito constitucional a todo o cidadão nacional, cuja a materialização exigiu do Estado uma série ações desde a ampliação da rede escolar, reformas nas políticas educacionais, a formação de professores, etc. (GOLIAS, 1993)

Golias (1993, p. 65-69) propõe a divisão da educação pós-colonial em três períodos, nomeadamente: a) 1975-1979; b) 1979-1985 e c) 1985-1992. Esta divisão encontrasse assente no crescimento dos efetivos escolares, alargamento e melhoramento da rede escolar, as reformas curriculares sucessivas (1975, 1977, 1983), assinatura de acordos internacionais sobre políticas para a educação (Declaração Mundial sobre Educação para Todos, 1990 na Tailândia). É importante considerar que muitas das metas do setor da educação ficaram comprometidas devido à guerra civil (guerra de desestabilização) no país, entre outros fatores.

Propomos subdividir a educação na era Moçambique independente do colonialismo português em dois momentos, tendo como base a Constituição da República Popular de Moçambique de 1983 (Regime Socialista e monopartidário) e a Constituição da República de Moçambique de 1990, conjugada com a Constituição da República de Moçambique de 2004 (Regime Capitalista/Democrático e multipartidário). Assim temos:

a) 1975 - 1992 – Sistema Nacional de Educação, mais tarde designado de Antigo Sistema de Educação (ASE): Lei nº 4/83 de 23 de Março (PCEB, p. 16). O período 1975-1992 subdivide-se, ainda, em dois:

- Período 1975-1983, a educação era fruto de combinação de características da educação colonial portuguesa e da educação nas zonas libertadas pela FRELIMO<sup>23</sup>.
- Período de 1983-1992, a educação apresenta características genuinamente moçambicanas, refletindo a constituição da República de 1983, Lei nº 4/83 de 23 de Março.

Com a Lei nº 4/83, de 23 de Março de 1983, o ideal da educação era a formação do “Homem Novo”, um homem/mulher livre de obscurantismo, da superstição e da mentalidade burguesa e colonial, um homem/mulher que assumisse os valores da sociedade socialista (BOLETIM DA REPUBLICA, 1983: art. 4). “Educar para afrontar os problemas reais do novo Moçambique” (BONO, 2015, p. 120).

b) 1992 - (aos dias de hoje) - Sistema Nacional de Educação (SNE): Lei nº 6/92 de 6 de Maio (PCEB, p. 16). Neste período, o ideal da educação é a unidade nacional, a consolidação da democracia, a erradicação do analfabetismo e da pobreza absoluta, o domínio da ciência e da técnica, bem como a formação moral e cívica dos cidadãos.

### **Desafios de uma pragmática de educação para valores**

Nações diferentes têm concepções diferentes da educação. Um Engenheiro Informático retorna à povoação e percebe que é ignorante em muitos aspectos da comunidade: construir armadilhas, construir palhota, fala mal a língua local, não serve como ançião porque perdeu os valores da tradição e não pode ser conselheiro. (GOLIAS, p. 26)

No ensino básico moçambicano, a educação sobre valores é discutida na Disciplina Moral e Cívica (PCEB, 2003). No ensino secundário, esta disciplina não tem continuidade, o mesmo pode se dizer em relação ao ensino superior, havendo cursos específicos oferecendo graduação nesta área. Neste contexto ocorre a descaracterização da escola enquanto espaço legítimo da vivência de valores e reflexão sobre o agir humano.

A educação formal (escola) pode capitalizar as aprendizagens da educação tradicional através da promoção de atividades que suscitem o trabalho no coletivo de forma colaborativa, o respeito pelas senioridades, desenvolvam o espírito de ajuda mútua, consolidem a noção de família alargada e suas implicações, responsabilidade com a vida sua e a do outro, o respeito

---

<sup>23</sup> FRELIMO acrónimo para a Frente de Libertação de Moçambique. A FRELIMO foi fundada em 25 de Junho de 1962, como movimento nacionalista, com objetivo de lutar pela independência de Moçambique do domínio colonial português. Foi transformado em partido político (Partido Frelimo) no 3º Congresso realizado em 1977.

pelas diferenças e a convivência com o outro, bem como com o ambiente como condição de sua própria existência.

Pensando a vivência prática de valores na escola e a partir de atividades curriculares, a introdução de disciplinas que tratem especificamente deste conteúdo e/ou que os mesmos fossem tratados como temas transversais em todas outras disciplinas escolares sempre que as temáticas e as condições o permitirem, seria um contributo na linha da educação para valores. Neste caso, caberia aos gestores educacionais, professores e conselho de pais<sup>24</sup> se organizar para esse efeito, pois, como educadores somos atores sociais que tomamos parte dos acontecimentos que configuram as nossas sociedades, não temos como ficar isentos. Se quisermos ser/agir eticamente responsáveis temos de assumir o nosso “não álibi” na existência, no acontecimento (Bakhtin, 2012) condicionado pela singularidade e insubstituíbilidade do nosso lugar no mundo desses acontecimentos.

Através de pequenas ações. A partir do meu lugar na escola/meu setor de atividade. In(terv)enção (AXT e KREUTZ, 2003; AXT, 2008; AXT, 2011a), em micro-espacos. Ações menores, resultados maiores/significativos – com Deleuze e Guattari (1977) – na obra “Kafka: por uma literatura menor” (várias entradas e saídas formando o rizoma de uma toca, tramando vários becos sem saída. Cada entrada conduz a um ponto diferente do mesmo rizoma).

Uma máquina de Kafka é constituída por conteúdos e expressões formalizados em graus diversos, assim como por matérias não formadas que aí entram, daí saem e passam por todos os estados. Entrar, sair da máquina, estar na máquina, caminhar ao longo dela, aproximar-se dela, isso ainda faz parte da máquina: são os estados de desejo, independentemente de qualquer interpretação. A linha de fuga faz parte da máquina. No interior ou no exterior, o animal faz parte da máquina-toca. O problema: de modo algum ser livre, mas encontrar uma saída, ou então uma entrada, ou então um lado, um corredor, uma adjacência, etc. Talvez seja necessário levar em conta vários fatores: os próprios homens são peças da máquina, a posição do desejo (homem ou animal) em relação a ela. (DELEUZE e GUATTARI, 1977, p. 13, 14)

A metáfora de Kafka foi usada para questionar os paradigmas hegemônicos, o menor possui mais condições de se materializar, é revolucionário. Neste ponto, vale lembrar o dito popular “quem tanto abarca, pouco aperta”.

A ética começa nas pequenas atitudes/agenciamentos do dia-a-dia, como o respeito dentro das famílias, escola, trabalho, na aceitação das diferenças, na honestidade no trabalho, na aceitação das diferenças, no assumir os erros próprios e no compromisso de fazer o melhor em qualquer atividade em que estiver inserido.

---

<sup>24</sup> Trata-se do conselho de pais e encarregados de educação, um órgão que, nas escolas moçambicanas, tem a função de articular a participação ativa dos pais e encarregados de educação na vida dos seus educandos junto a escola. Neste caso especial, caberia a este órgão propor temáticas ligadas aos valores da sua sociedade/comunidade que gostariam de ver experienciadas no ambiente escolar.

Ético não é apenas o resultado do nosso agir, mas o processo todo de elaboração de um ato (fala, pensamento, desejo, sentimento, ação) será ético no sentido de contemplar o outro. Eu entro numa relação de empatia com o outro (estar junto com o outro), abrindo a um contexto problemático para entendê-lo a luz dessa contingência e aí, a minha entonação, a vontade, a emoção vão constituir o meu tom “emotivo-volitivo” (BAKHTIN, 2012, p. 90) configurando, ao mesmo tempo, um ato ético de compartilhamento, e um ato estético como apreciação desse experiência conjuntamente vivenciada.

“Nesse sentido, Bakhtin considera vital, em todo empreendimento humano, evitar a separação entre ‘o conteúdo ou sentido de um dado ato/atividade e a concretude histórica do ser desse ato/atividade, a experiência atual e uni-ocorrente dele’ ” (SOBRAL, 2008, p. 226), separação que a seu ver atinge tanto o pensamento teórico discursivo (as ciências naturais e na filosofia) como a descrição-exposição histórica e a intuição estética. O “conteúdo ou sentido do ato/atividade” refere-se ao produto do ato, aquilo que o ato gera; a “experiência atual e uni-ocorrente” do ato é o processo do ato, que se atualiza (se realiza) numa situação concreta que não permanece imutável e, portanto, ocorre uma única vez” (SOBRAL, 2008, p. 226).

### **2.3 Desdobramento do contexto inicial da pesquisa**

De que formas, uma visão das TIC, não tanto quanto ferramenta de vinculação de conteúdos, mas despertando, possibilitando a realização de encontros dialógicos entre os sujeitos, num ordenamento estrutural flexível, interativo, ético e político, demanda mudanças na estrutura de organização do Processo de Ensino-Aprendizagem e que implicações têm na aprendizagem dos educandos?

O estudo tem a pretensão de propor discussões que dêem visibilidade às relações ético-políticas do indivíduo no coletivo assente na atividade da escuta do outro, operacionalizada em estratégias de problematização de **dilemas éticos** em informática, com estudantes de graduação, a partir de conteúdos de uma disciplina desse curso. A discussão de dilemas éticos poderá permitir delinear horizontes de ação de um coletivo frente aos processos existenciais agenciados na vida, abrindo pistas para uma visão de mundo, proporcionando acabamentos provisórios a serem desenhados pelo indivíduo/coletivo/pesquisador como efeito apreciativo dos eventos dialógicos no coletivo.

Numa primeira aproximação, consideramos o dilema ético como uma situação problema, cuja solução se efetiva a partir de alternativas ou premissas contraditórias e

mutuamente excludentes, partindo duma reflexão prévia sobre o comportamento e decisão, visando salvaguardar o respeito às relações humanas; porém, incluem-se também aquelas situações em que nenhuma solução é satisfatória do ponto de vista ético de respeito aos direitos humanos, ambientais e dos animais. Esta noção de dilema é válida, via de regra, em situações em que duas opções já estariam dadas de antemão.

Contudo, se considerarmos um cenário em que o estudante implicado é capaz de criar, inventar soluções, mesmo que provisórias, para sair eticamente da situação problema, não estaríamos vivenciando o desdobramento do dilema oferecendo mais que duas opções - ou isto ou aquilo; mas reverberando-o em múltiplas possibilidades de saída e que podemos nomear como "polilema ético"? Polilema ético, pelo facto da saída ao problema, enunciada pelo estudante, estar relacionada ao ato ético de escuta e acolhimento de muitas vozes<sup>25</sup>, "apontando para a diversidade, a multiplicidade, a complexidade" (AXT, 2011a, p. 47-48) dos posicionamentos ético-políticos, dos estudantes e do professor, nesse ambiente de discussão dialógica. Nesse caso, o dilema vai além das escolhas bipolares, mais como linhas de fuga<sup>26</sup>, fornecendo pontos de vista diversos sobre a situação, apontando para uma abertura e acolhimento da solução, mesmo que temporária, diante de um problema ou impasse concreto (real ou virtual/imaginário).

Este é um percurso que nos propomos experimentar e que vem constituindo, segundo Axt (2007), o *modus operandi* das pesquisas no LELIC na UFRGS; uma metodologia que prevê estudos no contexto problemático e levantamento de múltiplas possibilidades, de certo modo, inventadas, já que não se espera que estejam dadas de antemão.

Os pesquisadores do lelic têm por objetivo comum a busca de novos modos de operar nos contextos educativos e de investigação, com metodologias alternativas de produção e de in(ter)venção que incluem as tecnologias, desde as mais convencionais às digitais (AXT, 2007).

É justamente esta criação de múltiplas possibilidades de saídas à situação problema, às vezes inusitadas, que vincula esta proposta a uma dimensão ética, como também, estética.

Dada a natureza da pesquisa, que coloca o diálogo e o dilema ético como dinamizadores principais de estratégias de aprendizagem - relacionadas a valores éticos

---

<sup>25</sup> Na perspectiva bakhtiniana, o termo "voz" refere-se à consciência falante que se faz presente nos enunciados. Tal consciência não é neutra, está sempre refletindo percepções de mundo, juízos e valores. (SOUZA, 2011, p. 3)

<sup>26</sup> Conceito de Deleuze e Guattari. Linhas de fuga como vetores de "desorganização" ou de "desterritorialização" que permitem um "corte" no caos e seu enfrentamento. São linhas de intensidade que permitem seguir outras direções abrindo espaço para novas criações, novas produções de sentido e multiplicação de conexões. Não se trata de fugir (abandonar, mudar de vida) e sim, de fazer fugir as certezas sobre o caos, deixando-se afectar pela vivência da situação, para se abrir a um novo horizonte além do dado não dado, no mesmo plano, o de imanência. (DELEUZE & GUATTARI, 2007)

(axiológicos) no coletivo e no contexto escolar; e aliados ao referencial teórico assumido - que tem por base uma perspectiva bakhtiniana com relação ao estudo do fenômeno da linguagem e das interações nesses ambientes de aprendizagem - é que cabem reflexões<sup>27</sup>, ainda que iniciais, sobre a questão ética na perspectiva do dialogismo bakhtiniano, para, a partir daí, elaborar elementos que constituam um arcabouço analítico pertinente com os objetivos do estudo. A questão do ato ético, do ato estético como agir ético-estético, encontra-se presente no conjunto da obra de Bakhtin e, de modo particular, em “Para Uma Filosofia do Ato Responsável”.

Destaca-se em toda essa diversidade, e mesmo fragmentação, a unidade não das obras em si, mas da perspectiva a partir da qual se desenvolveram. Para ver a coerência das concepções de Bakhtin, é a meu ver suficiente atentar para um importante dado sobre sua unidade: um texto de 1974 (um ano antes da morte de Bakhtin), que trata de uma “metodologia das ciências humanas”, retoma diretamente, desse ponto de vista, um esboço da década de 1940, remetendo ao texto depois denominado *Para uma filosofia do ato*, que é da década de 1920, e que se vincula não só a “Arte e Responsabilidade” (1919), como a “Discurso na vida e discurso na arte” (1926) - cada um com seu foco específico. (Sobral, 2008, p. 222)

Segundo Ponzio (2012), o discurso sobre o ato ético foi iniciado entre 1920 e 1924 com o título original “*K filosofii postupka*”<sup>28</sup> e envolve três centros de valores, o *eu-para-mim*, o *outro-para-mim* e o *eu-para-outro* - a arquitetônica de Bakhtin. Esta arquitetônica transpassa/atravessa toda a obra de Bakhtin, de modo particular, os textos “Para uma Filosofia do Ato Responsável”, “Estética de Criação Verbal”, “Questões de Literatura e Estética”. O *eu-para-mim*, o *outro-para-mim* e o *eu-para-outro* constituem a determinidade axiológica da vida do *eu/outro*, seus momentos centrais emotivo-volitivos<sup>29</sup>, em torno quais se organizam os demais momentos constitutivos do sujeito, o mundo da vida (o mundo em que o ato singular ocorre) e o mundo da cultura (o mundo em que se objetiva o ato da actividade de cada um).

A realização axiológica da minha existência como acontecimento único e singular só é possível na relação de empatia<sup>30</sup> eu-outro. O eu não se basta a si mesmo, do mesmo modo que

---

<sup>27</sup> Trata-se de reflexão de conceitos, tais como: ato ético, arquitetônica, dialogia, exotopia, polifonia, escuta, ética-estética (na perspectiva bakhtiniana), que vão sustentar a análise das produções dos dilemas éticos com os estudantes.

<sup>28</sup> “*K filosofii postupka*” significa “Filosofia do ato” - na tradução feita no âmbito anglófono -, “Para uma filosofia do ato” - na tradução da edição americana (PONZIO, 2012, p. 9).

<sup>29</sup> O que me afecta no ato/agir ético, o que me permite consolidar o meu compromisso de participar responsabilmente no ato. Percepção das manifestações (vontades, desejos, sentimentos, emoções,...) do homem interior vivenciáveis na relação *eu-outro* a partir das suas posições únicas e singulares no existir-evento. Não posso saber/autocontemplar o quanto me afecta-emociona um beijo se não beijar, um abraço se não abraçar. O tom emotivo-volitivo tem a ver com o entendimento do mundo/evento por via dos afectos, da interpretação e não por via da representação e explicação apenas.

<sup>30</sup> Entrar em empatia com o outro significa ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de

o outro não é auto suficiente, um certo grau de excedente de visão estética é necessário. E, como nos fala Bakhtin (2011, p. 341), “ser significa ser para o outro e, através dele, para si”. Este é o maior ensinamento e o princípio que rege a convivência (ética) no coletivo presente no *Ubuntu* e na expressão *a munhu i munhu ka vanhu*. Com base em Kashindi (2015), filósofo congolês, podemos afirmar que “*Ubuntu*” e “*a munhu i munhu ka vanhu*” constituem o fundamento da concepção humanista da filosofia africana de uma potência tal que em alguns casos, como por exemplo, na República da África do Sul, foi levado à arena política para criar uma identidade includente (eu sou porque nós somos, e dado que somos então eu sou<sup>31</sup>), reformulando a concepção de uma identidade excludente (eu sou porque tu não és) do regime do *apartheid* (segregação/separação).

O *apartheid* foi um regime de segregação racial que vigorou na República da África do Sul entre 1948 e 1994, que defendeu a privação da cidadania, do acesso à educação, saúde e outros serviços públicos, aos negros em detrimento dos brancos. Este regime foi deposto em 1994 sob a liderança de Nelson Mandela, como corolário da sua vitória nas eleições multirraciais e democráticas em 1994, consubstanciando um conjunto de reformas e negociações, para acabar com o regime de *apartheid*, iniciadas pelo presidente Frederik Willem de Klerk devido ao crescente número de protestos e revoltas populares e a pressão internacional. (Pereira, 2010)

“Eu sou porque nós somos, e dado que somos então eu sou” equivale aos fundamentos da moral do respeito recíproco que representa uma ética de cuidado com o outro na perspectiva bakhtiniana.

O excedente de visão é uma categoria estética que permite aos sujeitos éticos-cognitivos (eu-outro), em interação, acessar mutuamente o inacessível<sup>32</sup> a um e ao outro a partir da sua posição singular e única no mundo. Para Axt (2011a, p. 49), “a relação *eu-outro* sempre é uma relação de ‘intervenção’, constitutiva tanto do *um* como do *outro*.” Embora o ético-cognitivo possa estar imbricado na relação eu-outro, trata-se duma intervenção que é responsável pela estetização do eu pelo outro, pelo seu acabamento exterior e interior (alma em Bakhtin) em um novo plano axiológico de existência. Tal acabamento, de mim pelo outro, se dá no outro pela sua compreensão activa e emotiva-volitiva dos elementos que me são

---

visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento. (BAKHTIN, 2011, p. 23)

<sup>31</sup> Kashindi (2015) empresta este enunciado do escritor e filósofo queniano John Mbiti.

<sup>32</sup> Trata-se de acessar o horizonte externo, o que está atrás e as expressividades afectivas (tons emotivos-volitivos). Este acessar permite elaborar um acabamento provisório do outro, pois ele cessa quando outra alteridade/consciência entra e participa na jogada. (BAKHTIN, 2012)

inacessíveis e transgredientes pela posição única e singular que ocupa em relação a mim no existir-evento. O eu e o outro povoam um tempo-espaço únicos e singular ativos, existem como *acontecimento*<sup>33</sup>.

Axt (2011a, p. 49) propõe-nos a compreensão do *eu-para-mim*, o *outro-para-mim* e o *eu-para-outro* nos seguintes termos:

- a) O *eu-para-mim* se constitui *de dentro* de si, na medida em que se dá o reconhecimento de que *eu*, o *um*, existo: *existo em toda a plenitude realizadora dessa afirmação, assumindo a obrigação de dizer esta palavra!* Sendo este o *ponto de origem da ação responsável* de um *eu* que reconhece que *nada no Ser, além de mim mesmo é um eu-para-mim*, um *eu* que precisa dizer a sua palavra, só *eu* pode dizê-la desde aquele lugar no Ser, enquanto único.
- b) O *outro-para-mim* é o não eu, um outro para o *eu*, em duas dimensões: (a) na medida em que o *um* dá de encontro com um *outro* (*não-eu*), esta contraposição o faz reconhecer-se como um *eu* – eu único em sua unicidade no Ser – sendo que, neste sentido, este *outro* é sempre constitutivo do *eu*, e reciprocamente, este *outro* se torna um existente a partir de um *eu* que o percebe, a ele não sendo indiferente; (b) na medida em que é a este *outro, não-eu* que a ação do *um* se dirige, a ele respondendo responsabilmente.
- c) O *eu-para-outro* se constitui na relação inversa eu-outro, *eu* se constituindo em *outro* para um *outro* agora *eu*.

Podemos dizer que o *eu-para-mim* é o “Presidente do Conselho de Administração” da minha possibilidade de agir, de afirmar e de reconhecer a mim mesmo, bem como os outros centros de valor que participam na determinidade do meu agir/existir-evento.

O excedente da minha visão e do meu conhecimento (de mim, do outro, do mundo) é condicionado pela singularidade e insubstitubilidade do meu lugar no mundo, do meu não álibi no existir e no agir como eventos. Assim, o excedente de visão é a chave da compreensão/interpretação<sup>34</sup> do enunciado (mundo interior e exterior), do meu enunciado pelo outro e do seu enunciado por mim.

Eu mesmo sou a condição da possibilidade da minha vida, mas não sou seu herói no plano dos valores. Não posso viver o tempo emocionalmente condensado que engloba minha vida. Meu tempo e meu espaço-tempo são o tempo e o espaço do

---

<sup>33</sup> Bakhtin (2011), Deleuze e Guattari (2007) e Axt (2011a) nos falam do existir como *acontecimento*.

<sup>34</sup> Entendemos interpretação como diálogo, como o exercício da liberdade humana. Na perspectiva bakhtiniana o sujeito é livre e vivencia a produção dos sentidos como construção da sua reação resultante da participação responsável no evento. (BAKHTIN, 2012)

autor e não da personagem, neles só posso ser esteticamente ativo em relação ao outro que eles englobam e não esteticamente passivo, posso justificar e concluir esteticamente o outro mas não a mim mesmo. (BAKHTIN, 2011, p. 97)

Axt (2016), constroi um pensamento que associa excedente de visão à interpretação dialógica/responsiva e ao acabamento estético, pela possibilidade de movimento exotópico em relação aos processos enunciativos em curso, sendo a in(ter)venção a dinamizadora da transformação interna contínua desse processo enunciativo. É essa transformação interna contínua do processo enunciativo está inscrita num cronotopo (com referência a Bakhtin) que perdura no tempo no tempo da duração (com referência a Bergson) e o inscreve na esfera do inacabamento, da inconclusibilidade. Para a autora, a interpretação responsiva, e o gesto que a instaura, pode vir a ser uma produção expressiva (criadora) que desacelera a processualidade enunciativa em curso, pela intervenção que atualiza enunciados expressivos, portanto, produzindo um acabamento estético, abrindo brechas para novos agenciamentos (com referência a Deleuze). Desta forma e segundo a autora, podemos falar em interpretação como um movimento dupla natureza: ética e estética.

A interpretação é ética, por seu caráter empático de implicação responsável que quer uma escuta sensível, que vai ao encontro do outro e de seus universos de possibilidades. A interpretação é estética, por sua potência de produzir acabamentos transitórios (e, por isso também, contínuos e inacabados) que emergem em meio aos sentidos de um certo todo enunciativo em movimento, e em relação de tensão com este todo agenciado por implicação de empatia. (AXT, 2016, p 39)

Na presente pesquisa, o ato ético é vivenciado enquanto processo de tomada de posição articulado ao que se produz no ambiente/contexto em que se problematizam os dilemas éticos, cuja materialidade são os enunciados (orais e escritos, verbal e extra/não-verbal) dos estudantes e do professor como momentos de sua existência axiológica e como centros de valores.

Segundo Bezerra (2011, p. 261), tradutor de Bakhtin (2011), Bakhtin emprega o termo enunciado para se referir ao ato de produção do discurso oral e do discurso escrito, não fazendo distinção entre enunciação e enunciado. Na raiz destes dois termos (enunciação e enunciado) está a palavra *viskázivanie* (em russo) que significa “ato de enunciar, de exprimir, transmitir pensamentos, sentimentos, etc” (BEZERRA, 2011, p. 261), que Bezerra traduz por enunciado.

Os enunciados constituem os elementos instauradores do discurso na sociedade, refletem as condições específicas de materialização da língua em linguagem nos diversos campos de atividade humana e vivências sociais. A linguagem corresponde aos usos da língua

nas suas diversas formas de manifestação (verbal, extraverbal), vinculando discursos passíveis de compreensão e interpretação pelos sujeitos, tendo como referência o seu envolvimento com o contexto da enunciação; os fatores históricos, físicos, socioculturais.

Com base em Bakhtin (2011), podemos afirmar que todos os campos de atividade humana estão ligados aos usos concretos e únicos da linguagem. Por exemplo, a missa na igreja, a aula na escola, a palestra num auditório, teatro no palco, audiência jurídica no tribunal, a defesa de tese na academia, a bula na farmácia). Estes enunciados – missa, aula, tese, teatro, audiência jurídica, bula – correspondem a tipos de enunciados usos da língua historicamente construídos nas diferentes esferas de atividade humana a que dizem respeito e, compõem os gêneros de discurso.

Bakhtin (2011, p. 262) designa por gêneros de discurso os “*tipos relativamente estáveis de enunciados*”. Por que *relativamente estáveis*? Trata-se dum conjunto de usos da língua com determinadas características. Tomemos como exemplo alguns dos tipos de enunciados anteriormente referidos. A defesa de tese. A defesa de tese pode ocorrer numa sala convencional, num auditório, praça pública, etc. Contudo pelas suas peculiaridades, para o público iniciado nessa matéria, não se confundirá com uma aula, uma palestra, um comício político. Por outro lado, teses desenvolvidas em áreas específicas do conhecimento poderão exibir diferenças substanciais relativas, sem no entanto perderem as características que as configuram como teses.

Discurso é a 1) exposição metódica sobre certo assunto ou 2) peça oratória proferida em público (Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa). Este conceito é empregado de forma diferenciada em função das diversidades de situações do cotidiano tendo, com efeito, múltiplos significados (mensagem, explanação de um conjunto de idéias, comunicação). Em todas estas situações, o discurso tem por objetivo comunicar algo a um determinado público vinculando ideias do enunciador individual/coletivo. Desta forma o enunciado que estamos construindo se circunscreve no gênero de discurso acadêmico.

Ao participar do debate sobre uma questão ética que permeia o conteúdo cognitivo/técnico, os estudantes e professor (parceiros de pesquisa) operam com a noção de “enunciado como unidade de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 276), dialogizada pela escuta e alternância dos sujeitos falantes marcada pela intonação, momentos de silêncio e sinais de pontuação delimitando esses enunciados aí produzidos (em sala de aula presencial e no ambiente virtual de aprendizagem). Dessa maneira, o enunciado pode ser entendido como “um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos

elos precedentes que o determinam tanto fora quanto dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas.” (BAKHTIN, 2011, p. 300)

Na mesma linha de Bakhtin (2011), entendemos que um enunciado não é obra do acaso e é irrepetível, o enunciado não é um dado explícito ou uma entidade plena em sí, é produzido por um sujeito histórico e recebido por outro, portanto, a enunciação demanda uma relação no tempo-espaço determinados entre sujeitos sociais (enunciador-receptor) com os seus valores axiológicos, suas culturas e convicções, onde diferentes vozes se imbricam e diferentes sentidos são produzidos – a realização do enunciado é um acontecimento. Novos sentidos se instauram no encontros entre os sentidos. Aqui, mais um dilema que nos acompanha nesta pesquisa: com base nos enunciados dos estudantes e professor (parceiros da pesquisa), como construir um enunciado que faça um acabamento estético (com referência a Axt, 2016) das diferentes vozes-sentidos capturados na problematização dos dilemas éticos?

Acontecimento é o sentido que a proposição/enunciado produziu no eu e no outro, como resultado do embate entre os seus enunciados. Nesse embate dialógico algo novo se produz sinalizando para durabilidade que se vai fazer reverberar em outros contextos dialogais, por isso trata-se de acontecimento enquanto produção de sentidos.

Segundo Axt (2016), este acontecimento – produção de sentido – tem como precursor a interpretação como dispositivo de in(ter)venção fundada na arquitetura dialógica, considerando o contexto enunciativo, o interpretador enquanto interlocutor com as sua entonação emotiva-volitiva, agenciando novas enunciações no tempo-espaço e tempo-duração no qual deslizam esses processos enunciativos.

O gesto de interpretação (numa linha que busca a dialogia bakhtiniana, para encontrá-la como o tempo da duração bergsoniano) acolhe uma produção vocal-entonacional de sentido, a qual emerge do encontro de enunciados, encontro esse instaurado no coletivo de enunciação (do qual faz parte o interpretador enquanto interlocutor). Tal produção de sentido põe-se, impõe-se ao interpretador, querendo ser enunciada – produção, enquanto efeito do que aí (no coletivo) se encontra em tensão: percepções, afetações, emoções, acentos apreciativos de valor. (AXT, 2016, p. 32)

Deleuze e Guattari (2007, p. 34) nos falam que, “Se um conceito é ‘melhor’ que o precedente, é porque ele faz ouvir novas variações e ressonâncias desconhecidas, opera recortes insólitos, suscita um Acontecimento que nos sobrevoa.” Para Axt (2008, p. 97),

“cada encontro entre sujeitos de linguagem adquire o caráter de *acontecimento*, por sua natureza de imprevisibilidade relacional e de sentidos: a expressão dos sentidos mediados pela linguagem, as produções de enunciados, de textos-linguagens, estão sempre na iminência de encontro com outros enunciados, com outros textos-linguagens, podendo engendrar, nos pontos de contato (que são constitutivos de contextos), outros enunciados, outros sentidos (sempre em devir, em *acontecendo*).”

Com base em Axt (2016), podemos entender a enunciação enquanto produção de sentidos e como acontecimento/devir uma vez que nos captura e nos leva para outros horizontes além da planificação inicial e, sempre atravessados de valores axiológicos que deslizam por entre esses planos (dos sujeitos éticos). Um enunciado é uma potência de criação de novos sentidos, ele é responsivo e move a responsabilidade do enunciador/autor e remete a um agir responsável (responsabilidade) do seu receptor. Assim, o acontecimento é inseparável do sentido do enunciado e do seu devir no tempo-espaço determinado, o acontecimento inquieta.

Os enunciados refletem as condições específicas e as finalidades do campo da atividade humana e da vida (a que estão ligados) pelo seu conteúdo, estilo de linguagem e construção composicional. Brait e De Melo (2014, p. 63) afirmam que a “frase” ganhará sentido diferente nessas diferentes realizações “enunciativas”. Por exemplo, um texto acadêmico (apresentado por um profissional de saúde) sobre a prevenção da Dengue, escrito e apresentado com as mesmas palavras, vai ter uma receptividade diferente em função do público (na faculdade, no mercado, na televisão,...) que o ver, ler e ouvir. O enunciado/enunciação é ético-dialógico, demanda o outro na perspectiva bakhtiniana do eu-para-mim, outro-para-mim, eu-para-outro. Portanto, demanda um *eu*, enunciador (que fala, escreve) e um *outro*, receptor (que ouve, lê, responde). Trata-se de um receptor que participa ativamente na enunciação, interferindo na subjetividade do enunciador quando constrói o enunciado e agindo responsivamente ao conteúdo da idéia/pensamento enunciado, quer pela compreensão ativamente responsiva silenciosa, quer pela ação responsiva baseada nessa compreensão/sentido.

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. (BAKHTIN, 2011, p. 302)

Enquanto os nossos parceiros de pesquisa (estudantes e professor) contemplam as ideias, pontos de vistas e opiniões dos outros na construção de seus enunciados, são estabelecidas relações de sentido entre esses enunciados, do enunciador-receptor (estudante-estudante/estudante-professor) nesse ambiente conversacional/dialogal. Este tipo de interação em que há um cuidado com os sentidos aí produzidos, em que os enunciados do outro se deixam reverberar na construção do meu enunciado, são de natureza dialógica. Bakhtin nos fala que a vida é dialógica por natureza. “Viver significa participar do diálogo: interrogar,

ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos” (BAKHTIN, 2011, p. 348). Para Fiorin (2006, p. 55), “o dialogismo é princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação”.

Segundo Fiorin (2006), o dialogismo é o princípio constitutivo do enunciado que considera todo o enunciado constituir-se a partir de outro enunciado. O dialogismo preconiza uma interação viva e tensa entre os enunciados, uma relação dialógica entre enunciadador e receptor. Nessa interação há ao menos duas vozes (harmoniosas ou conflitantes) em diálogo – polifonia – vozes sociais e individuais. É também este conceito de polifonia que Félix Guattari usa para construir a noção de subjetividade.

As relações dialógicas tanto podem ser contratuais ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de aceitação ou de recusa, de acordo ou de desacordo, de entendimento ou de desinteligência, de avença ou de desavença, de conciliação ou de luta, de concerto ou de desconcerto. (FIORIN, 2006, p. 24)

Nesse tipo de interação, a escuta sensível (AXT, 2012; 2016) e desinteressada<sup>35</sup>, empática (simpática-antipática) é a chave de acesso ao outro, das suas opiniões, percepções, posicionamentos e preferências. Na escrita acadêmica há pouco espaço para o monólogo, porque nesse exercício de escrita a voz do outro se faz reverberar no enunciado em construção quando mobilizo as minhas vivências/experimentações anteriores relacionadas ao objeto da escrita, quando escuto o contexto e tudo quanto o diz respeito, tudo quanto me inspira e influencia, quando idealizo o meu destinatário e quando releio o meu texto imaginando o horizonte das possíveis críticas ao meu texto, estou a todo momento estabelecendo relações dialógicas de tal forma que o meu enunciado é polifônico.

Contrariamente ao monólogo – que é homofônico, que não admite a existência da consciência responsiva do outro, em que o outro “é mero objeto da consciência de um ‘eu’ que tudo enforma e comanda” (BEZERRA, 2014, p. 192) – a polifonia se define na sua contra-mão, aceitando a convivência e a interação de uma multiplicidade de vozes (*heterogeneidade enunciativa*<sup>36</sup>) e *consciências equipolentes*<sup>37</sup> representantes de um

---

<sup>35</sup> Em Bakhtin (2011, p. 394) é a condição de ausência de procedimento interesseiro, procedimento egoísta. Axt; Selli; Remião (2012) empregam o conceito de escuta sensível de René Barbier para discutir as relações dialógicas. “A escuta sensível reconhece a aceitação incondicional do outro. Ela não julga, não mede, não compara. Ela compreende sem, entretanto, aderir às opiniões ou se identificar com o outro, com o que é enunciado ou praticado”. (AXT; SELLI; REMIÃO, 2012, p. 6)

<sup>36</sup> Segundo Martins (2013, 43) a expressão “heterogeneidade enunciativa” foi criada por Authier-Revuz para corroborar a ideia de que “todo o discurso é permeado pelo discurso do outro”. Esta expressão pode também ser entendida a partir do dialogismo e polifonia de Bakhtin que, segundo estes pressupostos, todo o enunciado carrega consigo outros enunciados, (in)conscientemente.

determinado mundo e marcadas pelas peculiaridades desse mundo, vozes e consciências essas que se combinam numa unidade de acontecimento, mas mantendo a sua imiscibilidade (BAKHTIN, 2008, p. 4-6).

Machado e Axt (2014) reforçam o princípio da alteridade, alternância dos sujeitos falantes/enunciados, sobre um determinado objeto discursivo como constitutivo da polifonia, da relação dialógica e da capacidade do sujeito refletir sobre si. As autoras, com referência em Bakhtin, consideram que, na relação dialógica,

o 'outro' não apenas participa de uma conversa, de um diálogo, o 'outro' é imprescindível, e constitutivo *da relação na linguagem*: o outro, tanto se faz presente em diferentes planos no enunciado, podendo ser visível ou não, como também se faz presente através de outros discursos, os quais se atravessam no discurso em construção. (MACHADO & AXT, 2014, p. 58)

Mikhail Bakhtin desenvolve o conceito de polifonia a partir da interpretação do Romance de Dostoiévski nas obras “Problemas da Poética de Dostoiévski” e “Estética de Criação Verbal”, ao analisar a relação autor-herói no romance de dostoiévskiano. Esse estudo permitiu um entendimento de que a polifonia é um artifício pelo qual um enunciado novo se engendra pela combinação de vozes em relações dialógicas e mesmo como *contraposição dialógica*<sup>38</sup>. “Tudo se reduz ao diálogo, à contraposição dialógica enquanto centro. Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz nada termina, nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida”. (Mikhail Bakhtin apud Costa; Mehlecke; Reichert, 2005, p. 4)

Ao dissertar sobre a polifonia, Bezerra (2014) afirma que ela é caracterizada pela

posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Mas esse regente é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestam com autonomia e revelem no homem um outro 'eu para si' infinito e inacabável. (...) Por isso, o autor do romance polifônico não define as personagens e as suas consciências à revelia das próprias personagens, mas deixa que elas mesmas se definam no diálogo com os outros sujeitos-consciências, pois as sente a seu lado e à sua frente como 'consciências equipolentes dos outros tão infinitas e inconclusíveis' como a dele, autor. (BEZERRA, 2014, p. 194/5)

---

<sup>37</sup> Equipolentes são consciências e vozes que participam do diálogo com as outras vozes em pé de absoluta igualdade, não se objetificam, isto é, não perdem o seu SER enquanto vozes e consciências autônomas. (BAKHTIN, 2008, p. 5)

<sup>38</sup> A partir das leituras de Bakhtin e com base na citação associada a esta nota, entendemos a contraposição dialógica como o momento-espço de confrontação de enunciados/sujeitos/ideias entre os sujeitos na perspectiva da arquitetônica da relação eu-outro como centros de valores irreduzíveis um ao outro, mas que se reconhecem mutuamente e aceitam reciprocamente a relevância dos posicionamentos de um e do outro, visando a produção de novos enunciados/sentidos, novos posicionamentos. (Mikhail Bakhtin apud Costa; Mehlecke; Reichert, 2005, p. 4)

Na interação dialógica, o enunciador e o receptor situam-se dentro do texto considerando toda a sua subjetividade, o plano e o contexto conversacional.

No caso da presente pesquisa cujo foco se detem no exercício do ato ético permeando o conteúdo escolar cognitivo/técnico, os estudantes, com as suas afecções e angústias, modelam a sua subjetividade de forma (in)consciente, que os permite gerir suas inibições e pulsões<sup>39</sup>, e participam na discussão de dilemas éticos no *Forchat* (Ambiente Virtual de Aprendizagem), no Google docs (respondendo ao formulário *on line*) e em sala de aula convencional (sem intermediação de ambiente telemático ou AVA), expressando e afirmando os seus posicionamentos, construindo conceitos e conhecimentos a partir das interações no contexto e com a atmosfera da aprendizagem, fazendo uma produção de sentidos que é objeto de sua enunciação polifônica e que diz de sua apreensão de valores éticos. Estes enunciados articulam o que emerge do coletivo (sua diversidade e singularidade) nessa relação com o contexto, isentando-se de culpabilizações mútuas, mas acolhendo dialogicamente o que se cria-inventa do encontro desses enunciados, configurando um ato responsável-ético-político.

### ***2.3.1 Disparadores de Dilemas Éticos***

Considerando os espaços, em que se desenvolve a aprendizagem, como abertos para o exercício da liberdade democrática, de afirmações dos valores individuais e coletivos, as relações que neles se estabelecem são potencialmente ricas em dilemas éticos. Com base na escuta das dinâmicas que caracterizam os diferentes momentos da organização e realização do Processo de Ensino-Aprendizagem, foi possível construir uma lista de eventos e situações potencialmente geradores de dilemas éticos.

**Situação 1:** Filho(a) na fase de juventude muda de comportamento; passa a ficar mais tempo sozinho(a), discute com os parentes, amigos, abandona a escola e tem saídas clandestinas. Qual deve ser a atitude dos pais? (1) Interferir na vida do(a) filho(a) para ajudar na sua mudança de comportamento. (2) Procurar entender o que está acontecendo e procurar formas de ajudar. Justifique.

**Situação 2:** Você está dirigindo uma viatura em excesso de velocidade, sem possibilidade de frear a tempo de imobilizá-la em segurança. Em sua frente, no curso da

---

<sup>39</sup> Com referência em Sigmund Freud (1915), Durski (sd., p. 1) nomeia a pulsão como o estímulo oriundo do corpo orgânico e que atinge ou é representado pelo aparelho psíquico, sendo que tal estímulo é movido pelo princípio de prazer, tendendo à satisfação, que é sempre parcial, pois a pulsão exerce pressão constante. Podemos entender que a pulsão está no limite entre o corpo orgânico e o corpo psíquico e que tem origem no interior do organismo.

viatura, está outra viatura levando crianças à escola. O que você faria? (1) Chocar contra a viatura levando crianças. (2) Desviar a sua viatura em direção a um parente seu que caminha no acostamento da Estrada. Justifique.

**Situação 3:** Você está no limite do prazo para a submissão da documentação relativa a um concurso para o preenchimento de vaga de emprego muito bem remunerada na sua área de formação. Tendo concluído com sucesso as disciplinas do curso, só lhe falta apresentar e defender a sua Monografia Científica, que é a condição para a obtenção do certificado de conclusão do curso. Ora, fazendo buscas na Internet, você encontra uma Monografia Científica que pode adaptar para satisfazer as suas necessidades. O que você faria? Justifique.

**Situação 4:** Você vai presidir um Júri de licitação de equipamento inseminação artificial em bovinos onde você trabalha como Engenheiro Agropecuário. A sua esposa está no leito do hospital aguardando por um procedimento medico e você não conseguiu reunir o dinheiro necessário para custear as despesas. Uma das empresas concorrentes entra em contacto oferecendo-lhe um valor monetário suficiente para resolver o problema de saúde da sua esposa, na condição de obter certas vantagens, desleais, sobre os outros concorrentes. O que você faria? Justifique.

**Situação 5:** As demandas de utilização do único Laboratório de Informática, na escola onde você é gestor de TIC, foram levadas em consideração na elaboração do plano de utilização do laboratório em questão. Os horários foram tornados públicos e as aulas decorrem normalmente. Os professores e estudantes têm trinta dias para finalizar o semestre. No entanto, o Director da escola informa que há uma solicitação para usar a sala durante quinze dias consecutivos, no período laboral, por parte de uma Organização Não Governamental (ONG), com ganhos para a escola. O que você faria? Justifique o teu posicionamento.

## 2.4 Algumas referências em dilemas éticos

Para obter informações sobre outros trabalhos científicos na área deste estudo e para consequente construção do referencial teórico, foram utilizadas as seguintes bases de dados: Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (<http://www.lume.ufrgs.br/>), Web of science (<https://apps.webofknowledge.com/>), Scientific Electronic Library Online – SCIELO (<http://www.scielo.org/php/index.php>), Google Académico (<https://scholar.google.com.br/>), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD (<http://bdt.d.ibict.br/>), Revista Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Renote (<http://seer.ufrgs.br/renote/>). A

garimpagem nestes *sites* permitiu recuperar pesquisas e estudos científicos no âmbito nacional (Brasil) e publicações internacionais.

A pesquisa de trabalhos científicos (artigos, dissertações, teses, etc), nas bases de dados supra citadas, foi realizada com a utilização dos descritores “dilemas éticos”, “dilemas éticos e educação”, “dilemas morais”. Estes descritores foram eleitos em função da sua relevância e aproximação para a contribuição para a construção da presente pesquisa (dilemas éticos no coletivo: vivência de valores e o fundamento *a munhu i munhu ka vanhu*).

Os estudos recuperados estão relacionados com: (1) a ética e saúde, na perspectiva de problemas éticos em saúde na relação entre enfermeiros e usuários, dilemas legais e éticos na assistência médica; (2) ética nas pesquisas em ciências humanas e sociais e em saúde; (3) ética na área da educação. Os tópicos 1 e 2 apresentam uma concentração maior de trabalhos relacionados, já no tópico 3 (educação), há pouca produção recuperada, o que nos surpreende e aumenta o nosso interesse no âmbito da presente pesquisa.

Apresentamos a seguir alguns autores que se debruçaram sobre dilemas e que contribuíram para a construção conceitual do dilema ético em uso no presente estudo, apresentado na seção anterior.

#### **2.4.1 Michael Sandel<sup>40</sup>**

Sobre o título “Copa inspira debate e reflexão sobre ética”, o colunista Carlos André Moreira (Zero Hora, 2014, p. 15) descreve a apresentação de Michael Sandel como uma palestra transformada em aula, no dia 26 de Maio de 2014, no evento Fronteiras do Pensamento, organizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

“Sandel pediu à plateia para escolher qual entre duas declarações preferia: seria bom, apesar de tudo, o Brasil sediar a Copa, ou teria sido melhor não ser a sede e investir os recursos em outras coisas?” (*ibid*)

Sandel coloca essa questão ao seu auditório numa altura em que o Brasil (país que ia sediar a Copa do Mundo de Futebol, de 12 de Junho a 13 de Julho de 2014) vivia mergulhado num mar de protestos contra a realização do evento no país, que era vista como forma de branqueamento de capitais e concentração de investimentos em setores e atividades ligadas ao desporto, por exemplo, mais investimentos na construção de estádios e hotéis e menos escolas e hospitais.

---

<sup>40</sup> Michael J. Sandel é filósofo e escritor norte americano. Notabilizou-se pelos seus livros Liberalismo e os limites da justiça (1982) e Justiça – o que é fazer a coisa certa? (2010). Como professor universitário é filiado à Universidade de Harvard e tem proferido aulas, conferências, palestras em diversos países do mundo. Tem se questionado sobre os princípios de justiça, moral e ética em nossos dias. (<http://www.livrariacultura.com.br/>)

A pergunta do Sandel evidencia uma estratégia de análise ou solução de um problema embasado em dilema ético. Todas as circunstâncias (tempo disponível, público, etc), esta questão não foi suficientemente explorada, contudo serviu para provocar o seu auditório. A nossa tese de que Sandel experimentaria a metodologia de dilema ético é reforçada pela exibição de vídeos de aulas de Sandel com os seus estudantes, onde propunha que eles defendessem suas posições face à situação problema do cotidiano.

#### 2.4.2 Lawrence Kohlberg<sup>41</sup>

Na obra *Lawrence Kohlberg: ética e educação moral*, Angela Maria Brasil Biaggio (BIAGGIO, 2002) apresenta a teoria de julgamento/desenvolvimento moral de Kohlberg, suas aplicações e implicações na educação e na sociedade.

De acordo com Biaggio (2002), Kohlberg, com base nas influências de Jean Piaget<sup>42</sup> (teoria de desenvolvimento cognitivo), Durkheim<sup>43</sup> (a importância do social, do coletivo), Kant<sup>44</sup> (imperativo categórico) e estudos amplos, retoma o modelo de estágios de desenvolvimento moral do primeiro, criando um novo campo na psicologia, o campo do desenvolvimento moral, que se ocupa com a educação e a argumentação moral.

Kohlberg acreditava na universalidade das estruturas que permitem a aplicação das normas em contextos precisos e proporcionam critérios para o juízo moral. Segundo Kohlberg (1984) e Biaggio (2002), através de um processo maturacional<sup>45</sup>, sucessivo e interativo, todos os seres humanos têm a capacidade de chegar à plena competência moral, medida pelo paradigma da moralidade autônoma, ou moralidade pós-convencional (nível 3, estágio 6 em Kohlberg). O estágio 6 corresponde ao início de desenvolvimento do pensamento moral mais avançado, o qual a educação procura proporcionar aos indivíduos, conferindo-lhe as

---

<sup>41</sup> Lawrence Kohlberg (1927-1987) é um psicólogo e filósofo norte americano. Notabilizou-se pela sua teoria dos níveis de desenvolvimento moral. Atuou na Universidade de Chicago e Universidade de Harvard. Especializou-se na investigação sobre educação e argumentação moral. (KOHLBERG, 2008)

<sup>42</sup> Jean Piaget (1896-1980) epistemólogo e psicólogo suíço. Considerado um dos mais importantes pensadores do século XX. Fundou a Epistemologia Genética e a Teoria desenvolvimento cognitivo. (PIAGET, 1983)

<sup>43</sup> David Émile Durkheim (1858-1917) sociólogo, psicólogo e filósofo francês. No campo da sociologia, muito de seu trabalho estava preocupado com a forma como as sociedades poderiam manter sua integridade e coerência na modernidade. Durkheim faz a sociologia dos Fatos Morais e transita pelos campos da política e do estado. (OLIVEIRA & WEISS, 2011)

<sup>44</sup> Immanuel Kant (1724-1804) filósofo alemão. Em seus estudos sobre moral, apresenta o conceito de “imperativo categórico” como a capacidade dos seres humanos agirem em função das suas convicções. Fazer certo porque a minha consciência reconhece como certo, é uma postura ética. (WOOD, 2008)

<sup>45</sup> Processo de desenvolvimento do ser humano a partir de experiências vividas e ou adquiridas ao longo da vida.

capacidades de analisar os dilemas morais e éticos, incorporação e desenvolvimento de soluções, bem como a avaliação e justificação das posições assumidas. Isto significa que, pela educação, os indivíduos se tornam conscientes e comprometidos com pensamentos e atitudes morais.

Com base em Biaggio (2002, p. 23-30) e Kohlberg (1984, p. 174-176) a seguir, apresentamos um esquema que sintetiza a teoria de desenvolvimento moral de Kohlberg.

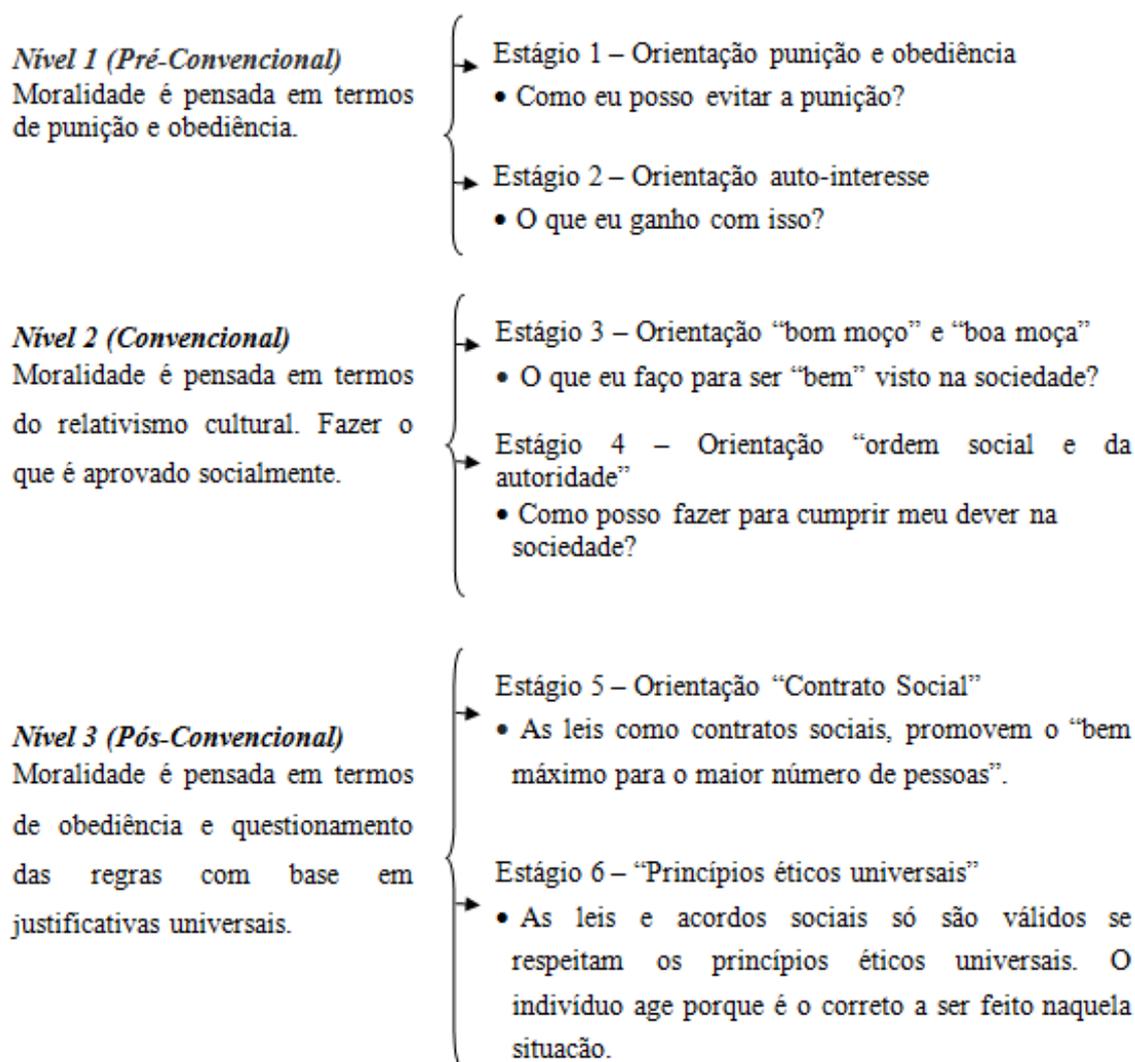


Figura 1: Esquema da teoria de desenvolvimento moral de Kohlberg.  
 Fonte: Compilado pelo autor.

Em nosso entender, uma das limitações deste tipo de abordagem (de desenvolvimento moral de Kohlberg) pode residir no fato de considerar a linguagem como mera construção do conhecimento individual e/ou do consenso coletivo, na qual o juízo moral, os costumes e a ética são constituídos como modelos prévios para os quais, os sujeitos em interação, durante seus processos de construção de conhecimento, alcançariam uma autonomia fíctícia resultante

da incorporação dos acordos sociais universalizados e gravados nas consciências dos indivíduos dessa sociedade. Kohlberg trabalha o desenvolvimento cognitivo assente ao desenvolvimento moral.

Com base na sua teoria de desenvolvimento moral, Kohlberg conduziu estudos sobre dilemas morais procurando investigar como o indivíduo se apropriava do pensamento moral como norma reguladora da sua conduta, e como fazia o julgamento moral de uma ação considerando as consequências objetivas da sua decisão. Dentre os dilemas morais de Kohlberg, apresentamos a seguir o mais popular, o dilema de Heinz.

Na Europa, uma mulher estava quase à morte devido a uma doença muito grave, um tipo de câncer. Havia apenas um remédio que os médicos achavam que poderia salvá-la. Era uma forma de *radium* pela qual um farmacêutico estava cobrando dez vezes mais do que o preço de fabricação da droga. O marido da mulher doente, Heinz, foi a todo mundo que ele conhecia para pedir o dinheiro emprestado, mas só juntar mais ou menos a metade do que o farmacêutico estava cobrando. Ele disse ao farmacêutico que sua mulher estava à morte, e pediu que lho vendesse mais barato ou que o deixasse depois. Mas o farmacêutico disse: 'Não, eu descobri a droga e vou fazer dinheiro com isso'. Então, Heinz ficou desesperado e assaltou a loja para roubar o remédio para a sua mulher. O marido deveria ter feito isso? Por quê? (BIAGGIO, 2002, p. 31).

No dilema de Heinz há um conflito entre duas normas sociais; o respeito à propriedade alheia (para Heinz) e o respeito pela vida (para o farmacêutico), portanto é um dilema de justiça. Provavelmente Kohlberg teria chegado a outros resultados, se considerasse a subjetividade dos entrevistados, “crianças e adolescentes de 10, 13 e 16 anos”, como refere Biaggio (2002, p. 23). Se tivesse tabalhado com jovens e adultos solteiros; jovens e adultos casados; só homens casados; só mulheres casadas; só homens solteiros; só mulheres solteiras. Mas, o fundamental não é a resposta per si e sim, a justificativa dada pela pessoa para a sua decisão, que permite discutir o avanço do seu desenvolvimento moral.

Trabalhar com dilemas éticos como estratégia heurística é uma é uma contribuição valiosa e que pode subsidiar uma metodologia de pesquisa e(m) formação através de estudos de contextos problemáticos levando em consideração as contribuições do outro ciente, outro como ser expressivo e falante (Bakhtin, 2011, p. 395) e que vem a realçar a *praxis* dos pesquisadores do LELIC.

### 2.4.3 *Maria Júlia Kovács & Ingrid Esslinger*<sup>46</sup>

As autoras organizaram a publicação do livro intitulado *Dilemas Éticos* (KOVÁCS; ESSLINGER, 2008). Neste livro, o conceito de dilema ético é usado para designar discussões bioéticas e para a reflexão sobre situações que envolvem conflitos, num viés de terapia psicológica. A Bioética pode ser conceituada como “uma reflexão compartilhada, complexa e interdisciplinar sobre a adequação das ações que envolvem a vida e o viver” (GOLDIM, 2006, p. 91). Neste caso, a bioética é a ética aplicada ao cuidado com a vida, abrangendo temáticas como as relações interpessoais dialogando com as esferas: biológica, pedagógica, social, política, econômica e ecológica, contribuindo para a sobrevivência e equilíbrio do planeta e da sociedade.

Pegoraro (2006, p. 160), considera a bioética como a “ética da solidariedade antropocósmica” uma vez que, se preocupando com o respeito à vida humana, animal e vegetal, abrange também as formas de vida situadas em seu ambiente como o ar, a água, o solo, a atmosfera e mobiliza ações governamentais e não-governamentais visando a concepção, implementação e fiscalização de políticas públicas que salvaguardem os cuidados com a vida, especialmente a vida fragilizada.

Segundo Goldim (2006, p. 86-87), a bioética esteve inicialmente (1927/30) voltada as discussões e reflexões nas questões da medicina e da saúde do ser humano e de todos os seres vivos. Posteriormente (1970/80), Van Rensselaer Potter retoma a proposta sobre a ética da terra de Aldo Leopold (de 1930) e inclui-se nas discussões bioéticas o solo e demais recursos naturais como objeto de reflexão ética. Assim, a bioética torna-se numa área complexa e interdisciplinar, envolvendo profissionais de diversos ramos, tais como, das tecnociências (medicina, veterinária, biologia), das humanidades (filosofia, informática, psicologia, antropologia), das ciências sociais (economia, sociologia), das ciências ambientais (geologia, química), da Política e do Direito. A bioética trata do cuidado com a vida e com o seu enredo numa perspectiva do equilíbrio do cosmos.

A seguir, apresentamos duas situações de discussões bioéticas relacionadas com a morte: “a morte digna é digna para quem?” (OLIVEIRA & OSELKA, 2008, p. 81). Trata-se de situações que evidenciam a dimensão pessoal do problema ético envolvendo uma relação entre os profissionais de saúde e seus pacientes, implicando no respeito da liberdade do

---

<sup>46</sup> Organizadoras do livro *Dilemas Éticos* na vertente bioética. Doutoradas em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. (lattes: <http://lattes.cnpq.br/3630610578226144>; <http://lattes.cnpq.br/9482248171895718>).

médico e do paciente ou de seu responsável sobre uma decisão que julga a vida do indivíduo e o exercício da função médica (salvar a vida, curar com segurança, rapidez e prazer).

Primeira situação: Sendo o corpo humano inviolável e inalienável, considerar o corpo do paciente como reserva de órgãos e tecidos para fins de transplantes, na eminência de uma morte cerebral, pode suscitar dilemas éticos e conflitos judiciais.

Segunda situação: Considerando o médico como profissional dedicado a cuidar a saúde e a vida dos seres humanos, a sua luta desenfreada pela vida do doente em fase terminal de doença grave ou incurável, indiferente à vontade do doente e de seus familiares, pode gerar dilemas éticos.

As fontes para a produção dos dilemas éticos apresentados no livro são os congressos, eventos científicos, mesas-redondas, palestras, conferências e debates organizados pelo Laboratório de Estudos sobre a Morte do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, versando sobre as seguintes temáticas; aborto, adoção, eutanásia, morte e mídia, morte com dignidade, suicídio, violência.

A abordagem de dilema ético, apresentado na obra em análise, pode ser inserida no contexto da deontologia médica, como conjunto de princípios e regras de conduta ou deveres da profissão médica, orientando as decisões, escolhas, dos profissionais numa situação concreta.

Ora, este tipo de escolhas resulta, em dado momento, numa memorização em função das experiências anteriores e do estabelecido em diretrizes específicas da área médica e, daí o inusitado, no máximo pode ser a flexibilidade com que o dilema ético é tratado, não havendo muito espaço para novos posicionamentos, invenções e improvisações e, portanto, neste sentido, foge à proposta que estamos tentando apresentar; embora possa se constituir como subsídio para pensar estratégias heurísticas relacionadas à pesquisa em educação e à formação, que provoquem a problematização de questões voltadas à vida.

#### ***2.4.4 Artigos com ocorrência do conceito dilema na RENOTE***

A sigla Renote designa a Revista Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esta revista tem por objetivo publicar trabalhos desenvolvidos na área da Informática na Educação e, está sob gestão do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação (CINTED), que é o centro de pesquisa ao qual o presente estudo

está vinculado. O quadro 1 apresenta o levantamento da ocorrência do conceito dilema em artigos científicos na RENOTE.

<b>Ord</b>	<b>Autor</b>	<b>Título do artigo</b>	<b>Contexto de ocorrência do conceito dilema</b>	<b>Página</b>
1.	Daiane Grassi Janile M. da Silva	A Medição Pedagógica em Fóruns de Discussão nos Cursos Virtuais. (2010)	Dilema exprimindo uma contribuição questionadora: apresentando alternativas e pedindo posicionamentos - uma ocorrência	8/12
2.	Andréia F. Ramos Beatriz R. Franciosi Flávia A. Almeida Pricila K. dos Santos Leticia Lopes Leite	E-DESAFIO – Uma proposta de capacitação de tutores para a gestão do conhecimento na Educação a Distância. (2005)	Dilema exprimindo situação-problema - uma ocorrência	2/6
3.	Liane Tarouco Adelina Mezzari Bárbara Ávila Roberto C. Borges Ana Marli Bulegon Rute Vera Fávero	Fatores que afetam a performance da comunicação mediada por computador. (2008)	Dilema exprimindo perguntas questionadoras que geram curiosidade, apresentam alternativas e pedem posicionamentos, fator motivador na busca do conhecimento. - uma ocorrência	6/10
4.	Sandra P. Montardo Liliana M. Passerino	Estudo dos Blogs a partir da Netnografia: possibilidades e limitações. (2006)	Dilema exprimindo problema - duas ocorrências	3/10
5.	Luciano da Costa Sérgio R. K. Franco	Aprendizagem Colaborativa na Educação a Distância: Aspectos Teóricos, Estratégias Pedagógicas e Experiências Realizadas. (2006)	Referência bibliográfica - uma ocorrência	9/10
6.	Sheila da Costa Oliveira Gentil J. L. Filho	Animação de fóruns virtuais de discussão – novo caminho para a aprendizagem em EAD via <i>web</i> . (2006)	Dilema exprimindo uma contribuição questionadora: apresentando alternativas e pedindo posicionamentos - uma ocorrência	9/11
7.	Rafael Savi Vania Ribas Ulbricht	Jogos Digitais Educacionais: Benefícios e Desafios. (2008)	Dilema exprimindo desafio - uma ocorrência	4/10

8.	Maria Cristina Kessler	Introduzindo objetos de aprendizagem no processo de ensinar e aprender Cálculo Diferencial e Integral. (2008)	Referência bibliográfica - uma ocorrência	10/10
9.	Scheila W. Martins Augusto de Oliveira Leandro Komosinski	<i>WebPensa</i> : Uma Ferramenta Para Apoio ao Desenvolvimento do Pensamento Crítico. (2005)	Referência bibliográfica - uma ocorrência	8/8
10.	Donarte N. S. Júnior Regis A. Lahm	A (re)construção da Noção Espacial Através da Tecnologia do Sensoriamento Remoto: o desenho, as imagens orbitais e o texto. (2010)	Dilema exprimindo situação-problema - uma ocorrência	7/12
11.	Luiz A. S. Rosado Cristiane C. Taveira	Formando professores para a Educação Inclusiva: a experiência de criação do site “IHA Informa” a partir das demandas e práticas docentes. (2012)	Dilema exprimindo problema - três ocorrências	4,5/10 9/10

Quadro 1: Ocorrência do conceito dilema em artigos publicados na RENOTE.

Fonte: Autor. Compilado a partir da pesquisa no site da RENOTE, utilizando o descritor dilema.

Com base no apuramento efetuado no quadro 1, o conceito de dilema que embasa a nossa pesquisa encontra-se alinhado às propostas vinculados nos artigos de ordem 1, 3 e 6. Trata-se de uma abordagem que vai para além resolver um desafio ou problema comum, mas como prática questionadora das propostas de solução que se vislumbram em cada situação, tendo em conta os valores éticos impregnados numa atitude responsável de escuta responsiva.

#### ***2.4.5 Alguns vídeos do Youtube abordando dilemas éticos***

##### ***Vídeo 1 - Canal do Pirula, com a duração de 30:19 min.***

Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=ynOvX0RaE\\_Y](https://www.youtube.com/watch?v=ynOvX0RaE_Y)

Neste vídeo o autor apresenta e discute os resultados de um questionário administrado online versando sobre dilemas éticos de Marc D. Hauser no qual, em situações diferentes, as pessoas são apresentadas a dilemas hipotéticos e devem oferecer o seu julgamento ético,

confrontando as opiniões com as situações que as colocariam em dúvida em função da introdução de algumas variáveis.

O autor realça que é normal que os inqueridos tenham se sentido incomodados em escolher umas das alternativas dadas de antemão e, que tenham optado ou proposto outras saídas. É justamente nesta linha que acreditamos estar o potencial contributo de uma metodologia de trabalho com base em dilemas éticos.

***Vídeo 2 - Dilemas éticos de enfermagem, com a duração de 07:55 min.***

Fonte: <https://youtu.be/abDga-cWf1s>

Neste vídeo, os atores apresentam uma demonstração simulada de dois casos que reverberam em dilemas éticos, vinculados à ética e deontologia profissional no exercício da enfermagem.

No primeiro, uma auxiliar de enfermagem administra na veia de um paciente uma medicação intramuscular, que pode causar algum dano à saúde do mesmo. Assim, as colegas da auxiliar de enfermagem decidem não relatar o caso à chefia. O dilema aqui posto apresenta duas opções: a) informar o sucedido e a profissional correr inclusive o risco de perder o emprego. b) ignorar o sucedido e ocorrer possíveis outros erros, prejudicando os pacientes.

Percebe-se que a enfermeira chefe, responsável pelas auxiliares tomou conhecimento do caso e questionou às enfermeiras que revelaram o nome da colega que cometeu o erro supra citado. Acreditamos que a enfermeira chefe acompanhou a evolução da situação de saúde do paciente, ou seja, a evolução do caso após o uso do medicamento. Além disso, a mesma orientou a auxiliar de enfermagem, para buscar aperfeiçoamento e assim, melhorar sua atuação profissional. O posicionamento da enfermeira chefe demonstra como a escuta do dilema e dos seus intervenientes, antes visualizando apenas duas saídas, gerou uma terceira possibilidade de resposta (saída). Diga-se de uma pragmática deontológica para uma práxis axiológica na vida das profissionais envolvidas. Partindo-se de um acontecimento, foram tomadas decisões levando em consideração um conjunto de regras da profissão (deontologia); também levanta à afirmação e questionamento valores morais e éticos que orientam a vida dos funcionários em referência, configurando uma estética.

Já no segundo caso, um enfermeiro de uma maternidade recusa-se a trocar de leito uma paciente que recebeu o diagnóstico de aborto de anencéfalo. Tal diagnóstico causa um problema de convivência entre a gestante em questão e outras mulheres que dividem o espaço

com a mesma. As mulheres que estão esperando bebês saudáveis, maravilhadas, conversam entre si, deixando a outra muito angustiada. O enfermeiro sabia da disponibilidade de uma vaga em outra sala, porém a decisão tomada (não transferir a paciente) o estaria incomodando, causando um dilema ético.

***Vídeo 3 - Experimentos psicológicos y dilemas éticos 1, com a duração de 14:59 min.***

Fonte: <https://youtu.be/quZgWi1XSk8>

O vídeo relata duas experiências ricas em dilemas éticos. A primeira envolve bebê macaco criado em cativeiro, a segunda relata dilemas vividos por um jovem e sua família como consequência de erro médico, sofrido pelo jovem Bruce na infância, aos sete meses de vida.

Bruce, irmão gêmeo do Bryan, perdeu o seu pênis inteiro numa cirurgia de circuncisão masculina. A medicina não estava suficientemente evoluída para corrigir o problema, mas corriam relatos e testemunhos de cirurgias bem sucedidas em troca de sexo. Baseado na idéia de que a expressividade sexual da criança é neutra até aos dois anos de vida, Bruce foi castrado, seus órgãos reprodutores masculinos residuais foram completamente removidos, e uma vagina foi implantada em si. Sem testículos, Bruce não produziria hormonas masculinas. Seus pais mudaram seu nome para Brenda e passaram a educá-la como mulher, ocultando para a criança o que lhe tinha sucedido. Apesar disso, Brenda se comportava como homem e via o mundo confuso para si. Diante desta situação, os seus pais revelaram-lhe o sucedido e ela decidiu assumir-se como homem, mudou o nome para David e viveu feliz.

Os episódios da vida em Bruce, Brenda, David revelam uma riqueza em dilemas éticos. Algumas questões geradoras de dilemas éticos demos formular nos seguintes termos: 1) Quem decide o sexo do ser humano? 2) É ético trocar do sexo? 3) Será o sexo fator determinante do género (masculinidade, feminilidade)? 4) Como uma cirurgia de troca de sexo afeta a pessoa que realiza, a família, a equipe médica, as pessoas do seu convívio? 5) Os limites da publicação dos impactos da pesquisa do ângulo dos seus parceiros? 6) Como lidar com um suicídio ou homicídio em potência na família?

***Vídeo 4 - Gestão Escolar - Prof. Aldo Nelson Bona - Unidade 3-Dilemas Éticos, com a duração de 11:19 min.***

Fonte: <https://youtu.be/3nvjAa9M0vY>

Professor Aldo Nelson Bona, falando num painel sobre Educação, ética e princípios democráticos, no Curso de Especialização em Gestão escolar da Universidade Aberta do Brasil, coloca uma questão de reflexão que se enquadra na problemática de Guattari (2013)<sup>47</sup> e Axt (2007)<sup>48</sup>, com um viés ético-estético. Em que medida os avanços científicos e tecnológicos podem realmente ajudar a humanidade? Esta é a preocupação que caracteriza todo o discurso do painalista. Considera que a tecnologia e a ciência devem ajudar na preservação da humanidade e não ser instrumento de sua dominação, autocondenação. Por exemplo, no uso da reprodução assistida em humanos, pode servir para criar seres com certas características pré-definidas voltadas às manipulações pelo poder (raça ariana pelos nazistas) como também pode ser usada para resolver problemas de má formação congênita, ou problemas de infertilidade.

***Vídeo 5 - Você conseguiria viver sem dilemas éticos? Duração de 03:04 min.***

Fonte: <https://youtu.be/jTeJcTCanJY>

Luís Flávio Gomes apresenta um dilema ético baseado no livro de Lou Marinoff (Mais Platão, Menos Prozac) e fundamenta os seus comentários considerando as relações das pessoas com os outros numa sociedade pluralista, globalizada, informatizada e fluida. A problematização das propostas às situações da vida constitui uma ética de viver individual e coletiva.

#### ***2.4.6 Apreciação sobre as referências em Dilemas Éticos apresentados***

Em função do objeto de estudo tratar do que denominamos "dilemas éticos", trouxemos, nas últimas seções, algumas abordagens sobre o tema. Feito isso, faz-se necessário um apanhado geral do até agora apresentado, até mesmo para dimensionar o conceito de "dilema ético" que empregaremos nesta investigação.

Numa apreciação geral, a abordagem de Sandel utiliza o dilema ético, articulado a outros recursos, para suscitar a reflexão. Pelo exposto, a abordagem de Kohlberg encaminha

---

<sup>47</sup> Guattari invoca paradigmas éticos para lidar com as relações de produção humana (relações sociais, política), ambiental (as respostas do ambiente, as crises ecológicas) e as produções de existência humana (psíquicas, subjetividade humana) em novos contextos históricos.

<sup>48</sup> A ciência, tecnologia e a cultura não só se expressam pela linguagem, como também se constituem como linguagem. Ao se expressar em produtos, a tecnociência exprime modos de fazer sentido no mundo, como efeito dos modos de ser afetada pelas misturas dos estados de coisas nesse mundo.

para um certo paralelismo entre o desenvolvimento cognitivo e desenvolvimento moral, porém, deixando em segundo plano, aspectos relacionados à subjetividade dos participantes e aos contextos nos quais os dilemas éticos se desenrolam.

A abordagem apresentada por Kovács e Esslinger (KOVÁCS; ESSLINGER, 2008) trata do dilema ético no contexto específico de uma atividade humana, o exercício da medicina, área em que as experiências pregressas, questões legais e diretrizes de conduta são condicionantes das alternativas de solução do dilema ético apresentado.

Uma pesquisa efetuada ao banco de dados da Renote revelou não existir artigos científicos e outros trabalhos onde ocorram os termos dilema **ético**, dilema **ético na educação**, dilemas **na educação**. Assim, os resultados sistematizados referentes à consulta nesta base de dados foram apurados com base no descritor “dilema”.

Todas estas abordagens, às quais se reconhece a importância, não responderiam à natureza da situação específica desta investigação e suas indagações: as possibilidades (est)éticas de aprendizagem em rede, através da análise de posicionamentos dos estudantes frente a uma situação problema, que denominamos "dilema ético", em um ambiente telemático. Mas em que consistiria, para efeito de nosso estudo, um dilema ético? A sessão seguinte, que aborda a questão da ética e do ato ético a partir de Mikhail Bakhtin, busca delinear este e outros conceitos importantes para esta investigação.

### 3. METODOLOGIA DA PESQUISA E FORMAÇÃO

Este capítulo está voltado à metodologia de pesquisa desenvolvida na tese articulada aos modos de pesquisar do LELIC [pesquisa *in(ter)venção*] e, se encontra estruturado em cinco seções. A primeira dedica-se à apresentação da relação do pesquisador com a pesquisa, com o campo empírico e com o coletivo de pesquisa. Na segunda seção, procuramos responder a questão “onde se realiza a pesquisa”, apresentando o campo de pesquisa e designámo-lo por campo de pesquisa e formação. A terceira e quarta seções representam uma extensão da segunda e são apresentadas separadas daquela para dar-lhe um enfoque especial. Na terceira seção é apresentada a população-alvo, procuramos responder a questão “quem participa da pesquisa, os sujeitos/parceiros da pesquisa”. Na quarta seção apresentamos os procedimentos para a produção e registro de dados. Já na seção cinco, apresentamos os procedimentos para a análise e a interpretação dos dados produzidos nas seções anteriores.

As cinco seções aqui enunciadas são agrupadas em três planos propostos por Axt (2011b, p. 110-118) para pensar a pesquisa no campo das ciências humanas e mais especificamente na educação, o plano empírico das experimentações, o plano exotópico do relatório de pesquisa e da escrita, e o plano da interpelação do interlocutor-leitor. Partilhamos a compreensão/pressuposição de que a pesquisa em educação trata com o “*ser-em-processo-de-ser*” (AXT, 2011b, p. 106), do sujeito nas suas relações que o vivificam, na sua relação com o outro/alter (no sentido bakhtiniano), aquele a quem se dirige e com quem estabelece uma relação dialógica. Estes três planos, na sua articulação, permitem ao pesquisador compor com o contexto em sua mobilidade (ato ético de empatia), realizar um afastamento exotópico que é estratégico para a sua compreensão e escrita da ação vivenciada, experimentada (acabamento estético) e, a leitura das suas experimentações e de sua escrita (pesquisador-interlocutor ou interlocutor-leitor). A articulação entre estes três planos de pesquisa pode ser ilustrada na figura 2.

## Metodologia

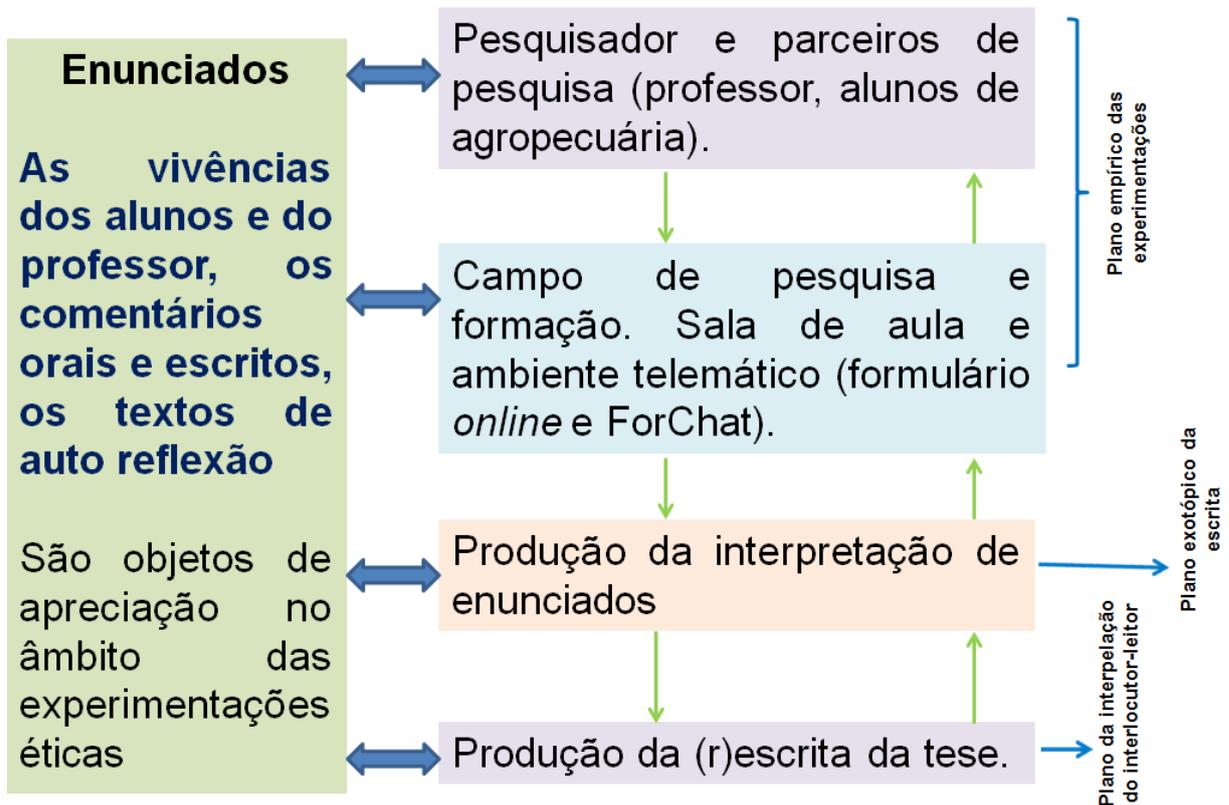


Figura 2: Esquema da articulação dos planos empírico das experimentações, exotópico do relatório de pesquisa e da escrita, e o da interpelação do interlocutor-leitor no presente estudo, apresentados em Axt (2011b).

Fonte: Autor.

A presente tese se constitui como um enunciado do gênero de discurso acadêmico. Porém é importante salientar que, sem prejudicar as suas características peculiares deste gênero enunciativo, a redação do texto é feita em três instâncias discursivas (eu, ele/eles, nós) e por vezes adotando também um estilo poético. Primeira pessoa do singular (eu) é usada quando o pesquisador fala de si na sua relação com o estudo objeto da tese. A terceira pessoa do singular/plural (ele/eles) é usada para apresentar a descrição dos acontecimentos e situações envolvendo o pesquisador, o professor e os estudantes (sujeitos de pesquisa). Já a primeira pessoa do plural é a instância dominante, percorrendo todo o texto desde a introdução às considerações finais, numa alusão ao coletivo implicado na construção do conhecimento específico.

### 3.1 Relação do pesquisador com a pesquisa, com o campo empírico e com o coletivo de pesquisa

A pesquisa sustenta-se na intervenção, pelo viés de in(ter)venção, adotando uma abordagem dialógica guiada pelos princípios orientadores da pesquisa em ciências humanas propostos por Bakhtin e seus comentadores. Entendemos a in(ter)venção como gesto de interpretação e como compreensão criadora. Para Axt (2016, p. 33), a in(ter)venção é também compreensão criadora ou expressiva porque “agrega [ao enunciado] novos elementos, deformando ou refratando em direções inesperadas o que foi enunciado”. Na in(ter)venção há o encontro entre os sentidos, instaurando-se novos sentidos.

Ainda para a autora, interpretar significa:

Intervir expressando alguma variação em meio ao que foi enunciado até então, algo que aí não tinha existência, e que deriva do modo como os enunciados se atualizam, produzindo percepções, afecções, emoções, acentos de valor que levam a interpretar; e do modo como o interpretador captura os efeitos de sentido emergido dos enunciados no meio enunciativo e é por eles afetado. (AXT, 2016, p. 33)

Seguindo esta perspectiva, tem como foco a escuta dos interlocutores na pesquisa, a *interpretação* das situações e acontecimentos vivenciados desde o seu ponto de vista, mas numa relação de compartilhamento com os demais participantes, cujas vozes são levadas em conta, como parâmetros para a interpretação. Nesta linha, a interpretação distancia-se da explicação e do julgamento desses atos vivenciados que, muitas vezes, resultam na redução e até no silenciamento das vozes dos sujeitos<sup>49</sup> de pesquisa que, doravante seguimos considerando parceiros da pesquisa.

Abrimos aqui um parêntese para discutir algumas nuances do conceito de interpretação (em Axt, 2016 e Bakhtin, 2011) e iniciamos com a frase de Bakhtin (2011, p. 410): “Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites)”. Da mesma forma que podemos dizer que não existe a interpretação correta, pois não sabemos como se reconfigura a rede neural cerebral do sujeito ao apreender um ato. Diante de um acontecimento, cada sujeito retém aquilo que lhe possibilita, em função de seus propósitos, construir novas relações e que produzam sentido no seu sistema mental de conceitos. Cada um percebe, compreende o

---

<sup>49</sup> Nesta pesquisa, optamos em empregar o termo parceiros da pesquisa (e não mais sujeitos de pesquisa ou seres/sujeitos assujeitados) justamente pelo seu caráter imersivo, justificado pela construção colaborativa de uma proposta de trabalho docente com os estudantes, designada por Metodologia de Trabalho e(m) Formação, na qual interagem com o professor e os conteúdos temáticos (cognitivos-técnicos), apresentando seus argumentos, firmando seus posicionamentos, concordando/discordando com os enunciados produzidos nesse ambiente de formação. A aprendizagem resulta no acolhimento e apropriação dos signos construídos na interação nesse domínio de formação.

mundo de um jeito e ao seu modo de interpretar. Vale recordar aqui a “máxima/dito popular” “*quem conta um conto acrescenta um ponto*”.

Para o prefaciador de Bakhtin, Tzvetan Todorov (BAKHTIN, 2011, p. XXXII), a “interpretação como diálogo” é uma atividade específica e que permite ao pesquisador, em ciências humanas, recobrar a liberdade humana engendrada pelo resgate dos diferentes pontos que sustentam a produção de sentidos que ele faz da intervenção no acontecimento – encontro dos sentidos – um acontecimento movido pelos sentidos que emerge do contexto problemático/dialogal, transpassando a necessidade da sua existência-ocorrência. “O sentido é liberdade, e a interpretação é o seu exercício: este parece realmente ser o último preceito de Bakhtin.”

A interpretação é o exercício da liberdade enquanto implicado na produção de sentidos, pois ela recobra do sujeito a intervenção – pela imersão, apreensão e compreensão – no universo interpretativo dos enunciados através da sua inserção no contexto dialógico do acontecimento, relacionando esses enunciados aos enunciados produzidos em outros contextos e reapreciando-os neste novo contexto, caracterizando-se como um ato ético segundo os referenciais adotados nesta pesquisa. “O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo” (BAKHTIN, 2011, p. 401). Neste ponto, Para Axt; Kreutz, 2003; Axt, 2008; Bakhtin, 2011; Axt 2016, a interpretação se distancia da explicação enquanto coisificação completa, como esclarecimento do texto considerando apenas a realidade material das coisas reduzidas do seu potencial de sentidos, sem o tom emotivo-volitivo.

“Uma interpretação nasce para morrer no momento em que nasce, nasce morta (...) para dar conta de ainda um outro sentido possível” (AXT & KREUTZ, 2003, p. 338). Trata-se da noção de interpretação criadora enquanto decorrente da intervenção, e não tradução literal ou explicação dos fatos por si só desprovida de uma compenetração dialógica (diálogo intra-intertexto/contextual), no sentido bakhtiniano. No caso do presente manuscrito, várias interpretações podem ser desenvolvidas pelos sujeitos de pesquisa e professor-pesquisador (*partícipes* das experimentações éticas com base em dilemas éticos, associados ao estudo de conteúdos de ênfase cognitiva e técnica-instrumental previstos em disciplinas do currículo escolar), pelos leitores (*copartícipes* dessas experimentações éticas, através do contato com o texto e documentos que relatam sobre a sua construção). Em cada um destes casos, a

interpretação se constroi como (re)criação daqueles momentos e conta com a entonação (interação do escritor ou leitor com o assunto em ribalta) do intérprete. Fecho do parêntese.

Como pesquisa-in(ter)venção, o pesquisador intervém no campo empírico – sala de aula – por via da *experimentação* duma metodologia de trabalho docente em dilemas éticos com estudantes e que pretende (procura) investir na abertura de possibilidades múltiplas de posicionamentos éticos e políticos.

No âmbito da pesquisa em educação e na perspectiva da pesquisa-formação, Axt (2008; 2011a) nos propõe o conceito de “experimentação-experienciação”, uma concepção de “experimentação realizando-se como experiência em ação no próprio contexto de realidade da escola, contraposta ao experimento de laboratório” (AXT, 2011a, p. 48). A experimentação enquanto proposta para viabilizar a pesquisa-formação compõe o plano de in(ter)venção no qual se orienta a implicação do pesquisador com a pesquisa, com o campo empírico e com o coletivo de pesquisa, uma implicação que se traduz na caminhada lado-a-lado da pesquisa e da formação reverberando um cuidado ético de respeito ao outro na perspectiva da arquetônica do ato responsável em Bakhtin (2012).

Segundo Axt (2008, p. 101),

instaurar um plano de pesquisa-formação não rompe com os contextos de realidade concreta: toda interlocução engendrada no plano não deixa de confrontar continuamente os sentidos produzidos em sua historicidade — e novos sentidos assim produzidos no plano não deixam de carregar em si esta marca da história. Escutar/inferir/intervir/interpretar parecem ser dimensões de uma mesma operação que, no plano da pesquisa-formação, é simultaneamente de implicação e explicação (não-literal), e que se reconhece nos movimentos solidários de *imersão-vivenciação* no campo de realidade (recortado pela intenção subjetiva do pesquisador), e logo de *imersãodistanciação* desse campo.

Por exemplo, enquanto se pesquisa sobre a utilização de dilemas éticos como dinamizador de aprendizagens de valores – pesquisa, não descuidar-se de discutir os conteúdos da aprendizagem cognitiva e técnica enquanto ementa da disciplina – formação propriamente dita dos estudantes.

No presente estudo, viabilizar um estudo de valores axiológicos ao mesmo tempo e no mesmo contexto em que se ensina/aprende conteúdos técnicos-cognitivos e se reflete sobre a proposta metodológica embasada em dilemas éticos, está-se considerando a pesquisa e a formação “fazendo-se juntas no mesmo contexto problemático em que se encontram em contato, uma nutrindo a outra solidariamente, a pesquisa sustentando a formação e reciprocamente a formação ensinando à pesquisa” (AXT, 2011a, p. 48).

Dessa maneira estaria permitindo-se apreciar, ainda, os registros dessa experiência desde a posição de pesquisador, mas na relação dialógica com as posições enunciativas de

seus estudantes/intercessores; segundo Axt (2011b), o pesquisador opera, nesta abordagem, sempre de forma entrelaçada: no plano empírico das experimentações, no plano da escrita do relatório de pesquisa, como também, no plano da interpelação do interlocutor-leitor dos seus próprios achados na pesquisa, oportunizando-se a criar condições de produção e de interpretação daquelas vivências-lembranças do trajetar nesses planos.

Nesta perspectiva, torna-se importante salientar que a intervenção não se faz sem a relação de implicação do pesquisador com o seu campo de pesquisa e seus parceiros, uma implicação não como envolvimento de fora para dentro da vida, mas que parte de dentro do contexto problemático acolhendo a diversidade, a multiplicidade, a complexidade que emerge dessa imersão nessas situações de realidade vivenciadas e se abrindo para o diálogo com o mundo exterior a esse contexto. Com base em Bakhtin (2012), podemos afirmar tratar-se do exercício natural do ato ético/responsável, do cuidado com o outro, de considerar a relevância da multiplicidade de vozes *plenivalentes*<sup>50</sup> na construção do meu enunciado, o qual não tem a pretensão de ser uma verdade universal, julgamentos e explicações definitivas, mas interpretação emanada do meu agir/pensar com esse contexto que me produziu como enunciatador.

O pesquisador, ao entrar no campo empírico tem sempre a preocupação com registros que possam operar dados para análises. No estudo de campo realizado com estudantes de graduação, futuros professores em formação, o pesquisador trafega em “dois tempos: o primeiro, da docência, quando se produziu o diário de campo; e o segundo, da investigação, quando se relê e analisa o diário”. (Silveira; Alves; Axt, 2007, p. 2).

Na interação (comunicação) dialógica, em que o papel do outro (sujeito ético) se revela fundamental na construção do enunciado, sendo influenciado pelo desejo de elaborar uma resposta que produza uma compreensão responsiva ativa no outro (ato ético), então pode-se pensar numa interação de natureza ética fundada na relação *eu-outro* (alteridade). Trata-se de interação responsiva que convida a atos éticos e a atos estéticos, como “dois sentidos de um mesmo movimento, duas faces de uma mesma interface relacional do *um* com o *outro*” (AXT, 2011a, p. 52).

A interação dialógica do pesquisador no campo empírico e com o coletivo de pesquisa é um dos pressupostos que qualificam a in(ter)venção na proposta em construção visibilizada pela implicação do pesquisador no contexto de pesquisa (espaço-tempo e suas demandas).

---

<sup>50</sup> Vozes plenivalentes significa vozes plenas de valor, cheias de valor, vozes que mantêm com as outras vozes do discurso uma relação de absoluta igualdade como participantes do grande diálogo. (BAKHTIN, 2008, p. 4-5)

### 3.2 Campo de pesquisa e formação

O estudo tem como campo empírico a Escola Superior Técnica (ESTEC), vinculada à Universidade Pedagógica de Moçambique (UP). O mesmo constitui-se a partir da relação de convivência sistemática entre o pesquisador, o grupo de pesquisa LELIC (2010-2015) e a universidade (2002-2015), produzindo tensionamentos e implicações nos modos de pensar e trabalhar nos cursos ofertados pela ESTEC/UP, com ênfase nos cursos de graduação em informática nas suas diferentes saídas<sup>51</sup> profissionais.

A Universidade Pedagógica (UP) fica localizada em Moçambique, com sede na Cidade de Maputo, na Rua João Carlos Raposo Beirão nº 135. Foi criada em 1985, como Instituto Superior Pedagógico (ISP) e transformada em Universidade Pedagógica em 1995. A UP é uma instituição pública de ensino superior vocacionada para formação de professores, quadros da educação e de quadros para outras áreas de conhecimento, ao abrigo do seu novo estatuto, aprovado em Outubro de 2010 pelo Conselho de Ministros. Os princípios curriculares básicos da UP são a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão. A UP está organizada em sete faculdades e duas escolas superiores oferecendo cursos nas áreas das ciências da educação, psicologia, ciências naturais e matemáticas, ciências da linguagem, comunicação e artes, ciências sociais e filosóficas, ciências económicas, jurídicas e de gestão, ciências da saúde, ciências da terra e ambiente, desporto e tecnologias. Em 2015, aos 30 anos de existência, a UP é a maior instituição de ensino superior em Moçambique, com cerca de 52.000 estudantes, distribuídos pela sua sede em Maputo e pelas suas 10 delegações em todas as províncias. (<https://www.up.ac.mz/universidade.html>)

A ESTEC – Escola Superior Técnica – é uma unidade orgânica da Universidade Pedagógica de Moçambique, com estatuto de faculdade. A ESTEC foi criada em 18 de Janeiro de 2008, no âmbito da reestruturação universitária iniciada em 2007. Apesar de jovem, a ESTEC oferece cursos profissionalizantes nas áreas de Informática, Agropecuária, Electrónica, Construção Civil e Agro-processamento. Antes da criação da ESTEC, estes cursos eram ofertados pela Faculdade de Ciências Naturais e Matemática.

Das produções dos estudantes nas disciplinas de Práticas Profissionalizantes (Práticas Pedagógicas de Informática) e Informática e Sociedade, no Curso de Informática, no tratamento das temáticas da planificação de aulas, de direitos de propriedade intelectual e elaboração do relato reflexivo, os registros escritos e as notas de conversas informais

---

<sup>51</sup> O Plano Curricular do Curso de Licenciatura em Informática pela Universidade Pedagógica apresenta quatro Habilitações (saídas profissionais): Engenharia de Desenvolvimento de Sistemas, Engenharia de Redes, Engenharia de Design e Multimédia, Ensino de Informática. (UP, 2011, p. 9-12)

visibilizaram uma demanda pela discussão e vivência prática das questões éticas/morais advindas do exercício da profissão docente e/ou técnico em informática.

A partir de uma formação fortemente marcada pela discussão e aprendizagem de conteúdos cognitivos e técnico-instrumentais, observando que, na prática, essas vivências/aprendizagens são atravessadas de valores que implicam em posicionamentos axiológicos, éticos-políticos, considerou-se que o estudo da manifestação dos valores éticos-morais e da possibilidade de aprendizagem da ética como prática entremeada em ambientes de educação formal seria possível por meio de dilemas éticos.

No presente estudo, dilemas éticos são entendidos como criação artificial de questões reais e polémicas do ponto de vista ético no cotidiano da formação e da vida profissional desse técnico em formação, sua implicação nas vivências no coletivo, seja em ambiente de sala de aula presencial, semi-presencial ou a distância, na busca de saídas para essas questões, afirmando posicionamentos axiológicos em relação ao outro.

### **3.3 População-alvo**

O estudo foi planejado para ser realizado com estudantes de graduação, no curso de Ensino de Informática, da Universidade Pedagógica de Moçambique. Os conteúdos da disciplina, relacionados às temáticas: (1) gestão informática, (2) informática e direitos de autor, (3) ética profissional em informática, desempenhariam o caráter de parâmetro na pesquisa. Serão utilizadas estratégias de problematização de dilemas éticos em informática com enfoque nas aprendizagens colaborativas dos estudantes (em sala de aula presencial e no *ForChat*) assente na atividade ética da escuta do outro (alteridade/dialogismo) na perspectiva bakhtiniana – e com a qual estabelecemos um paralelismo com os valores do “*a munhu i munhu ka vanhu*”.

Abrimos aqui mais um parêntese, desta feita para discutir *processos subjetivos de singularização*, que é utilizado neste manuscrito para designar um conjunto de atividades que possibilitam a constituição dos sujeitos com aptidões (morais, técnicas, cognitivas, etc) que lhes permitam agir responsabilmente e com autonomia.

Os sujeitos da pesquisa interagem uns com os outros, acolhendo o que vem do outro (compartilhando conhecimentos num diálogo tenso e produzindo consensos, outras vezes não); interagem com os conteúdos da disciplina curricular, operacionalizando a problematização/discussão dos dilemas éticos em sala de aula presencial, no ambiente virtual, constituindo estas relações os agenciamentos coletivos numa enunciação a serviço da

subjetividade individual e coletiva. “Agenciamentos coletivos de enunciação implicam multiplicidades humanas, mas também devires animais, vegetais, maquímicos, incorporais, infrapessoais” (GUATTARI, 1992, p. 162). Ainda com base em Gattari (1992, p. 19), referimo-nos à subjetividade individual e coletiva considerando a possibilidade de emergência de instâncias individuais e/ou coletivas como *território existencial* auto-referencial. Fecho do parêntese.

Com base em Mutti e Axt (2008), podemos afirmar que numa relação dialógica autêntica e plena, a escuta e a alternância dos sujeitos falantes e seus enunciados são elementos essenciais para o fortalecimento das interações professor-estudante e estudante-estudante, com ganhos na participação coletiva responsável e na produção de subjetividades sensíveis a valores éticos-axiológicos de cuidados com a vida, com o outro.

Uma escuta ativa e compreensiva leva, mais cedo ou mais tarde, a réplicas multifacetadas, plurais, que integrarão o fluxo dialógico, participando de sua composição, desde uma perspectiva polifônica, de múltiplas vozes plenas de valor, capazes de manter com outras vozes do discurso uma relação de reciprocidade, marcando o lugar da alteridade e de afirmação do outro como outro sujeito, outro sentido, assim desestabilizando o sentido do ‘um’. (MUTTI & AXT, 2008, p. 349)

Estudantes inscritos no curso de Licenciatura em Informática, frequentando a Disciplina de Informática e Sociedade, ou a Disciplina de Tecnologias na Educação, serão propostos a participar das discussões potencialmente geradoras de dilemas éticos e, aí, convidados a apresentar suas contribuições, soluções para estes problemas, no *ForChat*. As intervenções dos estudantes e do professor serão registradas no ambiente (*ForChat*) para posterior análise. No decorrer da disciplina, os estudantes irão produzir uma auto-reflexão da sua aprendizagem construída a partir das discussões em aula presencial e no *ForChat* subsidiadas pelo tensionamento dos enunciados seus, e de outros participantes como elementos transgredientes<sup>52</sup>, e da produção de sentidos como efeito do cruzamento dos sentidos (MUTTI e AXT, 2008) nesses ambientes/tensionamentos. Aqui, os estudantes participam como sujeitos éticos na produção de seus enunciados marcados e marcando os enunciados de outros participantes, vivenciam a polifonia nessa interação dialógica, pois como autores de seus enunciados (comentários e texto de auto-reflexão), as vozes e consciências que atravessam esses enunciados “não são objeto do discurso do autor, são sujeitos de seus próprios discursos” (BEZERRA, 2014, p. 195). Os enunciados – as vivências dos estudantes e do

---

<sup>52</sup> Segundo o prefaciador (Tzvetan Todorov), são elementos “exteriores à consciência tal como ela se pensa do interior, mas necessários à sua constituição como um todo” (BAKHTIN, 2011, p. XIX), entendidos como elementos desse ambiente, incluindo leituras de outros contextos espaço-tempo, que atravessam e enriquecem a criação autoral e a produção de sentidos.

professor, os comentários orais e escritos, os textos de auto-reflexão – serão objeto de apreciação no âmbito desta pesquisa.

### **3.4 Procedimentos para a produção e registro de dados**

A produção dos dados foi obtida a partir da in(ter)venção, que se substanciou pela via das experimentações em sala de aula. O registro de dados foi feito com recurso ao diário de campo, ambiente telemático, observação participante (direta), fotografia, formulários de autoavaliação mediante o termo de consentimento informado (Apêndice A) e questionários.

Foram planejados dez (10) encontros, sendo três (3) presenciais (1º, 5º e 9º) e sete (7) a distância (2º, 3º, 4º, 6º, 7º, 8º, e 10º). Os encontros a distância foram realizados no ambiente virtual/telemático de forma síncrona e assíncrona. Foi disponibilizado um laboratório com computadores e acesso a Internet para que os estudantes pudessem acessar ao ambiente virtual. Não houve obrigatoriedade de utilização do mesmo laboratório (presencialidade física) para as interações no ambiente virtual, de modo particular nas interações assíncronas.

#### ***3.4.1 O diário de campo***

Segundo Angrosino (2009), o diário de campo é o instrumento de que o pesquisador se apropria para o registro detalhado de fatos detalhados dos quais "ainda se lembra". Tendo em conta o momento e o contexto do registro, o pesquisador poderá usá-lo como material bruto, juntamente com entrevistas e fotografias, sobretudo no contexto da observação ou pesquisa participante.

Nesta pesquisa, o diário de campo, neste estudo, foi utilizado como recurso auxiliar para o registro, sem juízo avaliativo – sem a preocupação com a interpretação naquele momento de produção destes registros – dos acontecimentos e aspectos pertinentes ao estudo, os quais não seria possível tê-los registrado de outro modo e outros aspectos que chamaram atenção e julgados importantes no decurso das interações presenciais na sala de aula e no ambiente virtual (quando os estudantes trabalharam na sala de aula presencialmente e à distância), acompanhado o pesquisador em todas as fases de sua produção da tese. O diário de campo tem sido um recurso usado por todos os pesquisadores do LELIC/UFRGS.

Na sala de aulas presencial foi analisado o grau de interação dos estudantes no desdobramento do dilema ético, as suas contribuições quanto à contemplação das ideias dos colegas, bem como os seus argumentos e posicionamentos ético-políticos face à solução do

dilema ético em estudo. Essas enunciações orais e o extralinguístico que se produziram nessas interações foram transcritas para o diário de campo e interpretadas de acordo com as afecções e percepções (tom emotivo-volitivo em Bakhtin) do pesquisador, mas tendo ciência da não universalidade dos achados e das vozes dos participantes para explicar toda a produção de sentidos que se faz nesse tipo de ambiente.

O tom emotivo-volitivo que abarca e permeia o existir-evento singular, não é uma reação psíquica passiva, mas uma espécie de orientação imperativa da consciência, orientação moralmente válida e responsabilmente ativa. Trata-se de um movimento da consciência responsabilmente consciente, que transforma uma possibilidade na realidade de um ato realizado, de um ato de pensamento, de sentimento, de desejo, etc. Com o tom emotivo-volitivo indicamos exatamente o momento do meu ser ativo na experiência vivida, o vivenciar da experiência como minha: eu penso-ajo com o pensamento. (BAKHTIN, 2012, p. 91)

Com base em Bakhtin (2012), podemos afirmar que este posicionamento, de interpretação e menos explicação, configura um ato ético, uma relação ética com os sentidos que se produzem nesses contextos (de verdade *pravda*, local/individual), uma vez que não se pretende que as experiências/vivências no contexto desta pesquisa/aprendizagem sejam aplicadas como prescrição/receita (como verdade *istina*, geral/universal), mas pensadas e usadas como referência para os novos contextos de pesquisa/aprendizagem.

*Pravda* e *istina* são duas palavras russas usadas para nomear e distinguir duas formas de verdade. Com referência em Amorim (2009), *pravda* refere-se à verdade singular, “o conhecimento pleno é aquele que, além de verdadeiro, é válido porque é justo. Válido e justo em relação a quê? Em relação ao contexto do sujeito que pensa, à posição a partir da qual ele pensa” (AMORIM, 2009, p. 22). *Istina* refere-se à verdade universal, ao que existe verdadeiramente por oposição ao aparente, ilusório, não-real, refere-se à realidade absoluta, por exemplo, a matemática, filosofia. Podemos afirmar que *istina* é a realidade absoluta (o que é) enquanto *pravda* é a realidade relativa (o que é para mim, envolve a minha produção de sentidos sobre o que penso que é).

Neste mesmo diapasão, Bono (2015, p. 114), analisando as obras (Filosofia Africana. Das independências às liberdades e Estatuto e axiologia da educação) do filósofo moçambicano, Severino Ngoenha, sobre o papel do filósofo, do pesquisador no desenvolvimento e construção do futuro de Moçambique, concluiu que “toda a reflexão que se pretenda universal deve partir do particular”.

Sendo assim, alinhamos com Bakhtin ao afirmar que estas duas verdades não são opostas e sim, se complementam. Ressalta-se aqui a noção da produção de sentidos e que tem como preceito a participação ativa responsável do sujeito operando, pensando e criando

formulações que produzam sentido singular e unitário, tendo em conta o tempo-espaço em que decorrem esses eventos. Para Bakhtin, o conhecimento real é aquele em que eu “reconheço a verdade que ele contém e assino sua validade para mim (pravda). Reconheço-o como meu.” (AMORIM, 2009, p. 24).

Tendo como referência Axt (2008; 2016), podemos afirmar que a imersão do pesquisador no campo, ora atuando como professor (leccionando e experimentando uma proposta pedagógica), ora como pesquisador (refletindo sobre os resultados e sobre a proposta em estudo) buscando entender as interações e o processo de construção da aprendizagem dos estudantes nesse contexto problemático de que ele participa, pode ser entendida no âmbito da pesquisa dialógica e como movimento de implicação-vivenciação.

Trata-se de operar no plano de pesquisa-formação – *modus operandi* dos pesquisadores do LELIC/UFRGS – a formação dos sujeitos da pesquisa compondo o plano de consistência e as apreciações do pesquisador sobre todo o processo e no decorrer deste, compondo o plano da pesquisa. Este modo de trabalhar – pesquisa-formação – segue a abordagem da interação dialógica e da in(ter)venção, como possibilidade para a criação na pesquisa e para interpretação dos sentidos aí produzidos.

Portanto, na pesquisa dialógica o pesquisador se encontra implicado no contexto da produção das experimentações, vivenciando e acolhendo as produções dos efeitos de uma dialogia, de uma relação de coexistência e de tensão nesse campo, o que lhe possibilita elaborar interpretações compartilhadas com um aprofundamento dos sentidos.

No presente estudo, teve-se como base o registro sistemático dos dados, alguns previstos pelo pesquisador/professor (pelas discussões com os estudantes nos ambientes presencial e virtual) e outros dados que ocorreram de forma espontânea e imprevisível, a descrição e interpretação/análise do problema/situação em estudo, sendo que a confiabilidade foi assegurada pelo uso combinado de procedimentos como a análise dos enunciados produzidos no ambiente virtual, os questionários, a fotografia.

As interações em ambiente telemático/virtual foram realizadas com recurso a ferramenta *ForChat* complementada pela ferramenta de formulários *on line* da Google. A seguir fazemos uma breve apresentação destas ferramentas com enfoque nas justificativas para a sua utilização nesta pesquisa, começando pelo *ForChat* (na seção 3.4.2) e os formulários *on line* da Google na seção 3.4.3.

### 3.4.2 O ForChat enquanto diário coletivo-individual

Segundo Mutti e Axt (2008), o ForChat é um software, uma ferramenta de comunicação disponível *on-line*<sup>53</sup>, que possibilita uma escrita autoral embasada nas interações dialógicas de caráter teórico conceitual-metodológico, estético-ficcional e real entre os seus participantes (estudantes e professores de vários níveis de ensino), agregando as funções de fórum (regulamentado ou não), do *chat* (bate-papo) e portfólio (mural). A sua materialização contou com o apoio do Edital 12/2000 – SEAD/UFRGS, a partir de desdobramentos do PROVIA<sup>54</sup>. PROVIA - Programa Interinstitucional Comunidades de Aprendizagem, Estética do Virtual e Autoria Coletiva. Este programa é desenvolvido em parceria com o LELIC/UFRGS e tem contado, em diferentes momentos, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Para Roque, Prates e Axt (2010), o PROVIA busca mapear efeitos do emprego de tecnologias digitais em distintos campos empíricos e contextos, delineando a emergência, nestas circunstâncias, de modos particulares de subjetivação, no plano da produção de sentido e da autoria, das aprendizagens e da construção do conhecimento.

Esta ferramenta, gestada no Laboratório de Estudos em Linguagem Interação e Cognição (LELIC) da UFRGS, encontra-se disponível na web para utilização em pesquisas se debruçando sobre o desenvolvimento de metodologias de interação na educação e em ambientes virtuais de aprendizagem. Apesar de ser uma ferramenta antiga (de 2000, quando era novidade) e com poucos recursos computacionais, e mesmo com outras ferramentas mais poderosas (atualmente), ela ainda pode cumprir com seu objetivo essencial, o de constituir-se como espaço de “interação dialógica (argumentativa, narrativa, expressiva, contratual), de caráter teórico conceitual-metodológico, ou de caráter estético-ficcional, em que todos os participantes se encontram em posição de interlocução, através da escrita autoral.” (MUTTI & AXT, 2008, p. 350)

Esta ferramenta apresenta uma estrutura visada a impulsionar e potencializar os processos de produção de autoria, envolvendo a emergência de novos sentidos, bem como a construção conceitual, continuamente realimentada a partir de novas contribuições, tornando visíveis novas e sutis diferenciações, novas e mais ricas composições. A interface da ferramenta Forchat é intuitiva e de fácil utilização, exigindo dos participantes a imersão no

<sup>53</sup> <http://www.ufrgs.br/lelic/index.php/projetos-de-pesquisa/forchat>.

<sup>54</sup> O PROVIA investiga efeitos dos acoplamentos tecnológicos digitais com os diferentes campos empíricos e do saber institucionalizado e modos de subjetivação emergentes nos planos da criação estética, da produção de sentido e autoria, das aprendizagens e da construção do conhecimento. (<http://www.ufrgs.br/lelic/index.php/projetos-de-pesquisa/provia>)

contexto da discussão. A leitura e produção de mensagens dão-se no mesmo espaço interativo, durante todo tempo.

O *backbone*, ao nível da programação, consiste de interfaces de criação que possibilitam o intercâmbio de informações em formato de lista de discussão, cujos registros são armazenados on-line em um banco de dados MySQL, ordenados por meio da programação em PHP, para posterior exibição em browser. Para utilizar o Forchat, os participantes devem ser previamente cadastrados nas salas (processo sumarizado no Apêndice B). Cada participante deve possuir uma identificação, uma senha e um ícone (facultativo) que o representa. (MUTTI & AXT, 2008)

A figura 3, que se segue, apresenta a interface de uma sala do ForChat.

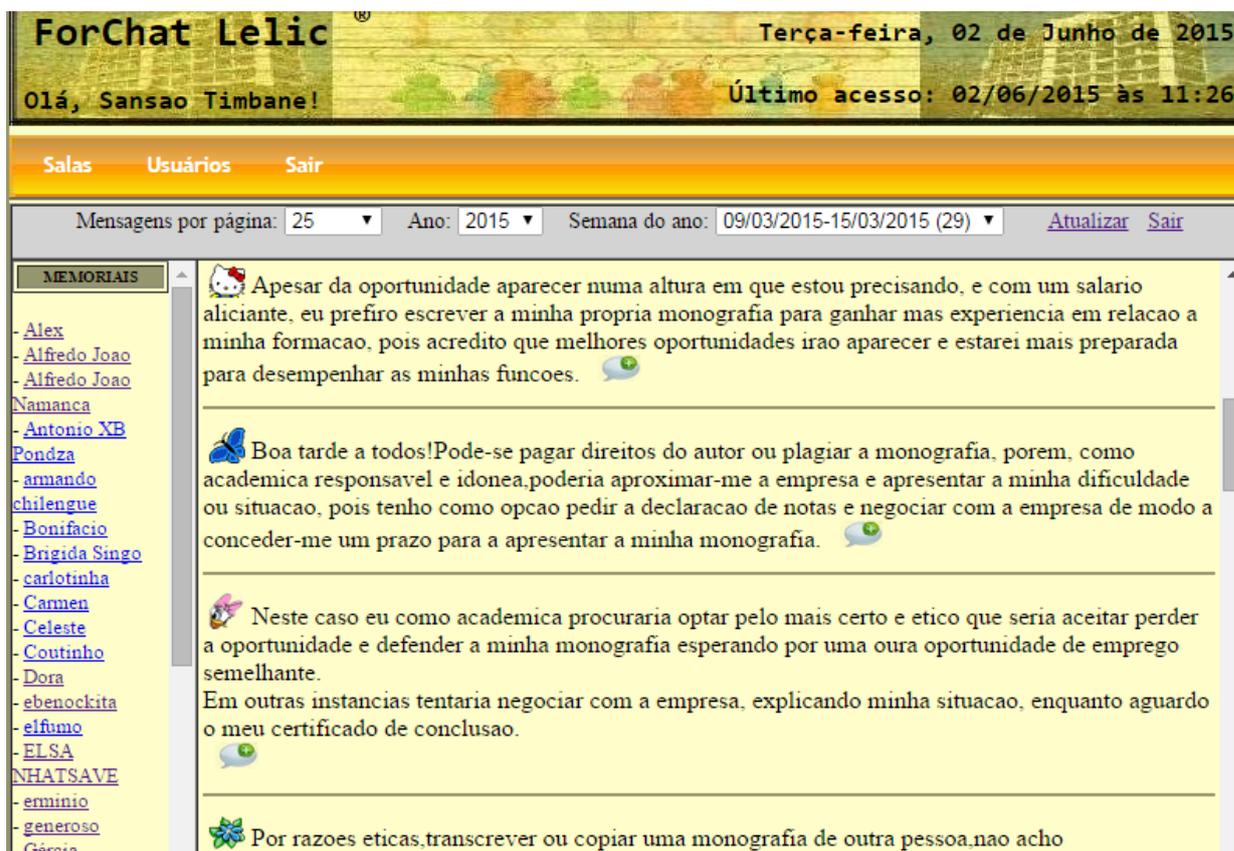


Figura 3: Interface de uma sala do Forchat.

Fonte: Autor

Da figura 3, podemos observar que a interface da sala virtual (ForChat) apresenta três áreas, designadamente: (1) coluna da esquerda – apresenta os participantes; (2) área central (de visualização) – espaço de troca de mensagens; (3) cabeçalho – identificação do usuário e da data último acesso, menus com opções, janelas para selecionar número de mensagens por página, o ano pretendido e, a semana desejada.

Podemos destacar como grande contribuição do ForChat,

a possibilidade de desenvolver, com apoio da tecnologia digital, ambientes de aprendizagem apoiados em metodologias altamente interativas, que se orientem por paradigmas referidos a sistemas abertos, complexos, dependentes dos contextos, que impulsionem e potencializem os processos de produção de autoria, envolvendo a emergência de novos sentidos, bem como uma construção conceitual, continuamente realimentada a partir de novas contribuições, tornando visíveis novas e sutis diferenciações, novas e mais ricas composições.

(<http://www.ufrgs.br/lelic/index.php/projetos-de-pesquisa/forchat>)

As mensagens (conversas) são armazenadas por semana, associando a mensagem ao usuário, data e horário, garantindo fiabilidade das produções individuais e coletivas e permitindo a gestão facilitada dos usuários. As conversas passadas permanecem disponíveis para interação numa estrutura que garante a continuidade dos assuntos tratados.

Embora o ForChat não seja um AVA clássico na sua concepção, ele apresenta ao mesmo tempo (reunidos no mesmo espaço) recursos pedagógicos (chat, fórum, portfólio) de AVA que, combinados à facilidade de gestão, irão permitir a realização do estudo proposto. Outra razão para a escolha do Forchat centra-se no facto de o estudo poder contribuir com elementos para o aprimoramento da ferramenta. Mais do que os recursos de uma ferramenta, de um AVA, importante é a comunidade que se estabelece pelas relações entre os seus usuários e, aí começa o desdobramento, a subversão da tecnologia para responder a uma demanda de educação, possibilitar discussões que proporcionam a emergência de processos de criação autoral colaborativa e à aprendizagem – “desinstitucionalização de posições pré-instruídas”<sup>55</sup>. Como referem Mutti e Axt (2008), a ferramenta forchat foi criada para

propiciar ações pedagógicas a distância que proponham uma intensiva interlocução virtual entre participantes dispostos a discutir um tema, um autor, um projeto ou, inclusive, escrever um ensaio em conjunto. Atividades como essas se mostram em consonância com dispositivos pedagógicos que predispõem à interação, podendo mesmo constituir redes conversacionais no formato de comunidades virtuais, concebidas com o propósito de favorecer um alto grau de interação dialógica entre seus participantes. (MUTTI e AXT, 2008, p. 349)

O Chat-Fórum é espaço de discussão privilegiado para a vivência das interações dialógicas entre os participantes. Já o portfólio se constitui como um espaço de produção e de síntese das aprendizagens individuais mas influenciadas e enriquecidas pelas contribuições dos colegas. O estudante tem o privilégio de visualizar a construção do seu próprio percurso

---

<sup>55</sup> Os participantes passam a se constituir não como um grupo de estudantes dirigidos pelo professor, mas como membros de uma “comunidade” de estudiosos de um tema, na qual o professor não dirige o rumo da discussão. (...) Todos são instados a “entrar no fluxo”, a estar “no meio” da interação, a expor-se à “aceleração”; todos são instados a uma nova possibilidade de crescer em conjunto, à “expressão livre”, facilitada pela “escuta acolhedora” pressuposta nessa comunidade. (...) A posição de professor desloca-se, podendo ser ocupada por qualquer membro do grupo que se disponha a “ensinar”, em algum momento da discussão, sem desempenhar esse papel de modo permanente. (MUTTI & AXT, 2008, p. 357)

de discussão ao longo da disciplina e que irá servir de base para a elaboração do relato reflexivo, tendo como pressuposto as interações dialógicas ou dialogismo bakhtiniano, como referem Axt *et al* (2006), ocorridas no chat-fórum e portfólio. Dessa forma o ForChat se constitui como uma ferramenta “para o sujeito efetivar a aprendizagem, produzir conhecimentos de outra forma que a tradicional, não [é] mero ‘recurso’ para ensinar conhecimentos prontos” (MUTTI & AXT, 2008, p. 354).

O ForChat auxilia na autoprodução dos materiais de estudo e na análise apreciativa das produções realizadas com os estudantes, através processos de construção de auto-narrativas, textos coletivos, participação e interações nesse processo de construção. A simplicidade/intuitividade, a exigência de menores recursos de hardware e de largura de banda de Internet, aliada a possibilidade de todos os participantes numa sala poderem escrever em tempo real criando um vetor, são fatores que enriquecem o ForChat os quais são explorados neste estudo e oferecem facilidade para o seu uso em Moçambique considerando, também, os requisitos mínimos de sua funcionalidade e facilidade de personalização e apoio técnico junto aos seus administradores.

### ***3.4.3 O ambiente telemático - Formulários on line da Google***

A ferramenta de formulários *on line* da Google está associada à ferramenta, também *on line*, Google Docs combinada ao Google Drive e permite o armazenamento e sincronização de ficheiros. Os estudantes fizeram discussões iniciais sobre dilemas éticos nestes espaços para posterior aprofundamento no ForChat. Espera-se alguma mudança no posicionamento dos estudantes face aos dilemas éticos discutidos em anonimato nos formulários *on line* da Google (Apêndices C e D), comparado aos posicionamentos dos mesmos estudantes no ForChat, onde as suas contribuições, posicionamentos e identidades são reveladas ao coletivo participante desse debate. Até que ponto a quebra do anonimato e a familiarização com uma certa questão problemática interfere nas apreciações dos estudantes sobre o dilema ético?

### ***3.4.4 O Questionário***

Em pesquisa qualitativa e humana/social, considerando o contexto em que ela se desenvolve, as relações pesquisado, pesquisando e pesquisador, tendo em vista a interpretação dos problemas vivenciados (objetos de pesquisa), a produção de dados pode ser feita com

recurso aos procedimentos de observação, entrevista, questionário, formulário, pesquisa bibliográfica e documental. Os procedimentos arrolados podem contribuir com subsídios à análise de enunciados, na medida em ajudam no mapeamento do contexto, que é fundamental na relação dialógica, que é por onde passa o sentido.

Segundo Gil (2008, p. 121), o questionário pode ser definido por “um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc”.

O questionário, a entrevista, e o formulário são procedimentos que apresentam muitas semelhanças entre si, do ponto de vista da estrutura/elaboração e das informações/explicações que podem fornecer sobre as relações do pesquisando/pesquisador com o fenômeno pesquisado. Com base em Gil (1989), entende-se por questionário um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado (parceiro da pesquisa). A Entrevista é uma conversa que envolve duas pessoas, numa situação de “face a face”, em que uma delas formula as questões e outra as responde. Já o formulário é visto como um procedimento em que o pesquisador formula questões previamente elaboradas e anota os comentários, argumentos (“respostas”).

No presente estudo, foi aplicado um questionário com perguntas abertas e fechadas aos participantes, com o objetivo de capturar a sua avaliação sobre as vivências nesta experiência, bem como, encontrar elementos não previstos. As questões fundamentais estarão relacionadas à disponibilidade da tecnologia, seu uso como ferramenta para vincular conteúdos de aprendizagem, seu desdobramento como recurso de exercício de valores axiológicos entremeando aprendizagens cognitivas e técnicas.

### **3.5 Análise e a interpretação dos dados**

A análise e a interpretação dos dados é feita sob forma de estudos de caso sobre os enunciados dos estudantes e do pesquisador, enquanto professor da disciplina curricular, engajados com as dinâmicas de discussão propostas e aquelas que emergem desse contexto dialogal sobre os conteúdos escolares acoplados à estratégia de abordagem pelo viés de dilemas éticos.

Os enunciados dos estudantes produzidos no contexto interacional de construção e discussão dos dilemas éticos (em sala de aula presencial, no Forchat e as anotações no diário

de campo) constituem o objeto estético de referência nesta pesquisa: estes enunciados orientam a nossa intervenção no calor do acontecimento – aula/aprendizagem – nesse mundo real, vivenciado numa relação dialógica de cuidado com a produção de sentidos que aí se dá, com todo o universo que o caracteriza; a nossa visão contemplativa-interpretativa, sujeita a compreensões e algumas incompreensões que nos permitem fazer um acabamento como posição enunciativa responsiva.

Pensar os enunciados enquanto efeito da produção de sentidos, implica pensar na interação entre os enunciados, encontro entre os enunciados, ao mesmo tempo, o encontro dos sentidos que eles reverberam, sua interpretação – interpretação enquanto criação/produção de sentidos/enunciados – interpretação como acabamento estético.

Desta maneira, com base em Axt (2016), podemos pensar os processos enunciativos como in(ter)venção na relação tanto com a escuta (acolhimento, e também produção de dados pelo registro efetuado), como com a interpretação responsiva – acabamento estético provisório, que se dá por um pequeno e simultâneo afastamento virtual – exotopia/excedente de visão.

Abrir uma brecha, uma ampliação de horizonte, por via de um distanciamento virtual entre escuta e intervenção, é o que parece produzir o ‘excedente de visão’, que dispara a captura expressiva (sempre incompleta, inconclusa) de um certo todo enunciativo. (AXT, 2016, p. 38)

Com base na autora, uma vez que o processo enunciativo e mesmo o enunciado expressivo abrem espaço para a in(ter)venção por meio da interpretação e da produção de sentidos, o enunciado pode ser tido como acontecimento de sentido, instaurador da escuta sensível e responsiva e do agenciamento das relações dialógicas por implicação nesses contextos enunciativos.

No caso do presente estudo, o **objeto de análise e interpretação** foi constituído pelos **enunciados** (orais e escritos, verbal e não-verbal) dos **estudantes** e do **professor**, produzidos no contexto interacional de **construção e discussão dos dilemas éticos**, como momentos de sua existência axiológica e como representativos dessas consciências enquanto centros de valores.

Esses enunciados serão analisados dentro do quadro teórico que nos permite trabalhar a arquitetura dialógica da relação eu-outro (eu-para-mim, eu-para-outro, outro-para-mim), dentro da arquitetura do ato responsável – ato ético. Estes enunciados serão analisados em dois planos, filosófico e prático.

O plano filosófico compreende o compromisso com a proposta de discussão dos dilemas éticos como dinamizadores principais de estratégias de aprendizagem relacionadas ao

desenvolvimento dos valores axiológicos no coletivo e no contexto escolar, a construção de dilemas éticos e seus desdobramentos – resultados da discussão da questão ética. Já o plano prático, pode ser entendido como a *práxis* da ética nesses contextos de aprendizagem (na sala de aula e no ambiente virtual). Esta *práxis* diz respeito ao engajamento ou motivação dos estudantes com as atividades do desafio em sala de aula, portanto, a sua relação com os colegas, com o professor, seu comprometimento com a resolução das tarefas, com os prazos, a sua frequência.

O Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa define engajamento como ato ou efeito de engajar(-se), sendo engajar o ato de empenhar-se em algo. O conceito engajamento está relacionado aos conceitos de motivação, entusiasmo, interesse. No entanto, a nossa atenção está focada no conceito de engajamento na perspectiva de participação ativa que nos auxiliará na análise e interpretação dos dados da pesquisa.

Com base em Chapman (2003), o engajamento pode ser definido como a intensidade e a qualidade emocional<sup>56</sup> com que os estudantes se envolvem em atividades de aprendizagem. Fredricks, Blumenfeld e Paris (2004) consideram que o engajamento é de natureza multifacetada envolvendo três dimensões; comportamental, emocional e cognitiva. O engajamento comportamental baseia-se na idéia de participação; que inclui o envolvimento do estudante em atividades acadêmicas, sociais e extracurriculares e é considerado crucial para a obtenção de resultados de aprendizagem positivos e prevenir a evasão. O engajamento emocional tem a ver com os afectos, a empatia, engloba reações positivas e negativas do estudante para com os professores, colegas de classe e o ambiente escolar. Presume-se que neste tipo de engajamento o estudante cria laços que influenciam a sua vontade de participar nas atividades propostas pela instituição. O engajamento cognitivo baseia-se na idéia de insistência/persistência, de investimento do seu potencial cognitivo/técnico/ético-moral para entender o problema e propor saídas; considera a vontade e o esforço exercidos pelo estudante para compreender idéias complexas e desenvolver competências para operar com problemas com grau de dificuldade considerável.

Com base nos autores, engajamento está associado aos resultados positivos nas suas aprendizagem, incluindo sua realização e persistência na escola e é maior em ambientes (salas de aula) onde prevalecem o apoio e a interação dialógica entre os professores e estudantes,

---

<sup>56</sup> Entendemos como emotivo-volitivo na perspectiva bakhtiniana na medida em que, o estudante participa ativa e responsabilmente nas atividades, a sua ação é determinada pela sua vontade de vivenciar os acontecimentos nesses espaço-tempo onde se opera com os conteúdos (escolar) de aprendizagem com os quais se constroem sentidos, tendo como centro a relação eu-outro.

com tarefas desafiadoras e autênticas, oportunidades de participação para todos integrantes desse espaço dialogal de discussão de um problema concreto.

Engajamento está associado aos resultados acadêmicos positivos, incluindo a realização e persistência na escola; e é maior em salas de aula com professores prestando apoio aos estudante e incentivando o apoio entre os colegas, com tarefas autênticas e desafiadoras, oferecendo oportunidades de escolha, e estrutura adequada – *tradução livre do autor*<sup>57</sup>. (FREDRICKS, BLUMENFELD & PARIS, 2004, p. 87)

Os estudantes engajados valorizam a participação nas atividades propostas, bem como se enriquecem com o seu envolvimento nela e propondo outras atividades e encaminhamentos. Ainda tendo como referência estes autores, entendemos que, estes estudantes revelam um ganho de potência, um desejo e comprometimento para com a realização da tarefa inicial-disparadora.

A responsividade dos enunciados dos estudantes na sala de aula e no ambiente virtual pode denotar maior ou menor engajamento com o desafio proporcionado pelos dilemas éticos. Esse grau de entusiasmo (engajamento/motivação) irá permitir elaborar uma apreciação avaliativa dos posicionamentos (est)éticos<sup>58</sup> assumidos pelos estudantes no contato com a proposta.

---

<sup>57</sup> *Engagement is associated with positive academic outcomes, including achievement and persistence in school; and it is higher in classrooms with supportive teachers and peers, challenging and authentic tasks, opportunities for choice, and sufficient structure.* (FREDRICKS, BLUMENFELD & PARIS, 2004, p. 87)

<sup>58</sup> Usamos esta forma para destacar a nossa ideia de que, no seu envolvimento com a resolução dos dilemas éticos, constroi posicionamentos éticos e produz uma visão do mundo, até de comportamento. Axt (2011a) usa esta forma para se referir a dois sentidos de um mesmo movimento, o ato estético como um efeito em tempo simultâneo do ato ético. A forma “(est)ética” é usada para realçar o caráter inextrincável da relação entre a ética e a estética no agenciamento coletivo de enunciação. Aqui estão em jogo dois conceitos: a exotopia (na estética) e a empatia/amorosidade (na ética). Já em Axt (2016) encontramos a forma ético-estético; a ética associada à implicação responsável pela escuta sensível; enquanto a estética associada à produção de acabamentos transitórios.

#### 4. ANÁLISE APRECIATIVA DOS PROCESSOS DE ORDEM INSTITUCIONAL

Discutir a construção de dilemas éticos com estudantes de graduação no curso de agropecuária exigiu do pesquisador muitas reformulações, pois a proposta inicial foi elaborada na base da sua experiência e expectativa de trabalhar com estudantes de graduação em informática, na Disciplina Informática e Sociedade.

O pesquisador integrou a equipe que elaborou (2003) e implementou (2004) o currículo do primeiro curso de formação de professores de informática pela Universidade Pedagógica, designado Bacharelato e Licenciatura e Ensino de Informática. Este curso tinha a duração de oito semestres, sendo que, no sétimo os estudantes tinham contato com a Disciplina Informática e Sociedade. O pesquisador auxiliou o professor titular da disciplina na leccionação das aulas e orientação dos seminários junto aos estudantes e, a fim de três épocas passou para si a responsabilidade de leccionar a disciplina, pelo que fortaleceu os vínculos estabelecidos com os conteúdos desta disciplina.

No ano de 2013 ingressa para o PPGIE/UFRGS e no seu retorno, em 2015, para realizar estudo piloto constata que esta disciplina foi descontinuada como corolário da transformação curricular daquele curso que agora tem a designação de “Licenciatura em Informática com Habilitação em” uma das áreas “Engenharia de Desenvolvimento de Sistemas, Engenharia de Redes, Ensino de Informática, Engenharia de Design e Multimídia”. Nesse mesmo ano, a universidade em colaboração com a Universidade Virtual Africana (AVU) desenvolve o Currículo para o Curso de Licenciatura em Informática Aplicada, onde o pesquisador é nomeado para integrar a equipe de desenvolvimento de programas, especialmente o de Informática e Sociedade na língua portuguesa.

Todavia, considerando que esta oferta só se efetivará a partir do segundo semestre do ano 2016, o problema da falta daquela disciplina persistia, pelo que a saída para o estudo foi trabalhar com estudantes do 4º ano do Curso de Licenciatura em Agropecuária, na Disciplina de Didática Profissional. No quadro 2 apresentamos a síntese dos conteúdos temáticos propostos nas disciplinas de Informática e Sociedade da UP e da AVU, além como da Didática Profissional (no curso de agropecuária da UP).

Informática e Sociedade pela UP	Informática e Sociedade pela AVU	Didática Profissional
Fundamentos da Informática e Sociedade.	Revisão de principais conceitos e princípios de programação aplicada, terminologias informática.	Planificação das aulas de Agropecuária

Desenvolvimento Tecnológico.	Pesquisa e discussão sobre História dos Sistemas de Computação e Informática.	Planificação e simulação de micro-aulas segundo o programa
Impactos da Tecnologia - Alterações nas condições de trabalho (modo de produção)	Tecnologias de Informação e Comunicação. Impacto actual para a vida cotidiana.	Estratégia para análise e avaliação dos Programas de formação
Informática em Moçambique. A Política Nacional de Informática.	Profissional de informática, direito, ética e sociedade.	Concepção de projectos na Educação profissional

Quadro 2: Síntese dos conteúdos temáticos propostos nas disciplinas de Informática e Sociedade da UP e da AVU e conteúdos da Didática Profissional (no curso de agropecuária da UP).

Fonte: Autor.

Estes conteúdos foram importantes porque serviram de referência para pensar o estudo, no caso de Informática e Sociedade, bem como serviram de parâmetro para construir os dilemas éticos que foram discutidos com os estudantes na presente pesquisa, na disciplina de Didática Profissional. A seguir apresentamos as produções com estudantes no curso de agropecuária no âmbito das experimentações em dilemas éticos.

#### **4.1 Expectativas dos estudantes sobre a Disciplina Didática Profissional de Agropecuária III**

Com base no anexo A, sistematizamos as expectativas dos estudantes na Disciplina de Didática Profissional de Agropecuária III, a seguir apresentadas:

1. Adquirir conhecimentos sobre: métodos e estratégias no PEA;
2. Adquirir conhecimentos sobre as técnicas de saber ensinar com coerência;
3. Saber dar aulas com todas as metodologias indicadas para cada circunstância;
4. Adquirir conhecimentos que o permitam lecionar em todo o país;
5. Adquirir competências de saber ensinar considerando os desafios das comunidades;
6. Aprender a produzir material didático para o uso em sala de aula;
7. Saber como estar perante os estudantes e saber ensinar;
8. Conhecer o método de ensinar, a arte de ensinar;
9. Adquirir técnicas de interação com os estudantes e formas de melhorar a sua aprendizagem;
10. Aprender como se expressar durante uma aula;
11. Aprender (ter) as técnicas necessárias para o Processo de Ensino-Aprendizagem, como deve ser a interação entre o professor, estudante e a comunidade;
12. Aprender (ter) conhecimentos e boas metodologias de ensino, saber avaliar os estudantes.

No primeiro encontro da Disciplina de Didática Profissional de Agropecuária III, antes que a professora divulgasse (entregasse) oficialmente a ementa da disciplina, os estudantes elaboraram e alistaram as suas expectativas de aprendizagem na disciplina. As expectativas dos estudantes, na disciplina em questão, resultam do seu contato com outras disciplinas do ramo das pedagogias<sup>59</sup> e didáticas ao longo do curso, e que precederam esta, e da produção de sentidos que eles fizeram sobre a planificação e lecionação de aulas.

Em geral as expectativas dos estudantes, sobre as aprendizagens nas disciplina, se situam no campo cognitivo e técnico. Não há referência à aspectos éticos da sua formação e que possam ser exploradas na disciplina, como por exemplo, uma reflexão sobre os saberes<sup>60</sup> e práticas docente (o fazer pedagógico, o ser/estar/agir docente). Isto pode ser um indicativo de como os sistemas educativos formais, representados pela escola, preparam os sujeitos para a sua inserção e intervenção na sociedade. Este processo se dá através do desenvolvimento articulado de habilidades que favoreçam a emergência de competências que permitam ao sujeito encerrar os desafios da vida, privilegiando as questões técnicas (saber fazer) e cognitivas (saber), preterizando as questões éticas (saber ser com o outro) – habilidades que contribuem para a qualidade das relações humanas. Ora, no mundo contemporâneo, os problemas da sociedade se revelam multifacetados, pelo que é importante considerar todas as dimensões do saber aqui aludidas para que o sujeito tenha a opção de pensar e agir mais livremente, democraticamente e com uma ética de preocupação consigo mesmo, ao mesmo tempo que considera as implicações dos seus atos na vida do coletivo a que diz respeito.

Com base nessas expectativas, pode-se questionar até que ponto o professor é fiel aos valores axiológicos e deontológicos da sua profissão na sua sociedade e, conseqüentemente na vida do estudante, ao mesmo tempo que é fiel a seus próprios valores. Esses valores determinam o engajamento do estudante na aula, a conservação duma confiança que transcende ao sistema educacional, garantido a sua disposição e disponibilidade para participar desses encontros na expectativa de aprender.

#### **4.2 Dificuldades vivenciadas pelas partes no seu fazer pedagógico**

Com base no anexo B, sistematizamos as vivências dos estudantes na disciplina de Didática, a seguir apresentadas:

---

<sup>59</sup> Teoria de Educação, Pedagogia Comparada, História da Pedagogia e Pedagogia Especial.

<sup>60</sup> Referimo-nos aos conhecimentos, modos de agir, sentimentos, pensamentos, emoções, elementos de empoderamento do sujeito para produzir e inovar.

1. Instabilidade (oscilação) do sinal de Internet;
2. Necessidade de criação de contas de correio electrónico para o cadastramento e trabalho nos ambientes virtuais (formulário *online* e ForChat);
3. Falta de computadores em número suficiente para que mais estudantes pudessem acessar a internet simultaneamente (a sala estava equipada com 15 PCs, dos quais apenas 7 tinham acesso a Internet);
4. Fraca habilidade (domínio) dos estudantes no manuseio de sistemas informáticos (computador e aplicativos);
5. Algumas funcionalidades do forchat travavam;
6. Processamento lento das máquinas.

As dificuldades supra apresentadas foram encaradas como desafio imposto pelas condições de acesso à tecnologia digital face a implementação de uma proposta de trabalho concreta. Os estudantes, de forma voluntária, se empenharam em atividades conducentes à reversão deste cenário através de (1) verificação dos cabos de conexão do sistema computacional, (2) realização de testes de conectividade na rede, (3) utilização de computadores privados (laptops, tablets, iPads), (4) utilização de modems<sup>61</sup> pessoais em seus computadores privados, (4) Consultas sobre a gestão da internet na sala, (5) propostas de realização da actividade em outros espaços fora da universidade. Tais esforços consubstânciam uma escuta responsável implicada no encontro de abertura autêntica, de confiança de uns para com os outros.

As alterações na proposta inicial de trabalhos – estudantes de informática e conteúdos da disciplina Informática e Sociedade, para estudantes de agropecuária e conteúdos de Didática Profissional – teve implicações no ritmo dos trabalhos a dois níveis, o do professor/pesquisador e do estudante. No nível do professor/pesquisador, este teve que adaptar-se às novas condições impostas pelos conteúdos da Didática profissional (agropecuária) para os quais não havia, até ao momento, projetado nenhuma atividade visto não possuir contato direto anterior com os conteúdos desta disciplina na modalidade em que estavam propostos (Programas de Ensino de Agropecuária, Ensino Secundário Geral - Moçambique).

Já o nível do estudante está relacionado com o perfil destes no que toca às suas aptidões em trabalhar com os recursos digitais. O investimento feito com os estudantes para minimizar

---

<sup>61</sup> Modem é uma palavra composta que significa modulador/demodulador. É um dispositivo capaz de transformar os sinais digitais em analógicos (modulação) e os sinais analógicos em digitais (demodulação).

as suas deficiências no manuseio dos equipamentos informáticos – aspectos formais da proposta – teria sido capitalizado nas intervenções relacionadas com a proposta de construção e discussão de dilemas éticos com os estudantes a partir das temáticas da disciplina – aspectos de conteúdo da proposta. Todavia, consideramos que diante destas circunstância de trabalho houve ganhos na aprendizagem dos estudantes, atestadas pelo seu engajamento individual e coletivo nas atividades no ForChat.

Conclui-se que, os desafios, enfrentados durante a vigência da proposta e os exercícios de procura de solução para os mesmos, configuraram dilemas éticos e atestaram a adesão e o engajamento dos parceiros à proposta. Por outro lado, as decisões tomadas em decorrência desses dilemas levaram em conta as produções de sentidos realizadas nesses encontros, fundamentando uma ética de escuta e interação dialógica, possibilitando uma percepção e construção estética da vida e do fazer pedagógico.

#### **4.3 Algumas sugestões apresentadas pelos estudantes para minimizar as dificuldades sintetizadas em 4.2**

1. Reduzir o ratio estudante-computador (1/1);
2. Projeção do passo a passo em tela, enquanto os estudantes realizam a tarefa. Os proponentes desta sugestão devem não ter se dado conta de que, após a explicação das atividades para toda a turma, com projeção na tela, o docente disponibilizou o seu computador para que mais estudantes (sem computador) pudessem realizar as tarefas;
3. Verificação dos cabos de conexão do sistema computacional;
4. Realização de testes de conectividade na rede;
5. Utilização de modems pessoais em seus computadores privados;
6. Consultas sobre a gestão da internet na sala;
7. Realização da actividade em outros espaços da universidade e fora dela.

Embora não fosse o foco da questão, alguns fizeram uma apreciação da proposta apresentada e avaliaram positivamente as suas vivências no processo!

## **5. ANÁLISE APRECIATIVA DAS RESPOSTAS PRODUZIDAS EM GRUPO NO FORMULÁRIO *ON LINE*, EM QUE OS POISICIONAMENTOS INDIVIDUAIS FICAVAM PARCIALMENTE ANÔNIMOS**

Nos capítulos anteriores discutimos as origens da pesquisa, elaboramos o arcabouço teórico que o fundamenta e construímos uma metodologia que nos permitisse abordar as questões relacionadas com a vivência de valores no contexto escolar, nas aprendizagens cognitiva-técnica instrumental. Nesta seção apresentamos os resultados do estudo realizado com estudantes do Curso de Agropecária, da Universidade Pedagógica em Maputo, designada UP\_Sede.

Por forma a dar início ao estudo de caso com estes estudantes, realizamos, no dia 09 de Fevereiro de 2015, um encontro com a Direção da Escola Superior Técnica (ESTEC) para a apresentação e explicação detalhada do plano de pesquisa.

Na impossibilidade de trabalhar com estudantes de graduação em informática, na Disciplina Informática e Sociedade, resultou a atribuição da Disciplina de Didática Profissional (DP III) para a realização da pesquisa com os estudantes da universidade, todavia cursando a graduação em agropecuária. As aulas da Disciplina de DP III tinham lugar às Quarta-feiras, das 12:30h às 16:05h, correspondente 4 horas semanais e, lecionadas sob orientação da Prof<sup>a</sup> Doutora Brígida Singo – professora responsável pela disciplina.

O estudo realizou-se em duas turmas, nomeadamente, 4º ano do Curso de Licenciatura em Agropecuária Regular e 4º ano do Curso de Licenciatura em Agropecuária Pós-Laboral.

Os resultados aqui apresentados referem-se à turma regular. Com relação à turma do pós-laboral, não houve avanços significativos nas suas produções sobre dilemas éticos que nos ajudassem a perceber os contornos da proposta em experimentação, sendo que os enunciados produzidos com esta turma poderão ser utilizados para pontuar determinados aspetos onde se mostrar conveniente.

No dia 13 de Fevereiro de 2015 (Sexta-feira), decorreu a aula inaugural na UP, sob o lema: “Moçambique, a vontade de existir” – “Moçambique entre a obsessão identitária e o desejo de habitar o mundo”. Ao que se seguiu a visita à sala de informática onde os estudantes teriam os encontros presenciais com acesso aos ambientes virtuais aprendizagem selecionados para o estudo (Forchat, Formulários *online* da Google). Constatou-se haver sobreposição na ocupação da sala porque, no mesmo horário, já estavam agendadas aulas (das 16:00h às 21:00h) do Curso de Mestrado em Design; e, no Computer Farm, que poderia ser uma sala alternativa, decorria o processo de matrículas e inscrição de estudantes (novos ingressos,

processo que se estenderia até ao dia 27 de Fevereiro do mesmo ano). Dessa forma, mais um dilema (problema) cruzava o nosso caminho e nos desafiaria as tolerâncias na negociação e flexibilização dos horários para acomodar as aulas à disponibilidade da única sala, tendo em conta a pertinência da utilização da sala pelos estudantes das duas turmas.

As aulas tiveram seu início oficial no dia 16 de Fevereiro de 2015 (Segunda-feira) e os encontros de pesquisa teriam seu início marcado para o dia 18 de Fevereiro de 2015, uma Quarta-feira. No dia 18 de Fevereiro, os estudantes não compareceram às aulas, tendo se apresentado, na semana seguinte, dia 25 de Fevereiro, apenas uma estudante, com a qual iniciamos os contactos para convocar os restantes membros da classe para participar nos referidos encontros. Assim, só no dia 04.03.2015 realizamos o primeiro encontro efetivo, com a participação de 24 estudantes, de um agregado de 28 estudantes que compunham a turma.

Ao todo foram realizados cinco encontros presenciais (de 04.03.2015 à 16.03.2015) e dois à distância (entre 04.03.2015 e 12.04.2015). Houve necessidade de mais horas de “contacto”, no lugar de três horas semanais (Plano Analítico da Disciplina Didáctica Profissional-DP III), negociamos com os estudantes e passamos para seis horas semanais divididas em dois dias (Quarta e Sexta-feira, na última semana tivemos um encontro na Segunda-feira). Todo isto foi possível graças à colaboração dos estudantes, da Direção da ESTEC (gestora do curso de agropecuária) e do Centro de Informática (gestora do património informático da universidade, laboratórios e Internet) e dos docentes das disciplinas afetadas na Sexta e Segunda-feiras.

Inicialmente sugeriu-se a formação de 7 grupos com 4 elementos por grupo, no entanto existindo grupos funcionais de 4 e 5 elementos, formados em ocasiões anteriores, decidimos manter esta organização dos grupos. A figura 4 mostra os estudantes dispostos nos grupos e realizando a atividade com o formulário *online*.

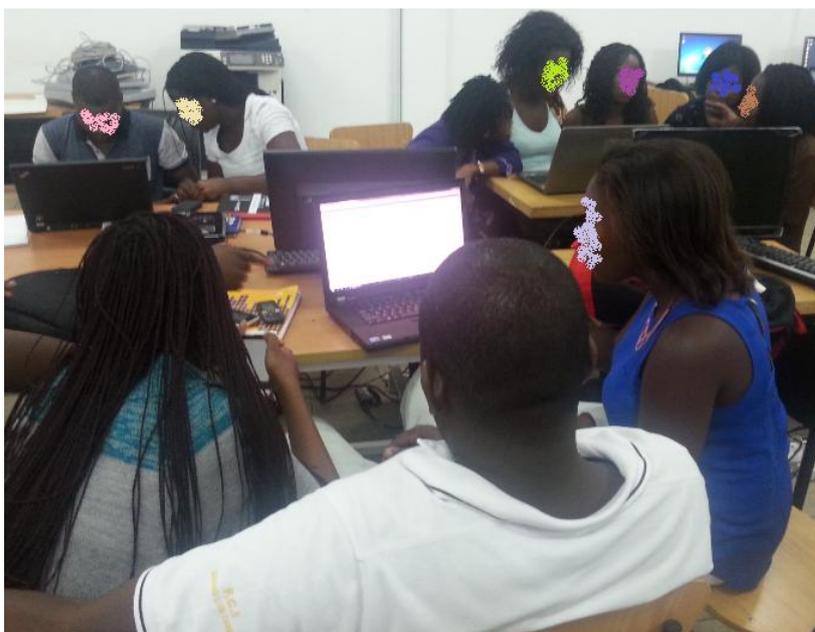


Figura 4: Estudantes em ambiente de trabalhando em grupo.

Fonte: Autor

Com os grupos descritos anteriormente, realizaram-se as atividades a seguir apresentadas.

1. Explicação da proposta e da sua aplicabilidade no contexto da formação dos estudantes (professores em formação). Formação dos grupos de trabalho.
2. Discussão do conceito de dilema ético.
3. Validação de endereços de email para as interações nos ambientes virtuais ao longo dos encontros, presencial e a distância.
4. Resposta no formulário *online* sobre um dilema ético. Atividade realizada em grupo.
5. Acesso ao ambiente ForChat e realização do cadastro dos estudantes, incluído sua configuração (alteração do avatar e nomes de usuários).
6. Solicitação do ingresso na Sala 66 (Dilemas-Éticos-UP) do ForChat, após confirmação do cadastro pelo pesquisador.
7. Resposta individual no ForChat sobre um dilema ético.
8. Comentários, no ForChat, sobre a resposta selecionada dentre as seis fornecidas pelos grupos no formulário *online*.
9. Escrita inicial do Memorial individual.
10. Comentários sobre o texto do Memorial de dois colegas.

Estas atividades foram realizadas sob a orientação do pesquisador e supervisão da docente da disciplina. As orientações para a complementação das atividades foram vinculadas verbalmente (na sala de aulas), por email e pelo ForChat.

Na atividade com o formulário *online* (apêndices C e D), apresentamos problemas hipotéticos relacionados diretamente com a vida acadêmica e profissional do estudante, com o objetivo de (1) contextualizar o estudante na análise de dilema ético; (2) avaliar o grau de

mudança de seus posicionamentos em função da familiarização com a questão; (3) avaliar o grau de mudança de seus posicionamentos em função do anonimato (no formulário) relativamente ao ForChat em que, todos os estudantes têm acesso aos comentários dos colegas.

Da análise do dilema (no formulário *online*),

Situação 1: Você está no limite do prazo para a submissão da documentação relativa a um concurso para o preenchimento de vaga de emprego muito bem remunerada na sua área de formação. Tendo concluído com sucesso as disciplinas do curso, só lhe falta apresentar e defender a sua Monografia Científica, que é a condição para a obtenção do certificado de conclusão do curso. Ora, fazendo buscas na Internet, você encontra uma Monografia Científica que pode adaptá-la para satisfazer as suas necessidades. Identifique os dilemas presentes na situação apresentada.

Situação 2: Você vai presidir um Júri de licitação de equipamento inseminação artificial em bovinos onde você trabalha como Engenheiro Agro-pecuário. A sua esposa está no leito do hospital aguardando por um procedimento médico que você não conseguiu reunir o dinheiro necessário para custear as despesas. Uma das empresas concorrentes entra em contacto oferecendo-lhe um valor monetário suficiente para resolver o problema de saúde da sua esposa, na condição de obter certas vantagens, desleais, sobre os outros concorrentes. Identifique os dilemas presentes na situação apresentada. O que você faria? Identifique os dilemas presentes na situação apresentada.

Dentro deste conteúdo (Situação 1 e 2), foi proposto que os estudantes encarnassem os atores e refletissem sobre as dificuldades por eles encaradas na resolução desses problemas, considerando a realidade econômica, política, social e cultural do meio em que vivem. Propositadamente, não foi feita nenhuma consideração à questão ética nas instruções para a análise dos problemas propostos. Ao passarmos à análise apreciativa dos comentários postados em grupo, no formulário *on line*, estaremos restritos às produções relativas, ao dilema 1, ou situação 1, cujo foco é a possibilidade de plágio de monografia ao final da graduação tendo em vista garantir vaga de emprego numa empresa pública.

### **5.1 Apreciações reflexivas a partir das postagens dos grupos no formulário *on line***

Foram processadas oito comentários, relativos à “situação 1”, entre os dias 05 à 09 de Março, tendo sido validadas seis (tendo como referência o comportamento ético esperado), correspondendo ao mesmo número de grupos de trabalho na turma, das quais fazemos a respectiva transcrição literal na íntegra:

- 1.1 Estaríamos num dilema bastante complicado, pois teríamos que decidir entre plagiar a monografia visualizada na internet ou pagar direitos do autor, porém, ao plagiar a monografia correríamos riscos de se descobrir o feito e ao mesmo tempo se pagássemos o direito do autor, não bases suficientes para defender o trabalho pois não participamos dos experimentos feitos durante a realização da mesma. Contudo, para não perder o emprego nos aproximamos explicar em que situação nos encontramos, no que concerne a detenção do certificado conclusão do curso. (Fonte: acervo da pesquisa - formulário *on line*)
- 1.2 Grupo 4 São três situações possíveis 1- Estamos diante de uma oportunidade em que se trata de ganhar ou perder não existe um meio termo que pode ser aplicado sob ponto de vista do empregador que aplica os requisitos necessários. O dilema que encontramos é o plágio ou dilema escolar em que não é ético apresentar um trabalho como de sua autoria enquanto pertence a outro indivíduo neste caso por falta de opção mesmo sabendo que não é ético e com possíveis consequências apresenta-se o trabalho que vai de acordo com as necessidades do indivíduo por falta de opção e precisando do emprego. 2- E perante uma situação em que a prioridade do indivíduo é terminar a monografia e depois procurar um emprego. 3- Por último é a situação de negociar com empregador garantindo o emprego sem remuneração até o término da monografia. (Fonte: acervo da pesquisa - formulário *on line*)
- 1.3 Por mim seria ético perder a vaga, fazer a minha própria monografia para adquirir mais conhecimentos e experiências na minha área de formação, pois acredito que outras oportunidades virão. (Fonte: acervo da pesquisa - formulário *on line*)
- 1.4 Nesta situação como acadêmicos optaria pelo mais ético que seria terminar, fazer minha monografia que me conferiria o nível com dignidade e esperar por outra oportunidade de emprego; Dentro das possibilidades tentaria negociar com a empresa, de modo a fazer o estágio, aguardando pela conclusão do curso, afim de adquirir o nível exigido. (Fonte: acervo da pesquisa - formulário *on line*)
- 1.5 Não haveríamos de concorrer a vaga, por não reunir requisitos imediatos, mesmo localizando a monografia não vamos plagiar por razões éticas associado ao facto de que a violação dos direitos do autor é crime. Para tal, havíamos de deixar para uma outra oportunidade por falta de condições imediatas da exigência do patronato. (Fonte: acervo da pesquisa - formulário *on line*)
- 1.6 Não! continuava a fazer minha monografia que já vinha preparando, respeitando os meus objectivos e a esperança do amanhã ofereço. (Fonte: acervo da pesquisa - formulário *on line*)

Quanta à questão da ética e numa apreciação inicial geral, estes comentários podem ser apreciados com base nas categorias de comportamento moral de Jean Piaget e articuladas ao aforismo que embasa a tese, bem como à perspectiva do ato ético de Mikhail Bakhtin, nos permitindo avançar gradualmente da heteronomia à autonomia – “dois pólos dessa evolução” moral (PIAGET, 1994, p. 87) – correspondendo ao nível de afrouxamento dos valores éticos e ao nível de flexibilidade relativa que permite explorar as questões éticas envolvidas no problema/enunciado, respectivamente.

## **5.2 Breve Síntese da Teoria do Desenvolvimento Moral de Jean Piaget e suas contribuições para a apreciação das postagens dos grupos no formulário on line**

Durante muito tempo, as pessoas acreditavam que as crianças eram adultos em miniatura, em termos de processos cognitivos (inteligência) – apriorismo ou empirismo tradicional. Piaget realizou experiências que permitiram explicar que tal pensamento não era no todo verdadeiro e que, a aprendizagem era um processo gradual, no qual a criança vai se capacitando em níveis (estágios, períodos de desenvolvimento) cada vez mais complexos do conhecimento seguindo uma sequência lógica. Estes níveis correspondem ao aprendizado e caracterizam-se pelas diferentes maneiras do indivíduo interagir com a realidade.

Para Piaget (Kohlberg (1984), níveis de desenvolvimento cognitivo mais altos corresponderam à maior autonomia, portanto maior liberdade de fazer as suas escolhas do ponto de vista ético. Contudo, uma autonomia total e completa só é possível no estágio seis de desenvolvimento moral de Kohlberg (como vimos na seção 2.3.2), pois, os seres humanos estão sujeitos à negociações constantes na sua interação com a sociedade. Ainda que tenha desenvolvido uma estrutura cognitiva complexa, por meio de processos de assimilação, acomodação, equilíbrio e adaptação, as receitas não têm sortido o mesmo efeito. Muitas vezes, experiências pedagógicas bem sucedida num dado contexto não têm o mesmo efeito quando aplicadas a outros contextos, podendo produzir resultados díspares quando repetidas em outros contextos e com grupos com características diferenciadas.

No que tange ao desenvolvimento moral, Jean Piaget estudou o juízo/julgamento moral em crianças e adolescentes (PIAGET, 1969; PIAGET, 1994) com base em análises de conceitos de honestidade/mentira e justiça, no contexto do respeito às regras de jogos infantis – constituindo “admiráveis instituições sociais” (PIAGET, 1994, p. 23) – e de problemas morais, a partir do ponto de vista destas crianças e adolescentes. Estes estudos permitiram concluir que a criança evolui passando por quatro fases de desenvolvimento moral, a anomia, heteronomia, socionomia e autonomia, sobre as quais apresentamos as suas respectivas características a seguir.

1. Anomia: a anomia corresponde à fase da ausência das regras morais, a criança é regida por seus instintos natos, é a fase do absoluto egocentrismo, ela não pode ser contrariada. Por exemplo, se ela sente fome, chora; a mãe (ou outra pessoa encarregada) amamenta-a. Se ela deseja um brinquedo, ela chora e os pais assistem-na nesse desejo. (PIAGET, 1994)

2. Heteronomia: esta fase corresponde aos primeiros momentos de desenvolvimento da consciência sobre as regras de boa convivência, a criança aprende a respeitar as regras e as palavras dos mais velhos. As escolhas éticas acontecem por interferência de uma moral alheia que ajuda a construir a ideia do bem/mal, certo/errado; regulação externa do indivíduo por meio da palavra e exemplos do adulto. Em adultos, a heteronomia se manifesta pela obediência às ordens sem nenhum questionamento sobre elas, sem a interação necessária para que se possa compreender os valores associados a essa regra, sem a produção de sentido da parte do indivíduo obediente, como refere Piaget (1969, p. 105).

Não é o caráter obrigatório da regra estabelecida por um indivíduo que nos faz respeitar essa pessoa, mas é o respeito que temos por esse indivíduo que nos faz considerar como obrigatória a regra que ele estabeleceu. O desenvolvimento do senso de dever em uma criança admite a explicação mais simples, ou seja, ela recebe comandos de crianças mais velhas (no jogo) e de adultos (na vida), e que ele respeita as crianças mais velhas e os seus parentes. – Tradução livre do autor<sup>62</sup>.

3. Socionomia: aqui as regras morais são determinadas pelo grupo social, as escolhas éticas visam consolidar a aceitação do indivíduo no grupo em que está inserido – trata-se de uma autonomia relativa (PIAGET, 1969, p. 106).
4. Autonomia: é a fase mais desenvolvida do comportamento moral e das escolhas éticas. Na autonomia, o desenvolvimento intelectual e as experiências de socialização do indivíduo permitem a construção de modos de agir fundamentados nos valores que considera válidos para si ou para o outro. O indivíduo desenvolve as habilidades de fazer escolhas éticas considerando fatos relevantes do seu ponto de vista, independentemente da recompensa ou punição – como acontece na heteronomia – que daí possam advir. O sujeito autônomo decide sobre o certo/ não certo, sobre o verdadeiro/não verdadeiro com a consciência das consequências das suas ações para si e para o outro<sup>63</sup>. . (PIAGET, 1994)

---

<sup>62</sup> *It is not the obligatory character of the rule laid down by an individual that makes us respect this individual, it is the respect we feel for the individual that makes us regard as obligatory the rule that he lays down. The appearance of the sense of duty in a child thus admits of the simplest explanation, namely that he receives commands from older children (in play) and from adults (in life), and that he respects older children and parents.*

<sup>63</sup> O outro refere-se ao outro indivíduo com o qual o sujeito interage e coopera para a construção das suas escolhas/decisões. Consideramos ampliar este conceito de outro para o de sociedade justificando-se pelo paradigma “eu sou porque nós somos, e dado que somos então eu sou”, no qual o sujeito faz parte dessa sociedade, constituindo-se nela e contribuindo para as dinâmicas que nela ocorrem. Embora Piaget não trabalhe

Neste sentido, concluímos que, o desenvolvimento moral em Piaget é um processo de construção que ocorre no interior do indivíduo a partir das relações que o sujeito estabelece com os valores e regras que são impostas por outras pessoas e/ou que acredita em função do seu desenvolvimento cognitivo e experiências de vida.

Nas nossas análises, na presente tese, consideramos a heteronomia e a autonomia por serem as fases que marcam nitidamente a passagem de uma condição de julgamento moral e escolhas éticas fundadas na obediência às regras impostas por sistemas externos ao indivíduo, para a possibilidade de escolhas se dando a partir da implicação do indivíduo com o problema, suscitando relações de cooperação com os sistemas externos e desenvolvendo a consciência de responsabilidade em relação a normas/regras que decidir respeitar e questionar.

Observa-se que, a princípio, a moral é totalmente heterônoma, passando a autônoma na medida em que a criança começa a sair do seu egocentrismo e compreender a necessidade da justiça equânime e da responsabilidade individual e coletiva, independentes da autoridade ou da sanção imposta. (PIAGET, 1983, p. XI)

Para Piaget, a moral é formada por um sistema de regras que devem ser respeitadas pelos membros de uma sociedade. “Toda moral consiste num sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras” (PIAGET, 1994, p. 23). O desenvolvimento moral se dá principalmente através do contato do indivíduo com o outro (a prática das regras) e do desenvolvimento cognitivo (conhecimento que se tem dessas regras) ao longo da vida do indivíduo. Neste processo, os desafios que o indivíduo enfrenta no seu cotidiano o possibilitam questionar os seus valores, repensar as suas hipóteses, dialogar com perspectivas diferentes, criar novas relações e produzir um posicionamento que atende as suas convicções sem atentar à liberdade e aos valores do coletivo/sociedade.

Embora os estudos de Piaget sobre o desenvolvimento moral tenham base em experiências com crianças e adolescentes, as questões envolvidas na heteronomia e na autonomia mostram-se válidas também em adultos. Por exemplo, um automobilista atrasado diante do sinal vermelho. Este automobilista, independentemente das razões não irá transgredir as regras de trânsito (colocando em risco a sua vida, de outros ocupantes da via, de outras viaturas e pessoas circulando nas mediações), atravessando o sinal

---

mais explicitamente a questão do contexto sócio-cultural e sua influência no desenvolvimento moral, julgamos que o conceito de sociedade (coletividade) nos permite operar futuramente com as contribuições do capital cultural/informacional (em Bourdieu) – conjunto de valores, estruturas psicológicas, conhecimentos aprendidos – articulados ao capital econômico, ao capital social e ao capital simbólico.

vermelho. Neste caso, do ponto de vista ético, podemos falar em autonomia e na auto-responsabilidade do sujeito consigo e para com o seu entorno, cooperando para o bem-estar do todo no qual ele se insere. Por outro lado, no caso da heteronomia, podemos imaginar o automobilista atravessando o sinal vermelho arriscando-se a colocar a sua vida e das instâncias de agenciamento do outro à mera sorte e ao acaso do destino – determinismo, prédestinação. Na perspectiva bakhtiniana e com base em Axt *et al* (2001, p. 137), entendemos que a autonomia possibilita o sujeito “à criação e, por conseguinte, à assunção de posições de autoria comprometidas com a produção do sentido ao mesmo tempo coletivo e singularizante”.

Dessa maneira, podemos convocar o Piaget para juntos apreciarmos os comentários dos estudantes, no formulário *on line* ao problema (situação 1, referente a possível plágio de monografia) anteriormente apresentado e que simula uma situação real diretamente relacionada com a vida acadêmica e profissional do estudante. Estes comentários se apresentam como reflexão em grupo, por isso parcialmente anônimos, na ótica do sujeito individual.

Na situação 1.1,

Estariamos num dilema bastante complicado, pois teríamos que decidir entre plagiar a monografia visualizada na internet ou pagar direitos do autor, porem, ao plagiar a monografia correríamos riscos de se descobrir o feito e ao mesmo tempo se pagassemos o direito do autor, nao bases suficientes para defender o trabalho pois nao participamos dos experimentos feitos durante a realizacao da mesma. Contudo, para nao perder o emprego nos aproximariamos explicar em que situacao nos encontramos, no que concerne a detencaao do certificado conclusao do curso. (Fonte: acervo da pesquisa - formulário *on line*)

Este grupo não questiona usar a monografia, pois podem pagar os direitos do autor. Na visão do grupo, o único impasse estaria relacionado com o pagamento dos direitos do autor para desconfigurar o plágio. Isto mostra que a primeira opção do grupo consiste em aproveitar a oferta de emprego, passando pela utilização da monografia encontrada na rede.

Este posicionamento pode ser entendido no contexto da moral heterônoma em Piaget, uma ética não internalizada, isto é, o grupo se autoriza a agir de um modo enquanto não for descoberta a artimanha.

Na situação 1.2,

São três situações possíveis 1- Estamos diante de uma oportunidade em que se trata de ganhar ou perder não existe um meio termo que pode ser aplicado sob ponto de vista do empregador que aplica os requisitos necessários. O dilema que encontramos

é o plágio ou dilema escolar em que não é ético apresentar um trabalho como de sua autoria enquanto pertence a outro indivíduo neste caso por falta de opção mesmo sabendo que não é ético e com possíveis consequências apresenta-se o trabalho que vai de acordo com as necessidades do indivíduo por falta de opção e precisando do emprego. 2- E perante uma situação em que a prioridade do indivíduo é terminar a monografia e depois procurar um emprego. 3- Por último é a situação de negociar com empregador garantindo o emprego sem remuneração até o término da monografia. (Fonte: acervo da pesquisa - formulário on line)

Os estudantes questionam se é o caso ou não de usar a monografia encontrada na Internet. Eles se posicionam como os estudantes na situação 1.1 ao propor a utilização do documento que não é da sua autoria para benefício próprio, “neste caso por falta de opção mesmo sabendo que não é ético e com possíveis consequências apresenta-se o trabalho que vai de acordo com as necessidades do indivíduo por falta de opção e precisando do emprego”. O grupo reconhece que não estaria respeitando a ética pelo fato de que “não existe um meio termo que pode ser aplicado sob ponto de vista do empregador que aplica os requisitos necessários”. Isto significa que eles reconhecem que os concursos públicos são regidos por normas e que, em nome da justiça e transparência, todos os concorrentes estão sujeitos a obedecer às condições anunciadas no concurso. O trabalho monográfico<sup>64</sup> é regido por normas (UP, 2012), todavia, para alguns estudantes, essas normas podem ser dribladas, desde que isso não seja descoberto – heteronomia; ou seja, a heteronomia (o comportamento heterônomo) se guia pela capacidade de regulação da situação pelo outro.

Na situação 1.3,

Por mim seria ético perder a vaga, fazer a minha própria monografia para adquirir mais conhecimentos e experiências na minha área de formação, pois acredito que outras oportunidades virão. (Fonte: acervo da pesquisa - formulário on line)

Os estudantes não questionam usar a monografia encontrada na Internet ou perder a vaga de emprego em causa. Eles consideram que, investindo na elaboração da sua própria monografia, poderão exercitar conhecimentos da sua área, o que os colocará melhor preparados para futuras ofertas de emprego. Este posicionamento pode ser entendido no contexto da moral autônoma em Piaget, uma ética fruto de uma reflexão sobre o contexto e possíveis implicações no presente e futuro das suas vidas e carreira profissional.

Na situação 1.4,

---

<sup>64</sup> O trabalho monográfico constitui uma das formas para a culminação do curso. “A Monografia é um trabalho escrito, científico e original, que visa a obtenção do grau de licenciatura e aborda um problema de pesquisa, devidamente delimitado, sob a orientação de um supervisor” (UP, 2012, Art. 2). A originalidade significa, também, que é elaborado pelo estudante, no entanto há possibilidade de se encontrarem trabalhos em diversos repositórios e que possam ser plagiados.

Nesta situação como académicos optaria pelo mais ético que seria terminar, fazer minha monografia que me conferiria o nível com dignidade e esperar por outra oportunidade de emprego; Dentro das possibilidades tentaria negociar com a empresa, de modo a fazer o estágio, aguardando pela conclusão do curso, afim de adquirir o nível exigido. (Fonte: acervo da pesquisa - formulário on line)

Os estudantes aceitam perder a vaga de emprego pelo fato de não reunirem os requisitos exigidos pelo concurso e o plágio atentar à sua conduta ética e a sua dignidade. Mais, propõem negociar um estágio profissional com a empresa aguardam a conclusão do curso e a obtenção da certificação respectiva. Investimos na resposta apresentada por este grupo para alimentar as discussões no ForChat, justamente por suspeitarmos que abre possibilidades para várias reflexões. Esta situação representa um avanço no sentido da autonomia nas escolhas dos estudantes, ultrapassando as duas opções sim e não.

Os respondentes na situação 1.5 e 1.6 estariam no nível da autonomia, porque o plágio atenta contra a sua conduta ética.

Não haveríamos de concorrer a vaga, por não reunir requisitos imediatos, mesmo localizando a monografia não iamos plagiar por razões éticas associado ao facto de que a violação dos direitos do autor é crime. Para tal, havíamos de deixar para uma outra oportunidade por falta de condições imediatas da exigência do patronato. (Situação 1.5. Fonte: acervo da pesquisa - formulário on line)

Não! continuava a fazer minha monografia que já vinha preparando, respeitando os meus objectivos e a esperança do amanhã ofereço. (Situação 1.6. Fonte: acervo da pesquisa - formulário on line)

Trata-se de uma postura radical do ponto de vista ético de respeito às normas que regem o conjunto da sociedade e protegem também ao outro, contudo denotando código de valores rígido, que não admite outra possibilidade como a de negociação cujo foco seria proteger também a mim. Tal pode estar demonstrando uma dificuldade de construção de soluções conjuntas, negociadas com o outro, diminuindo a importância do conteúdo relacional.

### **5.3 Conclusão das apreciações reflexivas a partir das postagens dos grupos no formulário *on line***

Duma forma geral, podemos afirmar que, nos comentários dos estudantes visualizam-se dois cenários: de mínima abertura à negociação – negociação zero – e de abertura à negociação – flexibilidade relativa que permite explorar a negociação. Estes posicionamentos permitem pensar o quanto se pode negociar os valores éticos e como se manifestam estas tendências de um extremo ao outro. Só na autonomia se instauram condições para o

exercício da alteridade, para a valorização do eu e do outro numa relação de cooperação atendendo à arquitetônica bakhtiniana do ato ético. O sujeito autônomo constroi opinião própria através do questionamento da realidade com os seus conhecimentos e experiências de vida, autorizando-se a cometer erros e a refletir sobre os mesmos e, finalmente, contruir novos posicionamentos que produzam sentido no seu sistema cognitivo-afetivo.

Dos comentários relativos à “situação 1” pode-se depreender que a discussão sobre o dilema apresentado gerou uma terceira possibilidade de saída (1.1, 1.2 e 1.4). Todas as comentários apresentados tem um argumento assente na dicotomia do plágio e o respeito aos direitos do autor, todavia, possibilitando a discussão de temas como, moral e ética, emprego e empregabilidade, corrupção, sigilo profissional, crime, estabilidade social, amor.

Importa salientar que esta atividade foi realizada em grupo, onde o coletivo analisou as propostas individuais e elaborou uma resposta que sintetizava o posicionamento do grupo, embora em alguns casos, nas discussões/comentários ao professor em sala de aula presencial, estudantes tenham se aventurado a introduzir alternativas (“variáveis”), desmontando e montando novos contextos problemáticos. Estes estudantes mais ousados não se sentiram autorizados a apresentar alguns pormenores dos seus comentários e argumentos – o que à luz do arcabouço teórico em uso configuraria intervenção e invenção ou in(ter)venção – na tarefa proposta, suas versões singulares em função das modificações que apresentaram ao grupo porque acharam que o professor não ia apreciar favoravelmente aquela atitude. Ora, esta é uma indicação do desdobramento do dilema que esperávamos que acontecesse e fosse expressa pelos sujeitos de pesquisa e que não foi capitalizado pelo receio destes em manifestar tal posicionamento; por outro lado, levanta-se a questão da autoridade do enunciado do professor. Provavelmente a criatividade dos estudantes tivesse sido expressa se o pesquisador tivesse orientado os estudantes para que deixassem aflorar toda a sua imaginação, dando pistas inclusive para uma ligeira alteração dos cenários/contextos problemáticos.

Em ambas as situações (de abertura à re-criação do problema em discussão e de resolução do problema tal como foi apresentado), os estudantes adotaram atitude ética responsável. Na primeira situação, eles não só resolvem a tarefa proposta pelo professor como também, introduziram alternativas e assumiram as repercussões desta no problema inicial, o que pode ser entendido como in(ter)venção (AXT, 2008, p. 91), enquanto ato único e

irreversível, “emergindo exatamente num certo espaço-tempo” e como engajamento dos estudantes (CHAPMAN, 2003), reorientando e alimentando as dinâmicas das discussões nos momentos subsequentes. No segundo caso (em que os estudantes se propuseram a resolver o problema tal como foi apresentado), também é uma atitude ética responsável na perspectiva de fidelidade a uma “obediência cega” à voz do professor em sala de aula. No contexto atual de pluralidade de informação, os padrões de conhecimento são mais moleculares, isto é, há muita informação, faltando apenas elementos para a sua validação, é preciso romper com a hegemonia do paradigma da verdade única – a verdade do professor – pois, “a educação não é a simples transmissão da herança dos antepassados para as novas gerações, mas o processo pelo qual também se torna possível a gestação do novo e a ruptura com o velho” (ARANHA, 2013, p. 31).

## 6. ANÁLISE APRECIATIVA DOS POISICIONAMENTOS INDIVIDUAIS NO FORCHAT

Já no Forhat, os estudantes foram convidados a refletir individualmente sobre o texto do grupo“1.4”, registrado por estes no formulário *on line* e, disponibilizado pelo professor/pesquisador no ForChat:

Nesta situação como academicos optaria pelo mais etico que seria terminar, fazer minha monografia que me conferiria o nivel com dignidade e esperar por outra oportunidade de emprego; Dentro das possibilidades tentaria negociar com a empresa, de modo a fazer o estagio, aguardando pela conclusao do curso, afim de adquirir o nivel exigido.(Fonte: Acervo da pesquisa - formulário *on line*)

Para a reflexão, foi informado que deviam apresentar, em seus memoriais, um comentário crítico sobre o seu posicionamento, explicando as razões para essas escolhas e comentando a pergunta: “Porque é que, no teu entender é ético agir duma certa forma em detrimento de outras?”. Sobre o Memorial do estudante, foi acordado que, os estudantes selecionariam o memorial de dois colegas, justificando as razões dessa escolha e comentando as postagens dos colegas. Segundo Axt & Maraschin (1997), este tipo de negociação reforça as relações de interação horizontal “professor-estudante” e “estudante-estudante”, contribuindo para uma implicação do professor e do estudante no contexto problemático, caracterizando um modo de trabalhar cooperativo e de co-responsabilidade.

Nossa intenção foi de perceber como se dava o diálogo nessa interação e produzir material para a construção do memorial com características de um relato auto-reflexivo.

Muitas destas atividades não tiveram o seguimento que atendesse as nossas expetativas devido à curta estadia, ao afastamento do pesquisador (regresso ao Brasil) e à dificuldade dos estudantes em darem andamento das mesmas à distância. Acreditamos que havia a necessidade de mais tempo para os encontros presenciais para uma melhor apropriação da metodologia e das ferramentas de trabalho. Dessa forma, por exemplo, ter-se-ia corrigido os casos de dupla inscrição no ForChat por esquecimento das credenciais de acesso e, por outro lado, estudantes que só se inscreveram na sala, mas que não participaram nas discussões propostas no ambiente.

As dificuldades e expetativas dos estudantes foram registradas no seu memorial e em notificações escritas ao pesquisador, algumas sintetizadas nos anexos A e B; tendo sido mais gritantes, a instabilidade do sinal de Internet e o fraco domínio no manuseio do computador e seus aplicativos, por parte dos estudantes.

Mesmo assim, embora todas as dificuldades e limitações enfrentadas pela experimentação, obtivemos alguns retornos. Este capítulo também se dedicará, na continuidade, às análises apreciativas relacionadas a um dos dilemas éticos, o dilema número 1, referente ao possível plágio de uma monografia para terminar o curso de graduação em tempo de concorrer a uma vaga em uma empresa pública.

É chegado o momento, a hora, o minuto para olhar para as produções sobre dilemas éticos no ForChat, um olhar que compõe o plano exotópico do relatório de pesquisa e o plano da interpelação do interlocutor-leitor da própria escrita da tese. Angustiado me questiono “o que estes dados tem para me dizer?” Era para ser um ensaio, mas não tendo retornado ao campo para trabalhar com outros estudantes (preferencialmente na Disciplina de Informática e Sociedade) e por um período suficientemente longo que permitisse um aprofundamento que me desse mais segurança para a interpretação do fenômeno em estudo, estes são agora os dados operadores da tese, é com eles que devo dialogar!

*O inverno gelado de Porto Alegre para um jovem que viveu 37 invernos (de Maputo) não menos de 15 graus, agora tem que se contentar com 10 graus (se bobear vai que despenca até 4). Tudo é comovente e as idéias ficam embaçadas, mais nada, só neblina.*

*O tempo foge dia pós dia. Entre a necessidade de escrever a tese e a saudade daqueles espaços que o Sansão se constitui Tio São, só lágrimas. Lágrimas que desabam fustigadas por questões de saúde, da dor da saudade, da gastrite!  
É... É uma redescoberta do si, é preciso reorganizar-se até do ponto de vista de dieta alimentar.*

*Só para não lembrar a minha cumplicidade na hipoteca dos cuidados de três criaturas à dona Elvira.  
Só um putinho<sup>65</sup> – Elvis – hóspede assíduo da pediatria, com os seus problemas que são as vezes os mais comuns da sua idade, mas associados às alergias não identificadas as causas.  
A Elizabeth que só pergunta “quando é que passaremos juntos o meu aniversário natalício” e ainda uma adolescente – Yolanda – sem espaço para comentários.*

*Sim, tudo isto não justifica, porém ajuda a entender essas metamorfoses e desassossegos que abalam o Tio São.*

---

<sup>65</sup> Putinho refere-se a gurí, menino, amigo, filho no português moçambicano.

*É preciso abdicar desse sofrimento aproveitando a potência desses “xingwalangwandzas” (abalos/fardos) para construir novos rumos, produzir novos sentidos.*

*É preciso lidar responsabilmente com a insubstituibilidade do meu lugar no mundo do acontecimento, como refere Mikhail Bakhtin.*

*É preciso viver nesse mundo, mas dialogar intimamente com o aqui e agora, ser um sujeito situado, como diria Adail Sobral.*

*É chegado o minuto de deixar que essas lágrimas molhem o dedo para que continue as leituras*

*É chegada a hora de adotar atitudes mais proativas, olhar para estes enunciados, pensar, escutar para dialogar com o que temos, intervir na emergência dos fatos e, quem sabe, podemos descobrir uma árvore na floresta – como diz a Margarete*

*É chegado o momento de escrever e refletir sobre o que disse antes*

*Sim, deixar que essas lágrimas formem as ondas do Atlântico e do Índico que nos levarão de volta à África a nado ou numa embarcação movida a vela, onde Sansão reencontre Tio São.*

Os enunciados em análise nesta secção foram construídos com auxílio do dispositivo tecnológico ForChat, no espaço “Sala nº 66 – Dilemas-Éticos-UP”, criado por mim (pesquisador e professor) em 16 de Fevereiro de 2015 no âmbito da presente pesquisa, para dar suporte às discussões sobre dilemas éticos com os estudantes do 4º ano do Curso de Licenciatura em Agropecuária, na Escola Superior Técnica da Universidade Pedagógica (ESTEC), com o propósito de exercitar a vivência de valores através de experimentações éticas considerando a filosofia “*a munhu i munhu ka vanhu*”, ao mesmo tempo que construímos com estes estudantes – professores de agropecuária em formação – uma metodologia que responda às demandas da sua formação (na Disciplina de Didáctica de Agropecuária III) e que permita refletir sobre as suas práticas – pesquisa.

Tratando-se das especificidades do ForChat, possibilitando a produção e a troca de mensagens, a rápida integração dos discursos dos participantes e estes acessando os seus textos e os de outros em tempo real e no modo atemporal, aliada à subjetividade de cada participante e à forma como encara a responsabilidade na escrita nas ferramentas de comunicação instantâneas no “mundo ideal” (particularmente pelo uso sistemático de ferramentas mais comuns de comunicação instantâneas, tais como, o Whatsapp, Messenger,...), alguns usuários escrevem sem se preocuparem com os aspetos formais da redação, havendo erros de digitação e espaços desconexos.

Para o efeito de análise dos enunciados dos estudantes, no ForChat, organizamos a transcrição das postagens/enunciados em dois grupos a saber: a) mensagens do fórum/chat e

b) mensagens do memorial individual. No *corpus* da tese trabalhamos com as imagens capturadas do ambiente (fórum/chat e memorial) do ForChat, tendo sido editadas apenas para a adição do nome fictício do estudantes. Os enunciados repetidos, postados mais de uma vez, foram descartados, sem deixar de fazer as devidas considerações quando apreciamos o mural individual dos seus autores.

Embora os estudantes tenham oferecido seu consentimento para utilização dos seus depoimentos para fins de pesquisa, para efeitos de redação do texto e consequente análise dos enunciados, bem como a construção dos apêndices, substituí os nomes que eles apresentaram nas postagens por nomes fictícios africanos provenientes da minha língua materna<sup>66</sup> (*rhonga*) e em alguns casos relacionados com os avatares utilizados pelos sujeitos de pesquisa no ForChat. Desta maneira, atribuí 28 nomes (quadro 3) a igual número de usuários de um grupo de 43 usuários inscritos na “Sala nº 66 - Dilemas-Eticos-UP” do ForChat, tendo como critério para a exclusão dos outros (15) a fraca interação caracterizada pela falta de postagens no fórum de discussão e na construção do memorial individual. O quadro 3 apresenta a relação do avatar ao nome fictício atribuído ao estudante para efeitos de apreciação dos seus enunciados na tese, considerando que, no consentimento para a utilização das informações dos estudantes na pesquisa, não coloquei de forma expressa, concreta, a questão do uso do nome do estudante.

Avatar do estudante	Nome fictício do estudante	Tradução/Significado
	Xiluva	Flor (que brilha e ornamenta)
	Wanga	Meu/minha
	Gungu	Aranha
	Nhebeti	Lágrimas

<sup>66</sup> Segundo Ngunga e Faquir (2012, p. 281) e com base em Ngunga e Bavo (2010, p. 4), “Dados do Recenseamento Geral da População realizado em 2007 indicam que as línguas africanas do grupo bantu continuam a constituir o principal substracto linguístico do país porquanto elas são as línguas maternas de mais de 80% de moçambicanos de cinco anos de idade ou mais. Os mesmos dados indicam que dos cerca de vinte milhões de moçambicanos, 8,9% falam Português como língua materna e 0,23% falam línguas estrangeiras que não são especificadas nos dados do INE ([www.ine.gov.mz](http://www.ine.gov.mz)).”

	Tuva	Pombo
	Musse	Pau de pilar
	Kugwane	Corvo
	Livaningo	Luz, aquele que ilumina
	Mihandzo	Produção
	Tilo	Céu
	Phaphalati	Borboleta
	Luandle	Mar
	Chimusse	Fumo, Fumaça
	Socoti	Formiga
	Kwetsima	Sagrada/o
	Tolo	Ontem, passado
	Xilawe	Trave/cisco no olho
	Nlhantfi	Peixe
	Nkuthlo	Mafureira (árvore)
	Madala	Ancião/Velho
	Mahika	Palpitações, sentimentos
	Xipixe	Gato/a
	Mweti	Luar
	Sonto	Domingo
	Nheleti	Estrela
	Mutxudu	Guerreiro

	Nandzo	Razão, culpa
	Khensiwe	Gratidão, relativo à agrado
	Ndzilo	Fogo, relativo ao que queima

Quadro 3: Relação do avatar usado pelo estudante e o nome fictício atribuído para a efeitos de apreciação dos seus enunciados na tese.

Fonte: Autor.

Considerando que a elevada quantidade de postagens (118) pode sobrecarregar o texto na unidade nuclear do trabalho tornando a sua leitura enfadonha, optamos por apresentá-las como elementos pós-textuais na categoria de apêndices. Neste caso, não se fez nenhuma correção ortográfica dessas postagens, tendo sido editado os nomes verdadeiros nos textos postados (troca de nomes verdadeiros por nomes fictícios) e mantida a literalidade do texto acompanhando o fluxo do pensamento e da oralidade e a sequência de intervenção dos participantes. Desta forma, o leitor tem a possibilidade de se apropriar do texto dos participantes no ForChat tal como ele foi registrando pelos seus autores, com indicação da data, hora e nome fictício do seu autor, no caso do estudante. Nas postagens do professor, foi mantida a identificação original.

Assim temos as mensagens do fórum/chat como Apêndice E, enquanto as mensagens do memorial individual constituem o Apêndice F. Parte destas mensagens foi apresentada e apreciada no corpo do trabalho conforme a sua relevância e alinhamento aos objetivos deste estudo.

### ***6.1 Apreciação das mensagens do fórum/chat***

As atividades com os recursos pedagógicos do fórum/chat tiveram lugar durante quatro semanas, tendo sido registrada uma grande intensidade de interações na semana 09/03/2015 – 15/03/2015, conforme ilustra a figura 5.

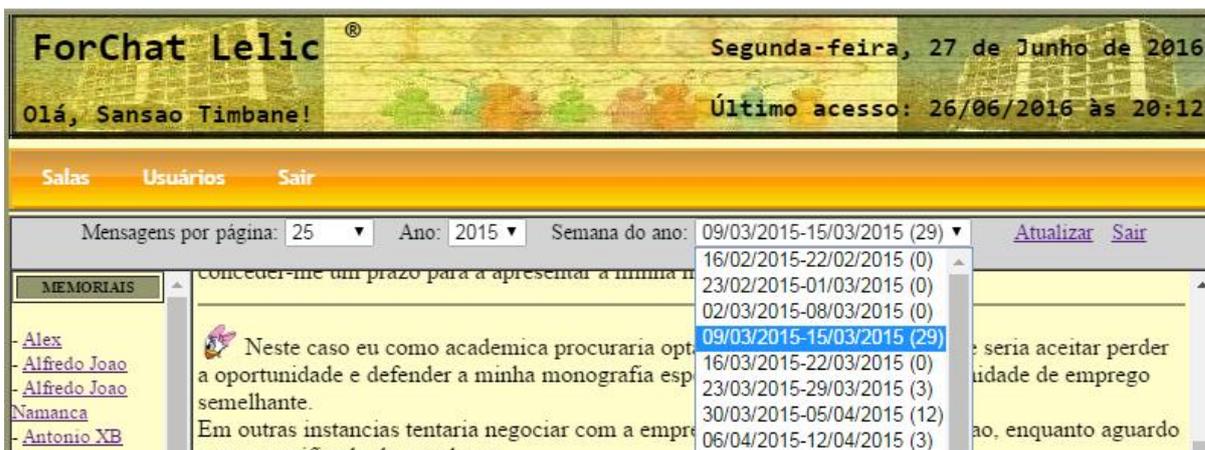


Figura 5: Número de postagens fórum/chat na sala 66 do Forchat.  
Fonte: Autor

Durante esta semana, os estudantes tiveram dois encontros presenciais na sala sala F-1.06 (Lab Design) ainda em fase de instalação e equipada com computadores pessoais com acesso a Internet. Nestes encontros, os estudantes familiarizaram-se com o ambiente ForChat, criaram seus usuários, operaram com as configurações do seu perfil, trocaram mensagens entre eles e postaram seus comentários em resposta à tarefa proposta pelo professor.

A atividade de escolha de avatar foi um dos momentos marcantes da produção da subjetividade dos estudantes, pois, segundo Bischoff (2015, p. 138), o uso do avatar é uma projeção do estudante/usuário que o leva a sentir-se mais “autorizado e tranquilo” para se manifestar “disfarçado”.

O avatar é um falso disfarce porque os participantes das discussões na sala do *ForChat* têm acesso à informações do usuário/avatar podendo revelá-lo, ao posicionar o cursor do mouse sobre o avatar ele exhibe o nome do avatar, o data e a hora. Apesar disso não deixa de ser interessante, pois o estudante não marca a identidade do seu colega pelo nome, mas com recurso aos atributos do avatar/personagem, isto é da ordem afetiva. A leitura dos enunciados, no sentido de leitura, análise do seu conteúdo e produção de sentidos, é também elaborada considerando esta afetividade que se desenvolve no contexto das interações entre os sujeitos neste ambiente conversacional.

O avatar é uma construção subjetiva do personagem (estudante/professor, no caso do presente estudo) que representa, carregando consigo as ideias que se tem de si e as marcas do outro neste si. “Não que ache a borboleta a figura mais linda das que estão aqui, ou que eu seja muito linda, doutor. Sei lá, eu me acho livre para voar e ocupar espaços e os meus colegas concordam comigo. Deve ser por isso que me escolheram como sua representante

em....” Este foi o comentário da estudante Phaphalati sobre as motivações para a escolha do seu avatar – a borboleta.

Ao escolher um avatar, os participantes estão criando um personagem, uma constituição de si mesmo na relação com o outro. Machado e Axt (2014) consideram que a presença do outro para cada personagem parece ser fundamental para a constituição do seu personagem.

Na verdade, poder-se-ia considerar que não se trata apenas de um, ou outro, *construir* sua personagem, é a própria relação dialógica que vem a ser constitutiva, não de uma, mas de ambas/ todas as personagens em interação: a personagem é vista como efeito da presença do *outro*, numa vivência de interações no *forchat*. (MACHADO & AXT, 2014, p. 66)

Ainda segundo as autoras, uma ferramenta de comunicação que permite o uso de avatares tende a dissipar identidades em personagens, trazendo à superfície o participante em seus muitos outros.

Nos primeiros momentos a ideia do disfarce colabora na espontaneidade de interações e adaptação dos usuários ao ambiente ForChat, quando os usuários se dão conta do falso disfarce, muito já foi dito/produzido e os estudantes mantêm-se engajados e participando nas discussões, fato comprovado pela não indicação expressa do seu nome nas postagens do fórum/chat e na evocação dos nomes dos colegas nos murais. Eles se vêem responsáveis pelo que disseram, reagindo aos enfrentamentos dos colegas, enfatizando e esclarecendo os seus posicionamentos (ou quando questionados, ou quando se apercebem de um “mal entendido” nos seus ditos), portanto, os estudantes reconhecem estarem assinando os seus enunciados, ainda que seja no topo da mensagem, pela utilização do avatar.

Embora os estudantes não tivessem registrado no ForChat (por escrito), alguns reclamaram junto ao professor o direito de usar tal ou qual avatar porque teriam sido os primeiros a escolher para si e que os colegas os teriam imitado. Este diferendo não foi resolvido a favor dos reclamantes! Porque precisávamos avançar com outras atividades e o tempo era escasso, sugeri que podíamos retornar às escolhas de avatar em outro momento, caso a situação prevalecesse em decorrência de intransigência dos queixados. Assim temos os seguintes avatares repetidos: 1) Mweti, Xipixe e Sonto; 2) Wanga e Xiluva; 3) Nhebeti e Mahika; 4) Livaningo e Kugwane. Neste processo de escolha de avatar, os estudantes que não editaram os seus perfis e conseqüentemente não alteraram o avatar, este aparece em forma de um sinal de interrogação; são os casos dos estudantes Tolo, Chimusse, Luandle e Socoti.

O ForChat disponibiliza na sua base de dados, e para a escolha pelos usuários, 184 imagens de perfil (figura 6), entre elas estão animais, personagens de desenhos animados e personagens comuns.

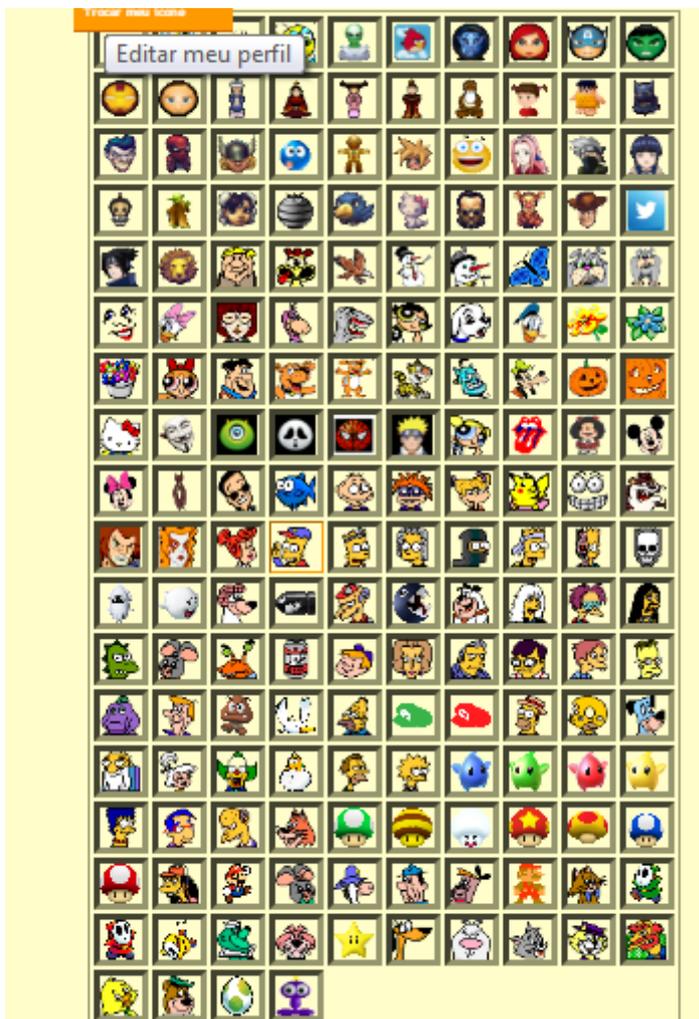


Figura 6: Janela apresentando imagens de perfil no ForChat.  
Fonte: Autor

Quando dois ou mais usuários apresentam a mesma imagem do perfil, geram-se dúvidas na identificação dos autores das postagens, havendo a necessidade de os usuários posicionarem o cursor junto ao ícone para saber com quem está interagindo. Isso atrapalha e rouba tempo. Normalmente, os usuários identificam-se pelos seus avatares e os colegas interagem expressando intuitivamente nos seus enunciados, a construção subjetiva que tem do outro.

A respeito desta relação, Bakhtin (2012, p. 94) nos lembra que “Não é o conteúdo de uma obrigação que me obriga, mas minha assinatura colocada no final, o fato de eu ter, uma vez, reconhecido e subscrito tal obrigação.”

Considerando o nível de negociações que os usuários tem feito, “abrindo mão” do seu avatar para o outro que reclamou ter sido o primeiro a escolher, propomos que os futuros desenvolvimentos do ForChat deverão contemplar um módulo que alerte sobre um ícone já selecionado por outro usuário na mesma sala; e ainda incorpore um módulo que permita importar imagens externas ao ForChat. A configuração do perfil de usuário em uma ferramenta tecnológica deve se constituir em momento fortemente intuitivo, em que os usuários estabelecem as primeiras interações com a plataforma, desenvolvem autoconfiança no manuseio da ferramenta e consolidam relações de confiança com os colegas nesse ambiente e que podem ser extrapolados para outros fóruns.

Voltando à figura 5, os dados relativos ao acesso (data e hora) do usuário Sansao comprovam a disponibilidade das conversas armazenadas do fórum/chat e mural, passados três semestres após inatividade nesta sala. Note-se que as atividades no ForChat encerraram na semana de 06/04/2015-12/04/2015 e, havendo condições para mobilizar os estudantes, seria possível a continuidade das discussões através da edição dos textos e postagens de novas mensagens sobre assuntos já debatidos e novas temáticas.

As postagens das semanas seguintes (16/03/2015, 23/03/2015, 30/03/2015 e 06/04/2015) não foram consideradas para apreciação nesta etapa, pois neste período, os estudantes estariam concentrados nas atividades com o recurso mural – construção do memorial individual.

Assim, do universo de 29 postagens, foram validados e transcritos 25 enunciados dos estudantes na categoria fórum/chat, apresentados no Apêndice E. Na apreciação que se segue, recuperamos aquelas mensagens que foram relevantes para a organização do espaço de trabalho e para o encaminhamento das discussões sobre dilemas éticos. No Apêndice E, os enunciados foram ordenados de E1 a E25, segundo a sequência da sua postagem no ambiente.

O professor postou o texto que segue, na figura 7, que serviu de gatilho para as atividades individuais e coletivas/colaborativas na sala de aula e fora dela, mas com recurso ao ForChat.

or página: 25 ▾ Ano: 2015 ▾ Semana do ano: 09/03/2015-15/03/2015 (29) ▾ [Atualizar](#) [Sair](#)

 Prezado estudante,

Depois da experiência que vivemos de trabalho em grupo, no preenchimento do formulário on-line, agora seguimos trabalhando coletivamente, expondo as nossas idéias (genuínas) sem a preocupação de obter o consenso dos colegas.

Convido-o a apresentar a sua apreciação ao problema seguinte:  
Você está no limite do prazo para a submissão da documentação relativa a um concurso para o preenchimento de vaga de emprego muito bem remunerada na sua área de formação. Tendo concluído com sucesso as disciplinas do curso, só lhe falta apresentar e defender a sua Monografia Científica, que é a condição para a obtenção do certificado de conclusão do curso. Ora, fazendo buscas na Internet, você encontra uma Monografia Científica que pode adaptá-la para satisfazer as suas necessidades. Identifique os dilemas presentes na situação apresentada.

Quero reiterar que você está participando dum exercício de uso das TIC para a Educação e que, sua opinião será respeitada, a sua identidade mantida em sigilo, isto é não será publicada pois, as nossas discussões no Forchat estão disponíveis exclusivamente para os participantes da sala nº 66 (Dilemas-Eticos-UP).

Não hesite em entrar em contacto comigo pelos meios já disponibilizados (aqui no Forchat, na faculdade, email, sms, celular). Estou atento as vossas preocupações.

Votos de bom trabalho!  
Prof. Sansão



Figura 7: Enunciado 1  
Fonte: Autor – ForChat.

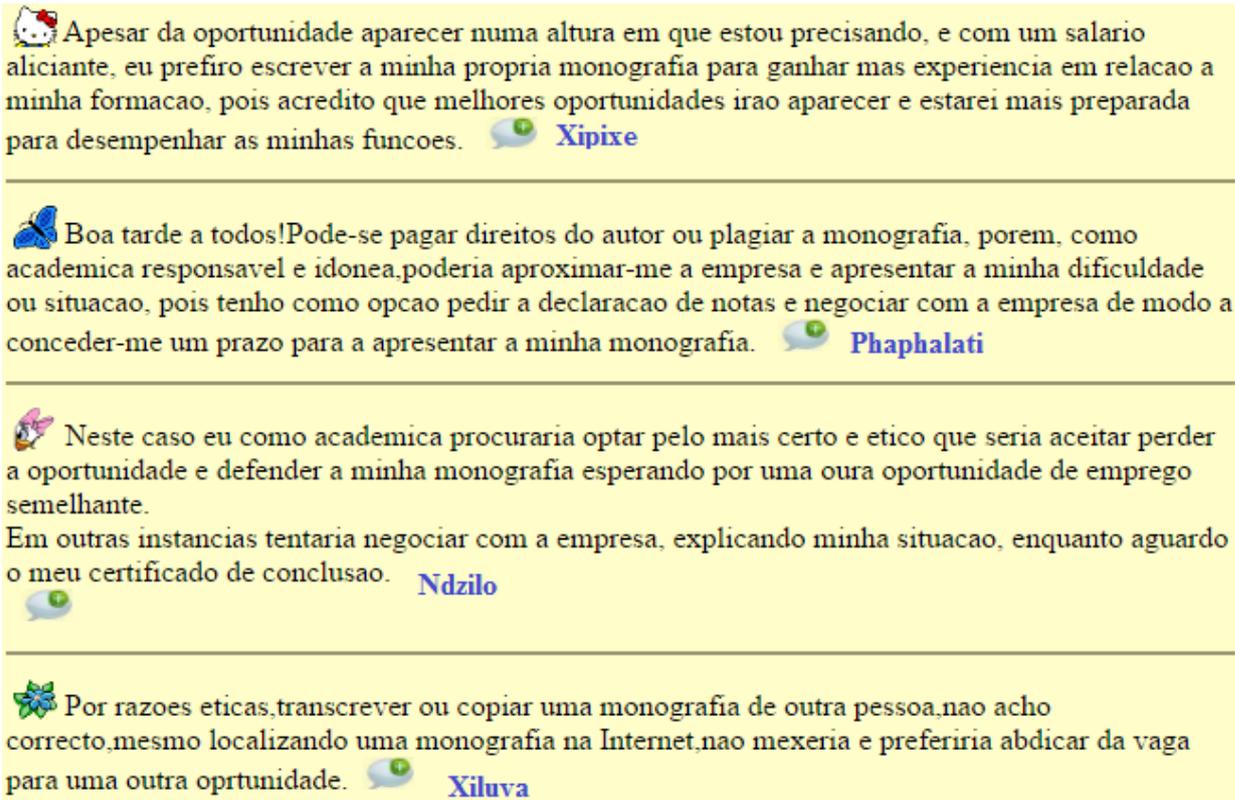
A comunicação aos estudantes sobre a disponibilização do texto acima referenciado (Apêndice E, E1) foi feita por email individual dos estudantes, reforçado por sms para três membros da turma (chefe da turma e mais dois estudantes). Embora tivesse sido comunicado no encontro anterior, que seria disponibilizada uma tarefa por meio do ForChat, mostrou-se importante reforçar esta informação pelos meios indicados porque o ForChat não possui um sistema de alerta que comunica ao usuário da chegada de novas mensagens, por outro lado os estudantes não foram receptíveis ao envio das mensagens pelo email do grupo, alegando que havia colegas que, por distração, apagavam as informações sem que os demais tivessem tido acesso a elas.

Esta comunicação permitiu que alguns estudantes fossem para a aula minimamente organizados para atender às orientações da tarefa do dia, de tal forma que apresentaram de imediato questões tais como: se o trabalho seria individual ou em grupo; estratégia de trabalho considerando o *ratio* número de computador por estudante, qualidade do sinal internet,

estudantes com fraco domínio de manunseio de equipamentos informáticos e consequentemente, com dificuldade de trabalhar no ForChat.

A disponibilização dos contatos do professor aos estudantes foi uma estratégia de criar maior interação e aproximação dos estudantes ao professor – ter contato direto e amigável, afastando as barreiras impostas pelas hierarquias funcionais professor-estudante – não se limitando apenas às formas mais usuais de outros professores, contato presencial (no gabinete docente), por email apenas com as estruturas da turma (os estudantes recebem as instruções do chefe da turma e encaminham as suas preocupações também por este canal) e pela plataforma (obviamente, porque estamos trabalhando com o ForChat). No nosso entender, esta atitude permitiu minimizar os impactos negativos impostos pelas contingências de tempo relativamente curto para a condução presencial do pesquisador com os estudantes.

Na figura 8, apresentamos a apreciação dos enunciado dos estudantes Xipixe, Phaphalati, Ndzilo e Xiluva no fórum/chat, correspondendo aos enunciados E2, E3, E4 e E5 do Apêndice E.



 Apesar da oportunidade aparecer numa altura em que estou precisando, e com um salario aliciante, eu prefiro escrever a minha propria monografia para ganhar mas experiencia em relacao a minha formacao, pois acredito que melhores oportunidades irao aparecer e estarei mais preparada para desempenhar as minhas funcoes.  **Xipixe**

---

 Boa tarde a todos!Pode-se pagar direitos do autor ou plagiar a monografia, porem, como academica responsavel e idonea,poderia aproximar-me a empresa e apresentar a minha dificuldade ou situacao, pois tenho como opcao pedir a declaracao de notas e negociar com a empresa de modo a conceder-me um prazo para a apresentar a minha monografia.  **Phaphalati**

---

 Neste caso eu como academica procuraria optar pelo mais certo e etico que seria aceitar perder a oportunidade e defender a minha monografia esperando por uma outra oportunidade de emprego semelhante. Em outras instancias tentaria negociar com a empresa, explicando minha situacao, enquanto aguardo o meu certificado de conclusao.  **Ndzilo**

---

 Por razoes eticas,transcrever ou copiar uma monografia de outra pessoa,nao acho correcto,mesmo localizando uma monografia na Internet,nao mexeria e preferiria abdicar da vaga para uma outra oprtunidade.  **Xiluva**

Figura 8: Enunciado dos estudantes no fórum/chat (E2, E3, E4, E5)  
Fonte: Autor – ForChat.

Das postagens dos estudantes Xipixe, Phaphalati, Ndzilo e Xiluva, enunciados E2, E3, E4 e E5, respectivamente, pode se depreender que os estudantes consideram haver um conflito de natureza ética que os impediria de adaptar a monografia em causa, sob o risco de incorrer em crime de plágio. Entendem que devem se esforçar na elaboração e conclusão das suas monografias científicas e aguardar/procurar novas oportunidades de emprego, para as quais poderão estar melhor preparados.

As estudantes Phaphalati e Ndzilo foram mais além nos seus comentários. Elas introduziram algumas alternativas ao problema que podem servir como filtros, auxiliando na avaliação inicial do problema/situação proposta pelo professor e dar novos encaminhamentos nos seus comentários, ao mesmo tempo que mobilizam a participação e o debate a partir dos novos cenários que se criaram. Para estas estudantes, a negociação com a empresa, para a extensão do prazo, seria uma estratégia de diálogo com o empregador.

Nestas postagens nenhum dos participantes se referiu à questão da justiça punitiva da lei e sim, a questões mesmo de autoestima e de ética individual. Notamos que eles ainda não se deram conta do impacto da nossa proposta de trabalho sobre a sua subjetividade, visualizado pela afirmação do seu posicionamento sustentado com argumentos, sem se preocuparem com o que os demais (colegas e professor) poderão pensar sobre si.

Com base em Axt e Kreutz (2003), podemos pensar numa subjetividade forjada no seu contexto de produção. Trata-se de uma subjetividade engendrada por implicação e acolhimento das afecções produzidas no contexto dialogical. Diríamos:

Uma subjetividade que vai sendo capturada, não tanto por uma progressão linear, mas antes por fluxos, nas malhas das redes de sentidos que aí circulam! Uma subjetividade que, enquanto se constitui em contexto para o texto, afeta, pelo texto, a estrutura simbólica na rede, e é, ao mesmo tempo, afetada, envolvida, nos agenciamentos provocados pelas mutações da estrutura simbólica! (AXT e KREUTZ, 2003, p. 327)

Os estudantes reconhecem que a proposta é aliciante. A negociação é um exercício que visa imprimir uma certa flexibilidade que resulte em algum ganho projetado para o futuro sob forma de qualificação profissional (através do estágio profissional) e mesmo assegurando uma vaga de emprego na mesma empresa. Poderia ser visto também como um exercício da própria voz, fazendo-se ouvir e produzindo uma nova alternativa no diálogo com o outro. Neste caso, percebe-se uma busca de dialogização da situação até aqui polarizada. Pensamos a dialogização como a construção dum diálogo em busca da negociação da situação, construção dum solução passando pelo diálogo com o outro, construída junto com o outro, portanto, também dentro da filosofia *a munhu i munhu kana vanhu*, assim como da bakhtiniana.

 boa tarde os dilemas que eu consegui identificar sao os seguintes:plagio da monografia que implicaria sancoes graves e tirariaria credibilidade a minha formacao; direitos do autor, assumindo que nao tenho dinheiro para paga-los;falta de moral,neste caso eu explicaria a instituicao a minha situacao e mostrava a minha declaracao de notas do 4 ano e pedia que compreendem-sem a minha situacao.  **Nandzo**

 Tendo concluido as cadeiras somente para apresentar a monografia eu na podia concorrer para a vaga para o trabalho visto que sera antes de apresentar a monografia nao podia de maneira alguma plagiar monografia de outrem por dinheiro nenhum por questoes eticas e tratar se de crime em termos de lei,sendo assim deixaria a vaga para uma outra oportunidade depois de terminar a monografia e aqpresentar, caso nao precisem mais de mim para o cargo deixava assim.  **Luandle**

 Neste caso tou perante a tres dilemas.  
1 Terminar com a monografia, o que e etico;  
2 Negociar com o empregador( de varias maneiras);  
3 Criar condicoes de decorrar a monografia que nao e minha e desviar, sabendo que nao e etico mas encontro me na situacao de estar aflita,referenciando o meu caso.  **Nlhantfi**

 A minha ideia seria não levar monografia já publicada porque isso é fraude e acho muito importante fazer a minha monografia para mais aperfeiçoar os meus conhecimentos na área em que desejo realizar a minha monografia, como fazer uma pesquisa científica e assim ficaria a espera das outras oportunidades.  **Madala**

Figura 9: Enunciado dos estudantes no fórum/chat (E6, E7, E8, E9)

Fonte: Autor – ForChat.

A figura 9 apresenta os enunciado postados pelos estudantes Nandzo, Luandle, Nlhantfi e Madala. Os seus posicionamentos são similares aos dos colegas Xipixe, Phaphalati, Ndzilo e Xiluva, na figura 8. Afirmam que não iriam reutilizar a monografia encontrada na rede.

Nandzo acrescentou que poderia negociar com a empresa mediante a apresentação do Histórico Escolar no curso. Este pronunciamento pode ser um indicativo de um desconhecimento das normas para contratação de pessoal por via de concurso público. Normalmente este tipo de flexibilização não encontra espaço nos concursos públicos, porque observam estritamente os termos de referência e podem ser alvos de investigação quer por parte do Gabinete de Combate a Corrupção, assim como do Tribunal Administrativo.

A estudante Nlhantfi apreseta três propostas que as caracterizou como dilemas: 1ª terminar a redação da monografia; 2ª negociar com o empregador e 3ª utilizar a monografia encontrada na rede.

A primeira proposta da Nlhantfi é comungada por todos os participantes no fórum. A segunda não menciona as formas de negociação com o empregador, sendo portanto ambígua.

Já a terceira é muito interessante, representa um salto diferencial em relação a sua proposta inicial e a de todos os colegas da turma. Ela reconhece que cometer o plágio é uma infração e atenta aos valores éticos.

Partindo deste último posicionamento da Nlhantfi seria possível questionar a ética. Trata-se de uma ética do indivíduo ou da ética de uma classe profissional, de sociedade?

Extrapolando este posicionamento para outras situações da vida, pode se esperar que o sujeito, ao esgotar todas as suas possibilidades de negociação dentro dos limites estabelecidos pela situação concreta, nada mais passa a ter valor a não ser o que concorre para a satisfação das suas necessidades pessoais e individuais, materiais e simbólicas.

Neste tipo de situação e com base no referencial teórico que estamos trabalhando, estaríamos num cenário de crise da ética, de um ato esvaziado de ética, pois tal indivíduo no seu pensar e agir não manifestou preocupação/responsabilidade para com a existência do outro como centro de valores que também o constitui e que com ele conta como seu alter. O ato ético pressupõe uma responsabilidade decorrente do encontro entre as singularidades com momentos de empatia que permite ao sujeito produzir seu próprio acabamento nessa relação com o outro, compondo uma (est)ética, um modo de agir que se preocupa com o outro situado dentro e fora de si e com tudo que o envolve.

Esta apreciação guarda relação com o que Bakhtin (2012) nos fala a propósito do ato ético:

O ato é resultado final, uma consumada *conclusão* definitiva; concentra, correlaciona e resolve em um contexto único e singular e já final o *sentido* e o *fato*, o universal e o individual, o real e o ideal, porque tudo entra na composição de sua motivação responsável; o ato constitui o desabrochar da mera possibilidade na singularidade da escolha *uma vez por todas*. (...) O ato na sua integridade é mais que racional – é responsável. Em se tratando da responsabilidade, a racionalidade é somente um momento seu <uma ou duas palavras ilegíveis>, uma luz que é como um brilho de ‘uma lâmpada em uma clara manhã’ [Nietzsche]. (BAKHTIN, 2012, p. 80-81)

O texto de Bakhtin, em epígrafe, permite-nos resgatar um dos aspectos do aforismo *a munhu i munhu ka vanhu* como fundamento de vida. O ser humano coisificado (objeto, animal) tem uma vida, mas só pode gozar dessa vida na dimensão de pessoa e, esta exige relacionar-se com os outros, compreendendo que “eu sou porque nós somos, e dado que somos então eu sou” (KASHINDI, 2015), portanto, a vida prática é convivência e compartilhamento, uma convivência que implica ganhos e perdas de potência de agir, na qual cada um se engaja no cultivo dos bons encontros. Com referência à Espinosa de Deleuze (2002, p. 60), bom encontro refere-se ao estado/situação de ganho de potência de ser e de agir.

 Todo plágio tem o seu custo, nesse caso roubo ou usar a informação ou a produção científica de alguém é um crime punido nos termos da lei, todo o trabalho de outrem tem as suas particularidades, usar a monografia científica do outro pode me dar a oportunidade de ter um bom emprego, mas estarei a falsificar ou baixar a minha vida estudantil em uma carreira profissão sem nenhum prestígio, correndo risco de ter um processo disciplinar. 

Figura 10: Enunciado do estudante no fórum/chat (E20)

Fonte: Autor – ForChat.

Não chamamos para o núcleo do texto os enunciados E10 – E 19 por apresentarem uma contribuição já discutida nas postagens anteriores. No enunciado acima apresentado (E20), Livanningo traz para o bate-papo argumentos que sustentam o porquê dele não optar pela reutilização da monografia achada na Internet. Isto permite afirmar que o estudante elaborou uma reflexão do problema apresentado considerando vários aspectos; moral e ética para si, os direitos autorais e sua criminalização, a particularidade de cada pesquisa, a autoestima individual, repercussões na carreira profissional.

Os aspectos elencados a partir do enunciado do Livanningo serviriam para engatilhar várias discussões, esta é uma das contribuições da estratégia de dilemas éticos que estamos experimentando.

Ainda que estes posicionamentos possam remeter a uma reprodução do discurso como resultado da internalização de uma lei moral universal (respeitar o outro, dever associado ao cumprimento de uma lei), reprodução de um posicionamento construído em atividades anteriores, entendemos que, uma vez não tendo discutido com os estudantes as condições para formulação de proposições sobre ação moral/ética e o exercício profissional, eles refletem a sua visão de ética, partindo de sua própria verdade contextualizada (*pravda*). Bakhtin (2011) nos fala da construção de um discurso como processo vivenciável no eu a partir da relação com a palavra do outro.

Todas as palavras (enunciados, produções de discurso e literárias), além das minhas próprias, são palavras do outro. Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo, é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas (no processo de domínio inicial do discurso) e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana (expressas em palavras ou em outros materiais semióticos). (BAKHTIN, 2011, p. 379)

 Para mim nao e etico plagiar monografia de de outros , isto porque cada monografia vem gravada e se descobrirem , perco emprego, e a confianca no estado/ instituicoes. melhor perder a chance de emprego a lutar fazer minha propria monografia.  Tuva

 escolho a Musse por ser membro do meu grupo de estudo. nao concordo com o comentario da colega, pelo facto de ela achar que tem medo de ser descoberta. nesse caso da me impressao de que se nao fosse possivel ser descoberta pautaria pelo plagio.  Sonto

 nao iria copiar ou plagiar a monografia que nao fosse da minha autoria pois todos sabemos que violar os direitos do autor e crime,eu prefiro escrever a minha monografia e esperar a proxima oportunidade.  Tolo

 Boa tarde  
Primeiro dizer que a o convite de emprego e muito aliciante e a proposta e boa,mas eu sendo academica nao optaria pelo plagio iria pela via de negociacao com a empresa prestando servicos em jeito de estagio e fazer a minha monografia em tempo previsto de modo a ocupar a vaga de forma etica,honesta e justa.  Chimusse

Figura 11: Enunciado dos estudantes no fórum/chat (E22, E23, E24, E25)

Fonte: Autor – ForChat.

Todos os estudantes participaram no fórum/chat no mesmo dia (11/03/2015), havendo o registro de duas postagens atrasadas, dos estudantes Tolo (E24) e Chimusse (E25), dia 13/03/2015. Neste grupo de mensagens, há também uma postagem, do estudante Sonto (E23) comentário ao estudante Musse, que devia ter sido publicada no memorial do Musse e não no fórum/chat. Este enunciado, do Sonto, é particularmente interessante porque nos permite pensar, amparados por Piaget, que a Musse estaria exercitando uma adaptação reflexiva para a convivência no seu meio social (contexto de discussão do dilema proposto pelo professor) e consideramos que, do ponto de vista ético, ela estaria se movimentando no campo da heteronomia. Como rebate Sonto, Musse só investiria na elaboração de sua própria monografia por temer as consequências da descoberta do plágio “... nesse caso da me impressao de que se nao fosse possivel ser descoberta pautaria pelo plagio” (E23).

De modo geral, os estudantes reagiram afirmando que não reutilizariam a monografia achada na rede porque estariam incorrendo em crime de plágio. Acreditamos que os estudantes tenham respondido desta maneira com base em princípios universais em todas as culturas e civilizações – não se apropriar da coisa alheia sem a devida autorização. O fato de os estudantes terem iniciado a discussão deste problema em grupo, numa outra plataforma (formulário *online*) pode ter contribuído para a criação de uma ideia singular, consensual ou não, sobre o plágio. Há ainda a hipótese de edição dos comentários!

Por outro lado, pode ser que alguns membros da turma tivessem conhecimento prévio sobre as condições que configuram um plágio e tenham conseguido fazer vincar a sua ideia no seio do grupo e da turma, sem desconsiderar que há também o que o estudante acredita que o professor espera ouvir de si.

Após este primeiro ciclo interacional de onde se produziram estas reações, de algum modo previsíveis, consideramos que o primeiro momento é de muita euforia em que o estudante entende que quanto mais a sua resposta se assemelhar ao do colega, mais próximo da solução desejada ele se encontra.

A segunda etapa consistiria na introdução gradual de possibilidades que produzissem ligeiras alterações ao contexto problemático e que induziriam a algum desconforto no estudante e, aí já apareceriam as pistas mais indicadoras de uma decisão mais particularizada pelo estudante, fruto do desenvolvimento do espírito crítico. Mesmo assim, os poucos estudantes que ousaram introduzir alternativas, por exemplo, as estudantes Phaphalati (E3), Ndzilo (E4) e Nlhantfi (E8). Phaphalati propôs aproximar-se da empresa e apresentar as suas condições para responder ao concurso e ainda negociar, com a empresa, a extensão do prazo para apresentar o certificado após a defesa da sua Monografia Científica. Ndzilo afirmou que tentaria negociar com a empresa em outras instancias, explicando a sua situação, enquanto aguarda o seu certificado de conclusão do curso. Já Nlhantfi, aventou a possibilidade de negociar com o empregador de várias maneiras, sem especificar.

Estes enunciados denunciam a sua entonação, sua expressividade, seu modo de ver e atribuir valores ao problema em discussão. Estas estudantes e demais colegas exercitaram a in(ter)venção, realizaram a escuta do problema e criaram novas formas de lidar com ele.

## ***6.2 Mensagens do memorial individual***

Foram transcritas um total de 93 enunciados, constituindo o Apêndice F com postagens de E26 – E118. Estes enunciados correspondem às postagens dos estudantes na categoria memorial individual, atividade programada para ser desenvolvida na semana 09/03/2015 – 15/03/2015. Os mesmos foram ordenados, de E26 a E118, com base na sequência da sua postagem no ambiente e na ordenação alfabética da lista de usuários produzida pelo ambiente. A seguir apresentamos a apreciação de parte dessas mensagens

selecionadas com base no seu potencial de alimentar discussões sobre experimentações éticas decorrentes dos posicionamentos dos estudantes e dos seus enfrentamentos aos comentários dos colegas.

Iniciamos a apreciação das mensagens do memorial individual dos estudantes a partir da postagem da estudante Phaphalati, enunciados E59 – E67 no Apêndice F. Esta estudante revelou-se muito engajada com a proposta tomando dianteira na resolução das tarefas propostas na disciplina e estimulando a participação dos colegas, quer no espaço (físico) de aula convencional, quer nos ambientes telemáticos. Isto fez-nos depositar expectativas positivas sobre a participação da estudante e sobre as produções envolvendo a sua participação.

#### Memorial individual da estudante Phaphalati

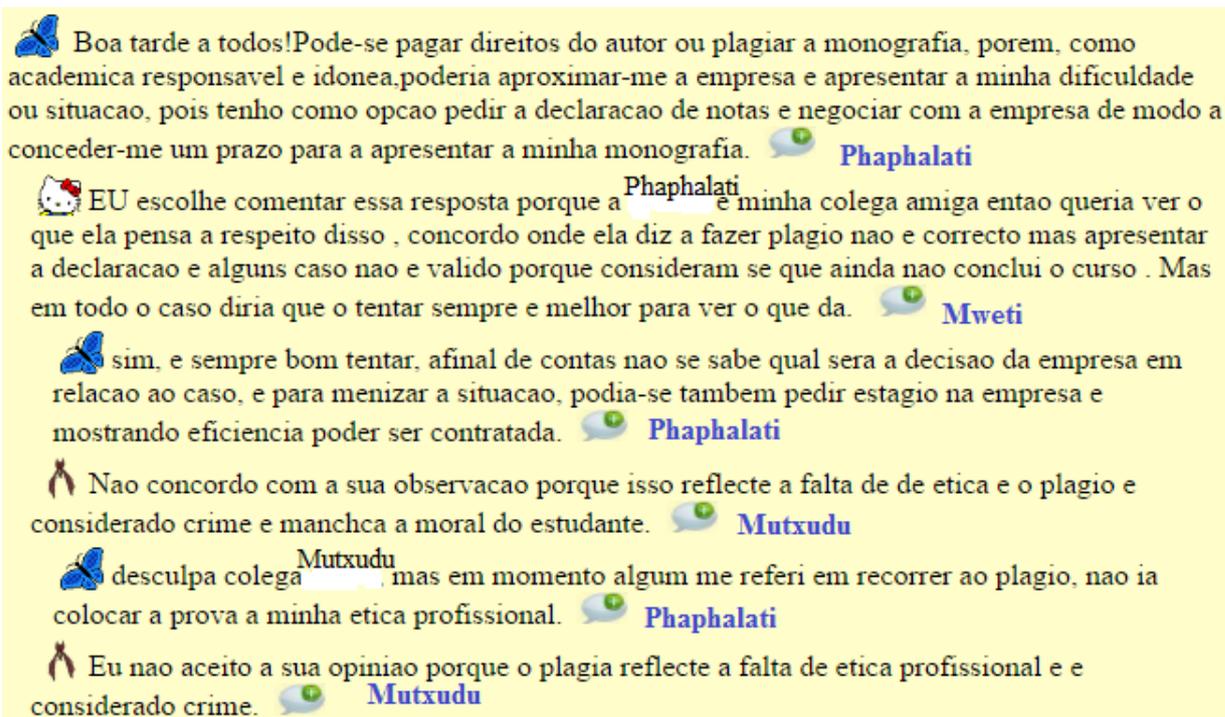


Figura 12: Memorial individual da estudante Phaphalati (E59-E64)

Fonte: Autor – ForChat.

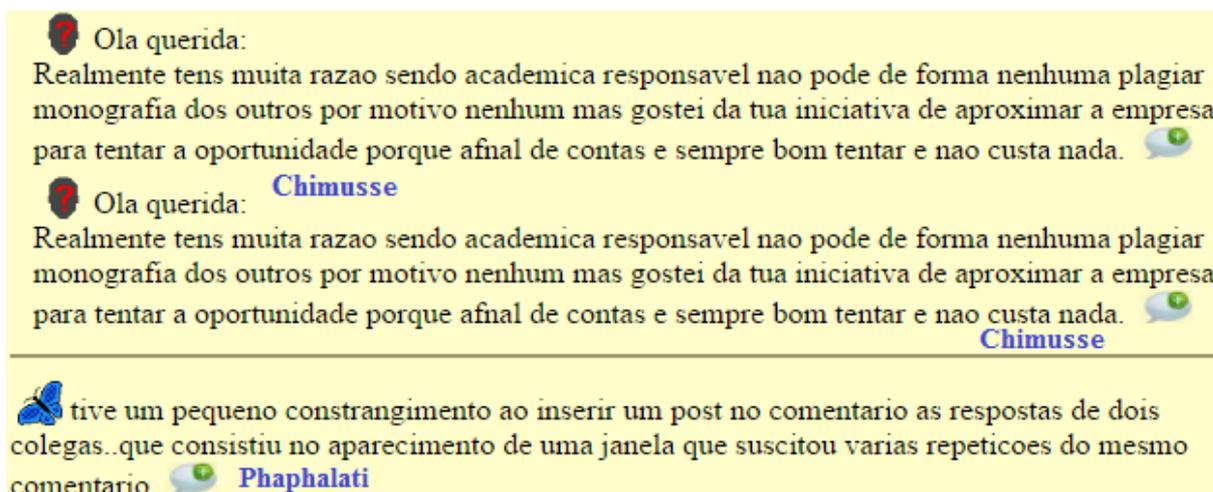


Figura 13: Memorial individual da estudante Phaphalati (E65-E67)

Fonte: Autor – ForChat.

Nesta postagem, a estudante Phaphalati apresenta o seu posicionamento (não plagiar) e propõe outras formas para resolver a situação em discussão. Ela assume uma atitude responsável ao responder ao problema inicial, apresentando alternativas para a sua resolução e explicando aos colegas sobre a necessidade de negociar. Os colegas Mwetí e Mutxudu respeitam a sua posição, mesmo sem concordar com ela completamente, e apresentam os seus posicionamentos. Podemos entender como operam as relações dialógicas entre os sujeitos/enunciados/discursos e a tomada de posições ético-políticas. Tais relações remetem aos conceitos bakhtinianos de singularidade do indivíduo e insubstituibilidade do seu lugar no mundo do acontecimento, entendidos como o não álibi na existência - “sujeito situado” (SOBRAL, 2008, p. 229).

Pode-se notar que a estudante Phaphalati teve, nas suas postagens, a preocupação de responder e esclarecer as dúvidas dos colegas relativas ao seu posicionamento, no entanto o estudante Mutxudu (E62 e E64), ao afirmar que não concordava com parte da proposta da colega, produziria um enunciado que alimentasse a discussão a partir da apresentação dos seus argumentos e entendimentos sobre o que é ética profissional e porque é que ele considera de ação criminosa parte da proposta da colega (“Pode-se pagar direitos do autor ou plagiar a monografia, porem” - E59). Entendemos que Mutxudu ateu-se apenas a este trecho do enunciado da Phaphalati e não se dispôs a analisar/comentar a segunda parte da resposta (“aproximar-me a empresa e apresentar a minha dificuldade ou situacao, pois tenho como opcao pedir a declaracao de notas e negociar com a empresa de modo a conceder-me um prazo para a apresentar a minha monografia” E-59) e a forma como ela idealizou fazer, apresentada no E-61, “sempre bom tentar, afinal de contas nao se sabe qual sera a decisao da

empresa em relação ao caso, e para menizar a situação, podia-se também pedir estágio na empresa e mostrando eficiência poder ser contratada.” Parece que ele (Mutxudu) desconheceu ainda o nexos adversativo “porém” da Phaphalati:

Pode-se pagar direitos do autor ou plagiar a monografia, porém, como acadêmica responsável e idônea, poderia aproximar-me a empresa e apresentar a minha dificuldade ou situação, pois tenho como opção pedir a declaração de notas e negociar com a empresa de modo a conceder-me um prazo para a apresentar a minha monografia. (E59)

Dessa maneira, os comentários do Mutxudu geraram desconforto e resposta de Phaphalati. Porque Mutxudu ignorou que ela estaria também se posicionando contrariamente ao primeiro trecho do seu enunciado.

A Phaphalati acrescentou um dado novo ao seu enunciado inicial E59 em E61, isto revela que as contribuições ou eventuais questionamentos de outros colegas e até fora do ambiente teriam viabilizado esta transformação. Poderia se questionar a Phaphalati por que adicionou um novo enunciado como comentário ao invés de editar o texto inicial. Do ponto de vista do controle do fluxo da escrita e do evolução da ideia, foi uma postura ética manter estes enunciados separadamente. Entendemos que, ao adicionar um novo enunciado, a Phaphalati deixa aparente a contribuição do colega para o enriquecimento do seu ponto de vista.

Os enunciados em análise não se fundiram uns com os outros, são atos de falar/agir responsável, eles mantêm a voz de quem os produziu levando em consideração os pré-textos e conferindo complementaridade e singularidade. “Os atos mais importantes, que constituem a autoconsciência, são determinados pela relação com outra consciência” (BAKHTIN, 2011, p. 341), não só pelo cumprimento das regras éticas universais aplicáveis a todas as situações, mas também pela combinação “entre essas regras e as circunstâncias específicas da decisão” (SOBRAL, 2008, p. 229).

Phaphalati termina, afirmando (E66) “tive um pequeno constrangimento ao inserir um post no comentário as respostas de dois colegas, que consistiu no aparecimento de uma janela que suscitou várias repetições do mesmo comentário. Ela não se referiu aos nomes desses colegas, tivemos que percorrer os memoriais de todos os usuários na sala para identificá-los, trata-se dos estudantes Kugwane (E39) e Tilo (E43). Na transcrição para compilar o Apêndice F, os enunciados repetidos foram descartados, tendo sido considerado um enunciado para cada um dos casos.

Não foi possível apurar os motivos do aparecimento das referidas janelas, mas a estudante registrou este fato, que certamente a deixou constrangida, no cumprimento da

orientação do professor para que todos os estudantes registrassem os seus embaraços no seu memorial para posterior construção de texto - lições aprendidas, como parte de relato reflexivo individual.

A Phaphalati é uma das estudantes que se destacou e, muitas vezes, apresentou as tarefas realizadas na frente dos colegas. As postagens repetidas sinalizam seu engajamento com a proposta, com a ferramenta e com as tarefas propostas, fato verificado com a sua prontidão em apoiar os colegas e ir além, se esforçar diante dos desafios que encontrou no seu trabalho.

O constrangimento pelas postagens repetidas e a solidariedade da Phaphalati com os colegas pode ser entendido no âmbito da arquitetura bakhtiniana (eu-para-mim, eu-para-outro, outro-para-mim). O constrangimento pelas postagens repetidas situa-se no domínio do eu-para-mim projetado para o domínio do eu-para-mim (como eu apareço para o outro), pois ao se mostrar preocupada com a sua atitude, Phaphalati ocupa um lugar ativo nesse evento, evoca o seu papel de responsabilidade consigo mesmo pela invasão do espaço do outro – espaço alheio – embora este espaço do outro seja também público no contexto dialogical em causa, há a preocupação com o que os outros podem pensar dos meus atos neste espaço. Estaríamos perante um “devir-ato responsável” (BAKHTIN, 2012, p. 52).

#### Memorial individual do estudante Mutxudu

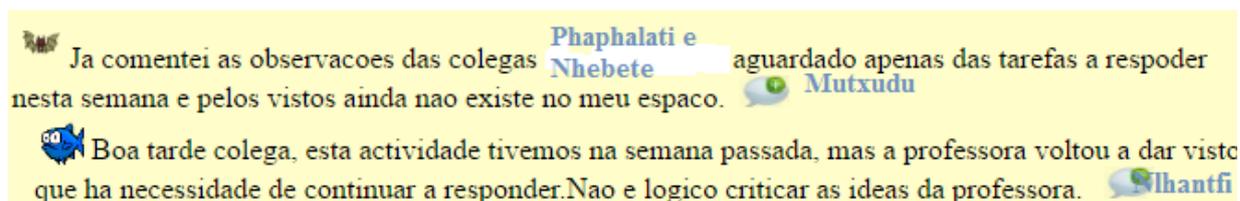


Figura 14: Memorial individual do estudante Mutxudu (E103-E104)

Fonte: Autor – ForChat.

Apesar de o memorial do estudante Mutxudu não responder especificamente a tarefa, relacionando o seu “tom” nesta postagem com os comentários no memorial da estudante Phaphalati (E62 e E64 do Apêndice F), daria para pensar em traços da cultura moçambicana, explorando alguns detalhes/nuances a nível de linhagem familiar (no caso do Mutxudu, E103) e das responsabilidades éticas do sujeito, considerando *a munhu i munhu ka vanhu* (no caso da Nlhantfi, E104).

Em Moçambique podem ser encontradas duas formas de linhagem familiar, a patrilinear e a matrilinear. Estas formas de organização social determinam muitos aspectos da vida e impactam no direito civil. As linhagens patrilineares são mais predominantes no sul do

rio Zambeze e as matrilineares ao norte deste. Nas famílias de linhagem patrilinear, os filhos carregam o apelido do pai, a esposa carrega o apelido do marido. Nas famílias de linhagem matrilinear, os filhos carregam o apelido da mãe, o marido carrega o apelido da esposa e/ou da sogra. Se uma mulher da linhagem matrilinear casa-se com um homem da linhagem patrilinear na região sul, ela adquire o apelido do noivo. No caso do homem de linhagem patrilinear que se casa com uma mulher de linhagem matrilinear e na região norte, ele ganha o apelido da sogra. Ficam por negociar os casos em que um homem matrilinear casa-se com uma mulher patrilinear na região na região sul ou quando uma mulher patrilinear casa-se com um homem matrilinear na região norte.

Foge ao escopo da tese aprofundar as implicações destas duas formas de organização das linhagens familiar em Moçambique. Todavia julgamos que seria interessante estudar as leituras que podem ser produzidas a partir da interpretação do Artigo 36<sup>67</sup> conjugado com o Artigo 122 da Constituição da República de Moçambique e os pressupostos destas formas de organização social.

Nas linhagens patrilineares regista-se um grau de submissão – obediência voluntária – da mulher aos membros masculinos da família (marido, pai, irmão, sogro) mais acentuado que nas linhagens matrilineares. Este fato pode explicar o tom autoritário nos enunciados do Mutxudu, que é patrilinear e está no sul. Quando se refere à Phaphalati o seu tom emotivo traduz uma demarcação do território e de discurso emancipado/de poder, o que pode ser entendido nas entrelinhas como “eu disse, é isso e não preciso argumentar porque está certo, é obvio que todo mundo me daria razão nesta decisão ”. Relativamente ao tom emotivo, Bakhtin (2012) nos fala que este configura uma entonação que penetra de maneira essencial em todos os momentos contedúísticos do agir e do pensamento enquanto ação inseparável do evento singular em processo, e adverte que: o fato de que um tom emotivo-volitivo ativo, que penetra em tudo o que é realmente vivido, reflita a inteira irrepitibilidade individual no momento dado do evento, não o torna, de modo algum, impressionisticamente irresponsável e ilusoriamente válido. É precisamente aqui que se acham as raízes da responsabilidade ativa que é a minha responsabilidade; o tom emotivo-volitivo busca expressar a verdade [pravda]

---

<sup>67</sup> A Constituição da República de Moçambique, Aprovada pela Assembleia da República, aos 16 de Novembro de 2004 consagra no Artigo 36 o Princípio da igualdade do género. O homem e a mulher são iguais perante a lei em todos os domínios da vida política, económica, social e cultural. Enquanto o Artigo 122 refere-se à mulher. O Estado promove, apoia e valoriza o desenvolvimento da mulher e incentiva o seu papel crescente na sociedade, em todas as esferas da actividade política, económica, social e cultural do país.

do momento dado, o que o relaciona à unidade última, una e singular. (BAKHTIN, 2012, p. 93)

Por outro lado, no seu memorial, o tom de autonomia percebido no enunciado do Mutxudu não permitiu a ele descortinar que ele tinha a responsabilidade de construir o seu próprio memorial individual de aprendizagem e que o fato de elaborar os comentários aos colegas não o eximia desta atividade, pelo que a sua colega Nlhantfi reagiu esclarecendo que havia uma tarefa por ser realizada.

Mesmo incorrendo em risco de ser criticada por Mutxudu e outros colegas por conta do seu comentário, visto que é susceptível de ser entendido como uma ordem – deixem de reclamar e vamos trabalhar, porque a professora<sup>68</sup> assim orientou – o gesto da Nlhantfi podia configurar-se como uma impostura (se remeter a responsabilidade da sua ação à assinatura da professora), mas se considerarmos que ela refletiu sobre a relevância do seu enunciado no contexto das atividades que estavam sendo desenvolvidas e por ter se exposto diante de todos os colegas, consideramos que ela teve uma atitude ética com os colegas, foi íntegra e responsável consigo mesmo e pensando no coletivo – este é um dos aspetos importantes do nosso aforismo, *a munhu i munhu ka vanhu*. Amorim (2009, p. 22) nos permite caracterizar o ato ético como um ato responsável e assinado “o sujeito que pensa um pensamento assume que assim pensa face ao *outro*, o que quer dizer que ele *responde* por isso”.

#### Memorial individual do estudante Tilo

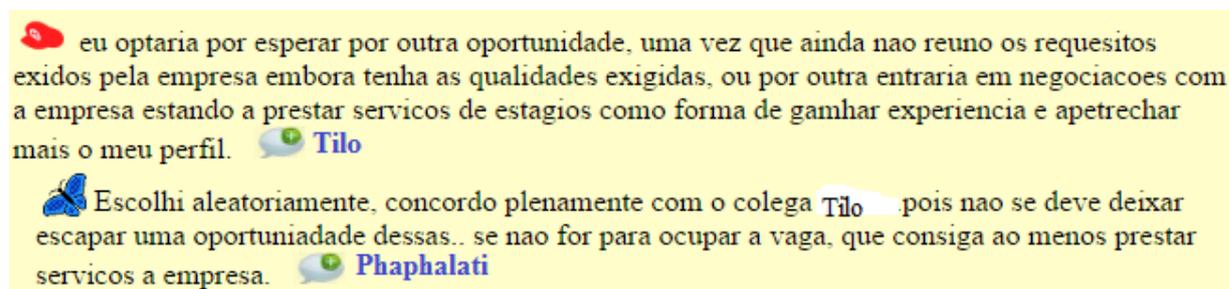


Figura 15: Memorial individual do estudante Tilo (E42-E43)

Fonte: Autor – ForChat.

<sup>68</sup> Embora estas discussões fossem orientadas por mim, na qualidade de pesquisador e atuando como professor, os estudantes remetem a responsabilidade dos acontecimentos à professora, a responsável da disciplina. Acho que o juízo dos estudantes prende-se com o reconhecimento da autoridade da professora – pelas suas qualificações académicas, também porque só o nome dela constava na ementa da disciplina, aliado ao fato de terem sido informados que o pesquisador estaria com eles, presencialmente, por um curto espaço de tempo, e ainda pelo respeito à senioridade da professora em todos os aspetos da relação docente naquele espaço.

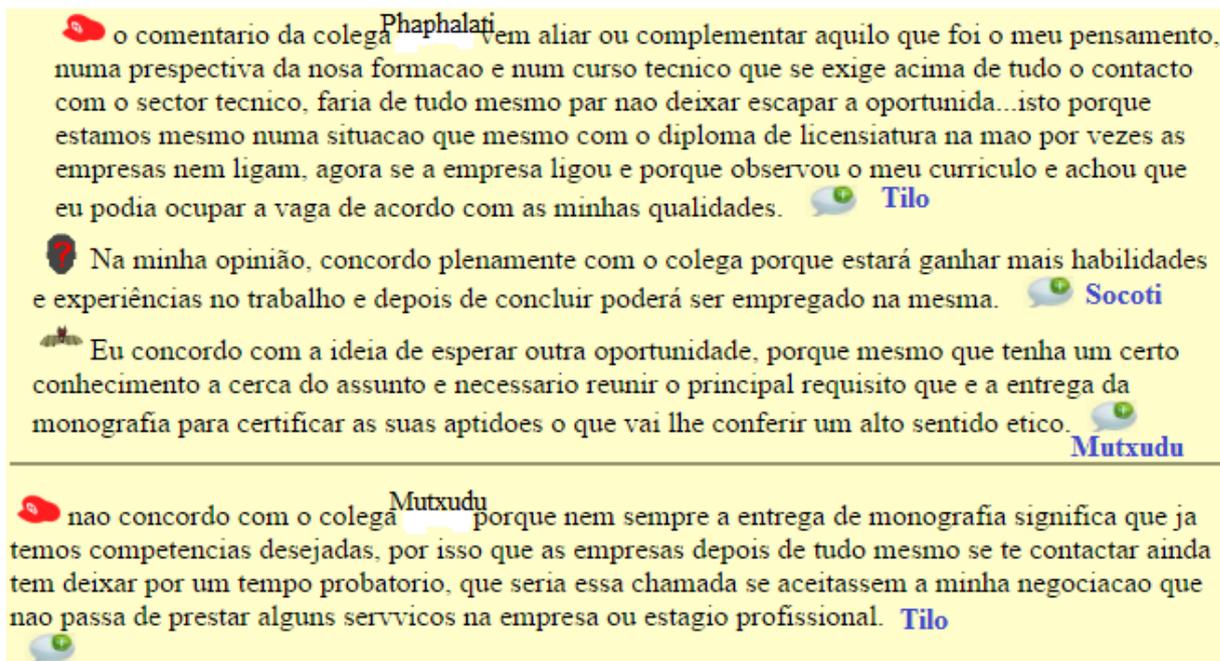


Figura 16: Memorial individual do estudante Tilo (E44-E46)

Fonte: Autor – ForChat.

Nas postagens E42 a E46 (figuras 15 e 16), os colegas comentaram as postagens do estudante Tilo que se posiciona contra o plágio, mesmo que isso signifique perder a vaga. Tilo acredita ser possível conseguir alguns acordos com a empresa, como por exemplo, um estágio profissional como forma de ganhar experiência na área e enriquecer o seu currículo.

Estes enunciados podem ser entendidos na perspectiva da moral/ética<sup>69</sup> autônoma de Piaget que se manifesta pela autoconsciência/autoconhecimento sobre o dilema ético em discussão. Nota-se o alvorecer de um debate sobre a qualidade acadêmica articulada à qualidade profissional. Tilo afirma (no E46) “nem sempre a entrega de monografia significa que já temos competências desejadas, por isso que as empresas depois de tudo mesmo se te contactar ainda tem deixar por um tempo probatorio”. A partir destas afirmações observa-se que os estudantes, ao mesmo tempo que reconhecem a importância da certificação, admitem que não podem simplesmente jogar tudo no diploma, o diploma por si só não garante a competência e a excelência.

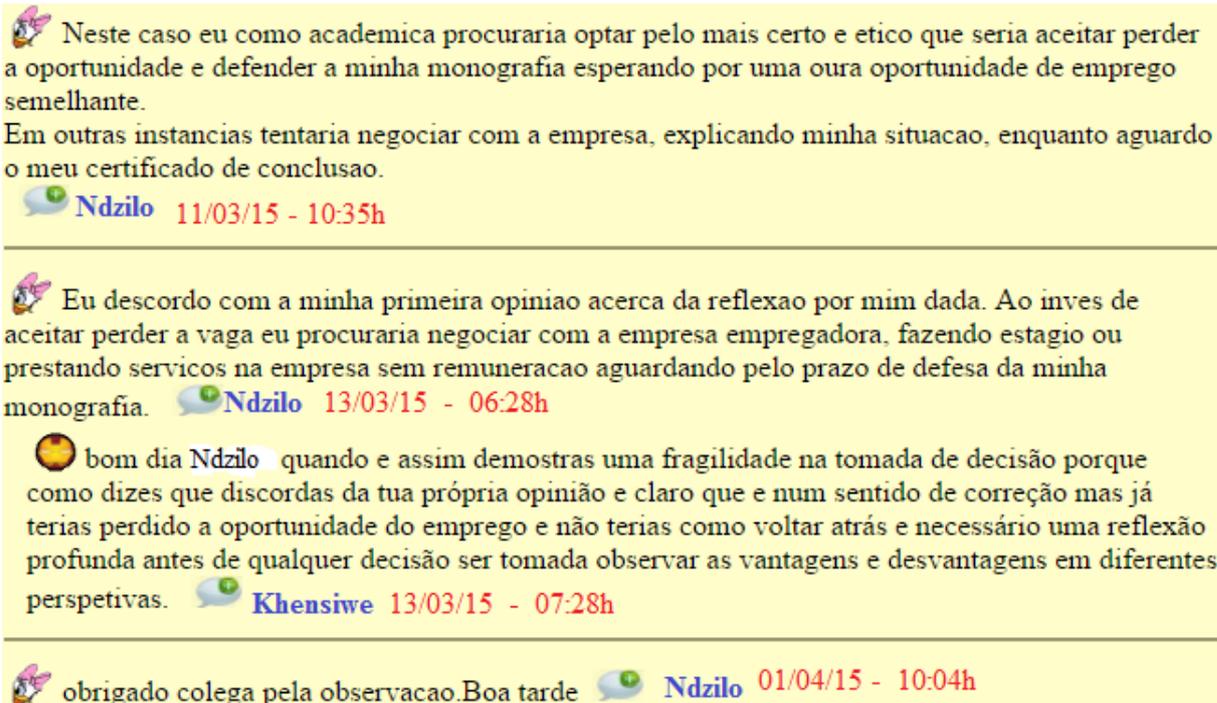
Os deslizamentos nos argumentos do Tilo e dos seus colegas não representam mudanças absolutas dos seus posicionamentos iniciais, contudo são reveladoras da polifonia enquanto enunciados construídos na interlocução com os enunciados que o antecederam – do estudante (no caso, Tilo) e de seus colegas – evidenciando-se a relação “eu-outro” na arquitetura do ato responsável do Bakhtin. Este outro não é necessariamente o outro colega,

<sup>69</sup> Ao discutir a moral, Piaget estava preocupado com questões éticas.

o enunciado do colega, e sim, também seu próprio enunciado anterior o qual foi reelaborado pela interação com outras formas de pensar as circunstâncias de desembaraçamento do problema.

Por outro lado, o comentário do Mutxudu, "Eu concordo com a ideia de esperar outra oportunidade, porque mesmo que tenha um certo conhecimento a cerca do assunto e necessario reunir o principal requisito que e a entrega da monografia para certificar as suas aptidoes o que vai lhe conferir um alto sentido etico" (E45), é muito interessante, pois parece estar mostrando o quanto o sujeito precisa pautar todo o processo pela atitude responsável para que o resultado seja ético. Neste caso tratar-se-ia não somente da decisão final, mas de todo o processo - um mergulhar no eu para mim, de como eu sou para mim mesmo o tempo todo. Neste caso, com referência em Axt (2016), estaríamos experienciando um sentido já de qualidade estética, que delinea um modo de ser existencial, pela apreciação e interpretação das suas produções e relações com o outro.

#### Memorial individual da estudante Ndzilo



 Neste caso eu como academica procuraria optar pelo mais certo e etico que seria aceitar perder a oportunidade e defender a minha monografia esperando por uma outra oportunidade de emprego semelhante.  
Em outras instancias tentaria negociar com a empresa, explicando minha situacao, enquanto aguardo o meu certificado de conclusao.

 Ndzilo 11/03/15 - 10:35h

---

 Eu descordo com a minha primeira opiniao acerca da reflexao por mim dada. Ao inves de aceitar perder a vaga eu procuraria negociar com a empresa empregadora, fazendo estagio ou prestando servicos na empresa sem remuneracao aguardando pelo prazo de defesa da minha monografia.

 Ndzilo 13/03/15 - 06:28h

 bom dia Ndzilo quando e assim demostras uma fragilidade na tomada de decisao porque como dizes que discordas da tua própria opinião e claro que e num sentido de correção mas já terias perdido a oportunidade do emprego e não terias como voltar atrás e necessário uma reflexão profunda antes de qualquer decisão ser tomada observar as vantagens e desvantagens em diferentes perspetivas.

 Khensiwe 13/03/15 - 07:28h

---

 obrigado colega pela observacao.Boa tarde

 Ndzilo 01/04/15 - 10:04h

Figura 17: Memorial individual do estudante Tilo (E110-E113)  
Fonte: Autor – ForChat.

Nas postagens E110 a E113 (figura 17), a estudante Ndzilo mostra mudanças no seu posicionamento inicial face ao problema em discussão. Este tipo de mudança havia sido cogitada que tivesse lugar entre a atividade com o formulário *online* (apêndice C) – em que os estudantes reagiram à tarefa em grupo, em pseudo anonimato, havendo partilha das

responsabilidades e dos desconfortos face a uma possível apreciação negativa do professor à resposta do grupo – e as atividades no ForChat em que, todos os estudantes têm acesso aos comentários dos colegas e, portanto, há uma maior autonomia e autoconsciência sobre as suas postagens.

O horizonte temporal que separa da Ndzilo, do dia 11 para o dia 13, é suficiente para justificar esta mudança, considerando que, na sua grande maioria, as postagens e comentários ao memorial individual dos estudantes concentraram-se, na sua esmagadora maioria, no dia 11. A estudante teve acesso às postagens dos colegas, que no encontro com o seu enunciado inicial (E110), possibilitou a produção do novo enunciado (E11), refletindo um posicionamento diametralmente contrário ao inicialmente elaborado.

Apesar do seu segundo posicionamento (E11) ser contrário ao anterior, ele não é totalmente contraditório, como se pode pensar a partir do comentário da estudante Khensiwe (E112), pois Ndzilo retomou a sua ideia inicial resignificando a perda da vaga de emprego não como a perda de emprego efetivamente, mas como oportunidade para exercitar outras experiências. Com o estágio, ela investe na sua qualificação profissional e acadêmica, ao mesmo tempo em que desenvolve a autoconfiança consigo mesma e com o sistema representando o coletivo.

A mudança de posicionamento da Ndzilo é muito significativa do ponto de vista do ato ético. Ela permite transitar do conforto e comodismo aparente, no nível de absoluta falta de negociação consigo mesma e com o patronato – não incomodar o outro e não se deixar incomodar, acreditando na teoria de pré destinação –, para pensar num nível de relativa flexibilidade de negociação com o patronato/coletivo, desafiando-se a explorar os limites dos seus valores éticos – investindo para um futuro mais seguro sobre as suas escolhas éticas e profissionais.

A opção pelo estágio profissional, desinteressado da vaga nessa empresa em especial, representa um grau de avaliação mais elaborada do seu autoconhecimento, ultrapassa a sua consciência fixada em objetivos de satisfação imediata das suas necessidades (no caso emprego, e salário consideravelmente alto), remetendo para um investimento na qualificação acadêmica e técnica-profissional que ampliarão o seu horizonte de possibilidades de emprego no futuro. Este autoconhecimento e autoconsciência remete-nos ao eu-para-mim como um dos pilares fundamentais do ato ético na arquitetura bakhtiniana, ao mesmo tempo que, com base em Axt (2016), permite-nos falar em acabamento estético que é produzido ao ouvir a sua voz como ponto de vista para estabelecer a negociação.

## 7. APRECIÇÕES SOBRE OS MEMORIAIS, TEXTOS REFLEXIVOS E AUTORAIS PRODUZIDOS INDIVIDUALMENTE, A PARTIR DAS DISCUSSÕES COLETIVAS

A análise das mensagens dos estudantes no fórum/chat e no memorial do ForChat permitiu elaborar uma apreciação mais particularizada, focada nos enunciados particulares de cada estudante, a partir da qual se produziu uma visão interpretativa dos acontecimentos nestes espaços. Porém, para ilustrar parte da complexidade de relações que as interações entre os estudantes no ForChat criou, apresentamos o mapa do movimento dos estudantes no memorial do ForChat, figura 18.

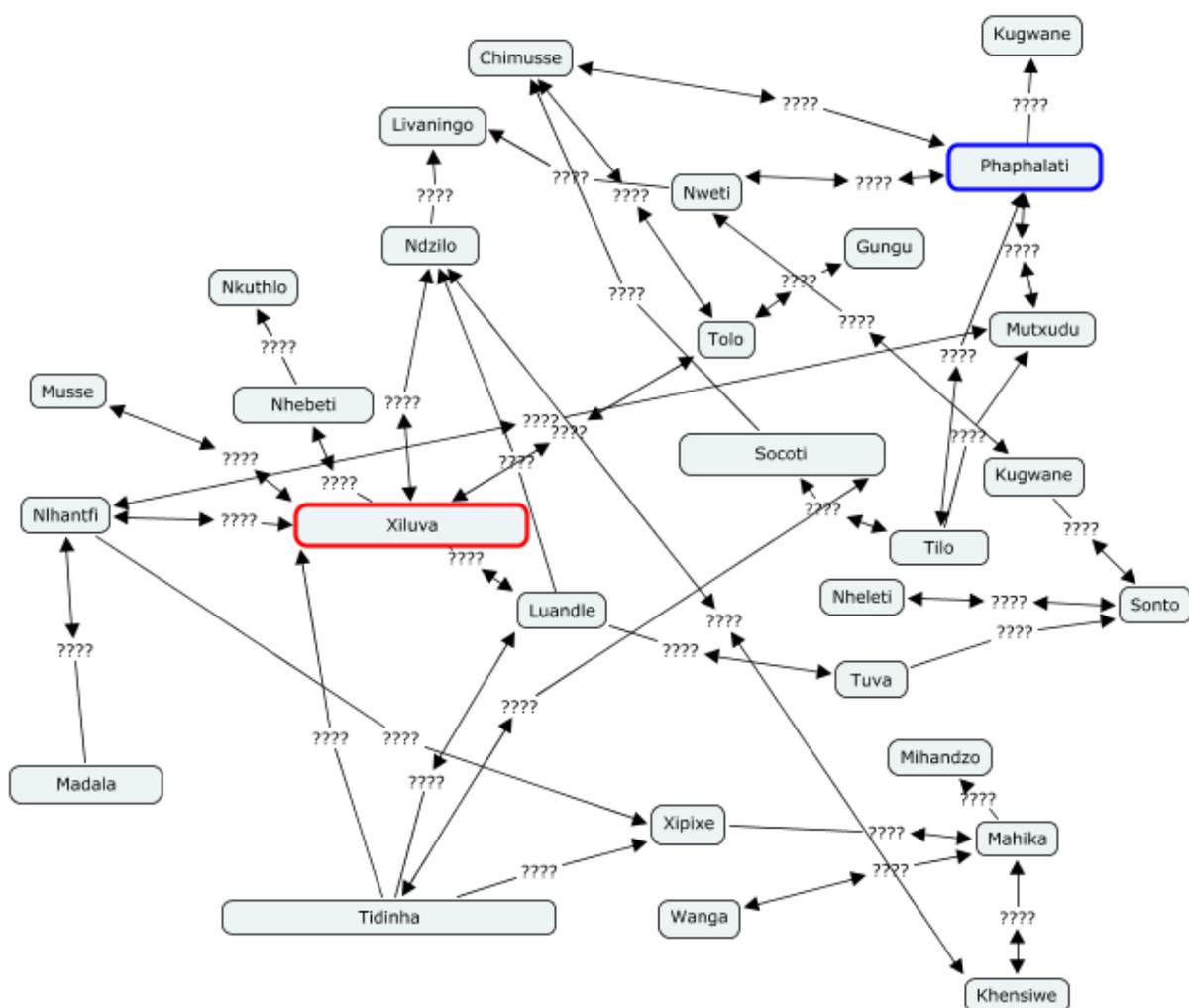


Figura 18: Movimento dos estudantes no memorial do ForChat.  
Fonte: Autor – ForChat.

O mapa permite explorar que movimentos o ForChat produziu com os estudantes. As setas indicam a origem e o destinatário do enunciado nos diálogos entre os pares. O arranjo das setas podia ser melhor, mas a necessidade de ajustar a imagem original, maior, construída no software CmapTools (Versão 5.05.01 Lite) de modo a adequar-se às margens do nosso

texto, levou-nos ao exercício de compactação que resultou num substancial achatamento dos setas, porém sem prejuízos na leitura da imagem! Pode-se notar que há estudantes que participaram ativamente nas discussões (comentando os murais dos colegas), outros sobre os quais se concentraram as conversas (por algum motivo os seus comentários cativaram os colegas) e outros ainda com uma participação incipiente.

A fraca participação de alguns estudantes pode ser justificada pelo fraco domínio da ferramenta tecnológica e aliada ao fato destes resolverem o problema meramente como complementação da tarefa da disciplina, portanto sem nenhum engajamento.

Já nos estudantes mais ativos, com muitas postagens, apreciados os conteúdos dos seus enunciados, verificou-se que eles subdividiam em dois sub grupos; (1) aqueles que produziram textos mais elaborados questionando os colegas e ou apresentando argumentos que justificassem os seus posicionamentos – como é o caso da estudante Phaphalati – e, (2) estudantes que apenas apresentaram seus posicionamentos com respetiva argumentação e depois se limitaram a dizer, nos comentários dos colegas (no seu memorial) ou aos colegas (no memorial destes), que concordavam ou não com os comentários apresentados por estes – é o caso da estudante Xiluva.

Os estudantes descritos em (1), na situação de Phaphalati, demonstraram pelo seu comportamento um engajamento com a proposta, não só resolvendo a tarefa, como também ajudando os colegas com os problemas técnicos – de conectividade dos equipamentos e no manuseamento dos aplicativos (como mostram a imagem, figura 19) – e alimentando as discussões com novas provocações.



Figura 19: Estudantes se apoiando mutuamente para resolver os problemas com a conectividade dos equipamentos e acesso à Internet.

Fonte: Autor.

Este envolvimento dos estudantes mostra o quão a implicação no contexto problemático pode amparar o sujeito na produção de sentidos, na sua interpretação e apreciação/acolhimento de tudo quanto se produz nesse espaço. Pode-se pensar de que maneiras uma questão que tem em conta a vida (acadêmica e profissional) do estudante o mobiliza à participação ativa, criando oportunidades para a pluralidade de perspectivas frente a um dilema ético, que reverbere em outros dilemas e constituindo-se em polilema ético.

Neste sentido, o ato criativo emerge do encontro entre múltiplas vozes evidenciando a centralidade das relações dialógicas nas interações sociais humanas, possibilitando a produção de sentidos como interpretação e metacognição<sup>70</sup> exercitados na consciência humana livre e responsável. Como referem Machado e Axt (2014, p. 61), as “relações dialógicas instituem um lugar, onde enunciados se relacionam, se chocam, são tensionados entre si, tomam novos sentidos sempre abertos.”

Uma das contribuições deste estudo prende-se com o fato de ter permitido a participação dos parceiros da pesquisa (estudantes de graduação em agropecuária) num ambiente de construção coletiva de texto reflexivo sobre a própria realidade, usando uma ferramenta tecnológica digital, exercitando aspectos de responsabilidade em autoria coletiva, configurando-se uma educação que, mais do que cumprir uma ementa curricular, contribuiu para a formação humana.

Tratou-se duma primeira experiência dos estudantes em trabalhar em um ambiente mediatizado por uma tecnologia digital, em rede, implementando um paradigma de trabalho de “um-para-um”, “um-para-muitos”, “muitos-para-um” para “muitos-para-muitos”, podendo escrever, ler e editar os seus textos, bem como comentar os textos dos colegas em tempo real, presencialmente e à distância.

Em outras ocasiões, os nossos estudantes usaram outras ferramentas digitais, mas meramente como repositórios e meios de comunicação e entrega de trabalhos nas disciplinas do curso.

O ForChat se prestou para propor outros usos em que as dinâmicas de trabalho estiveram embasadas numa proposta pedagógica voltada para a produção e registro das discussões e resultados das aprendizagens, sendo acessados a qualquer instante, contrapondo-se às suas anteriores experiências com as ferramentas digitais. Resultados aproximados podiam ser obtidos usando os recursos do quadro-giz, projeção de *slides*, trabalho em grupo

---

<sup>70</sup> Metacognição – Etimologicamente significa ir para além da cognição, faculdade de conhecer o próprio ato de conhecer, isto é, consciencializar, analisar e avaliar como se conhece. Cunhado por Flavell para se referir à faculdade de planificar, de dirigir a compreensão e de avaliar o que foi aprendido. (RIBEIRO, p. 109)

com registro e discussão e partilha de tudo quanto se falou nessas discussões, mas haveria perda de uma grande riqueza dessas discussões marcadas pela oralidade, se considerarmos a perspectiva de grande temporalidade em Bakhtin. É que, uma das marcas da oralidade tem a ver com a imediatez dos discursos, com localização simultânea do tempo do acontecimento e o momento de sua enunciação – pequena temporalidade.

Na grande temporalidade, enunciados antigos e de outros contextos são retomados e atualizados na medida em que participam da composição do novo enunciado, cujo momento da sua enunciação (tempo linguístico<sup>71</sup>) não se dá necessariamente no tempo cronológico da ocorrência dos acontecimentos narrados.

Axt *et al* (2001), com referência à Ricoeur (1995), ao se debruçarem sobre a temporalidade de ser escritor e leitor, ajudam-nos a conceituar a grande temporalidade como o tempo que envolve as circunstâncias de produção do enunciado e o momento da sua enunciação. Temporalidade pode ser entendida como o “tempo entre o tempo levado para contar e o tempo das coisas contadas”. (RICOEUR, 1995, p. 284 apud AXT *et al*, 2001, p. 145)

Ao destacarmos o memorial relativamente ao fórum/chat do ForChat, não pretendemos testemunhar o fracasso do fórum/chat. Estes permitiram responder à imediatez, quase ligada à oralidade, com maior alternância dos sujeitos falantes, mas com menor complexidade, menor elaboração na tematização e finalização das discussões, relativamente ao memorial; mas que, em sendo escrito, permite o retorno aos posicionamentos do coletivo na forma de releituras do que já passou que alimentam a reflexão mais elaborada, registrada como texto individual, nos memoriais. O memorial constitui-se como um espaço de manifestação da grande temporalidade, possibilitando relações de convivência através da cooperação e das interações dialógicas, o que caracteriza a polifonia nos enunciados produzidos pelos estudantes nas atividades neste ambiente telemático.

As mensagens e comentários emitidos pelos estudantes na atividade de construção do memorial apresentam marcas que sugerem a afirmação das suas posições enunciativas no processo interacional, no ambiente telemático e fora deste. Essas marcas são constituídas por expressões tais como:

---

<sup>71</sup> Com referência em José Luíz Fiorin, estudioso de Bakhtin, o tempo linguístico é estabelecido em função do momento da enunciação, no momento em que o sujeito toma a palavra. Tempo é uma categoria linguística pela qual o sujeito localiza o acontecimento em função do momento da enunciação. O momento da enunciação se circunscreve no tempo físico, mas nem sempre corresponde ao tempo cronológico. “O tempo linguístico é uma construção da linguagem e, portanto, o ‘agora’ da enunciação pode ser posto em qualquer lugar dentro do tempo físico, buscando a criação de sentidos”. (FIORIN, 2011)

- “...eu prefiro escrever a minha própria...” - “...optei por comentar a sua resposta porque...” - “Neste caso, eu..” - “...não acho correcto...” - “A minha ideia seria...” - “...eu consegui identificar...” - “...mas estarei...” - “Para mim...” - “Concordo com o colega (nome do colega)...” - “obrigada pelo comentário” - “Olá (nome do colega), escolhi o seu comentário...” - “Olá (nome da colega), tudo bém? Eu te escolhi pois te admiro bastante como mãe...” - “Eu não aceito a sua opinião porque...” - “É muito importante que o colega concorda comigo...” - “Escolhi não só por seres minha colega, mas sim por aquilo que és, sincera e honesta.” (Recortes feitos a partir das mensagens no memorial individual no ForChat, APÊNDICE F)

O número significativamente alto de ocorrência deste tipo de colocações denota a sua implicação com o contexto instaurado para a discussão, conversando uns com os outros de forma natural, escrevendo, lendo e sendo lidos; falando, escutando e sendo escutados. Portanto, as produções discursivas acima referidas caracterizam um ato positivo de cuidado com o outro, consigo mesmo e com o espaço dessas produções – um ato responsável. Neste sentido, alinhamos com Machado e Axt (2014, p. 70) ao afirmarem que, a “utilização dos ambientes virtuais veio a contribuir para a expressividade dos processos de singularização, fazendo-se presente como um lugar de socialização e de aprendizagem”, inscrevendo, pela escrita do memorial, processos emergentes de criação autoral.

## 8. MEUS ACHADOS NA PESQUISA – IMPLICAÇÃO AUTOR-ESCRITOR-LEITOR

Ao analisarmos os comentários sobre o dilema ético, no formulário *online* e os posicionamentos dos estudantes no ForChat, questionamos que possibilidades de negociação existem dentro de uma conduta ética. Nesta seção buscamos fazer um entrelaçamento das constatações que ressoam dos capítulos 4 (que trata da apreciação dos processos de ordem institucional), 5 (apreciação dos posicionamentos do ponto de vista de grupo), 6 (apreciação dos posicionamentos individuais no forchat) e 7 (movimento dos estudantes no memorial do ForChat).

Percebemos que os estudantes que se manifestaram a favor de uma flexibilidade de negociação com a empresa, em geral aceitam perder o emprego, mas investindo para um futuro com mais garantias. No nível de negociação zero encontram-se dois grupos de estudantes, os que optariam pelo plágio ganhando o emprego (resolvem o problema imediato) e assumindo as consequências dessa atitude, e os estudantes que não cometeriam o plágio perdendo o emprego, mas se preparando melhor para novas oportunidades.

Busquemos a história da Formiga e Cigarra para discutir as implicações destes dois grupos maior.

### A Cigarra e a Formiga

Num dia soalheiro de Verão, a Cigarra cantava feliz. Enquanto isso, uma Formiga passou por perto. Vinha afadigada, carregando penosamente um grão de milho que arrastava para o formigueiro. - Por que não ficas aqui a conversar um pouco comigo, em vez de te afadigares tanto? – Perguntou-lhe a Cigarra. - Preciso de arrecadar comida para o Inverno – respondeu-lhe a Formiga. – Aconselho-te a fazeres o mesmo. - Por que me hei-de preocupar com o Inverno? Comida não nos falta... – respondeu a Cigarra, olhando em redor. A Formiga não respondeu, continuou o seu trabalho e foi-se embora. Quando o Inverno chegou, a Cigarra não tinha nada para comer. No entanto, viu que as Formigas tinham muita comida porque a tinham guardado no Verão. Distribuía-na diariamente entre si e não tinham fome como ela. A Cigarra compreendeu que tinha feito mal... (SARA MENDES<sup>72</sup>, 2008)

A história da Cigarra e Formiga é um conto, no género literário fábula, usado para desenvolver nas crianças a imaginação, a criatividade e o espírito de trabalho em equipe. Pode também ser usada para discutir questões morais/éticas relacionadas com o valor do esforço (trabalho e recompensa), honestidade, humildade e solidariedade com estudantes de todas as faixas etárias.

Em função dos comentários dos estudantes ao dilema ético no formulário *online* e no ForChat, estabelemos um paralelismo por analogia dos posicionamentos dos estudantes e os

---

<sup>72</sup> História editada por Jean de LA Fontaine. Disponível em: <http://fabulasinfantis.blogs.sapo.pt/902.html>, Acesso em jul. 2016.

comportamentos da Cigarra e da Formiga na nossa história. Neste caso, os estudantes que se situam no nível de negociação zero designámo-los por “estudantes cigarra”, enquanto os que se situam no nível de negociação um (flexibilidade relativa de negociação) designámo-los por “estudantes formiga”.

Não é nossa intenção julgar os comportamentos dos estudantes formiga e cigarra, e sim analisar as possibilidades do exercício político-ético que leva em consideração a arquitetura bakhtiniana (a relação eu-outro) articulada ao fundamento *a munhu i munhu ka vanhu*, enquanto territórios existências de embate dos sujeitos e de seus valores.

Tomando como base a apreciação dos enunciados dos nossos estudantes, criamos o gráfico que ilustra a tendência e o movimento de afrouxamento dos valores éticos e, apresentamos na figura 20.

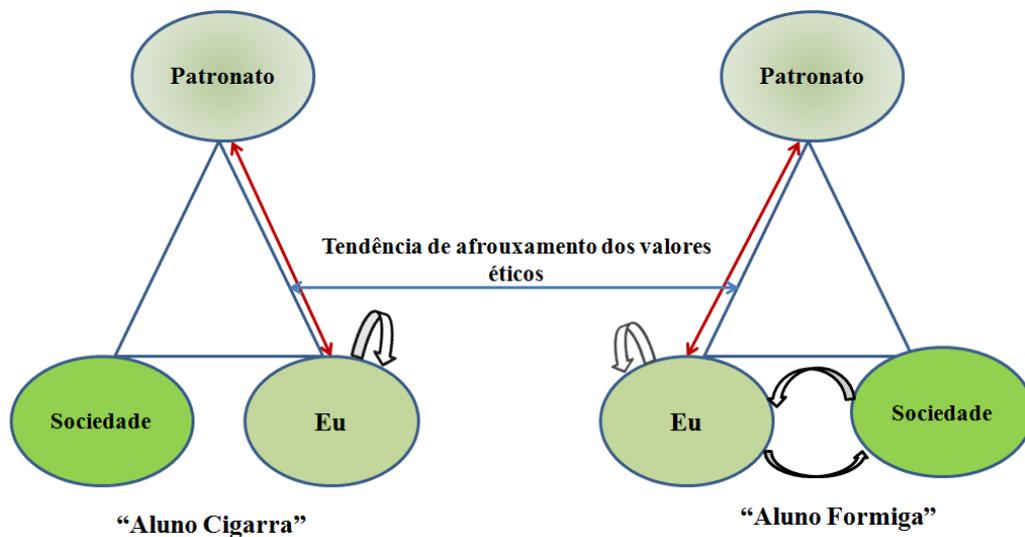


Figura 20: Tendência de afrouxamento dos valores éticos nos estudantes cigarra e formiga.  
Fonte: Autor.

A moral da história da Cigarra e Formiga nos auxilia a compreender como o investimento no comportamento da formiga representa vantagens e avanços do ponto de vista de desenvolvimento da autoconsciência, da responsabilidade consigo mesmo e com o outro, concorrendo para tomada de posições político-éticas mais autônomas.

Ora vejamos, o “estudante cigarra”, na nossa escala de afrouxamento dos valores éticos, situa-se no ponto de rigidez de negociação das suas decisões visando a melhorias imediatas, decisões focadas nos objetivos presentes, revela um egocentrismo que deposita a auto-responsabilidade na autoconsciência do outro. Já o “estudante formiga” situa-se no ponto de relativa flexibilidade de negociação das suas decisões, autoriza-se a pensar em negociação com vista a melhorias futuras, decisões focadas em objetivos futuros, pautadas em

negociações com o patronato e com o coletivo, ele reconhece fazer parte desse coletivo/sociedade com o qual estabelece conexões vitais.

A partir dos comentários/argumentos dos estudantes ao dilema ético no formulário *online*, são “estudante cigarra” os encontrados na situação 1.1, na situação 1.2 e aqueles que no ForChat se posicionaram de forma similar; “estudante formiga” são os abrangidos pelas situações 1.3, 1.4, 1.5, 1.6 e aqueles que no ForChat tiveram o mesmo posicionamento.

Situação 1.1:

Estariamos num dilema bastante complicado, pois teríamos que decidir entre plagiar a monografia visualizada na internet ou pagar direitos do autor, porem, ao plagiar a monografia correríamos riscos de se descobrir o feito e ao mesmo tempo se pagassemos o direito do autor, nao bases sufientes para defender o trabalho pois nao participamos dos experimentos feitos durante a realizacao da mesma. Contudo, para nao perder o emprego nos aproximariamos explicar em que situacao nos encontramos, no que concerne a detencao do certificado conclusao do curso. (Fonte: acervo da pesquisa - formulário *on line*)

Situação 1.2: São três situações possíveis 1- Estamos diante de uma oportunidade em que se trata de ganhar ou perder não existe um meio termo que pode ser aplicado sob ponto de vista do empregador que aplica os requisitos necessários. O dilema que encontramos é o plágio ou dilema escolar em que não é ético apresentar um trabalho como de sua autoria enquanto pertence a outro individuo neste caso por falta de opção mesmo sabendo que não é ético e com possíveis consequências apresenta se o trabalho que vai de acordo com as necessidades do individuo por falta de opção e precisando do emprego. 2- E perante uma situação em que a prioridade do individuo é terminar a monografia e depois procurar um emprego. 3- Por ultimo é a situação de negociar com empregador garantindo o emprego sem remuneração ate o termino da monografia. (Fonte: acervo da pesquisa - formulário *on line*)

Situação 1.3:

Por mi seria ético perder a vaga, fazer a minha própria monografia para adquirir mais conhecimentos e experiencias na minha área de formação, pois acredito que outras oportunidades virão. (Fonte: acervo da pesquisa - formulário *on line*)

Situação 1.4: Nesta situação como academicos optaria pelo mais etico que seria terminar, fazer minha monografia que me conferiria o nivel com dignidade e esperar por outra oportunidade de emprego; Dentro das possibilidades tentaria negociar com a empresa, de modo a fazer o estagio, aguardando pela conclusao do curso, afim de adquirir o nivel exigido. (Fonte: acervo da pesquisa - formulário *on line*)

Situação 1.5:

Não haveríamos de concorrer a vaga, por não reunir requisitos imediatos, mesmo localizando a monografia não iamos plagiar por razões éticas associado ao facto de que a violação dos direitos do autor é crime. Para tal, havíamos de deixar para uma outra oportunidade por falta de condições imediatas da exigência do patronato. (Fonte: acervo da pesquisa - formulário *on line*)

Situação 1.6:

Não! continuava a fazer minha monografia que ja vinha preparando, respeitando os meus objectivos e a esperança do amanhã ofereço. (Fonte: acervo da pesquisa - formulário *on line*)

Na situação 1.1, os estudantes estão com foco no presente, resultados imediatos – conseguir o emprego independentemente das implicações. Acreditamos que, se tivéssemos aprofundado esta questão, explorando parte dos argumentos que estes estudantes apresentaram: “ao plagiar a monografia correríamos riscos de se descobrir o feito e ao mesmo tempo se pagássemos o direito do autor, não bases suficientes para defender o trabalho pois não participamos dos experimentos feitos durante a realização da mesma”, possivelmente apresentassem comentários, argumentos e discussões apontando para posicionamentos mais elaborados do ponto de vista de responsabilidade ética.

Na situação 1.2, apesar de terem pensado no futuro, o foco da ação está nos resultados imediatos – se houver uma negociação será voltada para ganhar confiança com o patronato e ocupar a vaga nessa empresa. Os estudantes nas situações 1.3, 1.5 e 1.6 identificam-se com um investimento para o futuro, seguindo a dinâmica normal dos eventos – continuar a sua formação acadêmica e esperar por novas oportunidades de emprego, enquanto para os estudantes na situação 1.4 o investimento para o futuro é uma garantia de sustentabilidade, agregando valores pelo aproveitamento das aprendizagens que os eventos atuais podem propiciar – conseguir um estágio como oportunidade para aperfeiçoar as suas competências acadêmicas e profissionais, habilitando-se melhor para o mercado de trabalho cada vez mais competitivo, mesmo sem ter em vista o emprego na empresa que ofereceu condições para a harmonização das teorias e práticas da escola/empresa, bem como o desenvolvimento de novas práticas.

Do ponto de vista do aforismo fundamento *a munhu i munhu ka vanhu* e do ato ético/responsabilidade na perspectiva bakhtiniana (a relação eu-outro), estes posicionamentos podem ser indicativo de certas posturas comportamentais. Na esfera econômica, o “estudante cigarra” poderá enveredar pela opção do empréstimo (viver “pendurado” no cartão de crédito) fazendo um aproveitamento presente/imediato, comprometendo o futuro, pois precisará trabalhar continuamente no futuro para pagar o presente. O “estudante formiga” investe na poupança, de certa forma comprometendo o presente imediato, mas confortado pela possibilidade de levar uma vida mais autônoma no futuro, quer dizer, ele trabalha hoje para descansar e desfrutar no futuro. Neste sentido, a poupança, contraposta ao empréstimo, pode ser entendida como um grau mais elaborado de competência voltada para uma maior produtividade e maior contribuição para a sociedade, para o coletivo.

Não se trata de um modelo de vida melhor que outro, mas sim do que a vida oferece, estando ao alcance da liberdade humana a escolha do modelo que melhor satisfaça os seus modos de ver a vida e dentro das premissas e das condições para a sua viabilização.

Por outro lado, as alternativas que os estudantes apresentaram de negociação de vaga ou de estágio etc, revelam a indicação de possibilidade de fazer valer a sua voz no jogo da vida profissional. Contudo, está enlaçado à voz, o posicionamento ético, implicando a arquitetura dialógica da responsabilidade tanto na relação eu para mim (isto é, como me relaciono comigo mesmo, em termos de responsabilidade, como me posiciono para dizer a minha palavra), quanto na relação eu para o outro (isto é, como me relaciono com o outro, em termos de responsabilidade, como eu contemplo o outro na minha palavra) ou na relação outro para mim (isto é, em termos de responsabilidade, como o outro se posiciona para mim, como o outro me contempla na sua palavra).

Ficou evidente que, mesmo nessa contigência de pouco tempo que tivemos para a pesquisa e visando dar mais liberdade e autonomia às discussões e autoria individual dos estudantes, a intervenção do professor nas discussões dos estudantes, tecendo considerações sobre as postagens dos estudantes e convidando-os a apresentarem seus argumentos sobre determinados posicionamentos específicos/pontuais, engendraria maiores deslizamentos na negociação de possibilidades de encaminhamento da situação problemática, caracterizando também uma maior implicação do professor na ação pedagógica.

Esta intervenção, do professor/pesquisador com os estudantes e dos estudantes entre si, se dá como um movimento de criação que envolve a intervenção, interpretação. A intervenção possibilitando a interpretação do conjunto de enunciados, enquanto se encontram em andamento, permitem tomadas de posição por parte do professor e, em consequência, intervenções em forma também de enunciado, conforme sugere Axt (2016), tanto mais criativas, quanto mais abrirem às possibilidades de pensamento dos estudantes, neste caso, in(ter)venções. O mesmo ocorre com os estudantes, quando suas interpretações se atualizam em intervenções enunciativas, comentando os enunciados anteriores. E, na medida em que uma interpretação se dá sobre o todo, buscando compreender para onde nos levam as enunciações do coletivo em seu processo de ser, pode-se pensar, junto com Axt (2016), na interpretação enquanto acabamento estético, constituindo um modo de existir.

Embora a nossa pesquisa estivesse centrada nos aspectos éticos, movemo-nos num campo marcado pela esteticidade, aliás, como refere Bakhtin (2014, p. 32), “no mundo do conhecimento não há, em princípio, atos e obras separadas”.

Sobrevoando o universo dos eventos nos momentos e espaços em que produziram e discutiram os dilemas éticos vemo-nos envolvidos também numa estética com os modos pelos quais os parceiros da pesquisa, exercitando-se como centros de valores<sup>73</sup>, deram fluidez às discussões sendo receptivos e positivamente acolhedores dos posicionamentos dos colegas, sem, no entanto, recusar a sua identidade nem a sua valoração, quer dizer, acolhendo as eventuais críticas e reelaborando os seus argumentos sem deixar de se individualizar/destacar na singularidade do seu discurso diante do outro.

A particularidade principal do estético, que o diferencia nitidamente do conhecimento e do ato, é o seu caráter receptivo e positivamente acolhedor: a realidade, preexistente ao ato, identificada e avaliada pelo comportamento, entra na obra (mais precisamente, no objeto estético) e torna-se então um elemento constitutivo indispensável. (BAKHTIN, 2014, p. 32)

Do ponto de vista ético, o comportamento dos estudantes é abonatório aos objetivos da presente pesquisa e do que se pretende que seja uma vida coerente com a filosofia/moral que se evoca e sua prática. O comportamento dos estudantes trouxe uma relação ética caracterizada por fraca, ou inexistência de, oscilação discursiva experienciada na discussão do dilema ético simulado com a conduta dos estudantes na relação entre eles. Na sala de aulas houve uma relação de autoconsciência manifesta na cooperação e na solidariedade com os colegas, ajudando-se mutuamente a superar os problemas com o uso dos equipamentos tecnológicos – um reconhecimento de que o seu avanço não seria completo enquanto o colega não puder acompanhar a dinâmica da aprendizagem porque não pode criar o seu usuário no ForChat, não pode adicionar um comentário no fórum/memorial – aqui ficou evidenciado o “eu-para-outro” e o “outro-para-mim”. O constrangimento com a invasão do espaço público, ainda que no exercício da resposta ao outro, remete-nos para uma autoconsciência/autoconhecimento que convoca o papel do estudante na responsabilidade para com o espaço desse outro – aqui ficou evidenciado o “eu-para-mim” e o “eu-para-outro”.

Um antropólogo estava estudando os usos e costumes de uma tribo africana, quando ao final do trabalho propôs uma brincadeira às crianças de uma região. Colocou um cesto cheio de doces embaixo de uma árvore e propôs uma corrida na qual o vencedor, o que chegaria primeiro na árvore ficava com o cesto. As crianças se alinharam prontas para correr. Na hora em que ele deu o sinal da partida, todas deram as mãos e correram juntas até a árvore, pegaram o cesto juntas e comemoraram juntas. O antropólogo olhou curioso para as crianças e uma delas olhou de volta e disse – Ubuntu, tio. Como uma de nós poderia ficar feliz, se todas as outras iriam ficar tristes? (Editado do: THIAGO RODRIGO<sup>74</sup>, 2015)

<sup>73</sup> O ser humano que fala, questiona e estabelece relações interativas sobre o acontecimento. (BAKHTIN, 2012)

<sup>74</sup> Adaptado do: Ubuntu by Thiago Rodrigo - História para Aquecer o Coração – Motivação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rv6SNAO5FtU>

Na história do Thiago, as crianças demonstram de forma prática um dos valores éticos da epistemologia Ubuntu – sou quem sou porque somos todos nós; eu sou porque nós somos, e dado que somos então eu sou, – que é também um dos fundamentos do aforismo que embasa a nossa tese. Os estudantes, ao manifestarem a solidariedade entre eles na resolução dos problemas com a tecnologia informática, em particular, estavam se dando as mãos como as crianças da história para poderem realizar as tarefas propostas.

Não obstante esta solidariedade, notamos que podem existir indícios de uma competição desleal por parte de alguns estudantes. Note-se que os estudantes, receando perder informações e avisos importantes/urgentes sobre a disciplina, propuseram ao professor o envio das mensagens para os emails de alguns colegas destacados e que estes fariam o encaminhamento para os restantes membros da turma. Este posicionamento deveu-se à fraca confiança na utilização do email geral da turma, tendo sido informado que havia colegas que, por distração, apagavam as informações sem que os demais tivessem tido acesso a estas.

Com o decorrer do encontro, o professor/pesquisador se deu conta que não se tratava de um email criado a partir de uma ferramenta direcionada para esse fim, como por exemplo, o *googlegroups*, que permite associar vários usuários a uma conta de email que envia uma cópia ou um *token* a cada uma das contas de emails a ela associadas. Um membro da turma havia criado uma conta de email e distribuído pelos colegas as credenciais de acesso, neste caso todos tinham os mesmos privilégios na administração desta conta. Para resolver este problema e recuperar a confiança entre os estudantes, o professor/pesquisador sugeriu ao chefe da turma para experimentar o serviço de email *@googlegroups.com*, considerando que grande parte dos estudantes possuem seus emails no domínio *gmail.com*.

### **Sobre a dificuldade de se colocar no lugar do outro: alguns apontamentos**

Para se colocar no lugar de outro e se solidarizar com as idéias do outro é necessário um certo grau de vivenciamento empático simpático – estética expressiva<sup>75</sup> - imergir no mundo dos acontecimentos do outro para poder contemplar o contexto problemático e elaborar a sua interpretação criadora sobre as vivências do outro, sem sair dos limites do autovivenciamento e da autoconsciência como momentos da sua existência axiológica. A empatia simpática (BAKHTIN, 2011) nos permite colocarmo-nos no lugar do outro, acessar o

---

<sup>75</sup> Em Bakhtin (2011, p. 57, 58), a estética expressiva refere-se à expressão exterior de um estado interior. “O que se expressa não é algo objetivamente significativo (valor objetivo) mas a vida interior do próprio objeto que exprime a si mesmo, seu estado volitivo-emocional e sua tendência; isso só na medida em que se possa falar de vivenciamento empático”.

interior do outro pela sua exterioridade por meio de movimentos de contemplação, de criação ativa e interpretação, produzindo o acabamento estético.

Da história do Tio São, no marco inicial da pesquisa, extraímos o episódio das filhas gêmeas da Tia Rosalina para discutir a questão ética de aceitação do outro. Estamos produzindo o tempo todo, somos iguais e diferentes, até os gêmeos uniovulares apresentam diferenças mesmo que sutís.

Quando eu falei para a Tia Rosalina o quanto eu continuava com dificuldades de distinguir entre as suas duas filhas (minhas primas, mas minhas irmãs no contexto da tradição dos *Tsongas*) gêmeas verdadeiras, quando elas trajassem vestes semelhantes, fiquei surpreendido com a resposta – meu filho! Quase matei a Sofia. A Vitória e a Sofia estavam doentes e precisava dar medicação para elas que só tinham um ano de idade. Dei a primeira dose a Sofia e voltei com outra dose, que seria para a Vitória, aí foi importante a atenção do Felisberto que convenceu-me que já havia dado o medicamento a Sofia e que as identificava facilmente porque a Vitória tem uma mancha negra na ponta do nariz, a mesma que aparecera à Sofia na testa só aos 11 anos. Agora com 14 anos já estão ficando mais diferentes, nada que o tempo e a convivência não resolvam!

Mesmo sendo estudante de doutorado fora do país, na diáspora<sup>76</sup>, não escapei aos incômodos provocados pela situação político-militar em Moçambique, chegando a questionar-me sobre os ganhos com o investimento na guerra e seus apetrechos e suas implicações na educação e formação de uma geração.

Do ponto de vista da ética é possível questionar se há uma coisa mais grave que a outra. Se uma morte considerada digna é digna para quem? Para quem morre? Para os seus dependentes (filhos, conjuges, pais,...)? Para os seus inimigos? Para quem supostamente a orquestra do ponto de vista moral e material? Por exemplo, as mortes de militares das Forças de Defesa e Segurança governamentais de Moçambique e da parte das Forças Residuais da Renamo (Resistência Nacional Moçambicana) – partido político na oposição e com assentos no parlamento moçambicano.

Como resultado da Tensão Político Militar em Moçambique, está se degradando o tecido social moçambicano através da destruição do capital humano e infraestrutural,

---

<sup>76</sup> No português moçambicano, o termo diáspora é usado para designar cidadãos nacionais fora do país. Segundo o Dicionário Aurélio, diáspora significa dispersão de povo(s) em virtude de perseguição de grupo(s) intolerante(s).

desacelerando o ritmo de desenvolvimento e do progresso que o país tem estado a registrar (com destaque para o campo da educação – setor entendido como fator crucial para o combate à pobreza e desenvolvimento do país - Moçambique), comprometendo a livre circulação de pessoas e bens, podendo contribuir para a retração dos investimentos estrangeiros para o país e colocando em situação calamitosa milhares de moçambicanos. (Folha de Maputo, 2016; Jornal Notícias, 2016).

A tensão político-militar supra citada está levando à desestruturação das famílias, aumento de crianças órfãs, traumatizadas, famílias em situação de deslocados/refugiados, sem terra para produzir (aquelas que tinham na prática da agricultura e pecuária sua fonte de subsistência). No setor da educação, a título de exemplo, catorze escolas encerraram as suas portas na Província de Manica (centro do país) colocando fora do Sistema Nacional de Educação mais de seis mil estudantes (STV, 2016). Esta situação pode ser uma indicação da necessidade de reforçar o diálogo e a convivência/alternância político-partidária como fatores que podem contribuir para a consolidação da democracia moçambicana e em outros países do mundo, para a manutenção da paz, da unidade nacional e da consciência patriótica.

A questão ética aqui é o respeito à dignidade humana, o Direito a vida, consagrado no Artigo 40 da Constituição da República de Moçambique, Aprovada pela Assembleia da República, aos 16 de Novembro de 2004.

A política como o exercício do poder, visto na perspectiva maquiaveliana, não se deve despir de valores morais/éticos, pois não existem duas éticas; uma que rege a vida do povo (cidadão comum, moral privada) e outra que rege a vida do governante (homem público, moral pública), mas sim uma ética imbricada no ato político do governante, uma ética estabelecida a partir das relações efetivas entre os seres humanos.

Com base em Nicolau Maquiavel, Do Amaral (2012), propõe o exercício da ética na atividade política nos seguintes termos:

A ação política será julgada em função de sua utilidade para a comunidade, ou seja, o critério para a avaliação da ação política é sua utilidade para o grupo social. Desta forma, será moral toda ação que visar o bem da comunidade. Estado (DO AMARAL, 2012, p. 30).

Maquiavel defende um governo que privilegia a participação efetiva do povo – república – (na obra *Tito Lívio*), mas que nos momentos de crise é importante a centralização do poder político – monarquia – (na obra *O Príncipe*), no entanto, a monarquia não se rege por um estado absolutista e, sim por um governante sábio, possuidor de boas virtudes para angariar as simpatias do povo e liderar as transformações emanadas pela crise.

Os problemas entre moral e política só surgem quando determinados objetivos políticos exigem a adoção de medidas condenáveis pela consciência moral, em nome de valores ou princípios que transcendem a jurisdição temporal do Estado (DO AMARAL, 2012, p. 33).

Bono (2015), com referência em Severino Ngoenha, fala da liberdade de escolha como pressuposto da democracia e organização social. Para Ngoenha,

O problema real consiste em dar ao povo a possibilidade real de escolher os próprios ideais, os próprios fins, não por intermédio de um partido, de um presidente, mas directamente. Do que os povos têm necessidade é, antes de mais, de apropriar-se do próprio destino, e de assumir e guiar a própria história. (NGOENHA, 2014, p. 137)

A realização deste pensamento remete-nos à ideia de in(ter)venção (AXT e KREUTZ, 2003; AXT, 2008; AXT, 2011a) nos microespaços atendendo a especificidade e a singularidade de cada espaço-tempo em que essa determinada organização social se circunscreve. No caso de Moçambique, Bono (2015, p. 117) acrescenta que, “isto é possível partindo das pequenas comunidades para passar aos distritos, províncias, nações, até chegar à União Africana”.

Portanto, agir eticamente implica avaliar conscientemente a situação e as possibilidades de ação, abrir mão de seus interesses individuais egoístas em prol de uma decisão manifestadamente útil para a comunidade como fundamento do seu compromisso e implicação com a vida do coletivo e da sua existência como pessoa, afirmada nesse coletivo.

### **Sobre o uso de expressões na língua materna dos participantes nas interações entre os estudantes**

Um fato muito curioso foi o não aparecimento de expressões na língua materna dos participantes nas postagens no ForChat e no Formulário on-line, sendo que, durante as conversas em sala de aula presencial, principalmente quando discutimos sobre a organização dos grupos e verificamos a conectividade dos computadores à Internet, alguns estudantes recorreram ao vocabulário das línguas maternas para produzirem seus discursos e anunciarem as suas inquietações e os seus posicionamentos.

Um fato muito curioso foi o não aparecimento de expressões na língua materna dos participantes nas postagens no ForChat e no Formulário on-line, sendo que, durante as conversas em sala de aula presencial, principalmente quando discutimos sobre a organização dos grupos e verificamos a conectividade dos computadores à Internet, alguns estudantes recorreram ao vocabulário das línguas maternas para produzirem seus discursos e anunciarem as suas inquietações e os seus posicionamentos.

Entendemos que o tempo de interação nas plataformas digitais não foi suficiente para proporcionar um certo “estar a vontade”, que os estudantes se manifestassem com menos autopolicimento na sua expressão verbal escrita.

Em qualquer sociedade, a língua materna é a coisa mais importante que todos cidadãos podem ter. É através dela que nos abrimos e nos comunicamos com o mundo, iniciamos e mantemos nossos laços de relacionamento. Segundo Ngunga e Faquir (2012, p. 290), a diversidade linguística de Moçambique é caracterizada pela existência de cerca de 40 línguas bantu e línguas de origem estrangeira (Português, Inglês e as línguas asiáticas). Porém, podemos acrescentar a Língua de Sinais de Moçambique e outras línguas estrangeiras que estão ganhando terreno no âmbito da cooperação internacional interinstitucional e globalização envolvendo países tais como, a China, Japão, Vietnam, França,...

Em Moçambique, o uso da língua materna nos diferentes espaços de socialização tem vindo a crescer à medida que vários segmentos da sociedade tomam consciência do seu valor na comunicação e sobrevivência. Por exemplo: a) no hospital – agentes e técnicos de saúde comunicando-se apenas na língua oficial (Português) inibem o paciente de apresentar informações para completar o diagnóstico, auxiliar no tratamento; o doente pode correr sérios riscos de vida. b) no tribunal – a pessoa pode ser condenada por ter sido julgada numa língua (Português) que ele não percebe. c) na escola - o estudante pode ser reprovado de classe por não ter percebido a explicação do professor, sem a possibilidade de comunicá-lo dessa ausência de sintonia e não ter a oportunidade de expressar o seu entendimento sobre a matéria na sua língua materna, mais utilizada no seu meio familiar.

No caso da educação, se tomada como um processo assente na comunicação dialógica (no sentido bakhtiniano), deve levar em consideração o fundo aperceptível do outro. Em Moçambique, país caracterizado também pela heterogeneidade linguística-cultural, responder a esta missão continua sendo um desafio principalmente nas séries iniciais da alfabetização. Atendendo ao fato de que o índice alto de reprovações nas séries iniciais de alfabetização (1ª à 5ª Classe do Ensino Primário) está relacionado às fracas competências de leitura, escrita e outras habilidades, respeitando que os estudantes chegam à escola, nas séries iniciais, com competências comunicativas básicas já desenvolvidas nas suas línguas maternas ou locais e ainda para assegurar a valorização dos conhecimentos e da cultura que estas línguas veiculam, Moçambique introduziu o ensino primário bilíngue no país em 2004 (PCEB, 2003) onde se espera abarcar todos os estudantes frequentando o ensino primário em todas as províncias do país a partir de 2017.

Com base no PCEB (2003), podemos destacar dois modelos de ensino primário bilíngue em Moçambique conforme a localização da escola. Para as zonas rurais linguisticamente homogêneas, o professor partilhando a mesma língua que os seus estudantes, haverá um primeiro ciclo, 1ª e 2ª classes, utilização da língua materna (L1) do estudante como único meio de ensino-aprendizagem (para facilitar a interação/socialização e desenvolver as habilidades da oralidade no estudante) e o Português (L2) como disciplina (desenvolver as habilidades da oralidade, aprendizagem da leitura e escrita pelo estudante). No no segundo ciclo, 3ª/4ª/5ª classes, ocorre a transferência gradual do meio de ensino da L1 para a L2. O estudante aprende a ler e a escrever em português (L2) usando as competências adquiridas da sua língua materna (L1). A respeito da língua materna, Bakhtin (2011) refere que a

sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários gramáticos mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam. Nós assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações e justamente com essas formas. (BAKHTIN, 2011, p. 282-283)

Já nas zonas urbanas e periurbanas, etnolinguisticamente heterogêneas, o meio de ensino-aprendizagem é o português e, as línguas maternas são utilizadas para ultrapassar alguns impasses da aprendizagem que forem difíceis de solucionar na língua oficial. O PCEB delega à escola a escolha de uma língua nacional para ser lecionada como disciplina curricular nas zonas urbanas e periurbanas, para que se aprenda sobre a riqueza cultural moçambicana, ao mesmo tempo que se reforça a unidade nacional.

Acredito que a implementação efetiva deste programa irá contribuir para o reforço das capacidades comunicativas dos estudantes e para o aumento das suas chances de aprendizagem, bem como para o seu desenvolvimento num processo de socialização, particularmente de inclusão social para aquele grupo de moçambicanos (80%, referidos anteriormente) que não?? têm como acessar conteúdos científicos escolares na sua língua materna, diferente do português. Pois, bem no início da minha carreira como professor (nos anos 1998 a 2001) e mesmo antes da implementação do ensino bilíngue, já me socorri dos recursos do *Xirhonga* e *Xichangana* para explicar e apresentar exemplos elucidativos nas aulas das disciplinas de Biologia e Química em escolas de áreas periurbanas da Província de Maputo, e com isso ter obtido ganhos na atenção e na aprendizagem dos estudantes – uma atitude encarada como indisciplina pelos colegas e gestores educacionais naquela época. Situações houve no ensino superior, também, em que tive que recorrer às línguas maternas supra citadas para enfatizar e aclarar determinados aspetos do conteúdo discutido em aula.

### **Sobre as mudanças dos costumes de um povo**

Se considerarmos que os costumes mudam com o tempo-espaço em função das dinâmicas sociais (culturais, políticas, econômicas), poderia responder à questão de partida do professor de filosofia – trata-se de crise da moral ou é a moral de hoje? – (apresentada na seção 1.2; sobre o pesquisador e a pesquisa) afirmando que as duas realidades são possíveis e passíveis de coexistência. O senso comum aponta para o afrouxamento nos padrões morais das gerações mais antigas às gerações atuais, por outro lado, não há mudança sem crise e não há crise que não degenere em transformações na sociedade. Porém, um ato ético “correto” seria aquele que coloca em prática os anseios do sujeito (seus pensamentos e convicções), sem prejuízo nas práticas costumeiras vigentes, aceites e respeitadas por essa sociedade nesse momento histórico particular.

Os valores morais como costumes tradicionais vivenciados de forma dogmática sofrem mudanças lentas e graduais conforme as transformações da sociedades. Por exemplo, nas grandes cidades tornou-se normal entrar no transporte coletivo sem fazer a saudação geral, sem saudar o condutor e o cobrador, reservando-se ao companheiro do banco (em contradição ao espírito apresentado no texto introdutório “Sobre as Origens da Pesquisa – Marco Inicial -A *munhu i munhu ka vanhu*”). Provavelmente a vida agitada dos grandes centros urbanos esteja consumindo o tempo das pessoas e causando estresse levando que as pessoas se fechem no seu micromundo numa atitude de defesa e estranhamento do outro. Por outro lado, com o recrudescimento do crime organizado e fraca atuação das forças de manutenção da proteção e tranquilidade públicas, em determinadas artérias das grandes cidades, passou a ser “normal” assistir a atuação impávida dos meliantes, sobre os cidadãos indefesos, a qualquer hora do dia e em lugar público.

Quanto aos valores éticos, estes são susceptíveis de alterações profundas devido à abertura ao questionamento da sua validade nos contextos sociais a que dizem respeito. A transformação da sociedade, o progresso técnico e econômico podem levar a novas formas de vivência ética. Servem como exemplos: 1) o caso Rosa Parks – a abolição da lei da segregação racial nos ônibus nos Estados Unidos da América (apresentado na seção 2.1, sobre a noção de ética); 2) o beijo gay na TV, no teatro. A menos de uma década era imoral e inaceitável aparecer em um mídia público; 3) não ceder lugar a idosos, gestantes e outras pessoas visivelmente necessitando dessa atenção nos transportes públicos.

A ética pode ser teorizada, mas é na vida prática que ela é desenvolvida no sujeito pela necessidade de, no exercício da sua liberdade e autonomia, fazer julgamentos e tomar posicionamento diante de situações conflitantes e desafiadoras. O sistema educacional estimulará o exercício da autonomia responsável e da solidariedade compartilhada nos estudantes se os professores e os demais atores também estiverem preparados para produzir e operar em condições que implicam o envolvimento seu e dos estudantes na experimentação da realidade, na criação de novas formas de pensar, interpretar e de expressão de sentidos sobre esses acontecimentos. Uma escola em que os estudantes não são apenas julgados (punidos/recompensados) pelos seus erros, mas também convidados a refletir sobre as suas decisões/escolhas como requisito para o melhoramento dos seus argumentos. Isto significa que deve-se investir na qualidade do ensino para promover uma aprendizagem também de qualidade.

*A The National Science Board Commission On Precollege Education in Mathematics, Science and Technology* (1983, p. 29), propõe uma intervenção na formação docente em três níveis para a melhoria da qualidade do ensino, nos seguintes termos:

1. As habilidades e compreensão de muitos professores atuais devem ser atualizadas;
2. A formação de professores iniciantes deve ser melhorada;
3. Nesse meio termo, devem ser recrutadas, de fontes "não-tradicionais", pessoas qualificadas (que possam) para ensinar matemática, ciência e tecnologia. - Tradução livre do autor<sup>77</sup>.

Estes três níveis de intervenção podem ser realizados por meio de cursos de aperfeiçoamento pedagógico organizados e ofertados pelas instituições de pesquisa em educação e outras afins, com conteúdo técnico e metodológico diversificado para atender o rápido desenvolvimento das áreas do conhecimento, especialmente na informática com períodos muito curtos de atualização de serviços e produtos, bem como fomentar a pesquisa e partilha de experiências pedagógicas diferenciadas.

Em Moçambique, por exemplo, este movimento caracteriza-se pelos seminários de capacitação docente nos períodos de férias intercalar dos estudantes; programas de apoio pedagógico envolvendo a Universidade Pedagógica e as escolas públicas (do estado) através da capacitação de técnicos de laboratórios de Informática, Física, Química e Biologia;

---

<sup>77</sup> 1. *The skills and understanding of many current teachers must be upgraded; 2. The training of incoming teachers must be improved; 3. In the interim, persons who are qualified to teach mathematics, science and technology must be found from "non-traditional" sources.*

autoformação; programas de incentivo à formação associados às políticas do corpo docente (em especial no ensino superior) como indicador de qualidade na avaliação institucional.

Embora estas considerações tenham sido elaboradas há mais de três décadas e equacionadas para o povo americano, elas se mostram aplicáveis, ainda hoje, no contexto educacional dos países em desenvolvimento, como é o caso de Moçambique. É preciso notar que a qualidade do ensino está apenas associada às insuficiências na formação docente, mas também, à valorização profissional do professor, à frustração com os níveis de interesse baixo dos estudantes para aprender, à precariedade das condições e ambiente de trabalho, remuneração financeira, fraco sentido de missão e vocação para orientar a aprendizagem dos estudantes.

O sujeito não pode dar ao outro aquilo que não tem – soluções gerais para os problemas específicos da vida – e não pode ser para o outro aquilo que ele mesmo não é, com as devidas ressalvas – hipocrisias – em geral as obras dizem muito do seu autor. Com base em Deleuze e Espinosa podemos afirmar que, as boas ações do ponto de vista ético, a prática de buscar as condições para produzir bons encontros, produzem ganho de potência que reconfiguram a subjetividade do sujeito (aumento da autoestima, alegria de viver) e viabiliza novas formas de agir do sujeito e naqueles afetados pelo seu agir e pelo processo que produziu este ato.

Podemos entender este ganho de potência como acontecimento pela capacidade de afetos que poderá produzir nos sujeitos de forma surpreendentemente maravilhosa no campo das suas emoções, afecções, sentimentos, paixões. Ainda nos amparando em Gilles Deleuze e Baruch Espinosa, vale afirmar que as boas decisões do ponto de vista ético produziram bons encontros.

O agir humano deve voltar-se ao ato de criar e perpetuar bons encontros. Perpetuar estes bons encontros não deve significar a sua universalização pois, como refere Mikhail Bakhtin, eles são singulares e têm validade nas condições específicas em que foram realizados e com a participação ativa dos sujeitos nessa experiência vivida como sua de carácter valorativo-sensorial, volitivo-realizador e responsavelmente racional.

## 9. REVERBERAÇÕES DUMA PRÁTICA SOBRE DILEMAS ÉTICOS

Na presente seção fazemos a apreciação geral do estudo, retomando os aspectos de destaque na pesquisa, pontuando os principais acontecimentos e os resultados a que nos remetem, de modo a estabelecermos um ponto final, mesmo que provisório. Para melhor orientação, esta seção encontra-se subdividida em três partes. Na parte 1 são apresentadas as conclusões do estudo, na 2, os rastros da pesquisa e, na parte 3, os futuros desenvolvimentos.

### 9.1 Conclusões

No estudo que agora caminha para o fim, mesmo que provisório, apraz-nos reconhecer que tivemos a pretensão de propor discussões que dessem visibilidade às relações ético-políticas do indivíduo no coletivo assentes na atividade da escuta do outro, operacionalizada por meio de estratégias de problematização de dilemas éticos em informática, com estudantes de graduação em Agropecuária, a partir de conteúdos da disciplina de Didática Profissional, nesse curso.

O estudo sustentou-se na tese de que é possível discutir questões relacionadas ao exercício de valores e da ética num contexto de aprendizagem escolar, caracterizado pelo estudo de conteúdos de ênfase cognitiva e técnica-instrumental, por meio de dilemas éticos.

A partir do referencial do ato ético na perspectiva de Mikhail Bakhtin, articulada ao aforismo *a munhu i munhu kana vanhu* e aos estudos do grupo de pesquisa do Laboratório de Estudos em Linguagem, Interação e Cognição/Criação (LELIC), bem como outros estudos relacionados, concebemos e implementamos propostas de discussão que permitem atender às questões éticas/morais, sem disconsiderar os conteúdos técnicos-cognitivos que embasaram as temáticas dessas propostas.

Trata-se duma ética do ato responsável, na sua elaboração e na sua materialização. Um ato cuja responsabilidade reside na capacidade do *eu* estabelecer um diálogo com o *outro*, ouvir seus argumentos e apresentar os meus contra-argumentos visando a um convívio harmonioso direcionado para o coletivo como bem maior. Esta responsabilidade envolve o exercício de outros pequenos atos, a escuta amorosa, diálogo sem abafamento das vozes, respeito à coexistência das partes, questionamento das convicções e respeito pelas divergências, acolhimento empático do outro, sem se fundir a este, sem recusar a sua identidade nem a sua valoração.

Movidos pela questão: Que possibilidades de vivências, através de experimentações éticas, podem ser desenvolvidas/utilizadas no contexto escolar (no ensino presencial, semi-

presencial, a distância), considerando a filosofia “*a munhu i munhu ka vanhu*”, a disponibilidade e pluralidade das TIC e a participação ativa dos estudantes, reconhecendo, analisando e acolhendo com “empatia” os posicionamentos/contribuições dos colegas frente a uma situação-problema no coletivo? Construimos problemas que simularam situações da vida real (acadêmica e profissional do estudante), que nos permitiram vivenciar e exercitar com os parceiros da pesquisa, discussões sobre os valores éticos envolvidos nos seus posicionamentos, face ao dilema inicial apresentado e seus desdobramentos.

O objeto de análise foi constituído pelos enunciados (orais e escritos, verbal e não-verbal) dos estudantes e do professor, produzidos no contexto interacional de construção e discussão dos dilemas éticos (em sala de aula presencial, no formulário *online*, no Forchat e as anotações no diário de campo), como momentos de sua existência axiológica e como centros de valores.

Esses enunciados foram analisados dentro do quadro teórico que nos permitiu trabalhar a arquitetura dialógica da relação eu-outro (BAKHTIN, 2012) – eu-para-mim, eu-para-outro, outro-para-mim – na perspectiva do ato responsável (respondível e responsável) e da interpretação como intervenção (AXT, 2016). A alteridade é integradora das visões e percepções do outro na minha apreciação do problema, podendo desse modo contribuir para a resolução de situações conflitantes em momentos de afirmação das verdades *pravda* do eu e do outro, na sua relação com as verdades *istina* e *pravda* do coletivo a que estes eu e outro se inserem.

Foi importante constatar que os comentários dos colegas no memorial individual dos estudantes flexibilizaram o diálogo e provocaram em alguns casos a alteração do enunciado primário, quer através da agregação de novos elementos de suporte, quer através da mudança na sua posição inicial – tomada de posição enunciativa ético-política. Isto revelou uma relação que podemos considerar dialógica na medida em que resultou necessariamente da escuta e reflexão dos questionamentos dos colegas e inquietações que esse desconforto produziu em si.

Desta forma, concordamos com a perspectiva bakhtiniana sobre a natureza dialógica do discurso/enunciado, e sobre a importância da alternância dos sujeitos falantes na relação dialógica.

Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. (BAKHTIN, 2011, p. 297)

A alternância dos sujeitos falantes (eu-outro), e conseqüentemente dos enunciados a eles vinculados, é uma das premissas que sustentou a relação dialógica e a produção de sentidos pelos parceiros da pesquisa durante a discussão dos dilemas éticos. Neste movimento dinâmico e multidirecional, estabeleceram-se encontros entre um *eu* e um *outro* por meio de diferentes linguagens (visual, verbal oral e escrita). Um eu e outro imprescindíveis (um ao outro) participando inteiramente, na sua singularidade polifônica, envolvendo a sua subjetividade, os seus valores epistemológicos, axiológicos e ainda os sentidos que atribui ao outro e às coisas que os rodeiam, nesse contexto discursivo/dialogical.

Os estudantes e os professores, trabalhando com o ForChat, experienciaram dinâmicas de trabalho colaborativo e de forma cooperativa, com ferramentas tecnológicas sendo suportadas por propostas metodológicas/pedagógicas voltada para a produção e registro das discussões e resultados das aprendizagens. Para os estudantes, esta foi a primeira experiência no uso de ferramentas digitais rompendo o paradigma de repositórios e meios de comunicação e entrega de trabalhos numa disciplina do curso. Estas vivências se caracterizaram pela escrita, leitura e edição de seus textos, bem como pelos comentários aos textos dos colegas em tempo real, presencialmente e à distância. Os fenômenos aqui vivenciados por meio das diferentes formas de manifestação da linguagem, em sala de aula e nos ambientes telemáticos, caracterizam uma pesquisa em educação, ao mesmo tempo que justificam a inserção da presente pesquisa nas ciências humanas, sustentada pelas interações que buscaram produzir sentidos por meio da compreensão responsiva/dialógica das suas enunciações.

Na conjuntura atual, o problema não se prende tanto com a disponibilidade da tecnologia. Na esfera social nos flagramos imersos na tecnologia, basta imaginar a quantidade de artefatos e serviços da tecnologia com que nos envolvemos no dia-dia, dos quais não podemos prescindir, contudo continua incipiente uma reflexão sobre os seus usos. No campo da educação por exemplo, pesquisas recentes tem estado a justificar a necessidade de uma mudança de paradigmas no que concerne às TICs. Axt (2000), Carvalho (2007) propõem que se equacionem modos de trabalhar a tecnologia para promover a aprendizagem. É cada vez crescente o número de professores entusiastas com relação ao reconhecimento do potencial das TICs para a Educação e com predisposição nas veias para participar desta aventura, no entanto, carecem de propostas de trabalho que potencializem o seu protagonismo no fazer pedagógico professor-estudante, usando as TICs como ferramenta didática acoplada a uma

proposta pedagógica-epistemológica que permita explorar diferentes abordagens sobre as temáticas eleitas.

As tecnologias terão um valor acrescentado se a elas for agregada a intencionalidade de promoção das relações entre os sujeitos, permitindo que estes possam compor novas relações – condições éticas de produção do novo, do inusitado – com o contexto interacional (de sala de aula-presencial, do ambiente virtual-tecnológico) e suas demandas.

Os modos de operar na pesquisa, declarada no início circunscrita no campo da ética, mostraram uma coabitação e indissociabilidade da estética à ética. Portanto, com referência em Axt (2011a) podemos falar em uma pesquisa no campo (est)ético, onde por um lado está a nossa (de todos) visão dos sujeitos éticos e, por outro lado, a nossa (de todos) visão estética como interpretação/produção de sentidos – um gesto de interpretação afetivo, perceptivo, cognitivo, realizado pela escuta dialógica e in(ter)venção.

Os dilemas éticos, tendo como referência o fundamento *a munhu i munhu ka vanhu*, possibilitaram explorar a noção da educação como sistema de valores (valores éticos/morais, cognitivos, técnicos, sociais, culturais,...), que devem ser devolvidos e desenvolvidos pelo sujeito – na relação com outro enquanto centro de valores, em torno da qual se distribuem os momentos concretos do existir humano – por meio de interações complexas deste com o contexto problemático que o caracteriza, num determinado espaço-tempo e considerando a sua participação ativa-responsiva na construção e incorporação destes conhecimentos no seu sistema individual de valores, desenvolvendo a autonomia responsável e solidariedade compartilhada e projetando-se para intervir, criar, produzir algo novo na sociedade, no coletivo em que estiver inserido.

O envolvimento cada vez mais ativo dos estudantes nas discussões em sala de aula e no ForChat é revelador de mudanças na sua motivação inicial, atestando para o seu engajamento nos trabalhos, pois mostraram-se permissíveis à proposta de trabalho, apresentando soluções para a tarefa, bem como para as dificuldades técnicas que iam minando o processo dialogal na plataforma virtual. Esta implicação, enquanto envolvimento e engajamento, dos estudantes nas dinâmicas da disciplina negociando possibilidades de encaminhamento da situação problema é que foi propiciadora da produção de sentidos, gerando aprendizagens.

O estudo contribuiu para a participação dos parceiros da pesquisa (estudantes de graduação em agropecuária) num ambiente de construção coletiva de texto coletivo, usando uma ferramenta tecnológica digital, exercitando aspectos de responsabilidade em autoria

coletiva, caracterizando mais a formação humana e não somente o cumprimento de uma ementa curricular.

Os resultados imediatos deste estudo – a densidade das interações obtidas em curto espaço e tempo – dão a possibilidade de pensar sobre a nossa prática docente e entender como este modo de trabalhar contagiou os colegas e ao professor. Por outras palavras, a implicação dos estudantes e dos professores com o contexto de experimentações éticas amparou-os na produção de sentidos que foram criando no processo e sua gestão, bem como da discussão efetiva dos problemas propostos.

Estes resultados permitem-nos falar de uma experimentação estética enquanto modo de trabalhar colaborativamente e como potência criadora. Por outro lado, a enunciação dos estudantes nos ambientes de discussão (da sala de aula, do formulário *online*, do ForChat) é uma forma de estetização de seus conhecimentos, enquanto enunciam os seus posicionamentos, há um modo de anunciar, de fazer chegar a sua mensagem, a sua relação com o dilema, as relações de confiança que se consolidam com os colegas e se desenvolvem com o professor.

Esta estética encontra-se assente na singularidade expressiva dos grupos (na atividade com formulário *online*), dos estudantes (na construção do memorial individual e nos comentários aos colegas), do professor (na mediação destas atividades) e do pesquisador, na leitura dos sinais e adequação da proposta e elaboração dos registros não capturáveis pelos ambientes virtual. Falamos em uma singularidade expressiva assente na in(ter)venção, fruto de uma posição enunciativa autoral comprometida com o contexto da sala de aula, da disciplina e da discussão – imersão no contexto problemático, análise das possibilidades e escolha/criação de posição enunciativa – daí também, um ato ético-político.

Finalmente, “eu sou porque nós somos, e dado que somos então eu sou” é o fundamento da moral do respeito recíproco e do cuidado com o outro que pretendemos seja revitalizado no cotidiano das relações humanas, respeitando os direitos humanos, ambientais e dos animais, perpetuando os bons encontros, aqueles que nos dão potência de agir responsabilmente!

## 9.2 Rastros duma caminhada

Para além dos resultados da pesquisa apresentados nas sessões anteriores, o estudo e a pesquisa de doutorado possibilitaram a participação em eventos nacionais e internacionais com contribuições através da publicação de artigos e comunicações, das quais destacamos cinco a seguir apresentadas.

### Artigos científicos

- a) TIMBANE, Sansão A.; AXT, Margarete. Dilemas éticos como proposta metodológica para abordar temas transversais. In: **Conexões Culturais – Revista de Linguagens, Artes e Estudos em Cultura** - v. 01, n. 02, ano 2015, p. 106-121. ISSN Eletrônico: 2447-018X. Anais do I Encontro Humanístico Multidisciplinar. Publicado em: <http://periodicos.claec.org/index.php/cc/article/view/101/17>
- b) TIMBANE, Sansão A.; AXT, Margarete; ALVES, Evandro. O Celular na Escola: Vilão ou Aliado! In: **Anais da XX Conferência Internacional sobre Informática na Educação**. v. 11, ano 2015, p. 768-773. ISBN: 978-956-19-0929-8. TISE 2015, Santiago-Chile. Publicado em: <http://www.tise.cl/volumen11/TISE2015/768-773.pdf>.
- c) TIMBANE, Sansão A. Escrita Colaborativa Utilizando Ferramentas da Web 2.0 no Processo de Ensino-Aprendizagem. In: **Caderno de Actas das Comunicações das Jornadas de Educação 2014** - v. 0x, n. 0x, ano 2015, p. 168-178. Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação/Ministério da Educação, Moçambique. Número de registo: 8516/RLINLD/2015.

### Comunicações orais

- a) TIMBANE, Sansão A. Ciência Africana: **A Escola e a Educação de Valores**. Porto Alegre: UFRGS/DEDS, 2016. (Comunicação oral: 41º Aniversário da Independência da República de Moçambique)
- b) TIMBANE, Sansão A. Ferramentas, Técnicas, Produção Acadêmica e Valores da Educação Em Moçambique: Desafios e Perspectivas. **Epistemologia Ubuntu e Educação**. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 2016. (Comunicação oral: Curso de Licenciatura em Educação do Campo)

### **9.3 Continuidade da Pesquisa**

Reconhecendo a complexidade do estudo realizado, as limitações nos seus resultados e produtos, apresentamos algumas propostas de continuidade para a pesquisa, por forma a criar possibilidades para ultrapassar as imperfeições aqui detetadas e outras que se configurarem oportunas.

Uma proposta de pesquisa, no viés deste estudo, alargada a quatro semestres escolares poderá permitir estudar que mudanças são observadas no processo e nos estudantes acompanhados, na sua relação com a universidade (enquanto formandos) e escola (por meio do estágio docente e outros), na sua relação com os colegas e na sua visão do mundo, como encaram os problemas do cotidiano – estabelecendo e criando novas conexões.

A extensão do tempo da pesquisa daria para amadurecer a proposta entre os parceiros e diversificar as formas de apresentação do problema/dilema ético, modificando-o através de elementos que complexificassem a discussão da questão ética, possibilitando a emergência de posicionamentos mais diversificados.

Em tese, o perfil dos estudantes pode ser um indicativo do tipo de produção que se pode esperar, pois os estudantes com maior domínio das ferramentas tecnológicas, à partida, encontram menos barreiras de trabalho e apresentam maiores possibilidades de engajamento nas atividades. Assim, um estudo comparativo, com estudantes de graduação em informática e estudantes de graduação em outras áreas, seria importante para compreender as dinâmicas do seu envolvimento com a proposta de trabalho, estratégia de dilemas éticos num ambiente telemático, e explorar como se dá a abertura ao inusitado.

Esta tese deixa linhas de fuga que permitem pensar o resgate da matriz da epistemologia/filosofia africana em si e em interlocução científica com outras (ocidentais, orientais,...) epistemologias/filosofias.

Finalmente, importa referir que esta tese contribuiu com as vivências dos estudantes e dos professores em dinâmicas de trabalho com ferramentas tecnológicas, sendo suportadas por propostas metodológicas/pedagógicas voltadas para a produção e registro das discussões e resultados das aprendizagens, contrapondo-se às suas anteriores experiências dos estudantes com as ferramentas digitais. Estas dinâmicas encontram-se alinhadas ao paradigma proposto por Axt (2000) – “Tecnologias Na Educação” para “Tecnologias PARA a Educação” – que aqui foi ressignificada na utilização da tecnologia (ForChat) para construir, discutir, sistematizar e divulgar os resultados das suas aprendizagens, ao invés do seu uso meramente como repositório e meio de comunicação e entrega de trabalhos nas disciplinas de um curso.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Biancocini de. **Inclusão Digital do Professor. Formação e Prática Pedagógica**. São Paulo: Editora Articulação, 2014.

AMORIM, Marília. **Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”**. 2009. Disponível em:

<[http://editoracontexto.com.br/downloads/dl/file/id/1009/bakhtin\\_dialogismo\\_e\\_polifonia\\_pri-meiro\\_capitulo.pdf](http://editoracontexto.com.br/downloads/dl/file/id/1009/bakhtin_dialogismo_e_polifonia_pri-meiro_capitulo.pdf)> Acesso em: mai. 2016.

AXT, Margarete. Tecnologia na Educação, Tecnologia para a Educação: um texto em construção. **Informática na Educação: Teoria & Prática**. Porto Alegre, v.3, n. 1, p. 51-62, Set. 2000. Disponível em: <<http://lab.lelic.ufrgs.br/portal/images/stories/tecnaeduca.pdf>> Acesso em: dez. 2013.

AXT, Margarete; KREUTZ, José Ricardo. Sala de Aula em Rede: de quando a Autoria se (Des)dobra em Inter(ven)ção. In: FONSECA, Tania Mara Galli, KIRST, Patrícia Gomes (Org.). **Cartografias e Deveres: A Construção do Presente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 319-340. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/lelic/index.php/publicacoes-lelic/artigos>> Acesso em: jul. 2015.

AXT, Margarete *et al.* Era Uma Vez...Co-autoria em narrativas coletivas interseccionadas por tecnologias digitais. **ANAIS do XII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação: Educação a Distância mediada por Computador**. UFES, Vitória, ES. 2001. p.136-144.

AXT, Margarete. CIVITAS, A CIDADE VIVA: ou de um espaço para o acontecimento-invenção na escola. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, V. 29, Nº 2, p. 2019-235, jul./dez., 2004.

AXT, Margarete et al. Interação dialógica: Uma proposta teórico-metodológica em ambientes virtuais de aprendizagem. **Novas Tecnologias na Educação**. Porto Alegre, v. 4, n. 1, 10 p. Jul. 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/renote/article/download/14041/7929>> Acesso em: nov. 2013.

AXT, Margarete. Civitas: efeito rizoma entre a pesquisa e a extensão universitária. In: ARANTES, Esther Maria M; NASCIMENTO, Maria Livia do; FONSECA, Tânia Mara Galli (org.). **Práticas PSI inventando a vida**. Niterói: EdUFF, 2007. p. 91-102.

AXT, Margarete. Do pressuposto dialógico na pesquisa: o lugar da multiplicidade na formação (docente) em rede. In: **Informática na Educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 91-104, jan./jun. 2008.

AXT, Margarete. **Encontro Clio entre Gerações: por uma escuta dos sentidos na maturidade-velhice**. Porto Alegre, 2010. 16 f. (Texto manuscrito)

AXT, Margarete. Mundo da Vida e Pesquisa em Educação: ressonâncias, implicações, replicações. In: **Revista Letras de Hoje**. Porto Alegre, V. 46, Nº 1, p. 46-54, jan./mar., 2011a.

AXT, Margarete. Trajetos-Imagens: por uma cronotopia dos sentidos na pesquisa. In: ZANELLA, Andréa Vieira; TITTONI, Jaqueline (org). **Imagens no Pesquisar: experimentações**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2011b.

AXT, Margarete; MARASCHIN, Cleci. Prática Pedagógica Pensada na Indissociabilidade Conhecimento-subjetividade. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, V. 22, Nº 1, p. 57-80, jan./jun., 1997.

AXT, Margarete; SELLI, Maribel Susane; REMIÃO, Joelma Adriana Abraão. A escuta como possibilidade de reflexão/construção de uma prática dialógica. In: **Anais do XVI SIEDUCA – Seminário Internacional de Educação**. Cachoeira do Sul: ULBRA, 2012.

AXT, Margarete; SILVA, M. Paula; REMIÃO, Joelma A.A. **Cidades-Experimentações: para inscrição numa (est)ética da aprendizagem enquanto acontecimento**. (aceito para publicação na Revista on-line Fractal, em 2015)

AXT, Margarete. Estudos em Linguagem Interação Cognição/Criação (Lelic): Dos deslizamentos de sentido engendrando um modo de pesquisar-formar. In: AXT, Margarete; AMADOR, Fernanda S.; REMIÃO, Joelma A. A. (org). **Experimentações ético-estéticas em pesquisa na educação**. Porto Alegre: PanoramaCrítico, 2016. [e-book]

ANDERSON, Terry. **Toward a Theory of Online Learning**. Chapter 2. Athabasca University. 2004. Disponível em: <[http://cde.athabascau.ca/online\\_book/ch2.html](http://cde.athabascau.ca/online_book/ch2.html)> Acesso em: fev. 2014.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre. Artmed, 2009.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. 10ª ed. São Paulo: Editora Moderna Ltda, 2013.

ANTUNES, Celso. **Introdução à Educação**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. 12ª ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 2006 – Tradução: Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2008 – Tradução: Paulo Bezerra.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética – A Teoria do romance**. 6ª ed. São Paulo: HUCITEC Editora, 2010 – Tradução: Aurora Feroni Bernardini *et al*.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética de Criação Verbal**. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011 – Prefácio: Tzvetan Todorov; Introdução e Tradução: Paulo Bezerra.

BAKHTIN, Mikhail. **Para Uma Filosofia do Ato Responsável**. 2ª ed. São Paulo: Pedro & João Editores, 2012 – Org. Augusto Ponzio; Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. Tradução: Valdemir Miotello; Carlos Alberto Faraco.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética** – A Teoria do romance. 7ª ed. São Paulo: HUCITEC Editora, 2014 – Tradução: Aurora Fornoni Bernardini *et al.*

BARROS FILHO, Clóvis de; POMPEU, Júlio. **A filosofia explica as grandes questões da humanidade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Casa do Saber, 2014.

BERGSON, Henri. **A Evolução Criadora**. Lisboa-Portugal: Edições 70, Lda, 2001.

BERNERS-LEE, Tim *et al.* The World-Wide Web. **Communications of the ACM**, Vol. 37, Nº 8, p. 76-82, Agosto. 1994. Disponível em:  
<<http://www.cs.bilkent.edu.tr/~tugrul/CS518/Papers/p76-berners-lee.pdf>> Acesso em: nov. 2013.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5ª Edição. São Paulo: Editora Contexto, p. 191-200. 2014.

BIAGGIO, Angela Maria Brasil. **Lawrence Kohlberg - ética e educação moral**. São Paulo: Editora Moderna Ltda, 2002.

BISCHOFF, Tânia Gomes. **O aprender como acontecimento na EAD: análise de práticas e experiências**. Porto Alegre: UFRGS, 2014. 157 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/128891>> Acesso em: mai. 2016.

BONO, Ezio Lorenzo. **Muntuísmo: A ideia de “pessoa” na filosofia africana contemporânea**. 2ª Edição. Portugal: Editora Paulinas, 2015.

BRAIT, Beth; DE MELO, Rosineide. Enunciado/ enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5ª Edição. São Paulo: Editora Contexto, p. 61-78. 2014.

CAPELA, José. **Moçambique pela sua história**. Ribeirão-Portugal: Editora Húmus Lda, 2010.

CARVALHO, Ana Amélia. Rentabilizar a Internet no Ensino Básico e Secundário: dos Recursos e Ferramentas Online aos LMS. **Sísifo/Revista de Ciências da Educação**, nº 3, p. 25-45. 2007.

CHAPMAN, Elaine. Alternative approaches to assessing student engagement rates. In: **Practical Assessment. Research & Evaluation Journal**. Nova York, V. 13, Nº 8, p. 251-263, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000. Disponível em:  
<<http://www.grupodec.net.br/ebooks/Convitea-Filosofia.pdf>> Acesso em: jun. 2015.

COSTA, Janete Sander; MEHLECKE, Querte; REICHERT, Clóvis Leopoldo. **Movimentos da Oralidade nas Interações Escritas em um Ambiente Virtual de Aprendizagem: novos efeitos de sentido e autoria.** 2005. Disponível em:  
<<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/141tcc3.pdf>> Acesso em: set. 2016.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: Filosofia e prática.** 1ª ed. São Paulo: Editora Escuta, 2002 – Tradução: Daniel Lins e Fabien Pascal Lins.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977. – Tradução: Júlio Castañon Guimarães.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003 – Tradução: António Carlos Piquet e Roberto Machado.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** 2ª ed. (5ª reimpressão) Rio de Janeiro: Editora 34, 2007 – Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz.

DE SOUZA, Cristian Wagner. **Polifonia, Dialogismo e Gêneros: A presença de Bakhtin nas aulas de Língua Materna.** 2011. Disponível em:  
<[http://www.unifia.edu.br/revista\\_eletronica/revistas/educacao\\_foco/artigos/ano2011/polifonia.pdf](http://www.unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/educacao_foco/artigos/ano2011/polifonia.pdf)> Acesso em: set. 2015.

DO AMARAL, Mércia. **Maquiavel e as relações entre ética e política.** 2012. Disponível em: <[http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo6/AMARAL\\_Marcia.pdf](http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo6/AMARAL_Marcia.pdf)> Acesso em: mai. 2016.

DURSKI, Ligia Maria. **Do desenvolvimento aa Teoria Pulsional Freudiana para uma reflexão sobre a relação entre amor e ódio.** (sd.) Disponível em:  
<[http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/posteres\\_iv\\_congresso/mesas\\_iv\\_congresso/mr46-ligia-maria-durski.pdf](http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/posteres_iv_congresso/mesas_iv_congresso/mr46-ligia-maria-durski.pdf)> Acesso em: set. 2016.

ELIAS, Carime Rossi & AXT, Margarete. Quando aprender é perder tempo... compondo relações entre linguagem, aprendizagem e sentido. **Psicologia & Sociedade.** V.16, Nº 3, p. 17-28, set/dez. 2004. Disponível em:  
<[http://www.ufrgs.br/lelic/files\\_gerenciador\\_de\\_arquivos/artigo/2004/56/1378910719artigo\\_quando\\_o\\_aprender\\_e\\_perder\\_tempo.pdf](http://www.ufrgs.br/lelic/files_gerenciador_de_arquivos/artigo/2004/56/1378910719artigo_quando_o_aprender_e_perder_tempo.pdf)> Acesso em: out. 2014.

ENYEDY, Noel. **Personalized Instruction - New Interest, Old Rhetoric, Limited Results, And The Need For a New Direction For Computer-Mediated Learning.** University of California at Los Angeles-USA: National Education Policy Center. 2014. Disponível em:  
<<http://nepc.colorado.edu/files/pb-personalized-instruction.pdf>> Acesso em: dez. 2014.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo-Brasil: Editora Ática. 2006.

FIORIN, José Luiz. **A Categoria de Tempo [aula].** São Paulo-Brasil: USP. Cursos Livres 2011. Publicada a 19 dez. 2011. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=Z6HUcpg8NoQ>> Acesso em: ago. 2016.

FORCHAT. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/lelic/index.php/projetos-de-pesquisa/forchat>> Acesso em: mar. 2015.

FOROUZAN, Behrouz A. **Comunicação de Dados e Redes de Computadores**. 4ª edição. São Paulo-Brasil: Editora Mc Graw Hill. 2008. ISBN 978-0-07-296777-3.

FREDRICKS, J. A.; BLUMENFELD, P. C.; PARIS, A. H. School Engagement: potential of the concept, state of the evidence. In: **Review of Educational Research**, v. 74, n. 1, p. 59-109, 2004.

GIL, António Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Edição. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008.

GOLDIM, José Roberto. Bioética: Origens e Complexidade. **Hospital de Clinicas de Porto Alegre - HCPA**. Porto Alegre, v. 26, n. 2. 2006. p. 86-92. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/complex.pdf>> Acesso em: set. 2015.

GOLIAS, Manuel. **Sistemas de Ensino em Moçambique: Passado e Presente**. 1ª ed. Moçambique-Maputo: Editora Escolar. 1993.

GRISCI, Ligia Iochins. Dilemas Pessoais no Trabalho. In CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena (Org.). **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. 2ª ed. Porto Alegre-Rio Grande do Sul: Editora Zouk, p. 108-111. 2011.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. 1ª ed. (4ª reimpressão - 2006) Rio de Janeiro: Editora 34 Ltda. 1992 – Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão.

GUATTARI, Félix. **As Tês Ecológicas**. 21ª ed. (2ª reimpressão) São Paulo: Papyrus Editora, 2013 – Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt.

HOUAISS, Instituto António. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2009. 1986p.

INSTITUTO DIPLOMÁTICO DE PORTUGAL. Disponível em: <https://idi.mne.pt/pt/relacoesdiplomaticas/2-uncategorised/703-congresso-de-berlim.html>> Acesso em: ago. 2016.

KARNAL, Leandro. **Provocações sobre ética [Palestra]** - Unidade Central de Recursos Humanos. Publicado a 28 nov. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lto47d29JI>> Acesso em: fev. 2016.

KASHINDI, Jean Bosco Kakozi. **Ubuntu: filosofia africana confronta poder autodestrutivo do pensamento ocidental**. Geledés Instituto da Mulher Negra. 25 nov. 2015. Entrevista. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/ubuntu-filosofia-africana-confronta-poder-autodestrutivo-do-pensamento-ocidental-avalia-filosofo/#ixzz3scoeAInx>> Acesso em dez. 2015.

KOHLBERG, Lawrence. **Essays on Moral Development: The Philosophy of Moral Development**. V. 2 San Francisco: Harper and Row, 1984.

KOHLBERG, Lawrence; POWER, F. Clark; HIGGINS, Ann. **La educación moral según Lawrence Kohlberg**. Barcelona: Editorial Gedisa, S.A., 2008 – Traducción: Antonio Bonanno.

KOVÁCS, Maria Júlia; ESSLINGER, Ingrid (Org.). **Dilemas Éticos**. São Paulo-Brasil: Loyola – Centro Universitário São Camilo, 2008.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3ª edição. São Paulo- Brasil: Editora 34, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. In: **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001. Editora da UFPR. Disponível em: <[http://www.educaremvista.ufpr.br/arquivos\\_17/libaneo.pdf](http://www.educaremvista.ufpr.br/arquivos_17/libaneo.pdf)> Acesso em: ago. 2016.

LUÍS, Roberto. **Ensino e Educação de Jovens e Adultos em Moçambique**. Moçambique: Open Society Initiative for Southern Africa (OSISA). Editado pelo Professor John Aitchison da Universidade da Província do KwaZulu-Natal. 2012. Disponível em: <[http://www.osisa.org/sites/default/files/mozambique\\_yale\\_por\\_final.pdf](http://www.osisa.org/sites/default/files/mozambique_yale_por_final.pdf)> Acesso em: jun. 2016.

MAGALE, de Camargo Machado; AXT, Margarete. Entre Avatares do Virtual e Personagens da Literatura: a estética da *persona* infantil. In: HETKOWSKI, Tania Maria; MULLER, Daniel Nehme; AXT, Margarete (org.). **Cultura Digital e Espaço Escolar: diálogos sobre jogos, imaginário e crianças**. Salvador: EDUNEB, 2014. p. 53-80.

MANDELA, Nelson. Ubuntu told by Nelson Mandela. **Publicado a 06 mar. 2012**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HED4h00xPPA>> Acesso em: jul. 2015.

MARGARYAN, Anoush ; LITTLEJOHN, Allison. **Are digital natives a myth or reality?: Students' use of technologies for learning**. Inglaterra: Glasgow Caledonian University. 2008.

MARTINS, Suelen. **Heterogeneidade Discursiva no Texto de Divulgação Científica: um estudo sobre matérias do site Folha.com**. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2013. 164f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <[http://www.files.scire.net.br/atricio/cefet-mg-posling\\_upl/THESIS/44/heterogeneidade\\_discursiva\\_no\\_texto\\_de\\_divulgao\\_cientfica\\_um\\_es tudo\\_sobre\\_matrias\\_do\\_site\\_folhacom.pdf](http://www.files.scire.net.br/atricio/cefet-mg-posling_upl/THESIS/44/heterogeneidade_discursiva_no_texto_de_divulgao_cientfica_um_es tudo_sobre_matrias_do_site_folhacom.pdf)> Acesso em: ago. 2016.

MBITI, John Samuel. **African Religions and Philosophy**. 2<sup>nd</sup> edition. Johannesburg-South Africa: Heinemann, 1990.

**MINED. Regulamento Geral de Avaliação do Ensino Primário, Ensino Secundário Geral e Alfabetização e Educação de Adultos.** Moçambique, sd.

MOREIRA, Carlos André. Copa inspira debate e reflexão sobre ética. **Zero Hora**, Porto Alegre-RS, 27 mai. 2014. Ideias-Fronteiras do Pensamento, p. 15.

MUTTI, Regina Maria Varini & AXT, Margarete. Para uma posição enunciativa no discurso pedagógico mediado por ambientes virtuais de aprendizagem. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.12, n.25, p.347-361, abr./jun. 2008. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/icse/v12n25/a10v1225>> Acesso em: jun. 2014

NGOENHA, Severino Elias. **Filosofia Africana - das independências às liberdades.** Porto Velho-Portugal: Paulinas Editora. 2014. ISBN 978-989-673-336-0.

NGUNGA, Armindo; FAQUIR, Osvaldo G. **Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário.** Moçambique: Centro e Estudos Africanos – UEM. Coleção: As Nossas Línguas III, 2012. Nº de registro: 7034/RLINLD/2011

OBLINGER, Diana G. ; OBLINGER, James L. **Educating the Net Generation.** Educause e-Book, 2005.

OLIVEIRA, Jayr Figueiredo. **T.I.C. - Tecnologias da Informação e da Comunicação.** 1ª edição. São Paulo-Brasil: Editora Érica Ltda. 2003.

OLIVEIRA, Márcio; WEISS, Raquel. A atualidade de David Émile Durkheim. In: OLIVEIRA, Márcio; WEISS, Raquel (Org.). **David Émile Durkheim: a atualidade de um clássico.** Brasil-Curitiba: Editora UFPR. SA, p. 11-21. 2011.

OLIVEIRA, Reinaldo Ayer de; OSELKA, Gabriel. Terminalidade da vida: doença incurável e morte encefálica. In: KOVÁCS, Maria Júlia & ESSLINGER, Ingrid (Org.). **Dilemas Éticos.** São Paulo-Brasil: Loyola – Centro Universitário São Camilo, 2008. p. 81-89.

PARENTE, André. **O Virtual e o Hipertextual. A rede como paradigma da contemporaneidade.** Rio de Janeiro, 1999.

PEGORARO, Olinto. **Ética dos maiores mestres através da história.** Petrópolis-Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.

PEPETELA, (Arthur Carlos Maurício Pestana dos Santos). **As Aventuras de Ngunga.** Belo Horizonte: Editora Nandyala, 2013.

PEREIRA, Analúcia Danilevicz. A (Longa) História da Desigualdade na África do Sul . In: **Mal-estar na Cultura.** Porto Alegre-UFRGS, abr./nov., 2010.

PIERANO, Mariza. Artimanhas do Acaso. In: **Anuário Antropológico/89.** Edições Tempo Brasileiro Ltda Rio de Janeiro - Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília. 1992, p. 9-21. Disponível em:  
<[http://www.marizapeirano.com.br/artigos/artimanhas\\_do\\_acaso.pdf](http://www.marizapeirano.com.br/artigos/artimanhas_do_acaso.pdf)> Acesso em: fev. 2015

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética: Sabedoria e ilusões da filosofia; Problemas de psicologia genética.** 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983 – Tradução: Nathanael C. Caixeiro; Zilda Abujamra Daeir; Célia E. A. Di Piero.

PIAGET, Jean. **O Juízo Moral Na Criança.** São Paulo: Summus, 1994 – Tradução: Elzon Lenardon.

PIAGET, Jean. **The Moral Judgment of the Child.** 1<sup>st</sup> ed. New York: The Free Press, 1965 – Translated by: Marjorie Gabain.

PCEB - PLANO CURRICULAR DO ENSINO BÁSICO. Moçambique: INDE/MINED, 2003. Nº de registo: 4132/RLINLD/2003. Disponível em: <<http://www.mec.gov.mz/DN/DINEP/Documents/PCEB.pdf>> Acesso em: jan. 2016

PLANO TECNOLÓGICO DA EDUCAÇÃO. Moçambique: Ministério da Educação, 2011.

PONZIO, Augusto. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. In: BAKHTIN, Mikhail. **Para Uma Filosofia do Ato Responsável.** 2ª ed. São Paulo: Pedro & João Editores, 2012. p. 9-38.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants.** Inglaterra: Cambridge - University Press, Vol.9, 2001.

QUEIROZ, Danielle Teixeira; *et al.* Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Revista Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 276-283, abr./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf>> Acesso em: dez. 2015.

RAMOSE, Magobe B. Globalização e Ubuntu. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul.** Portugal-Coimbra: Editora Edições Almedina. SA, p. 135-176. 2009.

RENTE. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view>> Acesso em: mar. 2015

RIBEIRO, Célia. Metacognição: Um Apoio ao Processo de Aprendizagem. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica.** Universidade Católica Portuguesa. V. 16 Nº 1, pp. 109-116. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16802.pdf>> Acesso em: ago. 2016

SCHOOLNET MOÇAMBIQUE. Departamento de Tecnologias de Informação e Comunicação, Maputo-Moçambique: Ministério da Educação, 2001.

SILVA, Valmir da; CARVALHO, Elvio de; MACIEL, Adriana Moreira da Rocha. A [re]significação da formação e da prática docente tendo as tecnologias como ferramentas na mediação pedagógica. **Revista Novas Tecnologias na Educação.** V. 10 Nº 1. Porto-Alegre: CINTED-UFRGS, Julho, 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/30817/19203>> Acesso em: dez. 2013.

SILVEIRA, Paloma Dias; ALVES, Evandro; AXT, Margarete. **Experiência Docente e Produção de Sentidos**. Travessias ed. 4 ISSN 1982-5935, 2007. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3119/2457>> Acesso em: mar. 2015.

SILVEIRA, Paloma Dias. **Exercício Estético-Filosófico na Formação Continuada de Professores**. Porto Alegre: UFRGS, 2014. 231 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/94753>> Acesso em: mar. 2014.

SOBRAL, Adail. O Ato “Responsível”, ou Ato Ético, em Bakhtin, e a Centralidade do Agente. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, Nº. 11, p. 219-235. 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/3092/2625>> Acesso em: mai. 2015.

SPRINTHALL, Norman A.; SPRINTHALL, Richard C. **Psicologia Educacional: uma abordagem desenvolvimentista**. Lisboa-Portugal: McGRAW-HILL, 1993.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5ª Edição. São Paulo: Editora Contexto, p. 177-190. 2014.

TIMBANE, Alexandre António. Análise Sociodiscursiva da “Saudação” do Grupo Étnico-Linguístico Tsonga de Moçambique. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**. ECS, Sinop/MT/Brasil V.4, Nº 2, p. 90-105, Jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/educacao/article/view/1724/1239>> Acesso em: jul. 2015.

TUTU, Desmond. **Significado de Ubuntu [Entrevista]**. Publicada a 19 mai. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0Dpi9-vy94E>> Acesso em: jul. 2015.

THE NATIONAL SCIENCE BOARD COMMISSION ON PRECOLLEGE EDUCATION IN MATHEMATICS, SCIENCE AND TECHNOLOGY. **Educating Americans For The 21st Century: A plan of action for improving mathematics, science and technology education for all American elementary and secondary students so that their achievement is best in the world by 1995**. A Report to the American People and the National Science Board. Washington, 1983.

UP - UNIVERSIDADE PEDAGÓGICA: **Currículo do Curso de Licenciatura em Ensino de Informática**. Faculdade de Ciências Naturais e Matemática. Moçambique-Maputo, 2003.

UP - UNIVERSIDADE PEDAGÓGICA: **Plano Curricular do Curso de Licenciatura em Informática**. Escola Superior Técnica. Moçambique-Maputo, 2011.

UP - UNIVERSIDADE PEDAGÓGICA: **Regulamento Acadêmico para os Cursos de Graduação e Pós-graduação**. Direção Pedagógica. Moçambique-Maputo, 2012.

VALENTINI, Carla Beatriz; SOARES, Eliana Maria do Sacramento (Org.). **Aprendizagem ambientes virtuais: compartilhando ideias e construindo cenários**. 2ª edição revista e atualizada. RS: Educus, 2010. p. 15-19. Disponível em:

<<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/aprendizagem-ambientes-virtuais/index>> Acesso em: mar. 2014.

VALLS, Álvaro L. M. **O que é a ética**. São Paulo: Brasiliense, 2004. – (Coleção primeiros passos: 177)

WOOD, Allen W. **Kant: Introdução**. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008. Reimpressão 2009 – Tradução: Delmar José Volpato Dutra.

WOOD, G.L., HABER, J. **Pesquisa em enfermagem – Métodos, Avaliação Crítica e Utilização**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Online de Português**. Disponível em:

<<http://www.dicio.com.br/houaiss/>> Acesso em: jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Folha de Maputo**. Disponível em:

<<http://www.folhademaputo.co.mz/pt/dossiers/tensao-politica-militar-em-mocambique>> Acesso em: mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Jornal Notícias**. Disponível em:

<<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/main/56549-dialogo-para-a-paz-comissao-gera-consenso-sobre-proposta-de-agenda>> Acesso em: mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **STV Primeiro Jornal**. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=w8ZqrliAbec>> Acesso em: jun. 2016.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Termo de Consentimento Informado

#### TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O estudante Sansão Albino Timbane, vinculado ao Programa de Pós Graduação em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGIE/UFRGS), está desenvolvendo seu estudo de tese de doutorado tendo como temática a formação de professores, no contexto do Projeto Provia/LELIC/UFRGS. Mais especificamente, pretende discutir as possibilidades de abordagens (est)éticas na aprendizagem em rede. Esta pesquisa envolverá, mediante autorização prévia dos participantes, materiais produzidos durante os encontros (presenciais e a distância) com estudantes de graduação, no curso de Ensino de Informática, da Universidade Pedagógica de Moçambique, durante o ano de 2015. Estes encontros terão enfoque nas aprendizagens colaborativas dos estudantes assente na atividade ética da escuta do outro, na perspectiva bakhtiniana, operacionalizada em estratégias de problematização de dilemas éticos em informática.

Outrossim, informamos, para sua tranquilidade, que a identificação do participante somente ocorrerá mediante solicitação do mesmo, caso contrário, será mantida em pleno sigilo a identidade dos participantes.

Os benefícios deste estudo para a comunidade se refletem na possibilidade de experimentar uma metodologia de trabalho educacional assente na utilização de dilemas éticos como dinamizador de aprendizagens, individuais e coletivas, em Ambientes Virtuais de Aprendizagem, podendo ser ampliada para outros ambientes de aprendizagem.

Em havendo sua concordância com relação aos objetivos acima mencionados, convidamos o/a senhor/a a preencher a autorização que se segue.

Eu, \_\_\_\_\_, portador/a do BI nº \_\_\_\_\_, estudante na Universidade Pedagógica, Curso de Licenciatura em \_\_\_\_\_, declaro ter sido informado/a e concordo com a utilização, pelo doutorando Sansão Albino Timbane, vinculado ao Programa de Pós Graduação em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGIE/UFRGS), de materiais produzidos durante o ano de 2015, por ocasião dos encontros (presenciais e a distância) sobre a utilização de dilemas éticos para a aprendizagem em informática, para fins de pesquisa acadêmica.

Observações:

Para resolver qualquer dúvida, você poderá entrar em contato com Sansão Albino Timbane, através do seguinte email [sansaot@gmail.com](mailto:sansaot@gmail.com).

Maputo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

## APÊNDICE B – Passo a passo para se cadastrar no forchat

1. Acesse ao forchat pelo endereço: <http://lab.lelic.ufrgs.br/forchat>
2. Irá receber a seguinte janela:



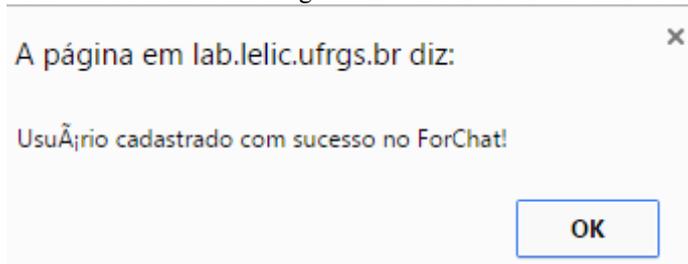
The screenshot shows the homepage of ForChat Lelic. At the top, it says "ForChat Lelic" with a registered trademark symbol. Below that is the logo "lellic" and the text "Laboratório de Estudos sobre Linguagem Interação Cognição". A paragraph describes the platform's features. On the right side, there is a "Login" section with fields for "Usuário:" and "Senha:", a "login" button, and a link "Esqueci a senha". Below the login section is a section for "Ainda não é usuário" with a link "Desejo me cadastrar!". At the bottom right, there is an "Informações" section with links for "Página inicial", "O que é o ForChat?", "Tutorial do ForChat", "Comentários/Sugestões", and "Créditos". A red arrow points from the text "Clique aqui para se cadastrar" to the "Desejo me cadastrar!" link.

3. Clique em “Desejo me cadastrar!”, conforme mostra a figura acima.
4. Preencha os dados de cadastramento e registre em lugar seguro o nome para login e a senha. Clique em cadastrar, como mostra a figura seguinte.

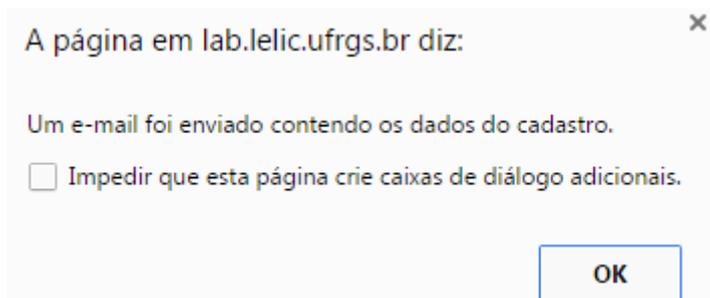


The screenshot shows the "Cadastro de Usuário" (User Registration) form. The form has the following fields: "Nome Completo:" (filled with "Miloca Conjane Teste PL"), "Nome Preferido:" (filled with "Miloca Teste PL", with a note "(No máximo 30 caracteres)"), "Nome para Login:" (filled with "MCTPL", with a note "(No máximo 15 caracteres)"), "Senha:" (filled with "\*\*\*\*\*", with a note "(No máximo 15 caracteres)"), "Confirmar senha:" (filled with "\*\*\*\*\*", with a note "(No máximo 15 caracteres)"), "E-mail:" (filled with "stimbane@up.ac.mz"), and "Confirmar E-mail:" (filled with "stimbane@up.ac.mz"). At the bottom of the form is a "cadastrar" button. A red arrow points from the text "Clicar aqui" to the "cadastrar" button. On the right side, there is a "Login" section and an "Ainda não é usuário" section, both with a "Desejo me cadastrar!" link. At the bottom right, there is an "Informações" section with links for "Página inicial", "O que é o ForChat?", "Tutorial do ForChat", "Comentários/Sugestões", and "Créditos".

5. O sistema devolve a mensagem “usuario cadastrado com sucesso no ForChat!”



6. O sistema informa que um e-mail, contendo os dados do cadastro, foi enviado para o endereço electrónico informado na etapa 4 .

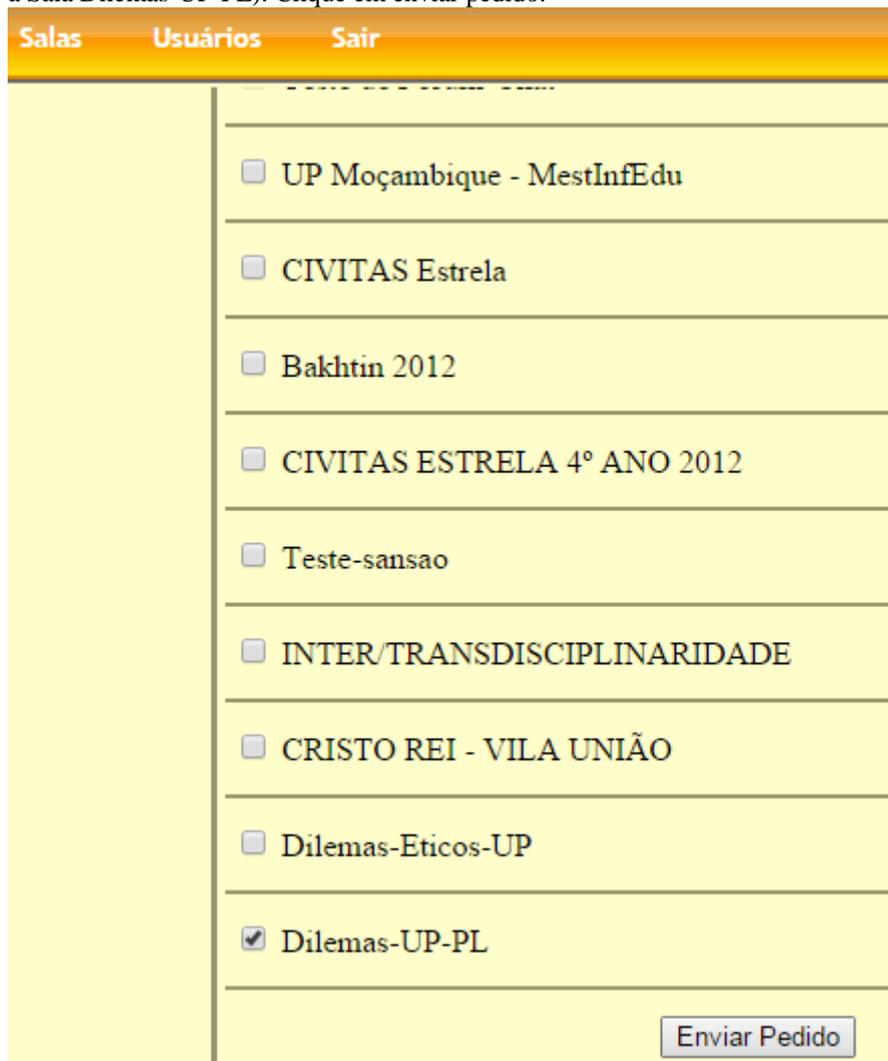


7. Acesse ao seu email para continuar o cadastro ou pode acessar directamente o Forchat, preenchendo os dados de Login e clicando em login. Em caso de esquecimento das credenciais de acesso ao forchat, pode recuperá-los usando a opção “Esqueci a senha”.

8. Você irá receber esta janela:

Sala	Informações	Responsável	Opções
1	Treinamento no uso do ForChat Descrição: Esta sala serve para familiarização com os recursos do ForChat	<a href="#">maaxt</a>	<a href="#">Entrar</a>

9. Clique em “Salas”, “Pedidos de Ingresso” e selecione a sala pretendida (neste exemplo estamos usando a Sala Dilemas-UP-PL). Clique em enviar pedido.

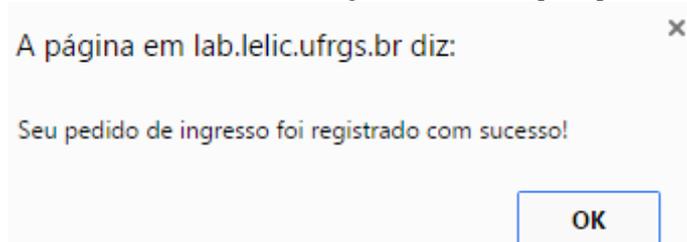


The screenshot shows a web interface with a navigation bar at the top containing three tabs: "Salas", "Usuários", and "Sair". Below the navigation bar is a list of rooms, each with a checkbox and a label. The rooms listed are:

- UP Moçambique - MestInfEdu
- CIVITAS Estrela
- Bakhtin 2012
- CIVITAS ESTRELA 4º ANO 2012
- Teste-sansao
- INTER/TRANSDISCIPLINARIDADE
- CRISTO REI - VILA UNIÃO
- Dilemas-Eticos-UP
- Dilemas-UP-PL

At the bottom right of the list is a button labeled "Enviar Pedido".

10. O sistema irá exibir uma mensagem informando que o pedido de ingresso foi registrado com sucesso.



11. Aguarde a autorização pelo responsável da sala (ele é notificado por mail no mesmo instante em que você solicitou o ingresso pelo que, não demora a liberação do acesso a sala).
12. Ai, no próximo login, você visualizará as salas para as quais tem autorização de acesso.

Sala	Informações	Responsável	Opções
1	<b>Treinamento no uso do ForChat</b> Descrição: Esta sala serve para familiarização com os recursos do ForChat	<a href="#">maaxt</a>	<a href="#">Entrar</a>
66	<b>Dilemas-Eticos-UP</b> Descrição: Caro aluno, Seja bem vindo ao espaço "Dilemas Éticos UP". Neste espaço iremos experimentar uma metodologia de trabalho em pesquisa e em formação, na qual procuramos, a partir dum contexto problemático engajar os alunos na aprendizagem. Bom trabalho!	<a href="#">Sansao Timbane</a>	<a href="#">Entrar</a>
68	<b>Dilemas-UP-PL</b> Descrição: Neste espaço iremos experimentar uma metodologia de trabalho em pesquisa e em formação, na qual procuramos, a partir dum contexto problemático engajar os alunos na aprendizagem, sem nos excluirmos deste processo.	<a href="#">Sansao Timbane</a>	<a href="#">Entrar</a>

13. Já esta concluído o cadastro, é só usufruir! Entrar na sala pretendida e participar das atividades (bate-papo, fórum, mural).

## APÊNDICE C – Dilemas Éticos no PEA - UP-AGRO-2-2015

Formulário on-line desenvolvido para estudantes do 4º ano do Curso de Licenciatura em Agro-pecuária, regime regular.

### Dilemas Éticos no PEA - UP-AGRO-2-2015

Descrição do Formulário

#### Diante do cenário abaixo, o que você faria?\*

Você está no limite do prazo para a submissão da documentação relativa a um concurso para o preenchimento de vaga de emprego muito bem remunerada na sua área de formação. Tendo concluído com sucesso as disciplinas do curso, só lhe falta apresentar e defender a sua Monografia Científica, que é a condição para a obtenção do certificado de conclusão do curso. Ora, fazendo buscas na Internet, você encontra uma Monografia Científica que pode adaptá-la para satisfazer as suas necessidades. Identifique os dilemas presentes na situação apresentada.

Adicionar item ▼

Finalização de Confirmação

A sua resposta foi registrada. Respeitamos a sua opinião!

- Mostrar link para enviar outra resposta
- Publicar e mostrar um link público para resultados do formulário ?
- Permitir aos inquiridos editar as respostas após a submissão

[Enviar formulário](#)

Fonte: [https://docs.google.com/forms/d/17zgwfzRE6\\_G-8azD6gqgL09qfijgE\\_Wtv\\_VwyWg3BBc/edit](https://docs.google.com/forms/d/17zgwfzRE6_G-8azD6gqgL09qfijgE_Wtv_VwyWg3BBc/edit). Acesso em: mar. 2015.

## APÊNDICE D – Júri de licitação de equipamento de inseminação artificial

Formulário on-line desenvolvido para estudantes do 4º ano do Curso de Licenciatura em Agro-pecuária, regime pós-laboral.

### Júri de licitação de equipamento inseminação artificial

Descrição do Formulário

#### Dilemas Éticos no PEA - UP-AGRO-3-PL-2015\*

Você vai presidir um Júri de licitação de equipamento inseminação artificial em bovinos onde você trabalha como Engenheiro Agro-pecuário. A sua esposa está no leito do hospital aguardando por um procedimento médico que você não conseguiu reunir o dinheiro necessário para custear as despesas. Uma das empresas concorrentes entra em contacto oferecendo-lhe um valor monetário suficiente para resolver o problema de saúde da sua esposa, na condição de obter certas vantagens, desleais, sobre os outros concorrentes. Identifique os dilemas presentes na situação apresentada. O que você faria?

Adicionar item ▼

Página de Confirmação

A sua resposta foi registada.

- Mostrar link para enviar outra resposta
- Publicar e mostrar um link público para resultados do formulário ?
- Permitir aos inquiridos editar as respostas após a submissão

Enviar formulário

Fonte: [https://docs.google.com/forms/d/1wC1AlyIhjoCGJOsp\\_ym-OwBzwiZu7efXpidKNEIqbn0/edit](https://docs.google.com/forms/d/1wC1AlyIhjoCGJOsp_ym-OwBzwiZu7efXpidKNEIqbn0/edit). Acesso em: mar. 2015.

## APÊNDICE E – Mensagens do fórum/chat no ForChat

Ord	Enunciado/Postagem	Data/ hora	Autor
E1	Prezado estudante,	11/03/15 06:30h	Sansão- professor

Depois da experiência que vivemos de trabalho em grupo, no preenchimento do formulário on-line, agora seguimos trabalhando coletivamente, expondo as nossas idéias (genuínas) sem a preocupação de obter o consenso dos colegas.

Convido-o a apresentar a sua apreciação ao problema seguinte:

Você está no limite do prazo para a submissão da documentação relativa a um concurso para o preenchimento de vaga de emprego muito bem remunerada na sua área de formação. Tendo concluído com sucesso as disciplinas do curso, só lhe falta apresentar e defender a sua Monografia Científica, que é a condição para a obtenção do certificado

de conclusão do curso. Ora, fazendo buscas na Internet, você encontra uma Monografia Científica que pode adaptá-la para satisfazer as suas necessidades. Identifique os dilemas presentes na situação apresentada.

Quero reiterar que você está participando dum exercício de uso das TIC para a Educação e que, sua opinião será respeitada, a sua identidade mantida em sigilo, isto é não será publicada pois, as nossas discussões no Forchat estão disponíveis exclusivamente para os participantes da sala nº 66 (Dilemas-Eticos-UP).

Não hesite em entrar em contacto comigo pelos meios já disponibilizados (aqui no Forchat, na faculdade, email, sms, celular). Estou atento as vossas preocupações.

Votos de bom trabalho!

Prof. Sansão

- |    |  |                    |            |
|----|--|--------------------|------------|
| E2 | Apesar da oportunidade aparecer numa altura em que estou precisando, e com um salario aliciante, eu prefiro escrever a minha propria monografia para ganhar mas experiencia em relacao a minha formacao, pois acredito que melhores oportunidades irao aparecer e estarei mais preparada para desempenhar as minhas funcoes.   | 11/03/15<br>08:28h | Xipixe     |
| E3 | Boa tarde a todos!Pode-se pagar direitos do autor ou plagiar a monografia, porem, como academica responsavel e idonea,poderia aproximar-me a empresa e apresentar a minha dificuldade ou situacao, pois tenho como opcao pedir a declaracao de notas e negociar com a empresa de modo a conceder-me um prazo para a apresentar a minha monografia.   | 11/03/15<br>08:29h | Phaphalati |
| E4 | Neste caso eu como academica procuraria optar pelo mais certo e etico que seria aceitar perder a oportunidade e defender a minha monografia esperando por uma outra oportunidade de emprego semelhante.<br>Em outras instancias tentaria negociar com a empresa, explicando minha situacao, enquanto aguardo o meu certificado de conclusao.   | 11/03/15<br>08:34h | Ndzilo     |
| E5 | Por razoes eticas,transcrever ou copiar uma monografia de outra pessoa,nao acho correcto,mesmo localizando uma monografia na Internet,nao mexeria e preferiria abdicar da vaga para uma outra oprtunidade.   | 11/03/15<br>08:35h | Xiluva     |
| E6 | boa tarde os dilemas que eu consegui identificar sao os seguintes:plagio da monografia que implicaria sancoes graves e tirariaria credibilidade a minha formacao; direitos do autor, assumindo que nao tenho dinheiro para paga-los;falta de moral,neste caso eu explicaria a instituicao a minha situacao e mostrava a minha declaracao de notas do 4 ano e pedia que compreendem-sem a minha situacao. | 11/03/15<br>08:36h | Nandzo     |
| E7 | Tendo concluido as cadeiras somente para apresentar a  | 11/03/15           | Luandle    |

	monografia eu na podia concorrer para a vaga para o trabalho visto que sera antes de apresentar a monografia nao podia de maneira alguma plagiar monografia de outrem por dinheiro nenhum por questoes eticas e tratar se de crime em termos de lei,sendo assim deixaria a vaga para uma outra oportunidade depois de terminar a monografia e aqpresentar, caso nao precisem mais de mim para o cargo deixava assim.	08:44h	
E8	Neste caso tou perante a tres dilemas. 1 Terminar com a monografia, o que e etico; 2 Negociar com o empregador( de varias maneiras); 3 Criar condicoes de decorrar a monografia que nao e minha e desviar, sabendo que nao e etico mas encontro me na situacao de estar aflita,referenciando o meu caso.	11/03/15 08:46h	Nlhantfi
E9	A minha ideia seria não levar monografia já publicada porque isso é fraude e acho muito importante fazer a minha monografia para mais aperfeiçoar os meus conhecimentos na área em que desejo realizar a minha monografia, como fazer uma pesquisa científica e assim ficaria a espera das outras oportunidades.	11/03/15 08:48h	Madala
E10	A minha decisão seria de perder a vaga fazendo a minha própria monografia pois iria adquirir mais conhecimentos e experiencias na área de pesquisa, garantindo a minha formação profissional e outras oportunidades virão futuramente.	11/03/15 09:00h	Kugwane
E11	Eu preferiria perder a oportunidade e continuar com o meu trabalho de monografia, pois com isso iria ganhar mais conhecimentos, acreditando que oportunidades sempre virão porque não seria ético fazer um plagio porque iria comprometer a minha carreira e não pagaria direitos do autor simplesmente porque acredito que fazendo a minha monografia ganharia mais experiencias.	11/03/15 09:09h	Mahika
E12	Preferiria perder a vaga porque não é ético copiar a monografia do outro, visto que se fizesse plágio poderia perder a minha postura e os anos de dedicação porque no caso de ser descoberta iriam anular a minha licenciatura e na mesma perderia a vaga e seria um trabalho perdido. Fazendo a minha própria monografia seria o correcto porque através da mesma iria adquirir conhecimentos, experiencias que servirão na vida pratica e no meu dia-a-dia. Também sentiria-me orgulhosa de defender algo que fiz por mérito próprio e quanto ao emprego esperaria por outras oportunidades	11/03/15 09:18h	Mweti
E13	Independetemente da oferta que a empresa vai fazer eu nao iria transcrever ou plagiar a monografia da internet pois nao seria da minha autoria e todos nos sabemos que violar os direitos do autor e crime,me conformaria e aguardava a proxima oportunidade.	11/03/15 09:37h	Wanga
E14	e contra a etica escolar apresentar um trabalho como sendo de sua autoria enquanto petence a um outro individuo mas se a necessidade for um emprego imediato essa mesma etica	11/03/15 09:39h	Kensiwe

nao sera capaz de pagar as contas ai e que encontramos o dilema e a melhor solucao para ambas as partes e negociar a pergunta que se coloca e como negociar? e certo que nenhum empregador gosta de sair a perder num negocio entao assinando um contrato de 6 meses sem remuneracao serve para um teste como uma especie de estagio durante um periodo que vai ate o termino da monografia.

E15	A minha decisao seria de tentar negociar com o empregador de modo a estagiar durante um periodo,ate poder terminar a minha monografria e apresentar no final do estagio.	11/03/15 09:40h	Kensiwe
E16	boa tarde.mediante a situacao por mim apresentada nao ia concorrer a vaga por nao reunir requisitos necessarios que e apresentar certificado,como tambem nao ia cometer o crime de plagiar a monografia de outro autor por questoes ilegais. ou ia tentar negociar com empresa pra entregar declaracao de notas a espera da defesa ou conclusao da minha monografia.	11/03/15 09:53h	Nhebeti
E17	Perante esta situacao, e pretendendo terminar a formacao de maneira mais digna, mediante o esforco proprio, optaria por deixar passar esta oportunidade e aguardando por outra que possa surgir apos conclusao na formacao. De outro lado, se o empregador me permitir, podia aguardar a conclusao na formacao (monografia e respective defesa), prestando servicos de caracter estagio. Em suma: em nenhuma ocasio pautaria pelo plagio de monografia para a conclusao da formacao pois nao me vai dignificar uma vez que nao sera do esforco proprio.	11/03/15 09:53h	Sonto
E18	Nao haveria de transcrever a monografia que encontrasse na internet,por motivoseticos alem de que preferiria apresentar minha propria monografia e valorizar a minha formacao.Deixaria a vaga para uma outra ocasio por julgar que nao reuno ainda os requisitos exigidos.	11/03/15 09:57h	Gungu
E19	eu optaria por esperar por outra oportunidade, uma vez que ainda nao reuno os requesitos exidos pela empresa embora tenha as qualidades exigidas, ou por outra entraria em negociacoes com a empresa estando a prestar servicos de estagios como forma de gamhar experiencia e apetrechar mais o meu perfil.	11/03/15 10:04h	Tilo
E20	Todo plágio tem o seu custo, nesse caso roubo ou usar a informação ou a produção científica de alguém é um crime punido nos termos da lei, todo o trabalho de outrem tem as suas particularidades, usar a monografia científica do outro pode me dar a oportunidade de ter um bom emprego, mas estarei a falsificar ou baixar a minha vida estudantil em uma carreira profissão sem nenhum prestígio, correndo risco de ter um processo disciplinar.	11/03/15 10:08h	Livaningo
E21	irei esperar ate concluir a minha monografia, como uma questão de ética para poder me sentir orgulhosa de um trabalho feito por mim e saber defender segundos estudos que terei efetuado e como forma de ganhar experiencia ,	11/03/15 10:45h	Socoti

E22	porque uma vez formada melhores oportunidades virão. Para mim não é ético plagiar monografia de de outros , isto porque cada monografia vem gravada e se descobrirem , perco emprego, e a confiança no estado/ instituições. melhor perder a chance de emprego a lutar fazer minha própria monografia.	11/03/15 10:49h	Tuva
23	mequa: escolho a meque por ser membro do meu grupo de estudo. não concordo com o comentário da colega, pelo facto de ela achar que tem medo de ser descoberta. nesse caso da me impressão de que se não fosse possível ser descoberta pautaria pelo plágio.	13/03/15 07:39h	Sonto Postagem em lugar errado!
E24	não iria copiar ou plagiar a monografia que não fosse da minha autoria pois todos sabemos que violar os direitos do autor é crime,eu prefiro escrever a minha monografia e esperar a próxima oportunidade.	13/03/15 08:05h	Tolo Sem avatar e postagem atrasada
E25	Boa tarde Primeiro dizer que a o convite de emprego é muito aliciante e a proposta é boa,mas eu sendo acadêmica não optaria pelo plágio iria pela via de negociação com a empresa prestando serviços em jeito de estágio e fazer a minha monografia em tempo previsto de modo a ocupar a vaga de forma ética,honesta e justa.	13/03/15 08:17h	Chimusse Sem avatar e postagem atrasada

Compilado pelo autor. Fonte Sala 66 do ForChat:

[http://lab.lelic.ufrgs.br/forchat/forchat\\_portal.php](http://lab.lelic.ufrgs.br/forchat/forchat_portal.php). Acesso: jun. 2016

#### APÊNDICE F – Mensagens do memorial individual no ForChat

Ord	Enunciado/Postagem	Data/ hora	Autor/obs
E26	independentemente da oferta que a empresa vai fazer eu não iria transcrever ou plagiar a monografia da internet pois não seria da minha autoria e todos nos sabemos que violar os direitos do autor é crime,me conformaria e aguardava a próxima oportunidade	11/03/15 09:38h	Memorial do Wanga
E27	oi Wanga, optei por comentar a sua resposta porque goso da mesma opinião, a melhor saída mesmo é continuar com a monografia que oportunidades sempre virão...	13/03/15 06:17h	Mahika
E28	oi Wanga,concordo consigo em não fazer plágio. mas si tivesses a possibilidade de negociar com o autor da monografia e pagar os devidos direitos sem que houvesse nenhum problema. preferias perder um emprego desses ou pagavas os direitos e ganhavas o emprego?	13/03/15 07:07h	Xipixe
E29	Não haveria de transcrever a monografia que encontrasse na internet,por motivoséticos além de que preferiria apresentar minha própria monografia e valorizar a minha formação.Deixaria a vaga para uma outra ocasião por julgar que não reúno ainda os requisitos exigidos.	11/03/15 10:08h	Memorial do Gungo

E30	concordo com o colega Gungo que diz que nao iria transcrever a monografia da internet por motivos eticos e preferia escrever a sua monografia .	13/03/15 08:09h	Tolo
E31	boa tarde.mediante a situacao por mim apresentada nao ia concorrer a vaga por nao reunir requisitos necessarios que e apresentar certificado,como tambem nao ia cometer o crime de plagiar a monografia de outro autor por questoes ilegais. ou ia tentar negociar com empresa pra entregar declaracao de notas a espera da defesa ou conclusao da minha monografia.	11/03/15 10:33h	Memorial da Nhebeti
E32	Bom dia colega estou muito satisfesta com a tua atitude perante o dilema isso mostra-me que tens respeito e consideracao pelos outros.e a sua tomada de decisao foi boa de reconhecer que nao tens condicoes de concorrer a vaga e opitar de negociar com empregador.e se ele nao aceitar a tua proposta aconselho te terminar a tua monografiar fique a espera da proxima oportunidade e iras conseguir porque tens condicoes para tal.	13/03/15 06:34h	Xiluva
E33	obrigada pelo comentario porque as tuas palavras aliam realmente o meu pensamento.acredite que farei de todo pra fazer minha monografia uma vez que sera o fruto do meu esforco.eu nao me importo em perder a vaga porque na vida sempre surgem novas oportunidades.e como diz o ditado:eu nao tenho medo de desafios porque na vida so existe duas regras,ou voce perde ou voce ganha.	01/04/15 10:04h	Nhebeti
E34	Para mim nao e etico plagiar monografia de de outros , isto porque cada monografia vem gravada e se descobrirem , perco emprego, e a confianca no estado/ instituicoes. melhor perder a chance de emprego a lutar fazer minha propria monografia.	11/03/15 11:10h	Memorial da Tuva
E35	eu concordo contigo nunca em momento algum podemos plagiar monografia de outrem por questoes eticas e tambem tratando se de crime tem que se respeitar os direitos do autor.	13/03/15 06:37h	Luandle
E36	concordo com a colega celeste quando diz que nao adianta plagia a monografia dos outros mas sim temos que aprender a lutar por aquilo que queremos para que possamos nos sentir orgulhosos de nos mesmos e esperar pelas novas oportunidades.	13/03/15 08:15h	Tolo
E37	a colega ta no mesmo fio de pensamento com migo entao temos que tar firme nas nossas ideas e importante cada um lutar por si para conseguir oque quer.	01/04/15 10:58h	Tuva
E38	A minha decisao seria de perder a vaga fazendo a minha própria monografia pois iria adquirir mais conhecimentos e experiencias na área de pesquisa, garantindo a minha formação profissional e outras oportunidades virão futuramente.	11/03/15 09:30h	Memorial da Kugwane
E39	escolhi a Kugwane por ser uma colega, de uma certa forma ano concordo com a sua decisao, nos que concerne a	13/03/15 06:25h	Phaphalati

	aceitar perder a vaga sem se quer explicar em que condicoes se encontra,pois podia apresentar a declaracao das notas ja feitas.		
E40	Primeiro agradecer pela oportunidade, olhando para a realidade do nosso pais, oportunidade de emprego ainda e escassa principalmente a camada jovem, nao faria plagio, sendo uma jovem empededora e pelo curso que estou a fazer sei que terei oportunidade, ao plagiar se nao for descoberta teria um certo peso de consciencia visto que o que copiei, alguem passou meses a fio para a realizacao do trabalho e eu apenas nada fiz senao copiar, entao nao faco apologia ao plagio mas sim aos estudos e pesquisas cientificas para a realizacao dum excelente trabalho. E tudo que tinha a opinar sobre este tema abordado.	11/03/15 11:49h	Memorial da Mihandzo
E41	ola Mihandzo, escolhi o seu comentaririo justamente porque vi que nao respondeste na totalidade a questao em causa. vejo que nao optas no plagio, mas o que farias? deixavas a oportunidade passar ou negociavas com eles?	13/03/15 06:06h	Mahika
E42	eu optaria por esperar por outra oportunidade, uma vez que ainda nao reuno os requisitos exidos pela empresa embora tenha as qualidades exigidas, ou por outra entraria em negociacoes com a empresa estando a prestar servicos de estagios como forma de gamhar experiencia e apetrechar mais o meu perfil.	11/03/15 10:25h	Memorial do Tilo
E43	Escolhi aleatoriamente, concordo plenamente com o colega “Tilo” ...pois nao se deve deixar escapar uma oportunidade dessas.. se nao for para ocupar a vaga, que consiga ao menos prestar servicos a empresa.	13/03/15 06:03h	Phaphalati
E44	o comentario da colega “Phaphalati” vem aliar ou complementar aquilo que foi o meu pensamento, numa prespectiva da nosa formacao e num curso tecnico que se exige acima de tudo o contacto com o sector tecnico, faria de tudo mesmo par nao deixar escapar a oportunida...isto porque estamos mesmo numa situacao que mesmo com o diploma de licenciatura na mao por vezes as empresas nem ligam, agora se a empresa ligou e porque observou o meu curriculo e achou que eu podia ocupar a vaga de acordo com as minhas qualidades.	01/04/15 09:43h	Tilo
E45	Na minha opiniao, concordo plenamente com o colega porque estará ganhar mais habilidades e experiencias no trabalho e depois de concluir poderá ser empregado na mesma.	13/03/15 06:29h	Socoti
E46	Eu concordo com a ideia de esperar outra oportunidade, porque mesmo que tenha um certo conhecimento a cerca do assunto e necessario reunir o principal requisito que e a entrega da monografia para certificar as suas aptidoes o que vai lhe conferir um alto sentido etico.	13/03/15 06:35h	
E47	nao concordo com o colega “Mutxudu” porque nem sempre a entrega de monografia significa que ja temos competencias desejadas, por isso que as empresas depois	01/04/15 09:50h	Tilo

	de tudo mesmo se te contactar ainda tem deixar por um tempo probatorio, que seria essa chamada se aceitassem a minha negociacao que nao passa de prestar alguns servicos na empresa ou estagio profissional.		
E48	Por razoes eticas,transcrever ou copiar uma monografia de outra pessoa,nao acho correcto,mesmo localizando uma monografia na Internet,nao mexeria e preferiria abdicar da vaga para uma outra oprtunidade.	11/03/15 09:31h	Memorial da Xiluva
E49	Ola “Xiluva” td bem? eu te escolhi pois te admiro bastante como mae, seu character e humildade. durante a minha leitura sobre suas ideias tive pequenas contradicoes sobre seu ponto de vista etico que seria aceitar perder a vaga de emprego e esperar por outras oportunidades. isto talvez me conceberia falta de auto estima e confianca de sua parte. Por mim nesta situacao voce deveria tentar no minimo negociar com a empresa em causa , prestando servicos sem nenhuma remuneracao ate que possa apresentar a minha monografia dentro de um prazo previsto.bj	13/03/15 06:09h	Ndzilo
E50	Boa tarde colega, obrigada por me admirar tanto mas discordo com sua opiniao quando dizes que tenho falta de auto estima ao dizer que esperaria pela proxima oportunidade porque nao acho etico preencher a vaga sem reunir requisitos necessarios para tal	01/04/15 09:48h	Xiluva
E51	bom dia colega,concordo contigo.	13/03/15 06:48h	Kwetsima
E52	obrigada colega	01/04/15 10:22h	Tolo
E53	obrigada colega	01/04/15 10:26h	Xiluva
E54	Escolhei esta colega por confiaca e tenho a verdade de que o que ela diz sobre o assunto e o correcto,so nao concordo o que ela diz que esperaria uma outra oportunidade porque as oportunidades as vezes nao sao as mesmas.	13/03/15 07:12h	Musse
E55	Boa tarde colega, obrigada pela opiniao ,estou ciente que e um conselho de mae para filha mas nao me restava outra alternativa.	01/04/15 09:53h	Xiluva
E56	Boa tarde colega, tou de acordo com a sua ideia de facto nao e etico usar monografia de alguem isso constitui fraude.	01/04/15 09:21h	Nlhantfi
E57	boa tarde colega “Nlhantfi” pelo conselho	01/04/15 10:27h	Xiluva
E58	concordo com a colega “Xiluva” quando diz que nao copiaria a monografia da iternte porque nao e etico.	01/04/15 10:24h	Tolo
E59	Boa tarde a todos!Pode-se pagar direitos do autor ou plagiar a monografia, porem, como academica responsavel e idonea,poderia aproximar-me a empresa e apresentar a minha dificuldade ou situacao, pois tenho como opcao pedir a declaracao de notas e negociar com a empresa de modo a conceder-me um prazo para a apresentar a minha monografia.	11/03/15 09:05h	Memorial da Phaphalati

E60	EU escolhe comentar essa resposta porque a Gercia e minha colega amiga entao queria ver o que ela pensa a respeito disso , concordo onde ela diz a fazer plagio nao e correcto mas apresentar a declaracao e alguns caso nao e valido porque consideram se que ainda nao conclui o curso . Mas em todo o caso diria que o tentar sempre e melhor para ver o que da.	13/03/15 06:09h	Mweti
E61	sim, e sempre bom tentar, afinal de contas nao se sabe qual sera a decisao da empresa em relacao ao caso, e para menizar a situacao, podia-se tambem pedir estagio na empresa e mostrando eficiencia poder ser contratada.	01/04/15 09:06h	Phaphalati
E62	Nao concordo com a sua observacao porque isso reflecte a falta de de etica e o plagio e considerado crime e manchca a moral do estudante.	13/03/15 07:37h	Mutxudu
E63	desculpa colega “Mutxudu”, mas em momento algum me referi em recorrer ao plagio, nao ia colocar a prova a minha etica profissional.	01/04/15 09:12h	Phaphalati
E64	Eu nao aceito a sua opiniao porque o plagia reflecte a falta de etica profissional e e considerado crime.	13/03/15 07:41h	Mutxudu
E65	Ola querida: Realmente tens muita razao sendo academica responsavel nao pode de forma nenhuma plagiar monografia dos outros por motivo nenhum mas gostei da tua iniciativa de aproximar a empresa para tentar a oportunidade porque afnal de contas e sempre bom tentar e nao custa nada.	01/04/15 10:27h	Chimusse
E66	tive um pequeno constrangimento ao inserir um post no comentario as respostas de dois colegas..que consistiu no aparecimento de uma janela que suscitou varias repeticoes do mesmo comentario	13/03/15 06:28h	Phaphalati
E67	Tendo concluido as cadeiras somente para apresentar a monografia eu na podia concorrer para a vaga para o trabalho visto que sera antes de apresentar a monografia nao podia de maneira alguma plagiar monografia de outrem por dinheiro nenhum por questoes eticas e tratar se de crime em termos de lei,sendo assim deixaria a vaga para uma outra oportunidade depois de terminar a monografia e aqpresentar, caso nao precisem mais de mim para o cargo deixava assim	11/03/15 09:09h	Memorial da Luandle
E68	Bom dia colegas,na minha opiniao concordo com a nossa colega, porque no final da monografria acredito que melhores oportunidades de emprego virao.	13/03/15 06:40h	Kwetsima
E69	bom dia gi estou feliz por sua tomada de decisao e que reconhece que nao reuinis condicoes para concorrer da vaga.realmente por motivos eticos nao pode por motivo alguem copiar a monnografia de outra pessoa.e que seria prejudicial para ti mesma .sempre a verdade havia de aparacer a verdade e ias para na cadia e teu curriculo ficam sujo.e melhor terminar a tua monografia assim veras as difeculidades e facilidades de teres de fazer uma monografia pessoalmente e fica a espera da proxima	13/03/15 07:05h	Xiluva

E70	oportunidade para correr a vaga. Oi “Luandle” boa tarde. Bem acerca do que teu comentario poderia dizer que talvez estivesses a ser um pouco pessimista. Por mim nesta situacao nao deves arregacar as mangas pois um emprego e sempre uma oportunidade na vida de qualquer jovem, principalmente apos tantos anos de pesquisa, noites perdidas de muito sacrificio. Entao para mim como tua colega te aconselharia a lutar pela vaga ao inves de esperar porque as oportunidades como essas sao dificeis de conseguir.	01/04/15 09:37h	Ndzilo
E71	ola “Ndzilo” obrigada comentario, mais quando dizes nao posso arregacar as mangas tenho que lutar pelo emprego queres dizer que tinha que plagiar a monografia de outrem por causa de emprego? e verdade que e um emprego dos sonhos de qualquer linceciado, mais nao te esquecas que plagio e crime em termos da lei e tratando-se tambem de questoes eticas, isso nao se faz.	01/04/15 10:24h	Luandle
E72	Boa tarde Primeiro dizer que a o convite de emprego e muito aliciante e a proposta e boa,mas eu sendo academica nao optaria pelo plagio iria pela via de negociacao com a empresa prestando servicos em jeito de estagio e fazer a minha monografia em tempo previsto de modo a ocupar a vaga de forma etica,honesta e justa.	13/03/15 08:17h	Memorial da Chimusse
E73	nao concordo com a opiniao da colega gracinda pois existem muitos ja com monografias feitas e com certeza a empresa optaria em contratar essas pessoas e nao esperar a que nao tivesse defendido ainda.	13/03/15 08:24h	Tolo
E74	boa tarde “Chimusse” gostei na tua opiniao perante atitude de nao plagiar a monografia de alguem pra poder preencher a vaga mas descordo quando propoe a empresa a estagiar para depois apresentar o certificado isto porque nao etico da tua parte propor isso a empresa,cabe aos responsaveis da empresa avaliarem a sua situacao e tomarem decisoes	01/04/15 09:28h	Xiluva
E75	boa tarde colega “Chimusse” obrigada pelo conselho mas o enuncio de vagas foi bem claro precisavam de pessoas com monografias feitas e nao para negociar um estagio sem remuneracao.	01/04/15 10:15h	Tolo
E76	boa tarde. dizer que gostei da ideia da minha colega, como academica e uma boa opcao, em vez de fazer negociacoes com o dono da monografia, isso seria falta de etica.	01/04/15 10:31h	Socoti
E77	Todo plágio tem o seu custo, nesse caso roubo ou usar a informação ou a produção científica de alguém é um crime punido nos termos da lei, todo o trabalho de outrem tem as suas particularidades, usar a monografia científica do outro pode me dar a oportunidade de ter um bom emprego, mas estarei a falsificar ou baixar a minha vida estudantil em uma carreira profissão sem nenhum prestígio, correndo risco de ter um processo disciplinar.	11/03/15 10:18h	Memorial do Livanningo
E78	Escolhe comentar o texto do colega “Livanningo” porque	13/03/15	Mweti

	ele e um colega que gosto muito dele, gosto de partilhar as minhas ideias com ele por vezes o peço opinioes de como agir em certas situacoes academicas considerando a experiencia dele, concordo plenamente com ele quando diz nao o plagio e que prefere valorizar a sua vida estudantil pois como estudantes nos devemos nos dar valor e valorizar o nosso esforco como estudantes.	06:21h	
E79	Oi Nercio eu concordo contigo pois oportuidades como estas sao dificis de ter, neste caso tenho que te apoiar pois a etica e a maior virtude que um ser seja academico como nao de possuir.bj	01/04/15 09:54h	Ndzilo
E80	Não é ético plagiar uma monografia,eu estanto nessa situação pagaria direitos de autoria para poder ter a monografia nas minhas mãos,por se eu for pagar direitos de autor corria muitos problemas futuramente na empresa tanto com o dono da monografia e isso dá cadeia por muito tempo é onde eu estaria,então é ético pagar direitos de autor Temos que parar com plagio das monografias.	12/03/15 13:56h	Memorial do Nkuthlo
E81	Oi Nkuthlo. Nao concordo consigo quando diz que vai pagar os direitos de autores porque nao vai se sentir orgulho uma vez que nao foi voce quem fez a monografia. Faca a sua monografia para se sentir apto, experiente e orgulhoso por voce mesmo.	13/03/15 06:13h	Nhebeti
E82	A minha ideia seria não levar monografia já publicada porque isso é fraude e acho muito importante fazer a minha monografia para mais aperfeiçoar os meus conhecimentos na área em que desejo realizar aminha monografia, como fazer uma pesquisa científica e assim ficaria a espera das outras oportuidades.	11/03/15 09:23h	Memorial do Madala
E83	Bom dia colega, concordo plenamente so que as oportuidades sao raras em mocambique.	13/03/15 07:22h	Nlhantfi
E84	Boa tarde, E muito importante que o colega concorda comigo, e e claro que as oportuidades sao raras em Mocambique mais tambem nao acho etico levar uma monografia ja feita so porque as oportuidades sao raras assim setiria-me a nao valorizar os meus conhecimentos ou capaciades.	01/04/15 10:24h	Madala
E85			
E86	Eu preferiria perder a oportuidade e continuar com o meu trabalho de monografia, pois com isso iria ganhar mais conhecimentos, acreditando que oportuidades sempre virão porque não seria ético fazer um plagio porque iria comprometer a minha carreira e não pagaria direitos do autor simplesmente porque acredito que fazendo a minha monografia ganharia mais experiencias. Mas em outras instancias iria procurar negociar com a empresa pelomenos pra ganhar um estagio.	13/03/15 06:23h	Memorial da Mahika
E87	gostei da tua resposta e digna de um estudante com etica mas há um porem imagina que realmente precisas de um trabalho estas quase no fim da monografia já estas há um	13/03/15 07:39h	Khensiwe

	ano a procura de emprego e não conseguias e do nada surge essa oportunidade quais as metodologia usarias para conseguir o emprego?		
E88	neste caso, se estivesse mesmo no final da realizacao da monografia iria negociar com a empresa para dar um curto prazo ate conseguir o certificado	01/04/15 09:59h	Mahika
E9	Preferiria perder a vaga porque não é ético copiar a monografia do outro, visto que se fizesse plágio poderia perder a minha postura e os anos de dedicação porque no caso de ser descoberta iriam anular a minha licenciatura e na mesma perderia a vaga e seria um trabalho perdido. Fazendo a minha própria monografia seria o correcto porque através da mesma iria adquirir conhecimentos, experiencias que servirão na vida pratica e no meu dia-a-dia. Também sentiria-me orgulhosa de defender algo que fiz por mérito próprio e quanto ao emprego esperaria por outras oportunidades	11/03/15 08:49h	Memorial da Mweti
E90	scolhi a ela porque a sua ideia e justa,dado que so me sentiria melhor ao fazer a minha propria monografia pois adquiriria mais experiencias e habilidade na area da pesquisa	13/03/15 06:59h	Kugwane
E91	eu concordo plenamente com o comentario do meu colega porque o correcto e fazer minha propria monografia.	01/04/15 10:06h	Mweti
E92	Apesar da oportunidade aparecer numa altura em que estou precisando, e com um salario aliciante, eu prefiro escrever a minha propria monografia para ganhar mas experiencia em relacao a minha formacao, pois acredito que melhores oportunidades irao aparecer e estarei mais preparada para desempenhar as minhas funcoes.	11/03/15 09:34h	Memorial da Xipixe
E93	Bom dia colega, e logico, depois de uma batalha maior de 4 anos de formacao, nao haveria nessecidade de cometer esse fraude melhor acelerar com o trabalho da minha monografia.	13/03/15 07:14h	Nlhantfi
E94	A minha decisao seria de tentar negociar com o empregador de modo a estagiar durante um periodo,ate poder terminar a minha monografria e apresentar no final do estagio.	11/03/15 09:22h	Memorial da Kwetsima
E95	Na minha opinião o mais viável, seria de concluir com a monografia, defender e obter o certificado e como as oportunidades nunca faltam e um dia terá outras chances de obter um melhor emprego sem ter que negociar com o empregador.	13/03/15 06:10h	Socoti
E96	concordo em negociar com o empregador em conceder um estagio caso nao aceite o certo e deixar para uma outra oportunidade porque plagiar nao e o correto sendo que os direitos do autor nao seriam pagos e isto e ilegal tambem fazer a sua propria monografia significa mais aprendizagem e orgulho de poder a sua propria monografia e o reconhecimento como autor.	13/03/15 06:52h	Luandle
E97	oi, escolhi a te “Kwetsima” porque achei interessante a sua	13/03/15	Xipixe

	resposta. negociar seria uma saida sim, mas trata-se de uma situacao em que eles quarem admiti alguem com setificado nas maos. e nesse caso se eles regeitacem negociar o que farias? perdias a vaga ou usarias uma monografia da internet porque uma oportunidade dessas nao aparece tdos dias....	07:02h	
E98	nesta situacao nao faria plagio,preferia perder a vaga e esperar para outra oportunidade.o o quanto prepare a minha monografia ganho mas experiencia.	01/04/15 09:26h	Memorial da Nheleti
E99	a escolha deste argu8mento deve se ao facto de eu achar que ela e pessoa responsavel com ideias construtivas. neste contexto concordo plenamente con a ideia de esperar pela conclusao no nivel poropria pois so assim se vai sentir digna que sera fruto do esforco proprio. (CONCLUIR POR MERITO)	01/04/15 09:36h	Sonto
E100	acho que o meu comentario e dela conside estamos na mesma tecla emelhor o fruto do esforco proprio. e bom esperar correr nao e chegar	01/04/15 09:41h	Nheleti
E101	Oi Misa. Es um esemplo por seguir pois no base do seu comentario concluo a ideia de esforco proprio.	01/04/15 09:49h	Sonto
E102	oi Misa. Tenho certeza de que es uma pessoan responsavel. So assim se constroi uma um Homem etico. Que continues assim para contribuir na formacao dum Homem com caracter, num futuro bem poximo na sua carreira de docencia. Es um exemplo por seguir. PARABENS	01/04/15 09:50h	Sonto
E103	Ja comentei as observacoes das colegas Gercia e Crlota aguardado apenas das tarefas a respoder nesta semana e pelos vistos ainda nao existe no meu espaco.	01/04/15 09:48h	Memorial do Mutxudu
E104	Boa tarde colega, esta actividade tivemos na semana passada, mas a professora voltou a dar visto que ha necessidade de continuar a responder.Nao e logico criticar as ideias da professora.	01/04/15 10:14h	Nlhantfi
E105	concordo com o colega alfredo que diz que nao iria transcrever a monografia da internet por motivos eticos e preferia escrever a sua monografia .	13/03/15 08:01h	Memorial da Tolo
E106	nao iria copiar ou plagiar a monografia que nao fosse da minha autoria pois todos sabemos que violar os direitos do autor e crime,eu prefiro escrever a minaha nonografia e esperar a proxima oportunidade.	13/03/15 08:08h	Tolo
E107	ola "Tolo". Escolhi nao so por seres minha colega mas sim por aquilo que es,cincera e honesta.Realmente tens muita razao nao se pode de forma nenhuma plagiar trabalho dos outros porque e crime mas discordo um pouco contigo quando dizes que ficarias a espera de oportunidade,minha querida porque nao tentar negociar um estagio ou prestacao de servicos sem remuneracao na empresa enquanto resolves o teu assunto.	01/04/15 09:42h	Chimusse
E108	boa tarde colega "Chimusse" obrigada pelo conselho mas o enuncio de vagas foi bem claro precisavam de pessoas com monografias feitas e nao para negociar um estagio sem	01/04/15 10:11h	Tolo

E109	remuneracao. bom dia eu concordo com a opiniao passe bem	28/04/15 01:39h	Xilawe
E110	Neste caso eu como academica procuraria optar pelo mais certo e etico que seria aceitar perder a oportunidade e defender a minha monografia esperando por uma outra oportunidade de emprego semelhante. Em outras instancias tentaria negociar com a empresa, explicando minha situacao, enquanto aguardo o meu certificado de conclusao.	11/03/15 10:35h	Memorial da Ndzilo
E111	Eu descordo com a minha primeira opiniao acerca da reflexao por mim dada. Ao inves de aceitar perder a vaga eu procuraria negociar com a empresa empregadora, fazendo estagio ou prestando servicos na empresa sem remuneracao aguardando pelo prazo de defesa da minha monografia.	13/03/15 06:28h	Ndzilo
E112	bom dia “Ndzilo” quando e assim demostras uma fragilidade na tomada de decisao porque como dizes que discordas da tua própria opinião e claro que e num sentido de correção mas já terias perdido a oportunidade do emprego e não terias como voltar atrás e necessário uma reflexão profunda antes de qualquer decisao ser tomada observar as vantagens e desvantagens em diferentes perspetivas.	13/03/15 07:28h	Khensiwe
E113	obrigado colega pela observacao.Boa tarde	01/04/15 10:04h	Ndzilo
E114	perante esta situacao e pretendendo me valorizar, concluindo o nivel da maneira digna, com esforco proprio,optaria por deixar esta oportunidade e aguardar pela outra que possivelmente possa aparecer apos conclusao do nivel. de outro lado, se o empregador me permitir, podia aguardar a conclusao do nivel(monografia)prestando servicos de estagio. Em suma: Em algum momento pautaria pelo plagio de monografia para conclusao do nivel, pois nao sera do esforco propriio e nao etico.	01/04/15 09:22h	Memorial da Sonto
E115	boa tarde colega gostei do seu comentario por ser veridica,a escolha foi por seu responsavel e inteligente.acho que o seu comentario sobre esta situacao concordo nao e justo fazer plagio prejudicar o seu future, perder a experiencia e ganhar a vaga e melhor espear mesmo e uma ideia certa.	01/04/15 09:37h	Nheleti
E116	comcordo com a colega cada um deve fazer seu esforco pois e traves disso que podemos chegar onde pretendemos. a vaga anunciada erra para os que ja aviam finalisado seus trabalhos de defesa,e para quem nao terminou ainda vem a sua oportunidade e qu aguarde .	01/04/15 11:04h	Tuva
E117	Ola colega: Gostei da sua resposta porque ela demonstra a maturidade na carreira profissional porque plagiar e crime e nao dignifica a sua etica profissional.	01/04/15 11:08h	Kugwane

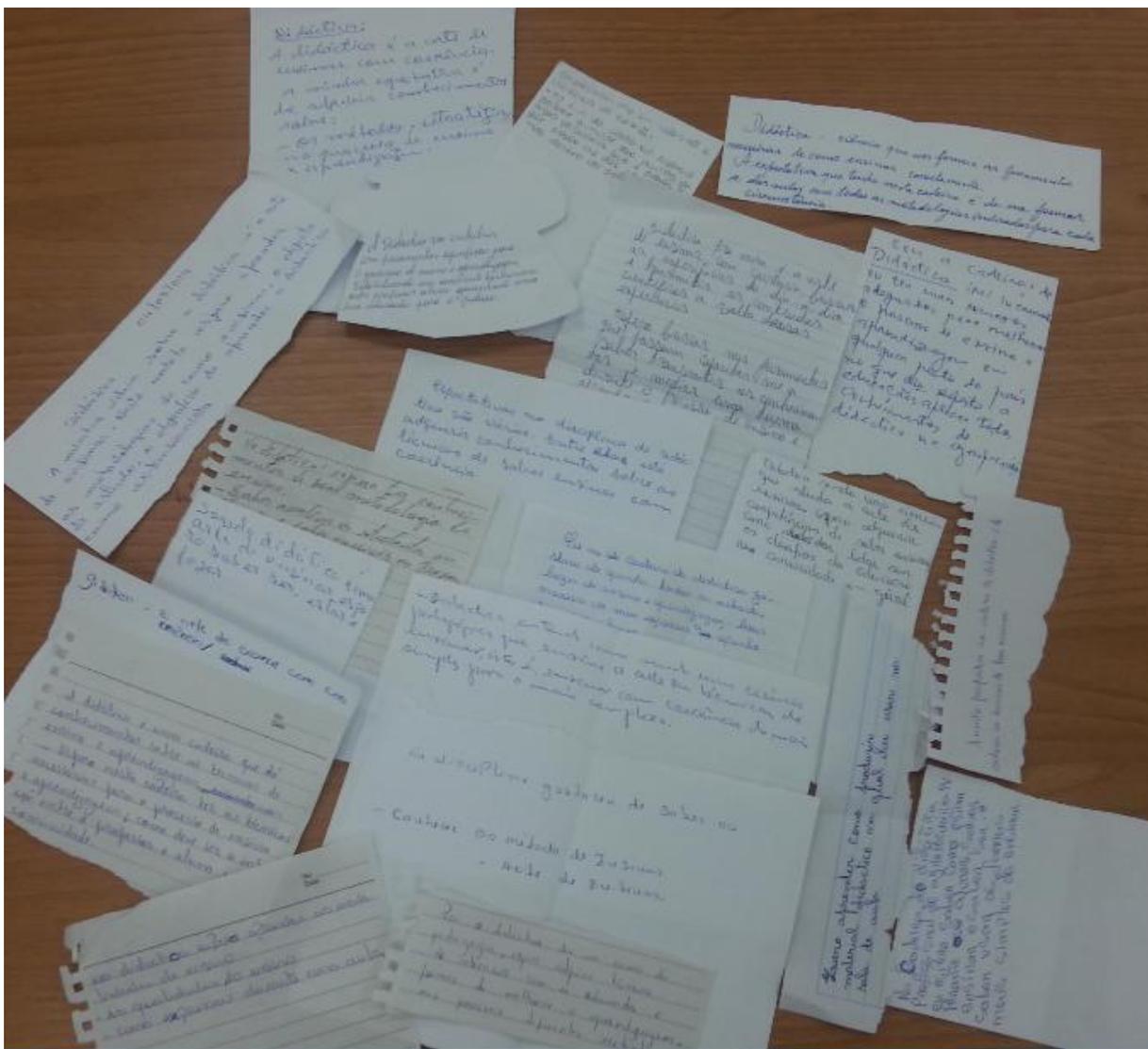
E118 oi “Nheleti”. Tenho certeza de que es uma persoan responsável. So assim se constroi uma um Homem etico. Que continues assim para contribuir na formacao dum Homem com caracter, num futuro bem proximo na sua carreira de docencia. Es um exemplo por seguir. PARABENS

Sonto

Compilado pelo autor. Fonte Sala 66 do ForChat:  
[http://lab.lelic.ufrgs.br/forchat/forchat\\_portal.php](http://lab.lelic.ufrgs.br/forchat/forchat_portal.php). Acesso: jun. 2016

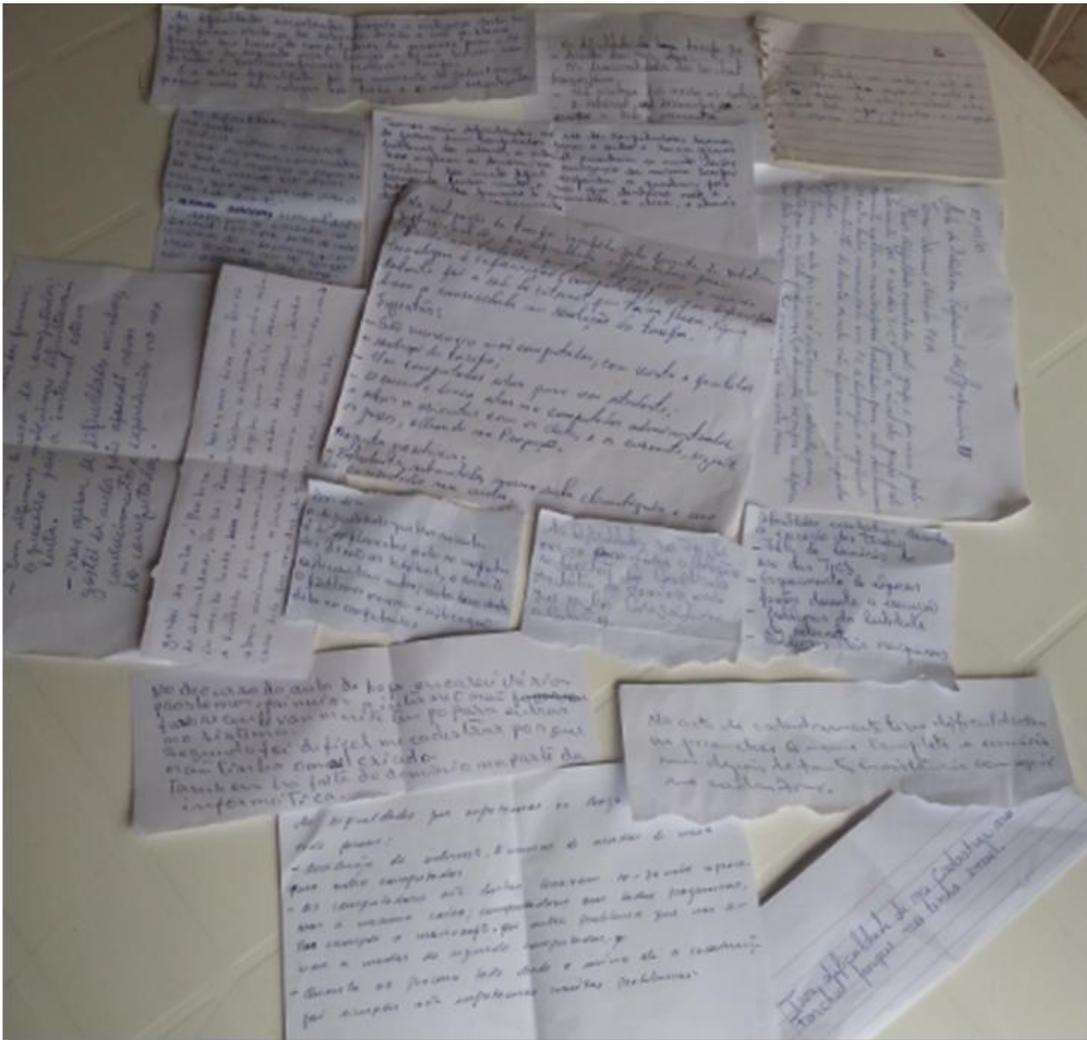
## ANEXOS

### ANEXO A - Espectativas dos estudantes sobre a disciplina



Fonte: Compilado a partir das contribuições dos estudantes do 4º de Licenciatura em Agro-pecuária 2015.

## ANEXO B - Dificuldades vivenciadas pelas partes no seu fazer didático



Fonte: Compilado a partir das contribuições dos estudantes do 4º de Licenciatura em Agro-pecuária 2015.